

# DIONÍSIO DAS DORES DIAS GONÇALVES

*Um silêncio sepulcral pairava no ar; era como se o Pentalião e o Jagodes ali estivessem mesmo a petizada hipnotizada pelo gestual do mestre, Mestre que, de tesoura em punho, preparava-se para ir desta para melhor e não arranjar maneira de contentar os dois assaltantes, pedia ajuda a todos e inspiração ao Espírito Santo para se livrar da enrascada: quero 2/7 regougava o Pentalião; 3/5 e já berrava o Jagodes, senão!? E as crianças, aflitas, não queriam acreditar que fosse possível o milagre. Não sei se alguma vez alguém deu solução imediata a questão tão complicada, mas a preparação estava feita, a motivação conseguida e as mentes atentas captavam a solução consoante ia surgindo, seguindo curiosos a explicação, olhos fixados na tesoura que ia*

O MEU  
DIÁRIO  
ESCOLAR  
DE  
1938-1939

VOLUME I





\*\*\*

DIONÍSIO DAS DORES DIAS GONÇALVES

O MEU DIÁRIO ESCOLAR  
ANO LECTIVO DE 1938-39

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

Bragança 2005

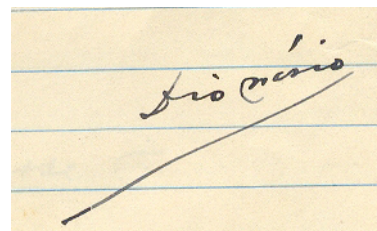
O meu diário escolar

Do ano escolar

de

1938 -1939

Castro Vicente





“Grupo de alunos apresentados a exame, em Alpendurada, em Julho de 1925, com o seu Professor Sr. Dionísio Gonçalves”



O Professor Dionísio Gonçalves no início da década de 1940

O Professor Dionísio, com alunos estagiários, em 1959  
em Bragança.  
Escola de S. Sebastião.



## INTRODUÇÃO

O Ensino Superior Politécnico veio integrar a formação de professores do ensino primário e pré-primário, já que de há muito tempo se constatava a urgência de dar uma formação superior a estes técnicos do ensino das primeiras idades escolares.

Assim já o pensava o Professor Dionísio das Dores Dias Gonçalves, pois tinha bem a noção de que a formação intelectual das crianças era decisiva para o seu sucesso escolar nos restantes graus de ensino e, conseqüentemente, o grande suporte do desenvolvimento de uma sociedade cada vez mais competente.

A publicação do diário escolar que este professor primário elaborou no ano lectivo de 1938 / 39 inscreve-se na acção que o Politécnico tem como polarizadora da actividade técnica e científica da sua área de influência. Tem também a intenção de permitir aos estudiosos da matéria em ensino primário, uma reflexão sobre as técnicas de transmissão de conhecimentos que há já muito tempo era possível utilizar e com que êxito foram aproveitadas pelas várias gerações de alunos.

O Professor Dionísio das Dores Dias Gonçalves nasceu a 16 de Setembro de 1900 e faleceu a 12 de Janeiro de 1976. Em 28 de Julho de 1919 tinha o diploma de Ensino Normal com a classificação de 16 valores. Foi secretário das Escolas de Aplicação anexas à Escola do Magistério Primário de Bragança de 3 / 01 / 46 a 17 / 12 / 65.

Exerceu o seu Magistério em várias localidades. Amendoeira, no concelho de Macedo de Cavaleiros de 01 / 05 / 20 a 30 / 06 / 20; Espadanedo, Macedo de Cavaleiros de 01 / 11 / 20 a 28 / 02 / 21; Fontelas, Peso da Régua de 16 / 04 / 23 a 30 / 07 / 23; Canelas, Peso da Régua de 08 / 11 / 23 a 22 / 02 / 24; Vilarinho, Peso da Régua de 14 / 03 / 24 a 13 / 07 / 24; Alpendurada, Marco de Canavezes de 10 / 10 / 24 a 31 / 07 / 25; S. Gonçalo, Amarante de 01 / 11 / 25 a 19 / 04 / 26; Chedas, Amarante de 20 / 04 / 26 a 29 / 07 / 26; Regilde, Felgueiras de 20 / 10 / 26 a 07 / 06 / 27; Lomba, Amarante de 08 / 06 / 27 a 30 / 09 / 34; Macedo de Cavaleiros de 01 / 10 / 34 a 30 / 09 / 36; Castro Vicente, Mogadouro de 01 / 10 / 38 a 30 / 09 / 40; Vinhais de 01 / 10 / 40 a 30 / 09 / 42 e Bragança de 01 / 10 / 42 a 17 / 12 / 65.

O trabalho de base é apresentado em três partes Vol I, Vol II e Vol III, incluindo-se mais duas obras que apoiam aquele trabalho e que se tornam indispensáveis para a sua completa compreensão: a Conferência que o autor fez em Mirandela, em Maio de 1935 e o seu Diário Escolar de 1934 / 35 que são frequentemente citados sobretudo nas lições de aritmética, pelo que se torna indispensável a sua consulta. Igualmente se publica em anexo a fotocópia do Diário da 1.<sup>a</sup> Classe, organizado no ano lectivo de 1946 / 47.

No Vol III, incluir-se-ão algumas partes do diário de 1939/40 e de 1940/41 onde são feitas correcções às lições expostas no diário de 1938 / 39, que o autor procura aperfeiçoar.

Setembro de 1997

Revisto em Fevereiro de 2005

O Presidente do I.P.B.  
Dionísio Afonso Gonçalves  
Prof. Catedrático

## PREFÁCIO

Ao aceitar tornar público o Diário Escolar e Conferência sobre o ensino da Matemática, feita em Mirandela em 1935, de meu Pai, Professor Dionísio das Dores Dias Gonçalves, trinta e dois anos após a sua aposentação e vinte e um anos depois de ter falecido, faço-o com o fim de contribuir para que os especialistas possam debruçar-se sobre esta obra, escrita no discurso directo no ano lectivo de 1938 / 39 por um “humilde Professor Primário”, como o meu Pai sempre se intitulou, e que não é um diário qualquer, mas sim um diário cujo conteúdo foi absorvido com êxito por uma população escolar de meios culturalmente atrasados: mesmo quando passou a leccionar em Bragança, muitos dos alunos reconhecidamente com mais dificuldades eram invariavelmente enviados para o Professor Dionísio. Foi com uma grande maioria de alunos dos estratos sociais mais humildes que o meu Pai sempre trabalhou e a quem na generalidade conseguiu transmitir com sucesso estes conhecimentos.

Como? Perguntarão! Com quatro “ simples ingredientes”: Competência, Dedicção exclusiva, Paciência ilimitada e Tempo quanto bastasse. Para ele o tempo nunca foi demais. Nunca o vi com pressa na sala de aula. A escola abria às 9 horas mas raramente fechava antes do Sol-pôr. Perguntar-se-á: e as criancinhas, não se cansavam? Não, pois o Pedagogo sabia dosear o esforço. Os mais pequenos iam saindo mais cedo e os maiores eram bem incentivados; não que gostassem mais da carteira que da brincadeira, mas com habilidade a escola também se tornou suficientemente lúdica para esquecer o que ia lá fora.

Sempre o meu Pai mostrou relutância em tornar público o seu diário, pois tinha uma profunda consciência das suas limitações teóricas, sobretudo no domínio da Matemática. Mas é precisamente neste domínio que, como licenciado em Matemática e professor do ensino secundário, eu mais admiro a sua habilidade, pois percebi as quatro operações com inteiros e fraccionários antes ainda de saber ler, sentado nos bancos lá detrás da escola da Estacada. Entusiasmava-me com o Cicrano que pedia aflitíssimo ao Beltrano, seu vizinho da Esquerda, uma das suas unidades que valiam dez vezes mais que as dele, e arrepiava-me quando o Pentalião, a cair de bêbado, exigia  $\frac{2}{7}$  de um queijo ameaçando com a lâmina de uma afiada sevilhana, enquanto do outro lado, o Jagodes de machado em punho,

tresloucado, queria  $\frac{3}{5}$  do mesmo queijo. Um silêncio sepulcral pairava no ar; era como se o Pentalião e o Jagodes ali estivessem mesmo, a petizada hipnotizada pelo gestual do mestre, Mestre que, de tesoura em punho, preparando-se para ir desta para melhor por não arranjar maneira de contentar os dois assaltantes, pedia ajuda a todos e inspiração ao Espírito Santo para se livrar da enrascada: quero  $\frac{2}{7}$  regougava o Pentalião;  $\frac{3}{5}$  e já berrava o Jagodes, senão!? E as crianças, aflitas, não queriam acreditar que fosse possível o milagre. Não sei se alguma vez alguém deu solução imediata a questão tão complicada, mas a preparação estava feita, a motivação conseguida e as mentes atentas captavam a solução consoante ia surgindo, seguindo curiosos a explicação, olhos fixados na tesoura que ia cortando o queijo ( uma simples folha de papel ). As figuras do Pentalião e do Jagodes, que o meu Pai ia descrevendo à medida que lhes pedia calma e lhes explicava como tencionava contentar os dois, tornavam-se ainda mais presentes; não eram os alunos que aprendiam a lição mas sim os dois inventados meliantes, que, pouco a pouco iam cedendo, chegando a humilhar-se maravilhados com a forma como se resolvera o assunto. Nesse momento o Professor era um mágico. Lentamente, as imagens dos dois convencidos assaltantes iam-se esfumando e ficava apenas e bem clara, a solução. Foi através destes Cicranos, Beltranos, Jagodes e Pentaliões que muita matéria árdua se tornou menos árdua e que em muita cabeça “empedernida” brilhou finalmente a centelha do conhecimento.

Concretizar foi sempre importante. O decâmetro quadrado era medido no baldio mais próximo, bem como o hectómetro quadrado. Havia lá em casa um enorme rolo de fio religiosamente guardado para o efeito, e não raro um aluno tinha de calcular o volume aproximado da primeira pedra encontrada que se assemelhasse a um sólido regular. Tudo servia para concretizar. No final da Conferência sobre o ensino da aritmética em 1935 pode ler-se:

“Assim como nenhum viajante deve visitar um país sem primeiro se ter preparado estudando os costumes dos habitantes desse país, assim nenhum professor deve entrar na escola sem preparar as suas lições. Uma lição nunca se conhece bem demais para a explicar a crianças...”, E mais adiante: “Presentemente, admitir o ensino na primária sem a concretização, é admitir o impossível. Mas também devemos lembrar que a concretização tem limites e que a demasia leva a criança à preguiça do esforço intelectual. Por isso, uma lição só estará bem sabida, bem preparada enfim para crianças, quando o seu grau de concretização atinja o necessário e não o excesso para a compreensão, pois daí em diante

tem de ser a abstracção, e dentro das bases da limitação, já se entende, que deve levar a criança à generalização...”. Estas duas linhas são as directrizes do seu modo de ensinar que manteve até ao fim.

Ainda possuo os seus diários dos últimos anos de docência, onde os assuntos eram apenas sumariados mas onde se nota a preocupação constante de pensar no dia anterior, naquilo que se vai fazer no dia seguinte. Desde a câmara escura, simples caixa de sapatos, que contribuiu para que as crianças entendessem que a luz visível se propaga em linha recta (não posso esquecer nunca a forte impressão que senti, ao ver pela primeira vez na vida o Castelo de Bragança de pernas para o ar), até ao cómico episódio ocorrido quase no fim da sua carreira na escola de S. Sebastião, e que a seguir relato, tudo servia para, em primeiro lugar, concretizar: O pai de um aluno, por sinal licenciado em Engenharia, foi à Escola informar-se do comportamento e aproveitamento do filho. Depois de saber qual a sala de aula subiu as escadas e bateu à porta. Alguns instantes depois, um homem de bata cinzenta e cenho carregado entreabriu a porta com o cotovelo, as mãos vermelhas a escorrer, um pedaço de carne sanguinolenta entre ambas. O Engenheiro deu um salto para trás, (que susto) e o Mestre sorriu, (que alívio), explicando ao pai perplexo que apenas estava a ensinar à classe absorta, (bem que o Engenheiro se admirara do silêncio) a constituição de um olho: retina, cristalino etc.,olho de uma vaca que logo de manhã o carnicheiro lhe tinha reservado. O espantado Engenheiro só foi capaz de dizer: Oh Sr. Professor, a mim nem na Universidade.

Olhos, estômago, bofes, corações e outras miudezas nem sempre iam para a panela, iam para a Escola.

Não posso deixar de referir que a educação visual, os trabalhos manuais e a educação física tinham também o seu lugar, às vezes de bastante relevo. Possuía fotografias que entretanto se extraviaram, do meu Pai ladeado por duas classes de ginástica, masculina e feminina, em dia de festa numa aldeia trasmontana, interligando assim a Escola com o Meio Social onde se inseria.

De 1943 a 1965 exerceu em Bragança nas Escolas de Aplicação, onde inúmeros alunos mestres com ele estagiaram. Aceitou esta situação como um mal necessário. Tinha consciência perfeita da importância da sua missão como Professor Orientador. Os seus diários, trabalhos, livros e documentos estavam sempre às ordens dos discípulos; a sua casa era local permanente de consulta e as conversas com os estagiários prolongavam-se, não raro pela noite dentro. Mas nunca se queixou, pois a sua maior paixão era a Escola, eram as crianças, para o ensino das quais os conhecimentos lhe pareceram sempre poucos e o tempo sempre escasso.

Se o meu Pai vivesse, é óbvio que ficaria arrepiado com tanta coisa que hoje se não faz, mas apreciaria decerto o esforço que tem sido feito para dar aos professores primários uma preparação teórica cada vez melhor. Sempre entendeu que estes deviam ser portadores de um grau de licenciatura, pois tinha plena consciência de que uma primária mal conseguida liquida o futuro de um estudante. Queria aliás vincar esta convicção que também é hoje minha, ao observar a incapacidade que muitos alunos do ensino secundário mostram para absorverem minimamente os programas oficiais. E se esta preocupação já tem pelo menos sete anos, pois foi a primeira vez que publicamente aqui a exprimi, agiganta-se hoje de forma dramática. Sem alicerces não se levantam paredes. Ou a escola primária se modifica ou o problema do insucesso escolar se agudizará até chegarmos ao ridículo de haver “licenciados” incapazes de fazer aquilo que uma licenciatura deveria, no mínimo, habilitar quem a exhibe: PENSAR.

Concordei assim com que este diário fosse tornado público porque me pareceu um último contributo do meu Pai para o ensino, ao qual devotou toda a sua vida. Na conturbada época que atravessamos, neste domínio, bom será que os jovens professores ou os estudiosos do ensino se debrucem sobre estas lições e seus extensíssimos conteúdos, testemunhos vivos de uma Escola carente de todos os meios, mas que a pedagogia do Mestre soube ultrapassar.

## Nota Final

Os assuntos relacionados com o estudo do círculo e circunferência estão neste diário bastante confusos. Posteriormente estas questões passaram a ser melhor abordadas. Com um fio cada aluno media o perímetro e o diâmetro de várias circunferências, para daí retirar a medida aproximada do valor de  $\pi$ . Tenho comigo a sucessão de polígonos regulares feitos em cartolina, do triângulo ao icoságono, que levavam à compreensão da área do círculo como limite da área de um polígono com um número infinito de lados.

Setembro de 1997

Revisto em Fevereiro de 2005.

António Afonso Gonçalves

Licenciado em Matemática – Ramo Educacional, pela F.C.U.P.

## Trabalhos efectuados durante o ano lectivo de 2004 / 2005

Tendo tido conhecimento através do meu irmão Dionísio, Presidente do Instituto Superior Politécnico de Bragança que, havendo quem se quisesse debruçar sobre este Diário, se debateu com dificuldades de o ler, pois sendo uma obra **manuscrita para uso específico do autor**, é realmente de leitura difícil, por vezes até aparentemente menos clara, obrigando assim a uma atenção redobrada (o que é evidente para o autor, pode não o ser para um leitor menos precavido). Tornou-se então para mim uma obrigação dá-lo à estampa em letra de forma, já que, quer como filho quer como professor, estou melhor do que ninguém para isso habilitado, tanto pelo hábito de ler a caligrafia do meu Pai, quanto por quase poder adivinhar a palavra que segue, tal é a memória do passado, que, embora longínquo, é para mim sempre um presente, por vezes doloroso, mas até por isso bem mais vivo na minha memória. Assim, usando as facilidades que um processador de texto normal permite, mau grado o pouco à vontade que me sinto a manuseá-lo, lá fui fazendo o melhor que pude, para desta forma facilitar o trabalho de quem deseje consultar o texto. Assim:

Há que ter permanentemente em conta **a época em que este manuscrito foi produzido**, pois só dessa forma se entenderá, já que alguns termos, formas e definições, estão desactualizadas, bem como uma boa parte dos conteúdos programáticos. Também será bom ter isto em atenção, para ajuizar dos exemplos com que ilustra as suas explicações.

**O Diário Escolar do ano lectivo de 1938 / 39, Livro I, Livro II e Livro III, é o texto base desta obra.** Para o compreender em toda a sua extensão, torna-se necessário se **ler na íntegra** a Conferência sobre aritmética de Mirandela do ano de 1935, bem como o Diário Escolar do ano lectivo de 1935/36 ambos transcritos na totalidade, pois muitas são as referências que nos ditos **Livros I, II e III** se fazem aos documentos atrás citados que, aliás, completam. Claro que quem ler o Diário de 1935/36, vai encontrar referências ao Diário do ano lectivo anterior, que optei por não transcrever (tal como o diário de 1933/34), uma vez que essas referências se encontram esclarecidas quer na Conferência sobre aritmética de Mirandela, quer nos três volumes do Diário de 1938/39, texto base desta obra; seria informação redundante e até fastidiosa pela repetição formal das matérias. Logo, quando no Diário de 1935/36, aparecerem referências ao diário do ano anterior, deve consultar-se o **índice dos Livros I, II e III**, e ver como o assunto está tratado neste Diário

de 1938/39, sobretudo quanto ao português, já que para a aritmética temos a Conferência de Mirandela que é amplamente citada. Enfatizo este procedimento, pedindo a quem consultar o diário de 1935/36, caso não encontre no índice do Diário de 1938/39 o assunto que pretende, que use o processador de texto e localize o tema em Editar – Localizar.

No **Vol III**, o diário de 1938/1939 termina a páginas **429**. No entanto, o autor escreveu notas e apontamentos referentes aos anos lectivos de 1939/1940 e 1940/1941, no sentido de esclarecer melhor alguns assuntos. Destes apenas transcrevi as páginas que me pareceram de maior interesse, e, dado que mantive a paginação, haverá portanto “falhas”, isto é, páginas em branco.

As notas a azul, que por vezes aparecem, são da minha autoria e mais não pretendem do que esclarecer o texto original.

Na página de **início e fim de cada documento** inseri o sinal **\*\*\***, sinal que simboliza que o texto foi revisto por mim em Julho - Agosto de 2005 pela última vez.

No fim do Vol III, juntei um apêndice com alguns documentos que, por não serem usuais, entendi deverem ser publicados.

Todos os livros transcritos, respeitam a paginação do manuscrito, para facilitar quer a consulta das referências feitas pelo autor, quer a consulta do mesmo ou da fotocópia, em caso de dúvida.

Ficam assinaladas com dois pontos de interrogação a vermelho (??) as palavras que não consegui “decifrar”, e com dois pontos de interrogação a preto (??), indicações que devendo ter sido escritas pelo autor, o não foram e dúvidas que me foram ocorrendo. Ligeiros lapsos por demais **evidentes** foram corrigidos. Mais uma vez se faz notar que **o autor desta obra nunca teve como objectivo publicá-la**, pelo que nunca foi revista para esse efeito, sendo agora publicada conforme foi escrita. Assim, eventuais erros ou imprecisões, são mais do que naturais.

Alguns esquemas, por serem difíceis de reproduzir graficamente, foram transcritos com outra representação mais adequada, mas houve o cuidado de não alterar o teor da mensagem.

Como já referi, quem o desejar, por ter dúvidas quanto ao o texto do manuscrito, ou por mera curiosidade, poderá consultar as fotocópias dos originais, à guarda do I.S.P. de Bragança.

Figuras difíceis de copiar foram digitalizadas pelo meu filho Manuel João, e depois inseridas no texto.

A minha filha Maria Margarida, ajudou-me na revisão de alguns textos e a minha Mulher Maria da Conceição, na interpretação de questões de pormenor que exigiram bastante paciência e na última revisão **linha a linha, palavra a palavra**, do manuscrito, que foi muito difícil, mas que se tornou indispensável para minimizar falhas que foram detectadas ao ler os volumes já dactilografados.

**Mantive a ortografia da época**, mas devo referir que por vezes aparecem palavras como Luzitano e Lusitano, Hespanha e Espanha, Cintra e Sintra, Santarem e Santarém, etc., etc. que me confundiram, mantendo-as no entanto conforme o manuscrito. Dado que não sou um gramático, pode suceder que apareça uma ou outra palavra que suscite dúvidas. Se isso acontecer, as minhas desculpas.

Nas palavras com trema, como por exemplo tranqüilo, o trema foi suprimido.

Tecnicamente, para poder entender muita coisa que aqui vai, não tenho pejo nenhum de confessar que tive de me servir da Enciclopédia Luso-Brasileira, do celeberrimo Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa de **Artur Bivar**, bem como da **Internet**, pois sobretudo aqui, fui tirar algumas dúvidas que o texto me colocou como aliás colocará a quem o quiser ler na íntegra.

### Uma última observação

**Nunca tinha lido de fio a pavio este trabalho**, que muitas vezes consultei aqui e ali, por curiosidade não só de simples leitor ou de terna saudade filial, mas também de profissional do ensino que fui durante os últimos vinte e um anos da minha vida activa.

Uma constante ressalta do início ao fim: o Professor Dionísio das Dores Dias Gonçalves, o meu pai, tal como eu já sabia, mas agora confirmo com maior lucidez, era, indiscutivelmente, **Um Profissional.**

E nesta hora conturbada que Portugal e a Europa atravessam, bem é preciso que em todas as actividades da Sociedade em que estamos inseridos, TODOS, sem excepção, também queiram ser Profissionais.

Por último, quero deixar uma referência pessoal quanto ao método e quanto aos conteúdos deste extensíssimo programa:

Quanto ao método, subscrevo inteiramente a opinião do autor que se pode resumir na passagem retirada da Conferência de Mirandela, que a seguir transcrevo: *“Simpatizo tanto com as crianças que definam escravamente perante a verdade mas com toda a liberdade perante a regra! Para conseguir esta perfeição na escola, necessitamos de preparar bem as nossas lições para que nada nos esqueça do que devemos explicar, e para que a explicação apresentada tenha o condão de levar a criança a procurar o livro com o interesse de quem deseja verificar e nunca com a preocupação de nele aprender.”*

Quanto ao programa, a ninguém deve passar pela cabeça ser possível ministrá-lo no presente, assim deste jeito. **A época é outra e outros os objectivos a alcançar nos quatro primeiros anos da Escola Básica**, isto por razões mais do que conhecidas e que seria fastidioso enumerar. No que este Diário nos deve fazer reflectir, isso sim, é na quase completa ausência de competências ao nível da língua materna e aritmética com que hoje se abandona o Ensino Básico completo, para não dizer o Ensino Secundário, isto por antítese, já que a esmagadora maioria do tempo gasto na leccionação deste “velho” programa, tinha precisamente como objectivo principal o que hoje desgraçadamente é tão relegado: a Língua materna e a Aritmética. E a menos que sejam rapidamente encontradas soluções, o horizonte mostra-se NEGRO para as legítimas aspirações de uma Sociedade que é a nossa, e à qual se tem vindo a prometer um lugar de igualdade na Europa que integramos, mas da qual nos estamos aceleradamente a afastar, na minha opinião, pela incapacidade que a nossa Escola tem mostrado em promover as competências mínimas que caracterizam uma sociedade tecnologicamente desenvolvida: correcção na expressão oral e escrita da língua materna por parte de todos os cidadãos, e razoáveis conhecimentos de aritmética / matemática.

Custóias, Agosto de 2005

O Redactor:

António Afonso Gonçalves

\*\*\*

\*\*\*

## Índice

Explicação das palavras, sua formação e divisão em sílabas.	2 – 3 – 4
Explicação da vogal tónica e classificação das palavras quanto à acentuação	5 – 6
Explicação da acentuação	7 – 8 – 9
Explicação de substantivos, adjectivos e verbos	10 – 11 – 12
Explicação de advérbios e proposições	13 – 14 – 15
Explicação prática da soma ou adição	16 – 17 – 18 – 19 – 20
Explicação das conjunções	21 – 22
Esquema sobre o princípio fundamental da numeração escrita	23
Explicação das interjeições	23 - 24
Esquema geral sobre a classificação das palavras	25
Explicação dos substantivos e suas divisões	26 – 27 - 28
Explicação dos adjectivos	29 – 30 - 31
Explicação dos graus dos adjectivos	32 – 33 – 34 - 35
Esquema sobre o emprego da vírgula	38
Explicação de ponto, linha, superfície e respectivas medidas	39 – 40 – 41 – 42 - 43
Explicação dos pronomes pessoais e possessivos	44 -45 -46 – 47 - 48
Explicação dos primeiros tempos da península ibérica	49 -50 -51
Explicação da fundação do condado portugalense	52 – 53 -54
Explicação do reinado de D. Afonso Henriques	55 -56 -57
Teste	57
Explicação dos pronomes demonstrativos, relativos e interrogativos	48 -59 -60 -61
Teste	61
Explicação do reinado de D. Sancho I	62 -63 -64
Explicação dos reinados de D Afonso II e Sancho II	64 -65 -66 -67
Explicação do reinado de D. Afonso III	68 -69
Teste	70
Explicação dos reinados de D. Diniz e D Afonso IV	70 -71 -72 -73- 74
Esquemas para a leitura de números compostos de unidades simples dezenas e centenas	74
Explicação prática de superfícies e volumes por meio de problemas	75 - 76
Explicação do reinado de D. Pedro I e D Fernando	76 – 77 – 78 – 79 - 80
Teste	80
Explicação do interregno e reinado de D. João I	81 -82 -83 -84 -85
Teste	86

Explicação de linhas quanto à forma e quanto à posição, ângulos e triângulos e respectiva altura	87 -88 -89 -90 -91 -92 -93 -94 -95
Explicação dos reinados de D. Duarte e D. Afonso V	95 -96 -97 -98
Explicação do reinado de D. João II	98 -99 -100 -101
Explicação dos reinados de D. Manuel e D. João III	102 -103 -104 -105 -106
Explicação da divisão dum inteiro por uma fracção e vice-versa	106 -107 -108 -108 -110 -111
Explicação dos reinados de D. Sebastião e Cardial D. Henrique	112 – 113 – 114 – 115 - 116
Explicação dos quadriláteros	116 – 117 - 118
Explicação dos reinados dos Filipes e revolução de 1640	118 – 119 – 120 – 121 - 122
Desabafo sôbre multas	123
Explicação de polígonos e circunferência	124 – 125 – 126 - 127
Explicação sôbre pronomes indefinidos, verbos, tempos e pessoas	127 – 128 – 129 – 130 - 131
Explicação sôbre modos e pretéritos dos verbos	131 – 132 – 133 – 134 – 135 - 136
Conjugação do verbo cantar	137
Explicação das áreas do triângulo, quadrado, paralelogramo e losango	138 a 144
Explicação das áreas do trapézio e de um polígono regular	145 a 149
Explicação da rectificação da circunferência	150 - 151
Explicação da superfície do círculo	151 – 152 – 153 - 154
Explicação da soma de fracções	156 – 157 – 158 – 159 - 160
Explicação da redução de complexos e incomplexos de ínfima espécie e vice-versa	160 a 165
Explicação da soma e subtracção de complexos, multiplicação e divisão de complexos por um inteiro	166 a 173
Explicação das principais noções de geografia matemática e respectivos desenhos	173 a 178
Continuação da explicação sobre rudimentos de geografia matemática	179 a 184
Explicação dos oceanos, continentes e vários acidentes da superfície terrestre	185 a 198
Explicação dos limites de Portugal e rios	193
Mapa hidrográfico de Portugal	194
Explicação sobre os sistemas de serras de Portugal	196 - 197
Mapa das serras de Portugal	198

Divisão administrativa de Portugal	200 – 201
Mapa com a nova divisão administrativa	202
Explicação das linhas férreas	204 - 205
Mapa das linhas férreas	206
Explicação prática da multiplicação e divisão	208 – 209 – 210
Arquipélago dos Açores	212 - 213
Mapa dos Açores	214
Esquemas para a concretização da divisão	213 – 216 - 217
Explicação da divisão por meio de exemplos práticos	218 – 219 – 220 - 221
Explicação da oração, sujeito, predicado, verbos transitivos intransitivos e complemento directo	222 – 23 – 224 – 25 – 226 - 227
Explicação do arquipélago da Madeira	226 - 227
Mapa do arquipélago da Madeira	228
Explicação da voz activa e passiva, conjugação do verbo ter e do verbo ser e do verbo olhar na passiva	230 a 241
Explicação do complemento indirecto e mudança da voz activa para a passiva	242 a 247
Explicação da construção das orações, dos complementos circunstanciais de lugar, tempo e companhia e aposto ou continuado do sujeito	248 a 251
Explicação dos complementos circunstanciais, do vocativo e do restritivo	252 a 255
Explicação da frase e das orações coordenadas e subordinadas	255 a 259
Explicação do arquipélago de Cabo Verde	259 - 260
Explicação das orações subordinadas	263 – 264 – 265 - 266
Quadro geral das conjunções	266
Explicação da Guiné e S. Tomé e Príncipe	267
Mapa da Guiné	268
Mapa de S. Tomé e Príncipe	270
Explicação da colónia de Angola	272 - 273 - 274 - 275
Mapa de Angola com rios, serras e portos	276
Mapa de Angola com a nova divisão administrativa	278
Explicação da colónia de Moçambique	275 - 280 - 281
Mapa de Moçambique	282

Explicação dos casos do O, a e se	281.- 284 – 285 - 286
Explicação do Estado da Índia	287 - 290
Mapa do Estado da Índia	288
Explicação dos casos do que	290 – 291 – 292 – 293 - 296
Explicação de Macau	296
Mapa de Macau	294
Explicação de Timor	297
Mapa de Timor	298
Explicação da matéria, seus estados e reinos da Natureza	302 – 303 . 304 - 305
Teste	305
Explicação do 1.º e 2.º caso da divisão de decimais	306 - 307
Explicação do terceiro caso de divisão de decimais	308 – 309 – 310 – 311 - 312
Explicação sobre animais vertebrados e invertebrados	312 - 313
Teste	315
Explicação sôbre o esqueleto do homem e suas divisões	315 -
316	
Testes	316 - 317
Explicação sôbre os dentes	317 – 318 - 319
Descrição dos vários órgãos do aparelho digestivo	320 - 321
Testes	322
Explicação da digestão	323
Explicação da circulação	324 – 325 – 326
Teste	327
Explicação do aparelho respiratório	327 – 328 – 329 - 330
Figura representando a ramificação dos brônquios nos pulmões	330
Desenho das principais plantas e animais das nossas colónias	332 a 338
Explicação da pressão atmosférica, impulsão recebida pelos corpos mergulhados nos líquidos e combustões vivas e lentas	340 a 345
Explicação das propriedades gerais dos corpos, da luz e do som	346 a 352
Teste	352
Regras sôbre a conjugação dos verbos	352 – 353 - 354
Teste	354
Explicação do som e suas qualidades	355 – 356 - 357

Teste	357 - 358
Explicação da evaporação, vaporização, ebulição, condensação	
Nuvens, chuva, neve, granizo, fenómenos físicos e químicos	358 a 363
Explicação de termómetros e sua construção	363 – 364 – 365 - 366
Bombas e seu funcionamento	367 – 368 - 369
Reflexão e refração da luz	370 - 371
Plantas criptogâmicas e fanerogâmicas, raízes e flores	372 – 373 - 374
Caule	375 - 376
Folhas	376 – 377 - 378
Reinado de D. João IV	379 – 380 – 381
Reinado de D. Afonso VI	382 - 383
Reinado de D. Pedro II	384 – 385 - 386
Reinado de D. João V	386 - 387
Reinado de D. José I	388 – 389 – 390 - 391
Reinado de D. Maria I	388 – 389 – 390 - 391
Reinado de D. João VI	394 – 395 – 396 – 397 – 398
Reinado de D. Pedro IV	401 – 402 – 403 - 404
Reinado de D. Maria II	405 - 406
Reinados de D. Pedro V e D. Luiz	406 – 407 - 408
Reinados de D. Carlos e D. Manuel II	409 - 410
Teste	411
Lição de educação Cívica: Nação, direitos e deveres do cidadão	411 – 412 – 413
Lição de educação Cívica: Presidente da República e A.N. etc.	413 – 414 - 415
Teste	415
Educação	
Questionário	416
Questionário	416 - 417
Testes	417 - 418
Questionário	419 - 420
Questionário	420
Resumo das produções, superfície e população das colónias	420 - 421
Problemas e operações dados à 4ª e 3ª classes	422 a 429
Quadros para a exemplificação do princípio fundamental	

da numeração escrita e para o emprêgo da vírgula	431
Quadros para a exemplificação do princípio fundamental	
da numeração escrita e para o emprêgo da vírgula	431
Teste	432
A minha orientação nas lições da 1. <sup>a</sup> classe	432
Várias lições da 1. <sup>a</sup> classe	433
Resumo histórico dos 1. <sup>os</sup> tempos da península	433
Figuras para apresentação das letras aos alunos da 1. <sup>a</sup> classe	
e alguns desenhos exemplificando frases e lições dadas	434 a 445
Resumo histórico dos 1. <sup>os</sup> tempos da península	446
Lição à 1. <sup>a</sup> classe	446
Resumo histórico dos 1. <sup>os</sup> tempos da península	447
Resumo histórico do condado portugalense	447 - 448
Resumo histórico do reinado de D. Afonso Henriques	449
Uma lição à 1. <sup>a</sup> classe	449
Resumo histórico do reinado de D. Pedro I	450
Uma lição à 1. <sup>a</sup> classe	450
Resumo histórico do reinado de D. Afonso II	451
Resumo histórico do reinado de D. Sancho II	451 - 452
Resumo histórico de D. Afonso III	452
Resumo histórico de D. Diniz	453
Resumo histórico de D. Afonso IV	454
Resumo histórico de D. Pedro I e D. Fernando	455
Resumo histórico de D. João I e D. Duarte	456 - 457
Resumo histórico de D. Afonso V	458
Resumo histórico de D. João II e D. Manuel I	458 - 459
Desenhos exemplificando frases das lições da 1. <sup>a</sup> classe	460 - 461
Resumo histórico de D. João III	462
Resumo histórico de Sebastião a D. Henrique	463
Resumo histórico dos Filipes	464
Várias lições à primeira classe	464 - 465
Figuras para apresentação das letras aos alunos da 1. <sup>a</sup> classe	
e alguns desenhos exemplificando frases das lições	466 - 469

Quadro para exemplificação do princípio fundamental da numeração escrita	470
Uma lição da 1.ª classe	470
Resumo histórico do reinado de D. João IV	471
Resumo histórico do reinado de D. Afonso VI	471 - 472
Resumo histórico do reinado de D. Pedro II	472
Resumo histórico do reinado de D. João V	473
Resumo histórico do reinado de D. José I	473 - 474
Resumo histórico do reinado de D. Maria I	474
Resumo histórico do reinado de D. João VI	475
Resumo histórico do reinado de D. Pedro IV	476
Resumo histórico do reinado de D. Maria II	476
Resumo histórico dos reinados de D. Pedro V e D. Luiz	477
Resumo histórico dos reinados de D. Carlos e D. Manuel II	478
Soma de fracções	478 a 486
Teste	487
Exercícios de português de concordância e correcção gráfica	487
Uma lição à 1.ª classe	487
Testes	488
Correcção de frases e construção de frases	488
Correcção de frases e construção de frases	489
Questionário	489
Problemas de provas escritas da 3.ª e 4.ª classe	490 - 501
Pontuação de várias frases	501 - 502
Lições organizadas para a 1.ª classe	503 - 510
Vários exercícios para corrigir ou fazer a respectiva pontuação	410 - 511
Vários questionários e exercícios gramaticais	511 - 512

\*\*\*



\*\*\*

Dia 7 de Outubro

4.<sup>a</sup> Classe

Fiz a apresentação da minha pessoa aos alunos e apontei-lhes os deveres a cumprir na escola e na sociedade. Mostrei-lhes as vantagens que há em frequentar uma escola e a necessidade que todos temos de saber, para vencer as imposições que a vida moderna apresenta a toda a hora. Em seguida fizemos a limpeza da sala de aula empoeirada por dois meses de férias, demos nova disposição às carteiras para melhor aproveitamento da luz, mudamos o crucifixo e os quadros com as fotografias dos senhores Presidente da República e Dr. Oliveira Salazar, de maneira a ficarem em frente dos alunos.

3.<sup>a</sup> Classe

Idem

2.<sup>a</sup> Classe

Idem

1.<sup>a</sup> Classe

Idem

Dia 8 de Outubro

4.<sup>a</sup> Classe

As disciplinas que considero de primeira importância para esta classe, são aritmética e português e por isso é nelas que vou insistir mais nas minhas primeiras lições e vou principiar por explicá-las de princípio, por dois motivos: Primeiro porque principio este ano a trabalhar

com os alunos desta escola e por isso desconheço até que ponto o programa está bem sabido e compreendido, e ainda qual o seu poder de observação; Segundo, porque estes dois meses de férias ou quasi três lhes roubaram da memória quasi todos os conhecimentos adquiridos.

Expliquei hoje a esta classe a escrita dos números desde um até 100 segundo a lição apresentada na minha conferência sobre aritmética, lição essa que se encontra num livro onde tenho toda a conferência copiada, a paginas 12 e seguintes.

Em português falei assim sobre as palavras e sua formação:

Meninos, quando queremos dar a conhecer os nossos pensamentos, os nossos desejos e as nossas vontades, falamos ou escrevemos. Falamos quando as pessoas a quem os queremos transmitir estão junto de nós, e escrevemos quando elas estão longe, porque lhes seria impossível ouvir a nossa voz por mais alto que falássemos. Só o homem possui inteligência suficiente para dizer escrevendo o que diz pensando. A escrita é a fotografia do pensamento. Para os homens chegarem à perfeição da escrita foram obrigados a fazer um estudo aturado das palavras para encontrarem nelas os sons elementares que servem para a sua formação. Foi graças a esses estudos que chegaram à conclusão que são de duas espécies os sons constitutivos das palavras: sons vogais e sons consoantes. Na língua portuguesa os sons vogais são: a, e, i, o, u ; e os sons consoantes são: b, c, d, f, g, h, j, l, m, n, p, q, r, s, t, u, v, x, z.

Como vêm, temos sinais próprios para representar cada um desses sons e a esses sinais chamamos letras.

Portanto, as palavras que somos obrigados a pronunciar para exprimir os nossos pensamentos não são mais que a ligação de sons vogais com sons consoantes ou vice-versa. Palavras há que são apenas formadas por um som vogal ou pela ligação de dois sons vogais. Por exemplo, as palavras o e a, a que os gramáticos chamam artigos definidos, são formadas por um simples som vogal. As palavras **ai!** **ui!** que indicam sentimentos e a que os gramáticos chamam por isso interjeições, são formadas por dois sons vogais. A dois sons vogais pronunciados de uma só emissão de voz dá-se o nome de ditongo. Exemplo: **ai, ui, eu, ou, iu, eu, au, ei,** etc.

Ora agora se os meus meninos repararem com atenção na pronúncia das

palavras, verificarão que, por bem depressa que as pronunciem, não serão capazes de pronunciá-las duma só vez, de uma só emissão de voz, o que não quer dizer que não haja palavras que não se pronunciem de uma só vez. Mas deixemos estas por agora e vamos observar aquelas cuja pronúncia necessita de mais de uma emissão de voz. Se quisermos pronunciar por exemplo a palavra **macaco**, verificamos que a sua pronúncia é constituída por três emissões de voz, a saber: **ma – ca – co**. Se pronunciarmos a palavra **laranjeira**, verificamos que é constituída por quatro emissões de voz, a saber: **la-ran-jei-ra**. E, como estas, muitas mais, cujos exemplos é desnecessário aqui apresentar. Daqui, concluímos que a pronúncia do maior número de palavras, embora seja feita com a máxima rapidez, é sempre constituída por várias emissões de voz. Aqui tem os meninos a razão porque os gramáticos criaram a palavra sílaba: foi para se ficar sabendo o nome a dar aos sons que numa palavra se pronunciam de uma só vez, numa só emissão de voz. O que é portanto uma palavra? Um agregado de sílabas. Todas? Não; porque as há com uma só, como as palavras pai, mãe, mal, fel, pó, etc, etc. E o que é uma sílaba? Um agregado de sons vogais e consoantes que se pronunciam de uma só emissão de voz, isto é, de modo tal, que todos eles pareçam formar um som único.

Sabido isto, vamos agora aprender a classificar as palavras quanto ao número de sílabas. Para fazer esta explicação, apaguei no quadro as palavras que escrevera, e escrevi estas, dando-lhes esta disposição:

<b>pai = pai</b>	<b>falar = fa - lar</b>	<b>macaco = ma – ca - co</b>
<b>mãe = mãe</b>	<b>sapo = sa – po</b>	<b>alface = al – fa - ce</b>
<b>fui = fui</b>	<b>gato = ga-to</b>	<b>chaminé = cha – mi - né</b>
<b>mar = mar</b>	<b>pena = pe – na</b>	<b>panela = pa – ne - la</b>
<b>sal = sal</b>	<b>lua = lu – a</b>	<b>altura = al – tu - ra</b>

<b>armário = ar – má – ri – o</b>	<b>campanário = cam – pa – ná – ri - o</b>
<b>relójo = re – ló – ji – o</b>	<b>competência = com – pe – tência – ci - a</b>
<b>azeitona = a – zeí – to – na</b>	<b>importância = im – por – tância – ci - a</b>
<b>república = re – pú – bli – ca</b>	<b>relojoeiro = re – lo – jo – ei – ro</b>

Se lermos com atenção as palavras da primeira coluna, verificamos que

se pronunciam de uma emissão de voz; as da segunda, de duas, as da terceira, de três, as da quarta de quatro, e as da quinta, de cinco.

Pois bem, todas as palavras que como a palavra pai, mãe, fui, mar, sal, etc, se pronunciam duma só emissão de voz, chamam-se monossílabos, ou palavras monossilábicas. As que, como a palavra falar, sapo, gato, pena, lua, etc. se pronunciam de duas emissões de voz, dissílabos ou palavras dissilábicas. As que, como a palavra macaco, alface, chaminé, panela, altura, etc., se pronunciam com três emissões de voz, chamam-se trissílabos ou palavras trissilábicas, e as que, finalmente, como a palavra armário, relógio, azeitona, república e campanário, competência, importância, relojoeiro, etc., se pronunciam com quatro, cinco ou mais emissões de voz, chamam-se polissílabos ou palavras polissilábicas.

### 3.<sup>a</sup> Classe

Como as lições da quarta são dadas por enquanto dentro do programa da terceira, mantive esta classe a atender às minhas explicações da 4.<sup>a</sup> Classe.

### .2.<sup>a</sup> Classe

Explicação da escrita dos números de 1 a 50, conforme explico na minha conferência sobre aritmética, a pag. 12 e seguintes.

Em português leitura, resumo oral do trecho lido e escrita de palavras no quadro. Quanto a livros de português, nesta como na 3.<sup>a</sup> e quarta classes, vamos aproveitando os livros do ano passado, pois por enquanto não foi possível, nem o será tão depressa, mandar vir os livros que melhor se coaduna ao ensino do português nestas classes.

### 1.<sup>a</sup> Classe

Lição em tudo igual à que se encontra no meu diário escolar do ano lectivo de 1935-936, a pag. 1.

Dia 10 de Outubro

### 4.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética continuei a explicação dos números de 100 a 1000,

seguindo na explicação o mesmo método seguido na lição de explicação da escrita dos números de 1 a 100, como se pode ver a pag. 12 e seguintes da minha conferência.

Em português falei sobre a vogal tónica, classificação das palavras quanto à vogal tónica e expliquei assim:

Na lição anterior vimos a formação das palavras e sua classificação quanto ao número de sílabas. Vamos hoje aprender o que é a vogal tónica numa palavra e classificação desta quanto àquela.

Dito isto peguei no giz e escrevi no quadro as palavras seguintes: amarelo, parede café e armário. Depois de as ter escrito disse aos alunos: Se lermos aquelas palavras devagar, notamos que dentre as vogais que entram na sua constituição, na sua formação, há uma que pronunciamos com mais força, com mais ênfase, que qualquer das outras. E para melhor compreenderem que assim é, vamos dividi-las em sílabas. Fazendo isto temos: **a-ma-re-lo**, **pa-re-de**, **ca-fé**, **ar-má-ri-o**. Lendo a primeira palavra com as sílabas bem distintas, vemos que a vogal que pronunciamos com mais força, é a vogal **e**, da sílaba **re**. Fazendo o mesmo à segunda, vemos que a vogal que pronunciamos com mais força, é a vogal **e**, da sílaba **re**. Na terceira é o **e**, da sílaba **fé**, e na quarta é o **a**, da sílaba **ma**.

Pois bem; estas vogais, por serem as que nestas palavras se pronunciam com mais força que todas as outras, chamam-se vogais tónicas.

E assim como os gramáticos classificam as palavras quanto ao número de sílabas, também as classificam quanto ao lugar ocupado pela respectiva vogal tónica. E, já agora, vamos ver também essa classificação. Dito isto, apaguei as palavras que escrevera no quadro e escrevi estas, dando-lhes a seguinte disposição:

<b>café</b> = ca - <u>fé</u>	<b>caneca</b> = ca - <u>ne</u> - ca	<b>ciência</b> = ci - <u>ên</u> - ci - a
<b>cipó</b> = ci - <u>pó</u>	<b>mesa</b> = <u>me</u> - sa	<b>armário</b> = ar - <u>má</u> - ri - o
<b>pontapé</b> = pon - ta - <u>pé</u>	<b>toalha</b> = to - <u>a</u> - lha	<b>néscio</b> = <u>nés</u> - ci - o
<b>amará</b> = a - ma - <u>rá</u>	<b>mendigo</b> = men - <u>di</u> - go	<b>sílaba</b> = <u>sí</u> - la - ba

Nas palavras da primeira coluna os meninos vêm que a respecti\_

va vogal tónica fica na última sílaba. Essas palavras, por esse motivo chamam-se agudas. Nas palavras da segunda coluna, a vogal tónica fica na penúltima sílaba; por isso chamam-se graves, e nas da terceira coluna, fica na antepenúltima, e por isso chamam-se esdrúxulas. Recapitulando: Palavras cuja vogal tónica fica na última sílaba chamam-se agudas. Palavras cuja vogal tónica fica na penúltima sílaba, isto é, na sílaba que fica atrás da última, chamam-se graves, e finalmente, as palavras cuja vogal tónica fica na antepenúltima sílaba, isto é, na sílaba que fica logo atrás da penúltima, chamam-se esdrúxulas.

Mandei ao quadro vários alunos a escreverem palavras destacadas e deram a lição de leitura nos livros da 3.<sup>a</sup> classe por ainda não possuírem os da 4.<sup>a</sup>

### 3.<sup>a</sup> Classe

Continuamos assistindo a todas as lições da quarta classe, por continuarmos dentro do programa da 3.<sup>a</sup> classe.

### 2.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética aplicação da escrita dos números de 50 a 100, seguindo em tudo a explicação escrita sobre esta matéria na minha conferência, a pag. 12 e seguintes. Em português cópia, escrita de algumas palavras de ditado no quadro; leitura resumo oral do trecho lido e explicação das palavras mais difíceis da lição.

### 1.<sup>a</sup> Classe

Procedi como na lição dada à mesma classe no ano lectivo de 1935 / 36, escrita no meu diário desse ano a pag. 2.

Dia 11 de Outubro

### 4.<sup>a</sup> Classe

Recapitulação das matérias dadas, ditado no quadro de algumas palavras da lição de português cuja grafia podia ocasionar dificuldades aos alunos.

Leitura do trecho marcado para lição deste dia; resumo oral do mesmo e alguns exercícios de redacção fundamentados no assunto da lição.

### 3.ª Classe

Assistiu à repetição das matérias da quarta e deu também lição de leitura.

### 2.ª Classe

Recapitulação sobre a escrita de números e as primeiras explicações sobre operações aritméticas cingindo-me escravamente ao que tinha escrito sobre este assunto na minha conferência a pag. 40 e seguintes.

Em português, leitura, resumo oral dos trechos lidos e ditado das palavras mais difíceis no quadro.

### 1.ª Classe

Em português vou seguir com pequenas variantes as minhas lições do diário do ano lectivo de 1935 / 936.

Dia 12 de Outubro

### 4.ª Classe

Em aritmética expliquei as operações seguindo escravamente a mesma explicação apresentada sobre tal assunto na minha conferência a pag. 87 e seguintes.

Em português expliquei a acentuação e falei assim: os meninos já sabem que as palavras se dividem em agudas, graves e esdrúxulas, conforme o lugar que ocupar a respectiva vogal tónica. Vamos agora aprender quando é que devemos acentuar a vogal tónica duma palavra qualquer. A primeira regra de acentuação diz assim: todas as palavras agudas que terminarem em **a, e, o, m, as, es, os, ns**, devem ter acento. Dito isto tomei o giz e escrevi no quadro as seguintes palavras; **café, cipó e cantará**. Depois disse aos alunos: se dividirmos a primeira palavra em sílabas, temos: **ca-fé**.

Se a lermos com atenção, vemos que a vogal tónica fica na última sílaba, donde concluímos que esta palavra é aguda.

E como a regra manda acentuar todas as palavras agudas terminadas em **e**, eis a razão porque a devemos acentuar.

Se dividirmos em sílabas a segunda palavra, vemos que a vogal tónica fica na última sílaba, donde concluímos que essa palavra é aguda, e como termina em **o**, e a regra diz que todas as palavras agudas terminadas em **o**, devem ter acento, eis a razão porque a devemos acentuar.

Se sujeitarmos a terceira palavra à mesma divisão em sílabas, verificamos que também é aguda, porque a respectiva vogal tónica fica na última sílaba, e como termina em **a**, e como a regra diz que são acentuadas todas as palavras agudas terminadas em **a**, eis a razão porque a devemos acentuar.

Depois desta explicação acerca das palavras agudas, escrevi no quadro as palavras seguintes:

**macaco, neve e tijela**. Voltei-me em seguida para os alunos e disse-lhes: Meninos, se dividirmos estas palavras em sílabas, temos: **ma-ca-co, ne-ve, ti-je-la**. Se as pronunciarmos com atenção, verificamos que as respectivas vogais tónicas ficam na penúltima sílaba e por isso estas palavras chamam-se graves. Devem ser acentuadas estas palavras? Não devem e sabem porquê? Porque há uma regra que diz assim: Quando as palavras forem graves e terminarem em **a, e, o, m**, (no singular, está claro) **as, es, os, ns** (no plural) não devem ter acento, salvo se for preciso distingui-las doutras que tenham a mesma grafia, isto é, que se escrevam com as mesmas letras, mas cuja significação seja diferente.

Como não há na língua portuguesa outras palavras que se possam confundir com aquelas por terem a mesma grafia e significação diferente, aquelas não devem ser acentuadas.

Então - perguntarão daí os meninos e com razão – quais são as palavras que necessitam de acento para se distinguirem de outras?

Olhem, são muitas, mas para exemplificar, chegam estas por enquanto.

A palavra **fôrça**, como vêm é uma palavra grave, pois a vogal tónica é o **o** da sílaba **for**, que fica na penúltima sílaba e como termina em **a**, não devia ser acentuada. Mas como se o não tivesse se confundiria com a palavra **força**, uma das formas do verbo **forçar**, eis a razão porque é necessário acentuá-la.

A palavra **êste** que também é grave e que não devia ter acento por terminar

em e, deve ser acentuada por se distinguir de **este**, ponto cardeal. A palavra dêste, também deve ter acento para se distinguir de deste, verbo dar. Fôsse, também deve ter acento para se distinguir de fosse, uma das formas do verbo fossar. E como estas, muitas outras que iremos aprendendo com a prática. Passemos agora às palavras esdrúxulas para as quais não há excepções, pois são sempre acentuadas. Sempre. Por isso, as palavras campanário, ciência, influência, frequência, sapiência, próprias, ordinário, constância, etc., etc., etc., devem ser acentuadas porque, tendo todas elas a vogal tónica na antepenúltima sílaba, são esdrúxulas, e como tal, são sempre acentuadas. E como a lição de aritmética foi um pouco estirada, não houve tempo para mais nada.

### 3.<sup>a</sup> Classe

Continua atendendo às lições da 4.<sup>a</sup> classe.

### 2.<sup>a</sup> Classe

Continuo com a explicação da escrita dos números de 1 a 100, conforme fica dito na lição anterior e com a explicação prática das quatro operações. Em português, deram leitura, resumo do trecho lido, explicação das palavras da lição e fizeram cópia nos cadernos.

### 1.<sup>a</sup> Classe

Vou seguir as lições dadas à mesma classe no ano lectivo de 935 / 36 escritas no meu diário dêsse ano.

### Dia 13 de Outubro 4.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética vários problemas para levar os alunos ao conhecimento do que é somar, multiplicar, subtrair e dividir. Em português repetição das regras da acentuação para conseguir que ficassem bem gravadas na memória dos alunos, apresentando-lhes muitos e muitos exemplos, e obrigando-os a indicar a respectiva regra ou excepção.

Deu-se leitura, resumo do trecho lido e houve também ditado de palavras no quadro.

3.<sup>a</sup> Classe

Continua a atender a todas as explicações dadas à quarta classe.

2.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética continuo com o emprego das operações e escrita dos números até 100. Em português, leitura resumo do trecho lido e ditado no quadro das palavras mais difíceis da lição.

1.<sup>a</sup> Classe

Seguindo sempre as lições do meu diário do ano lectivo da 935 / 936

14 de Outubro

4.<sup>a</sup>

Classe

Em aritmética expliquei a prova das quatro operações conforme o que a esse respeito escrevi na minha conferência a pag. 100 e seguintes.

Em português falei sobre substantivos, adjectivos e verbos. Antes porém de apresentar a minha lição sobre a explicação destas palavras devo aclarar que costumo ensinar a gramática, principiando por apresentar as funções desempenhadas por cada uma delas no discurso, e só depois passo a explicar as regras. Em suma: antes de entrar nas regras e definições, esforço-me para que os alunos, desconhecendo regras e definições, saibam, com conhecimento de causa, distinguir um substantivo duma interjeição, e esta dum verbo, e saibam, praticamente, porque é que uma palavra é substantivo e outra é verbo ou conjunção. E depois deste desabafo que fica escrito aqui, como nota explicativa da minha maneira de ser no ensino da gramática, vamos à lição.

Meninos, se os homens não tivessem inventado nomes para designar uma pessoa, animal ou coisa, seria possível fazermo-nos compreender falando? Não, certamente. Eis a razão porque há um nome para designar cada objecto, pessoa, animal ou estado. Dentro da nossa escola temos carteiras, secretária, cadeiras, quadro, tinteiros, penas, lápis, giz, quadros, mapas e livros. Se saíssemos da escola, veríamos ruas, casas, galinhas, patos, perús, gatos, pomares, hortas, vinhas, montes, serras, sebes, homens, mulheres, carros, bois e muitas mais coisas cujos nomes seria fas\_

tidioso aqui lembrar. Pois bem, todos estes nomes que agora aqui pronunciei, chamam-se substantivos. Mas, tomem nota, não vão julgar que a secretária, a cadeira, o quadro e as carteiras é que são substantivos. Não, meus meninos, essas coisas não são substantivos. Os nomes delas é que são substantivos. Portanto, fiquem sabendo duma vez para sempre, que as palavras secretária, cadeira, quadro, carteiras, boi, vaca, peru, porco, galo, Lisboa, Porto ??, Castro Vicente; Mogadouro, França, Hespanha ??, Francisco, António, Laura, Maria e Ana, por indicarem os nomes respectivamente de coisas, animais, cidades, vilas, nações e pessoas, se chamam substantivos.

Depois de assim ter falado dirigi-me a um dos alunos e perguntei-lhe: - como se chama? – João - respondeu ele. Muito bem. Vou agora mostrar-lhe outras palavras, e dalgumas decerto não há-de gostar muito, palavras essas que já não servem para indicar um nome. Ora o meu menino João pode ser bonito, feio, alto, baixo, gordo, magro, rico, pobre, bom, mau, preguiçoso, diligente, carinhoso, amável, triste e alegre. Como vê, estas palavras não indicam o seu nome, mas sim qualidades que em si podem existir. Aqui tem a razão porque a estas palavras os gramáticos dão o nome de adjectivos.

Há agora outras palavras que não são substantivos nem adjectivos.

- Que serão então? – perguntará o menino, e perguntarão todos os meninos que agora me escutam. Vamos ver.

Quando o meu menino – continuei eu dirigindo-me ao mesmo aluno – manda uma das suas pernas para diante da outra, pratica a acção de andar. Se neste mandar de pernas há ligeireza, pratica então a acção de correr. Se aproximar dos seus lábios um copo com água e em pequenos goles a fizer passar pela boca, faringe e esófago, pratica a acção de beber. Se fixar os seus olhos nalguma coisa ou pessoa, pratica a acção de olhar. Se os seus pés escorregarem e dessa escorregadela resultar um desequilíbrio tal que vá com o seu rico corpinho ao chão, pratica a acção de cair. Se tomar entre as mãos um pedaço de papel e puxando em direcção oposta o dividir em duas partes, pratica a acção de rasgar.

Se o seu gato der um salto e lhe aparecer, em seguida a esse salto, com um rato na boca, praticou a acção de caçar.

Se depois o fizer passar pelos dentes e o baixar ao estômago, praticou

a acção de comer. Etc., etc., etc.

Como vê, há palavras que servem única e exclusivamente, para indicar as acções praticadas pelas pessoas ou pelos animais, ou atribuídas a coisas. Estas palavras, por esse motivo, chamam-se verbos. Logo, as palavras andar, correr, beber, olhar, cair, rasgar, caçar e comer, porque indicam acções, chamam-se verbos.

E para melhor explicação tracei no quadro o seguinte esquema:

<b>Nome</b>	<b>qualidade</b>	<b>acção</b>
<b>substantivo</b>	<b>adjectivo</b>	<b>verbo</b>
	bonito	andar
	feio	correr
	alto	beber
	baixo	olhar
	gordo	cair
	magro	rasgar
	rico	caçar
<b>João</b>	pobre	comer
	bom	
	mau	
	preguiçoso	
	diligente	
	carinhoso	
	amável	
	triste	
	alegre	

Demos também leitura, resumo oral do trecho lido e ditado de palavras para o quadro.

### 3.ª Classe

Assistiu a todas as explicações dadas à 4.ª classe.

### 2.<sup>a</sup> Classe

Continuo com as operações por meio de problemas e seguindo sempre escravamente o que sobre esse assunto escrevi na minha conferência, conforme está já indicado nas lições anteriores.

### 1.<sup>a</sup> Classe

Continuo a seguir as mesmas lições do meu diário do ano lectivo de 935 / 36.

Dia 15 de Outubro

Lição de moral baseada nos ensinamentos de Jesus, canto coral e ginástica, a todas as classes.

Dia 17 de Outubro

### 4.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética repetição da matéria dada sobre provas das 4 operações. Em português expliquei os advérbios e preposições, e para isso, falei assim aos alunos:

Meninos, na lição anterior, ficaram a saber que as palavras que indicam nomes chamam-se substantivos, as que indicam qualidades adjectivos e as que indicam acções se chamam verbos. Vamos hoje aprender outras que andam sempre arrumadinhas aos verbos e servem para modificar as acções indicadas por eles. Dito isto, dirigi-me a um dos alunos e disse-lhe: Se o meu menino disser àquele que pratica a acção de cantar, isto é, lhe disser: - Eu canto, aquele menino ficará sabendo que você pratica a acção de cantar. Mas se lhe disser: - Eu canto **bem**, já ele ficará sabendo que você pratica esta acção correctamente, sem defeitos. Se lhe disser: - Eu canto **mal**, já ele fica sabendo que esta acção é defeituosa.

Também é certo que o meu menino pode cantar devagar e de - pressa. Como vê, as palavras bem, mal, devagar e de - pressa, estão junto ao verbo e servem simplesmente para modificar a acção indicada por êle, o mesmo acontecendo com as palavras muito, nada, bastante, logo, pior etc., etc. Portanto, as palavras bem, mal, devagar, de - pressa, muito, nada, bastante, logo e pior, por modificarem as acções dos verbos, chamam-se advérbios. Recapitulando: As palavras que indicam nomes, como: rato,

gato, porco, banco, cadeira, uva, vinha, regato, Lisboa, França, Sabor, etc., etc., etc., chamam-se substantivos.

As palavras que indicam qualidades como: bonito, feio, preto, branco, rico, pobre, alto, baixo, celestial, terreno, bondoso, mau, bom, inteligente, valente, fraco, etc., etc., etc., chamam-se adjectivos.

As palavras que indicam as acções, como: cantar, bailar, olhar, lavrar, lavar, rachar, fugir, pentear, vestir, despir, deitar, levantar, etc., etc., etc., chamam-se verbos.

As palavras que modificam as acções dos verbos, como: bem, mal, devagar, de – pressa, pior, hoje, logo, amanhã, cedo, tarde, aqui, ali, além, etc., etc., etc., chamam-se advérbios.

Vá lá um esquema para melhor compreensão. Fui ao quadro e tracei o seguinte:

<b>Nomes</b>	<b>qualidades</b>	<b>acções</b>	<b>Modificações das acções</b>
<b>substantivos</b>	<b>adjectivos</b>	<b>verbos</b>	<b>advérbios</b>
João	feio	canta	mal
gato	preto	caça	pouco
rapaz	mau	caíu	ali
galinha	nova	põe	muito
pião	pequeno	anda	bem

A linguagem é telegráfica, mas, para perceber chega e sobra.

Vamos continuar com a vistoria das palavras e respectiva classificação.

Se eu disser aos meninos: Tenho três lençóis linho, os meninos não ficam satisfeitos com tal afirmação, porque entre a palavra lençóis e a palavra linho, há um salto, uma distância grande, que torna imperfeito o sentido da frase. Reconhece-se que entre aquelas palavras falta uma outra que as una, que as ligue, que sirva de ponte entre elas – permitam-me a expressão. – E porque assim é, se em vez de dizer assim eu disser: tenho três lençóis **de** linho, a frase fica perfeita, porque já nela aparece a palavra **de**, que ligou a palavra lençóis à palavra linho.

Se eu disser aos meus meninos: Tenho fitas seda, continuarão a não ficar contentes com a minha afirmação, porque entre as palavras fita e seda, há falta de ligação, o que se nota perfeitamente ao ouvir pronunciar a frase. Mas se eu disser: Tenho fitas **de seda**, a frase fica completa, porque entre as palavras fitas e seda, desapareceu aquela passagem brusca que entre elas havia, aquela falta de ligação que o bom do **de**, veio remediar.

Se eu entrasse na casa de um dos meus meninos num dia de calor ardente e lhe dissesse: Dê-me um **copo água**, êsse ficaria a desconfiar que eu, antes de entrar na sua casa, despejara algum com vinho. Mas se eu lhe dissesse: Dê-me um copo com água, ficaria contente porque os seus ouvidos já não notavam desarmonia, **desligadura** entre as palavras da frase. Por estes exemplos já vêem que há palavras em português que servem única e exclusivamente para ligar duas palavras. Mas para melhor se convencerem de que assim é, vou ali ao quadro fazer um esquema.

<b>Frases incompletas</b>	<b>Frases completas</b>
Tenho três lençóis linho	Tenho três lençóis <b>de</b> linho
Tenho fitas seda	Tenho fitas <b>de</b> seda
Dá-me um copo água	Dá-me um copo <b>com</b> água
Vou Bragança	Vou <b>a</b> Bragança
Estou jejum	Estou <b>em</b> jejum
Vou Lisboa	Vou <b>para</b> Lisboa
A neve chegou Mogadouro	A neve chegou <b>até</b> Mogadouro
Estou sem comer ontem	Estou sem comer <b>desde</b> ontem
Falam todos êle	Falam todos <b>contra</b> êle

Se repararem com atenção para as frases deste quadro – disse eu voltando-me para os alunos – reconhecerão que as palavras: **de, com, a, em, para, até, desde e contra**, servem de ligação entre duas palavras. Pois bem, estas palavras, por este motivo, chamam-se preposições.

3.ª Classe

Assistiu a todas as explicações dadas à 4.<sup>a</sup> classe.

2.<sup>a</sup> Classe

Operações e escrita de números. Em português, leitura, resumo oral do trecho lido e cópia nos cadernos.

1.<sup>a</sup> Classe

Lições conforme as do meu diário de 1935 / 936.

Dia 18 de Outubro

4.<sup>a</sup> Classe

Repetição das matérias dadas em aritmética e português.

3.<sup>a</sup> Classe

Idem

2.<sup>a</sup> Classe

Dei hoje uma explicação prática a esta classe sobre soma ou adição. Chamei os alunos para junto da secretária e depois de ter retirado dela todos os cadernos e mais objectos disse a um dos alunos que fosse ao quadro e ditei-lhe o seguinte problema: O meu amigo José – era assim que o aluno se chamava – tem 24 grãos de bico – são agora os grãos de bico os meus auxiliares nas lições práticas de aritmética. Depois de o aluno ter escrito aquele número no quadro, continuei eu: o nosso amigo António tem 14, o Horácio 35 e o Manuel 7. Quantos grãos de bico têm estes meninos? Que operação devo fazer para o saber?

- Uma soma

- Porque?

- Porque somar é juntar e eu tenho de os juntar

- Está bem, disse muito bem. Vamos indicar a operação.

E o aluno escreveu e indicou desta maneira, porque é assim que eu exijo:

24			24
14			14
35		<b>24+14+35+7=80</b>	35
7			$\begin{array}{r} + \quad \quad 7 \\ \hline 80 \end{array}$

Como se chamam os números que juntou? – Parcelas. – E o sinal que as separa? – Mais. – E o resultado da operação? – Soma ou total. – Porque? – Porque neste número estão todos os outros. Fiquei satisfeito com a resposta, e disse para êsse aluno: Vá agora ali à secretária e prove que em casos como êste devemos somar, que para isso devemos escrever os números uns por baixo dos outros de maneira que as unidades da mesma espécie fiquem umas debaixo das outras. Em suma: Vá fazer uma operação praticamente sôbre a secretária servindo-se dos grãos de bico que temos naquela caixa. O aluno aproximou-se vagarosamente da secretária e cismando. Reconheci que não era capaz de fazer a respectiva demonstração prática. Convidei então qualquer aluno que se sentisse com competência, e todos ficaram silenciosos. Perante tal silêncio, peguei num pedaço de giz e tracei sobre a secretária, ou por outra, avivei as linhas já nela traçadas no sentido da largura e paralelas umas às outras. Depois tirei da caixa um punhado de grãos de bico e disse aos alunos. Vamos colocar entre o primeiro traço e a extremidade da mesa, que é o lugar das unidades simples, os grãos de bico que pertencem ao nosso amigo José. E dito isto principiei a contar, para aquele lugar, os grãos até chegar ao número 24. Agora vamos contar e colocar por baixo dêstes grãos de bico, os grãos de bico do nosso amigo António. Contei 14. Contemos agora, e coloquemos por baixo dos que já lá estão, os grãos de bico do nosso amigo Horácio. Contei 35. Finalmente, contei 7, que eram os do Manuel, e coloquei-os por baixo dos que já lá estavam.

Agora, meus meninos – disse eu dirigindo-me a todos, poderão ficar neste lugar os grãos de bico, assim como estão? – Não podem, respon\_

deram logo vários alunos . – Porque? – Perguntei eu? – Porque há dezenas e este lugar é o das unidades simples. – Muito bem, respondi eu, vamos então tirar de cada um destes grupos as dezenas que cada um tenha, e passá-las para o segundo lugar que é o lugar que lhes compete. contei 10 grãos de bico, tirados do primeiro grupo e disse aos alunos: Êstes dez, por serem 10, formam uma unidade nova chamada dezena e por isso não podem ficar aqui, que é o lugar das unidades simples, e as passamos para o segundo lugar que é o lugar das dezenas. contei em seguida outros 10 grãos de bico e passei-os também para o segundo depois de ter dado a explicação acima escrita. Depois, como ficassem só 4, disse: êstes quatro, por serem só 4, têm de ficar aqui porque não chegam para formar uma dezena. Apontando para o quadro disse aos alunos: Aqui têm a razão porque 24 se escreve com um dois e com um quatro: o dois para indicar duas dezenas certas, e o quatro para dizer que além das unidades necessárias para formar as duas dezenas certas, ainda temos mais quatro.

Passei depois a fazer a mesma explicação para o 14, 35 e 7, tendo cuidado de ir dizendo aos alunos depois da separação total das dezenas: - Vejam meus meninos, como o 2, o 1 e o 3, ficaram na mesma coluna. E porque ficaram? Porque indicam unidades da mesma espécie, isto é, dezenas, acontecendo o mesmo com o 4, 4, 5, e 7, por serem unidades simples. Ora agora vamos somar. Quatro unidades simples do José, ou por outra, quatro grãos de bico do José, mais quatro do António, são oito; e oito mais cinco do Horácio, são 13; e 13 mais 7 do Manuel são 20. Ao mesmo tempo que ia somando, ia-os juntando. De maneira que quando cheguei ao número 20, estavam os grãos de bico todos juntos. Depois perguntei aos alunos: Posso aqui escrever o número 20?- Não, responderam alguns. – Porque? – Porque em 20 há dezenas. – Bem, nesse caso, tiremos ao 20 as dezenas que traz. Dito isto, fui contando lentamente até formar 10, e continuei a contar até formar outros dez, e como nada mais ficasse, disse: Como vêm, em 20, há dois grupos de 10. E como cada grupo de dez forma uma unidade nova chamada dezena, somos obrigados a passá-la para o segundo lugar. Aqui têm os meninos a razão porque ali no quadro o menino José, quando acabou de adicionar as unidades simples, disse: **aí vão 2**. Duas quê? Duas

unidades chamadas dezenas. Ora agora digam-me Quantas unidades simples ficaram aqui? – Nenhuma, responderam todos. Aqui têm a razão porque neste lugar escrevemos o zero. Ora agora, continuei eu, duas dezenas que vieram da casa das unidades simples, mais duas que o José tem, são 4; 4 e mais 1 do António, são cinco; 5 e mais 3 do Horácio, são 8.

Ora como oito dezenas não chegam para formar uma unidade nova, pois para isso era preciso que fossem dez, aí têm a razão porque ficam neste lugar e porque é preciso escrever um 8, neste lugar.

E para melhor eu explicar, aí vão os respectivos esquemas.

(1)	.....	(2) .....	.....
	.....		.....
	..... .....		..... .....
(3) .....	....	(4) .....	....
.....	....	.....	....
.....	..... .....	.....	.....
	.....		.....
(5) .....	....	(6) .....	
		.....	
.....	....		
..... .....	.....	..... .....	
	.....		.....

.....	
.....	
.....	
.....	
.....	<b>8 0</b>

ou mais simplesmente

<b>(1)</b>	.....	<b>(2)</b> :.....	....
	.....	.....	....
	..... .....	..... .....	.....
	.....		.....

<b>(3)</b> :..... ..... ..... .....		<b>(4)</b> :..... ..... ..... .....	
	.....	<b>8 0</b>	

Ainda apresentei mais problemas como êste, e consegui que alguns alunos fizessem a respectiva explicação prática da soma.

Em português, leitura, resumo oral do trecho lido e ditado das palavras da lição.

1.ª Classe

Continuo as lições do diário do ano lectivo 935 / 36

Dia 19 de Outubro

4.ª Classe

Em aritmética expliquei os noves fora, conforme o que a este respeito escrevi na minha conferência a pag. 98 e seguintes. Em português, expliquei assim as conjunções: Os meninos já sabem que na língua portuguesa há palavras que servem para ligar duas palavras e que por isso se chamam preposições. Pois bem, além dessas há ainda outras cuja função é também de ligação, e que, a-pesar disso, não se chamam preposições. Vamos lá a um exemplo: Dito isto, peguei no giz e escrevi no quadro o seguinte: **Bati ao galo matei o peru**. Se os meus meninos lerem esta frase com atenção, notarão que há falta de ligação entre as duas afirmações que a constituem. Sim, se eu disser: bati ao galo matei o peru, é certo que toda agente que me oiça fica sabendo o que fiz, fica satisfeita com as minhas afirmações, mas descontente com a construção, porque não é preciso estar habituado a ouvir bom português para ver que eu diria melhor se dissesse: **Bati ao galo e matei o peru**.

Depois disto escrevi no quadro esta frase: **O Pedro colheu muito centeio cultivou bem a terra**. Se os meninos lerem com atenção esta frase, reconhecerão que, como na primeira, há falta de ligação entre as palavras centeio e cultivou, respectivamente fim e começo das duas afirmações que constituem aquela frase. Embora estas duas afirmações tenham os elementos indispensáveis para a sua compreensão é fácil notar nelas a falta de ligação, o que não aconteceria se eu tivesse escrito: O Pedro colheu muito centeio, **porque** cultivou bem a terra.

Depois vim para junto dos alunos e dirigi-me a um deles que sei ter irmãos e disse-lhe assim: Se o menino, no tempo dos figos dissesse aos seus irmãos que ia buscar figos e depois entrasse em casa sem nenhum, com certeza eles lhe perguntariam: - **E então os figos?**

E se a esta pergunta o menino lhes respondesse: **colhi muitos figos comi-os todos**, os seus irmãos não ficariam contentes não só pela falta dos figos, como também por causa daquele salto entre as palavras figos e comi, respectivamente fim e princípio das duas afirmações; e embora o meu amigo tivesse explicado convenientemente o seu pensamento e os seus irmãos compreendessem bem as duas afirmações, ficariam por certo mais satisfeitos e até compreendendo melhor, se lhes tivesse respondido: colhi muitos figos **mas** comi-os todos. Por estes exemplos já ficam sabendo que as palavras e, porque, mas, e muitas outras que aprenderão, ser\_

vem para ligar frases e que por esse motivo se chamam **conjunções**.

Para melhor compreensão, aí vai mais outro quadro:

Frases desligadas	Frases ligadas
Bati ao galo matei o perú	Bati ao galo <b>e</b> matei o perú
Pedro colheu muito centeio cultivou bem a terra	Pedro colheu muito centeio <b>porque</b> cultivou bem a terra
Colhi muitas cerejas comi-as todas	Colhi muitas cerejas <b>mas</b> comi-as todas
A Maria cantou na fonte encheu o cântaro	A Maria cantou na fonte <b>enquanto</b> encheu o cântaro
Não escrevi a carta o postal	Não escrevi a carta <b>nem</b> o postal
Não queria subir ao alto o alto tem seus perigos	Não queria subir ao alto <b>porque</b> o alto tem seus perigos
A Maria vai à fonte o António vai também	A Maria vai à fonte <b>se</b> o António vai também

Resumindo: As preposições ligam duas palavras; e as conjunções ligam frases, ou partes principais da frase.

Os alunos deram lição de leitura, resumo oral do trecho lido e fizeram ditado nos cadernos. Enquanto não vierem os livros novos, não faço mais referências à lição de português. Temos tempo depois.

### 3.<sup>a</sup> Classe

Assistiu a todas as explicações da 4.<sup>a</sup> classe.

### 2.<sup>a</sup> Classe

Operações e mais operações e sua aplicação e explicação prática. Em português deram lição de leitura, resumo do trecho lido, e fizeram ditado

no quadro. Nesta classe, como nas outras, enquanto não chegarem os livros novos, não farei mais referências sobre o meu ensino nesta disciplina que as que tenho feito. Temos tempo para as fazer se não morrermos.

1.<sup>a</sup> Classe

Sempre seguindo o caminho e lições do meu diário já citado.

Dia 20 de Outubro

4.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética explicação do princípio fundamental da numeração escrita, conforme o que escrevi na minha conferência a pag. 112 e seguintes: Devo acrescentar, que além dos esquemas apresentados na minha conferência para melhor compreensão deste princípio e dos que apresentei numa lição dada à 3.<sup>a</sup> classe e que se encontra a pag. 11 e 12 do meu diário do ano lectivo 935 / 36, apresentei mais este:

(a) **431**, pag do **VOL III** deste diário, a consultar.

Centenas de milhar	dezenas de milhar	milhares	centenas	dezenas	unidades simples
1	1	1	1	1	1
2	2	2	2	2	2
3	3	3	3	3	3
4	4	4	4	4	4
5	5	5	5	5	5
6	6	6	6	6	6
7	7	7	7	7	7
8	8	8	8	8	8
9	9	9	9	9	9

Em português expliquei assim as interjeições:

Dirigi-me a um dos alunos mais irrequietos que tenho cá na escola – mas bom rapaz – e em ares de graça disse-lhe o seguinte: Quando aqui há dias seu pai foi obrigado a dar-lhe três palmatoadas por causa do meu amigo atirar pedradas aos gatos que passam à sua porta, o menino respondeu a cada uma delas com um **ui!** que alarmou toda a vizinhança. Depois, quan\_

do se sentou, de olhos fitos no chão a limpar as lágrimas com as costas da mão esquerda – pois a outra estava metida debaixo do braço a picar como um formigueiro – ficou a soluçar e a entremear os soluços com um **ai!** Tirado mesmo lá do fundo da arca do peito. (gargalhada geral)

Quando o meu amigo vê outro rapaz que não via há muito tempo, é certo manifestar-lhe a sua alegria dizendo-lhe: **olá!** Dá cá um abraço. Ou então **olé!** Há tanto tempo que não tinha o prazer de te ver!

Quando vê alguma coisa que lhe causa admiração, exclama: **Ah! OH!**

Quando vê parar a certa distância um rapaz conhecido e o quer chamar para lhe falar diz: **Pist! Psiu,** ó meu amigo, espera aí que quero falar-te.

Quando se zanga, diz: **irra! apre!**

Pois bem, as palavras **ui! ai! Olá! Olé! pist! Psiu! Ah! Oh! Irra! apre!** Etc., etc., servem para indicar sentimentos de dor, alegria, raiva, etc.,etc., e por isso chamam-se **interjeições**.

Os alunos também fizeram ditado no quadro.

### 3.<sup>a</sup> Classe

Continua atendendo às explicações da 4.<sup>a</sup> classe

### 2.<sup>a</sup> Classe

Problemas e mais problemas para aprendizagem prática das operações.

Em português leitura, pequenas conversas para exercitar neles a facilidade de redigir e fizeram cópia nos cadernos.

### 1.<sup>a</sup> Classe

Seguindo sempre as lições do diário já citado

Dia 21 de Outubro

### 4.<sup>a</sup> Classe

Repetição das matérias dadas em português e aritmética

### 3.<sup>a</sup> Classe

Assistiu sempre às lições da 4.<sup>a</sup> classe

2.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética operações e sempre operações por meio de problemas simples. Em português leitura, resumo oral do trecho lido, ditado das palavras mais difíceis e cópia nos cadernos

1.<sup>a</sup> Classe

Repetição das lições dadas

Dia 22 de Outubro

Como a disciplina nem sempre tem atingido aquela perfeição que eu costumo exigir na escola, a minha lição de moral consistiu em lembrar aos alunos as suas obrigações perante a escola, perante o professor e perante a família e a sociedade. Fomos dar um passeio e dei-lhes uma lição de ginástica e canto coral depois de regressar à escola, para estarem devidamente ensaiados para a sessão de propaganda eleitoral que se realiza amanhã nesta freguesia e para a qual os convidei juntamente com os pais.

Dia 24 de Outubro

4.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética expliquei fracções conforme o que escrevi na minha conferência a pag. 126 e seguintes. Em português, repetição da matéria dada conforme o seguinte quadro:

Nomes	qualidades	acções	modificação da acção	ligação de duas palavras	ligação de frases	sentimentos
<b>substantivos</b>	<b>adjectivos</b>	<b>verbos</b>	<b>advérbios</b>	<b>preposições</b>	<b>conjunções</b>	<b>interjeições</b>
casa	bonito	comer	muito	de	e	Ah!
Maria	feio	beber	pouco	em	nem	oh!
Manuel	alto	sair	nada	por	porque	Ai!
Porta	baixo	cantar	ali	até	se	Ui!
gato	agradável	estudar	além	com	enquanto	apre!
Rua	rico	partir	hoje	ante	todavia	irra!
aldeia	pobre	fugir	amanhã	após	contudo	olá!

Os alunos desta classe leram um trecho ainda nos antigos livros da 3.<sup>a</sup> classe, pois os outros ainda não chegaram do Porto, e fizeram também ditado nos cadernos.

### 3.<sup>a</sup> Classe

Os alunos desta classe assistiram a todas as explicações da 4.<sup>a</sup> classe.

### 2.<sup>a</sup> Classe

Nesta classe, continuo e continuarei sempre, com as operações concretizadas quer por meio de problemas fáceis, quer com grãos de bico que tenho numa caixa e com os quais, apresento vários exemplos sobre as operações. Em suma, sigo escravamente o ensino de operações escritas com números, conforme o que sobre esse assunto escrevi na minha conferência já aqui referida.

### 1.<sup>a</sup> Classe

Seguindo as lições dadas no ano lectivo de 935 / 936, e escritas no meu diário.

Dia 25 de Outubro

### 4.<sup>a</sup> Classe

Explicação da soma e subtracção de fracções conforme o que sobre esse assunto escrevi na minha conferência a pag. 132 e seguintes.

Em português falei sobre os substantivos e suas divisões e expliquei assim: Genèricamente falando, os meus meninos já sabem que os nomes das coisas, pessoas, animais e estados, se chamam substantivos. Mas, assim como os meninos não têm todos o mesmo nome, embora todos sejam rapazes, assim também acontece com os substantivos. E assim, os nomes das coisas dos animais e dos estados chamam-se substantivos comuns. Exemplos: pedra, lousa, lápis, gato, porco, boi, pato, solteiro, etc., etc.

Os nomes das pessoas, como por exemplo: Francisco, António, Maria, Laura, Ana, bem como os nomes das cidades, nações, rios, montanhas, aldeias, vilas, como por exemplo: Bragança, Porto, Lisboa, Mogadouro, Macedo de Cavaleiros, Alfândega da Fé, Vila – Flor, Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Sabor, Douro, Tejo, Bornes, Nogueira, Roboredo, Castro–Vicente, Vilar–Seco, Sambade,.Soiera, etc., etc., chamam-se substantivos próprios. Os nomes dos animais quando a mesma palavra

serve para indicar macho e fêmea, chamam-se substantivos epicenos. Exemplos: tigre, andorinha, rouxinol, toutinegra, etc., etc. Neste caso, quando queremos indicar o masculino, temos de dizer: tigre macho, andorinha macho, rouxinol macho e toutinegra macho; e quando queremos indicar o feminino, temos de dizer: o tigre fêmea, a andorinha fêmea, o rouxinol fêmea, a toutinegra fêmea.

Os nomes que indicam o masculino e o feminino, sabendo nós a que géneros pertencem porque o respectivo artigo o indica, chamam-se comuns de dois. Exemplos: mártir, intérprete etc. Neste caso, se pertencerem ao género masculino, diremos: o mártir, o intérprete; se pertencerem ao género feminino, diremos: a mártir, a intérprete.

Como vêm, as palavras mártir e intérprete, não variam: apenas sabemos o género a que pertencem, por causa do artigo que as antecede. Quando os nomes não variam para indicar qualquer dos dois géneros nem tão pouco o artigo que os antecede, chamam-se substantivos sôbrecomuns. Exemplos: testemunha, criança, etc. Para os meus meninos, melhor compreenderem, vá lá um exemplo: se os meus meninos forem a uma audiência e ao entrarem no tribunal encontrarem uma pessoa amiga e lhe perguntarem em que altura vai a audiência, se essa criatura lhes responder:- Está a última testemunha a depor, os meus amigos poderão dizer se essa testemunha é homem ou mulher, sem primeiro a verem ou sem que a pessoa que agora os informa os elucide a tal respeito? Não podem, ora não? O mesmo lhes acontece se ouvirem chorar alguém e se perguntarem quem chora, lhes responderem: - É uma criança. Por isso, ¶le¶s substantivos, porque têm a mesma forma para o masculino e o feminino e porque serve também o mesmo artigo para os dois casos, se chamam sobrecomuns.

Quando os nomes indicam muitas coisas ou pessoas pertencendo a um grupo ou colecção, chamam-se substantivos colectivos. É por isso que os meus meninos, dizem que viram um bando de pombas, quando vêm muitas dessas aves juntas; ou uma matilha, ou uma alcateia, ou um cardume, etc., etc., quando vêm respectivamente muitos ¶le¶, muitos lobos ou muitos peixes. Finalmente, quando os nomes indicam objectos que podemos ver, pal\_

par, e conhecer directamente, chamam-se substantivos concretos: Exemplos: mesa, casa, tinteiro, charrua, caneca, lápis, livro, etc., etc. Todos estes nomes indicam coisas que todos temos visto. O mesmo não acontece com os nomes: dor, alegria, tristeza, saúde, memória, fome, etc., etc., pois ainda ninguém viu a dor, a alegria, a tristeza, a saúde, a memória nem a fome, porque todos estes nomes indicam simplesmente ideias e não coisas materiais. Aí têm a razão porque a estes nomes chamamos substantivos abstractos. E para melhor compreensão dos alunos, tracei no quadro o seguinte esquema:

### **Substantivos:**

-----comuns	= Rosa, macaco, rua, mesa, régua, prego, charrua, etc.
-----próprios	= Francisco, Maria, Lisboa, Mogadouro, Portugal, Sabor
-----comuns de dois	= o mártir, o intérprete, etc.
-----“	= a mártir, a intérprete, etc.
-----sobrecomuns	= a testemunha, a criança, o indivíduo, etc.
-----epícenos	= tigre, andorinha, rouxinol, zebra, toutinegra, etc.
-----colectivos	= multidão, exército, arvoredos, cardume, bando, etc.
-----concretos	= andor, lápis, lousa, parede, casa, tábua, etc.
-----abstractos	= dor, alegria, alma, saúde, tristeza, etc.

Os alunos desta classe, fizeram ainda ditado no quadro

#### 3.ª Classe

Assistiu à explicação da 4.ª classe

#### 2.ª Classe

Em aritmética, operações e sempre operações seguindo sempre o caminho indicado nas lições anteriores. Em português, leitura, resumo oral do trecho lido, escrita no quadro das palavras mais difíceis da lição e cópia nos cadernos.

#### 1.ª Classe

Lições conforme as do diário já citado.

Dia 26 de Outubro

4.<sup>a</sup> Classe

Repetição das matérias dadas em português e matemática

3.<sup>a</sup> Classe

Assistiu às repetições da 4.<sup>a</sup> classe

2.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética operações e em português, leitura, resumo oral do trecho lido e cópia nos cadernos

1.<sup>a</sup> Classe

Escrita dos números de 1 a 10, conforme o que a esse respeito escrevi na minha conferência a pag 12 e seguintes. Em português leitura de frases feitas com as letras já conhecidas.

Dia 27 de Outubro

4.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética expliquei a divisibilidade, conforme o que escrevi na minha conferência a pag 117 e seguintes. Em português falei sobre adjectivos e expliquei assim:

Os meninos já sabem que as palavras que indicam qualidades se chamam adjectivos. Pois bem; estas palavras variam em género, número e grau. Os géneros, como sabem, são dois: o masculino e o feminino, servindo aquele para indicar o macho e este para indicar a fêmea. E para melhor compreenderem vou ao quadro escrever uma frase. Tomei o giz e escrevi: **Eu vi um rapaz bonito**. Depois, voltando-me para os alunos, disse-lhes:

Se lerem aquela frase, verão que há nela a palavra **rapaz**, que indica um nome, e a palavra **bonito**, que indica uma qualidade, chamando-se por esse motivo, à primeira substantivo e à segunda adjectivo. Reparando melhor, vemos que a palavra rapaz, indica um ser pertencente ao género masculino e que a palavra bonito, que indica a respectiva qualidade, concorda com ela, pois se disséssemos: eu vi um rapaz **bonita**, diríamos mal, porque colocávamos o adjectivo na forma correspondente ao feminino, o

que não aconteceria se tivéssemos indicado um nome do género feminino. E para vermos que assim é, eu vou escrever aquela frase mudando-lhe apenas o género. Dito isto, peguei no giz e escrevi no quadro por debaixo daquela frase: **eu vi uma rapariga bonita**. Como vêem, a palavra bonito tem duas formas: uma para o masculino e outra para o feminino, acontecendo o mesmo com as palavras rico, feio, alto, gordo, etc., etc..

E como as palavras rico, feio, alto, gordo, etc., etc., se chamam adjectivos porque indicam qualidades, e como têm uma forma para o masculino e outra para o feminino, pois tanto posso dizer: bonito, rico, feio, alto, gordo, como dizer: bonita, rica, feia, alta e gorda, conforme o género do substantivo qualificado, aí têm a razão porque se diz que os adjectivos variam em género. Todos, senhor professor – perguntarão daí os meninos? – Todos não. Vá lá um exemplo: Apaguei no quadro as frases escritas, e escrevi estas:

**O João é pobre    A Maria é pobre    O Manuel é feliz    A Laura é feliz**  
**O José é amável    A Ana é amável    O Carlos é prudente    A Joana é prudente**

Como vêem, os adjectivos pobre, feliz, amável e prudente, quer qualifiquem um nome pertencente ao género masculino, quer qualifiquem um nome pertencente ao género feminino, não variam, isto é, têm sempre a mesma forma. É por isso que, aos adjectivos: bonito, rico, feio, alto, gordo, etc., etc., por terem uma forma para o masculino e outra para o feminino, chamamos **biformes**; e aos adjectivos: pobre, feliz, amável e prudente, etc., etc., por terem a mesma forma para o masculino e feminino, chamamos **uniformes**.

Passando adiante. Os adjectivos variam em número. Como sabem, os números em gramática são dois: singular e plural. O singular indica uma só coisa, e o plural indica mais que uma. Pois bem, os adjectivos, também têm uma forma para o número singular e outra para o número plural. Vá lá mais exemplos. Apaguei no quadro as frases escritas, e escrevi estas:

**Tenho uvas maduras**

**matei dois coelhos fracos**

### O João deu-me bons conselhos

Como vêm, nestas frases, todos os adjectivos têm a forma correspondente ao plural, porque todos qualificam substantivos que pertencem a esse número. – E porque é que os adjectivos têm formas diferentes para o singular e plural, masculino e feminino? – Perguntarão daí os meninos.

- Porque o adjectivo tem de concordar sempre com o respectivo substantivo em número e género. – Sempre? – Sempre. Para melhor compreensão, vamos a exemplos: Se eu disser por exemplo aos meninos: **A Maria é uma rapariga feio**, - decerto soltariam uma gargalhada ou ficariam desconfiados das minhas faculdades mentais. E porque? Porque qualifiquei um nome pertencente ao género feminino com um adjectivo pertencente ao género masculino, o que não pode ser.

Se eu lhes dissesse: **tenho bois pequeno**, continuaria a errar, porque qualificaria um substantivo no número plural, com um adjectivo no singular, e isso não pode ser. E para melhor compreensão, tracei no quadro, o seguinte esquema:

Frases sem concordância	Frases com concordância
Eu vi um jardim bonitos	Eu vi um jardim bonito
Comprei peras boa	Comprei peras boas
O João é um rapaz bonita	O João é um rapaz bonito
As minhas casas são altos	As minhas casas são altas
As navalhas são pequenos	As navalhas são pequenas
A rua é estreitas	A rua é estreita
Os bois são mansa	Os bois são mansos
As vacas são gordos	As vacas são gordas

E parei por aqui, deixando a explicação dos pares para amanhã.

3.<sup>a</sup> Classe

Atendeu a todas as explicações da 4.<sup>a</sup> classe

2.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética operações e sempre operações por meio de exemplos. Em português, leitura, resumo oral do trecho lido, ditado de palavras no quadro e cópia nos cadernos.

#### 1.ª Classe

Continuo a dar lições conforme as do meu diário do ano lectivo de 935 / 936.

Dia 28 de Outubro

#### 4.ª Classe

Em aritmética, explicação de fracções conforme o que escrevi sobre este assunto na minha conferência a pag. 140 e seguintes. Em português falei sobre os graus dos adjectivos e expliquei assim: Na lição de ontem mostrei aos meninos que os adjectivos variam em número e género. Hoje vou provar-lhes que também variam em grau. A gramática diz que os graus dos adjectivos são três: positivo, comparativo e superlativo.

Quando é que um adjectivo está no grau positivo? Quando qualifica simplesmente o substantivo, isto é, quando indica simplesmente a qualidade. Exemplo: **O João é rico. A casa é alta. A rua é estreita.**

Como vêm, em qualquer [exemplos] exemplos, o respectivo adjectivo indica simplesmente a qualidade do respectivo substantivo.

Quando é que um adjectivo está no grau comparativo? Quando há vários substantivos que possuem a mesma qualidade e é necessário estabelecer diferenças que possa haver entre eles. Vá lá um exemplo: **Eu sei que o João é rico e que o António também o é.** Mas, serão ambos igualmente ricos, ou haverá diferenças? Se as há, ou o João possui mais riqueza que o António ou vice-versa. A casa em que temos a nossa sala de aula, é alta, mas também o é aquela que fica em frente. Resta-nos portanto saber, qual delas é a mais alta ou se ambas têm a mesma altura. A rua que passa junto da nossa escola é estreita e a que passa junto da igreja, também o é. Mas qual delas o será mais? Serão ambas iguais ou haverá diferença? Por estes exemplos, já os meus meninos podem compreender que, quando dois ou mais substantivos possuem a mesma qualidade, ou ela pertence aos dois em igualdade de circunstâncias, ou um deles a possui em maior ou menor grau. E daí o dividir-se o grau comparativo em grau comparativo

de superioridade, inferioridade e igualdade. Por isso, querendo estabelecer a comparação entre as riquezas do João e do António poderemos fazê-lo do seguinte modo: **o João é mais rico que o António**; ou: **o João é menos rico que o António**; ou ainda: **o João é tão rico como o António**. Se passarmos a outros exemplos, teremos: A rua que passa junto da nossa escola é mais estreita que a que passa junto da igreja; ou: A rua que passa junto da nossa escola é menos estreita que a que passa junto da igreja; ou ainda: A rua que passa junto da nossa escola é tão estreita como a que passa junto da igreja. A casa da nossa escola é mais alta que aquela que lhe fica em frente; ou: a casa da nossa escola é menos alta que a que lhe fica em frente; ou ainda: a casa da nossa escola é tão alta como a que lhe fica em frente. Se reparamos em todos estes exemplos – exemplos que tive o cuidado de escrever no quadro – verificarão que, quando a qualidade pertence ao maior grau do substantivo que está em primeiro lugar, se coloca antes dele o advérbio de quantidade maior, formando assim o comparativo de superioridade. Quando a qualidade atribuída ao primeiro substantivo está em menor grau, coloca-se antes do adjectivo o advérbio de quantidade menor, formando assim o comparativo de inferioridade; e quando a qualidade é igual para todos, então coloca-se antes do adjectivo o advérbio de quantidade **tão**, formando-se o comparativo de igualdade. Passemos agora ao superlativo.

Quando é que um adjectivo está em grau superlativo? Quando esse adjectivo é elevado a um alto grau, isto é, quando a qualidade atribuída ao substantivo é fora do vulgar. E para que os alunos compreendessem a minha afirmação, fui ao quadro, apaguei as frases escritas e substituí-as por estas:

**O João é rico      O João é riquíssimo      A casa é alta      A casa é altíssima**  
**A rua é estreita      A rua é estreitíssima**

Se os meus meninos lerem as duas frases do primeiro exemplo, reconhecerão, sem grande esforço, que há grande diferença entre a qualidade

atribuída no primeiro caso ao João e a que lhe é atribuída no segundo, embora seja a mesma em ambos os casos. No primeiro caso, é uma qualificação normal, dentro do vulgar; no segundo, já não, porque é fora do vulgar, já é exagerada - permitam-me a expressão.

Se analisarmos os outros exemplos, encontramos precisamente a mesma diferença. Aqui tem a razão porque sempre que o adjectivo exerça as funções do primeiro caso de cada um destes exemplos, dizemos que está no grau positivo; e quando exerça as do segundo, dizemos que está no superlativo absoluto simples. **Superlativo**, porque a qualidade aparece num grau elevado; **absoluto**, porque esta qualidade é independente, isto é, diz respeito apenas àquele ou àqueles substantivos que a possuem sem se estabelecer comparação com outros que a possuam também em grau elevado; **simples**, porque basta acrescentar ao adjectivo a terminação **íssimo** para que a respectiva qualidade fique elevada a um alto grau. E porque eu posso dizer riquíssimo ou muito rico, altíssimo ou muito alto, estreitíssimo ou muito estreito, pois ambas as formas indicam a qualidade no mesmo grau, daí a razão porque divido o grau superlativo absoluto em simples e composto. Simples, quando o adjectivo tiver a terminação **íssimo**; composto, quando for antecedido pelo advérbio de quantidade muito.

Passemos agora ao superlativo relativo. O adjectivo está no grau superlativo relativo quando a qualidade por ele indicada sobe ao mais alto grau ou desce ao mais baixo, estabelecendo comparação. O superlativo relativo, para mim, é um comparativo exagerado. Vá lá um exemplo para melhor compreensão. Se eu disser: **o António é o aluno mais estudioso desta escola**, afirmo sem dúvida que os mais alunos também possuem a qualidade de serem estudiosos, mas todos em menor grau que o António. Para eu fazer aquela afirmação, fui obrigado a comparar o António com os mais alunos e a concluir que só ele possui aquela qualidade em tal grau, que os mais lhe são inferiores. Se, pelo contrário, eu disser: O António é o menos estudioso, já o coloco no grau mais inferior elevando os outros. Mas quer num caso, quer no outro, fui sempre obrigado a comparar para poder fazer aquelas afirmações. Ora como o superlativo relativo serve ou para elevar o adjectivo ao mais alto grau ou para o fazer descer ao mais baixo, daí a razão porque o su\_

perlativo relativo se divide em superlativo relativo de superioridade e superlativo relativo de inferioridade. Aquele forma-se colocando antes do adjectivo o mais, ou a mais, os mais ou as mais; este, forma-se colocando antes do adjectivo: o menos ou: a menos; os menos ou: as menos.

Em suma, para mim, há simplesmente dois graus: o positivo e o comparativo. O positivo exagerado – deixai passar a afirmação – elevado a um alto grau, gera o superlativo absoluto simples; e o comparativo exagerado, elevado a um alto grau, gera o superlativo relativo. Há ainda a acrescentar a seguinte circunstância que não deixa de ser importante. O superlativo relativo de inferioridade, é sempre o superlativo relativo de superioridade do respectivo antónimo. – E o que é um antónimo, senhor professor – perguntarão vocês? – è uma palavra, cuja significação é contrária, completamente antagónica a de outra. Exemplo: O antónimo de bom, é mau; de rico, é pobre; de feliz, é infeliz; de gordo, é magro; de bonito, feio, etc., etc., etc. Por isso quando eu digo que **o António é o menos rico**, digo o mesmo que diria se dissesse: **o António é o mais pobre**. Quando digo: **O João é o menos feliz**, digo o mesmo que diria se dissesse: **o João é o mais infeliz**, etc., etc., etc.

E agora vá o seguinte esquema para melhor compreensão do assunto explicado:

	Positivo			
		superioridade	<i>mais</i>	
	Comparativo	inferioridade	<i>menos</i>	
Adjectivo		igualdade	<i>tão</i>	
			Simple	<i>íssimo</i>
		<b>absoluto</b>	composto	<i>mui ou muito</i>
	Superlativo			
			superioridade	<i>o mais ou a mais, etc.</i>
		<b>relativo</b>	inferioridade	<i>o menos ou a menos, etc.</i>

os alunos desta classe fizeram também ditado nos cadernos.

3.<sup>a</sup> Classe

Assistiu às lições da 4.<sup>a</sup> classe

2.<sup>a</sup> Classe

Operações, leitura, resumo oral do trecho lido, escrita das palavras mais difíceis no quadro e cópia nos cadernos.

1.<sup>a</sup> Classe

Escrita dos números de 1 a 10 e respectivas operações. Em português, leitura das seguintes frases, construídas com as letras aprendidas até agora, e que são as seguintes: **a e i o u**

**l f t m n g j??**

**o teu pai matou o pato**

**a tua tia foi à janela**

**o meu gato é mau**

**o mapa é teu**

**o teu tio foi na tipóia à mata**

**a lima é tua**

**o gato foi à panela**

**o meu tio já pagou ao janota**

Dia 29 de Outubro

4.<sup>a</sup> Classe

A esta classe bem como a todas as outras, foi dada uma lição de moral, baseada nos ensinamentos de Jesus, uma lição de ginástica e uma lição de canto coral.

Dia 31 de Outubro

4.<sup>a</sup> Classe

Repetição das matérias dadas em português e aritmética

3.<sup>a</sup> Classe

Assistiu à repetição da 4.<sup>a</sup> classe

2.<sup>a</sup> Classe

Operações e sempre operações concretizadas com os grãos de bico, dos quais nos servimos para efectuar somas, subtracções, multiplicações e divisões, insistindo constantemente no seguinte, que para mim é essencialíssimo na aprendizagem das ope\_

rações: somar é juntar, multiplicar é repetir, subtrair é tirar um número de outro uma só vez, e dividir é tirar um número de outro, tantas vezes quantas se possa. Costumo mandar fazer somas e ao lado dar um exemplo de somas com parcelas iguais para levar os alunos a aprenderem a diferença que há entre somar e multiplicar; assim como também na mesma ocasião em que apresento um exemplo para a subtracção apresento logo ao lado outro para a divisão, para que os alunos saibam que em ambas as operações se tira um número doutro e que a diferença entre elas está apenas no número de vezes que uma quantidade se tira de outra.

1.<sup>a</sup> Classe

Continuo a dar lições pelo meu diário de 935 / 936

Dia 1 de Novembro

4.<sup>a</sup> Classe

Por ser dia santo as lições desta classe ficam transferidas para a manhã de sábado, como preceitua a lei.

3.<sup>a</sup> Classe

Idem

2.<sup>a</sup> Classe

Como trabalho desdobrado, os alunos desta classe, fizeram-me o favor de não aparecer na escola, dando-me um feriado que fui agradecendo em segredo em passeio ameno pelos campos desta linda terra, gozando os tépidos raios dêste sol outoniço.

1.<sup>a</sup> Classe

Idem

Dia 2 de Novembro

4.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética, falei sobre o emprego da vírgula, conforme o que a

êsse respeito escrevi na minha conferência a pag. 155 e seguintes. Além dos esquemas apresentados na minha conferência, apresento mais êste:

(b)

Milhões	Centenas de Milhar	Dezenas de Milhar	Milhares	Centenas	Dezenas	Unidades Simples
2	8	7	6	5	4	3
2	8	7	6	5	<b>4,</b>	3
2	8	7	6	<b>5,</b>	4	3
2	8	7	<b>6,</b>	5	4	3
2	8	<b>7,</b>	6	5	4	3
2	<b>8,</b>	7	6	5	4	3
<b>2,</b>	8	7	6	5	4	3
Unidades simples	Unidades simples	Unidades simples	Unidades simples	Unidades simples	Unidades simples	Unidades simples

Em português repetição das matérias dadas, leitura, resumo oral do trecho lido e ditado nos cadernos.

3.<sup>a</sup> Classe

Assistiu às lições da 4.<sup>a</sup> classe

2.<sup>a</sup> Classe

Operações, escrita de números de 100 a 150, seguindo o mesmo método indicado na minha conferência. Em português, leitura, resumo oral do trecho lido e cópia nos cadernos

1.<sup>a</sup> Classe

Lições como as do meu diário de 935 / 936

Dia 3 de Novembro

4.<sup>a</sup> Classe

Fui hoje dar um passeio com os alunos desta classe e da terceira para lhes explicar praticamente as medidas de comprimento. Procedi como sempre procedo nesta lição e como explico na minha conferência a pag.160

e seguintes. Devo acrescentar que para esta lição fui apenas munido de uma fita métrica e que levei as medições até ao quilómetro. Durante a medição não deixei descansar os alunos, pois as perguntas sucediam-se sem descanso para os obrigar a tomar sentido na relação e no número de unidades de ordem inferior ?? havia dentro da medida feita. Esta lição demorou 3 horas e por isso nada mais ensinei porque trabalho com as classes desdobradas e é este o tempo destinado à 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup>

#### 2.<sup>a</sup> Classe

Escrita de números, ou por outra, repetição da escrita de números de 100 a 150, e operações cujo resultado não ultrapasse êsse número. Em português leitura, resumo oral do trecho lido, ditado de palavras no quadro e cópia nos cadernos.

#### 1.<sup>a</sup> Classe

Lições como as do meu diário de 935 / 936. Não cito páginas, porque sigo par e passo as lições dadas nos mesmos dias, com pequena diferença.

Dia 4 de Novembro

#### 4.<sup>a</sup> Classe

Antes de partir com os alunos para um novo passeio para a explicação das medidas de superfície, fui obrigado a dar-lhes a primeira lição de geometria, explicando-lhes o que é ponto, linha e superfície. Para isso falei assim: Meninos, ontem fomos aprender as medidas chamadas lineares ou de comprimento. Porque é que se chamam medidas lineares? Porque abrangem uma só dimensão chamada comprimento e a essa dimensão é própria das linhas. Sim, uma linha, só tem uma dimensão e a essa dimensão convencionou-se que se chamasse comprimento. E o que é uma linha? Se consultarmos o livro, responder-nos-á: linha é uma série de pontos. Se perguntarmos ainda ao livro o que é ponto, responder-nos-á : ponto, é um espaço sem dimensões.

Logo, se o ponto é um espaço sem dimensões, poderemos marcar um ponto, traçá-lo? Não, porque sendo um espaço sem dimensões, o ponto, na verdadeira acepção da palavra, é uma abstracção. Pois bem, meus me\_

linhas, se um ponto é uma abstracção, uma linha é também uma abstracção porque é formada por uma série de pontos colocados em fila, um a um e unidos. Em suma, o caminho percorrido por um ponto no espaço é que se chama linha. Será possível traçar uma linha? Nem é possível traçar uma linha nem um ponto. As linhas que traçamos no quadro não são linhas, mas sim volumes: chamamos-lhe linhas porque assim é necessário para fazer o estudo da geometria. A palavra geometria significa medida da terra, porque se compõe de **goe** e **metria**. **Geo**, terra, e **metria**, medida.

Aqui têm a razão porque as medidas que ontem estudamos, por medirem uma só dimensão, se chamam medidas lineares ou de comprimento. Hoje vamos estudar as medidas chamadas de superfície, porque abrangem duas dimensões. Portanto a superfície, na verdadeira acepção do termo, é gerada pela linha a mover-se no espaço.

Como o assunto era demasiado abstracto para crianças, quando cheguei a esta altura da explicação, tomei uma linha de carrinho, estiquei-a entre os dedos das minhas mãos, voltei-me de frente para os alunos e disse-lhes: se eu fizer subir ou descer esta linha da posição em que agora se encontra, traço no espaço uma outra dimensão além daquela que a linha já ocupa. Essa nova dimensão, convencionaram os homens que se chamasse largura, como convencionaram que se chamasse superfície ao espaço que abrange comprimento e largura. Se eu lhes quizer dar um exemplo de superfície, só lhes posso indicar a sombra, pois é a única que, na verdade, só abrange as duas dimensões indicadas. Em todas as demais coisas, há uma terceira dimensão. Querem saber qual é essa dimensão e quem a gera? Larguei o fio de carrinho, tomei uma folha de papel, voltei-me para os alunos e disse-lhes: Tenho na mão esta folha de papel que, à falta de melhor, nos serve de exemplo para uma superfície. Para isso é necessário que os meus meninos a julguem tão delgada, tão ténue, tão fina, que não abranja mais que o comprimento e a largura. Pois bem, se eu a fizer subir ou descer ela gera no espaço uma terceira dimensão, à qual os homens convencionaram se chamasse altura, e ao espaço ocupado por essas três dimensões, convencionaram se chamasse volume.

Portanto, recapitulando: espaço sem dimensão, ponto. Espaço com uma só dimensão, linha. Espaço com duas, superfície, e espaço com três, volume.

Hontem verificaram que as medidas de comprimento variam na razão de um para dez, o que quer dizer que cada unidade tem dentro de si, dez unidades da ordem imediatamente inferior. Já sabem que razão quer dizer o número de vezes que uma unidade pode ser tirada doutra unidade, isto tratando-se de medidas. Pois bem, as medidas que hoje vamos estudar não variam dum para dez. Lá no campo veremos como isso é.

Dito isto mandei preparar os alunos para sair. Devo dizer que o material de hoje se compõe duma fita métrica, de 280 m de fio grosso, parece-me que lhe chamam fio do norte, e de 40 estacas que mandei arranjar aos rapazes há poucos dias de propósito para esta lição. Saímos da escola e dirigimo-nos ao lugar do prado onde há uma lameira pública que deve ter uns cento e tal metros de comprimento por uns 90 a 100 de largura. Nunca tinha estado em tal lugar e fiquei satisfeitíssimo porque já sei para onde hei-de vir fazer as minhas explicações sobre sistema métrico e geometria.

Chegados ao campo, medi no terreno um metro de comprimento, espetei duas estacas nos seus extremos, mais depois um metro de largura a partir dessas estacas espetando uma estaca no extremo de cada um dos metros medidos, e assim consegui espetar 4 estacas marcando um metro quadrado. Depois, voltado a assentar o metro entre duas estacas, espetei na terra, junto da fita, uma estaca em cada décímetro, e fiz assim nos quatro lados do quadrado, formando assim uma sebe de 40 estacas. Depois disse aos alunos: Como vêm temos aqui um quadrado de terreno que mede em cada lado um metro, ou seja o espaço percorrido por uma linha com o comprimento de um metro, não indo esse percurso além de um metro de largura. Este terreno rodeado pelas estacas, porque mede um metro de comprimento e outro de largura, chama-se um metro quadrado. Também lhe podemos chamar centiare, o nome pelo qual os homens convencionaram fosse conhecido o metro quadrado em agrimensura. A palavra agrimensura significa o mesmo que agrimensão, ou seja, medição de terras. Já vêm portanto que o metro quadrado quando serve para medir terrenos se chama centiare.

Ora a unidade de medida imediatamente inferior ao metro, é o décímetro. Vamos ver portanto quantos décímetros quadrados tem dentro de si o metro quadrado. Dito isto tomei o nove\_

lo de fio, atei uma das extremidades a uma das estacas de um dos extremos do quadrado, passei-a à volta de todo o quadrado e uni cada estaca que marcava um decímetro com a sua correspondente no lado oposto, isto até chegar à última no sentido do comprimento, fiz o mesmo no sentido da largura, e consegui assim dividir o metro quadrado em cem quadrados de um decímetro de lado. Depois mandei contar os quadrados aos alunos e depois de terem verificado que eram cem, disse-lhes: Como viram ontem, o metro linear, porque só tem uma extensão, não tem dentro de si mais que 10 decímetros. Hoje vêem que o metro quadrado, porque mede duas dimensões: comprimento e largura, tem dentro de si 100 decímetros quadrados ou seja 100 unidades das imediatamente inferiores.

Se nos fôsse possível fazer igual experiência com o decímetro quadrado, verificaríamos que teria dentro dele 100 centímetros quadrados e repetindo a experiência para o centímetro quadrado verificaríamos que continha 100 milímetros quadrados. Mas para que os meus meninos não tenham dúvidas, vamos fazer igual demonstração para o decâmetro quadrado. Dito isto, tornei a enrolar o fio, foram arrancadas as estacas pelos alunos, desenrolou-se a fita métrica, mediram-se dez metros no terreno e espetei uma estaca em cada um dos extremos. Medi depois, a partir de cada uma dessas estacas dez metros de largura, e espetei mais duas estacas, tendo o cuidado de rectificar a distância entre elas. Conseguida assim a demarcação de um decâmetro quadrado; procedi de igual modo que para o metro quadrado, obtendo assim a divisão deste quadrado em 100 quadrados de um metro de lado. Depois mandei vários alunos percorrer êsse quadrado à volta, contar os quadrados que se encontravam dentro dele, e depois de todos se terem certificado de que eram 100, disse-lhes: Meus meninos, o terreno limitado por estas estacas, chama-se um decâmetro quadrado por ter quatro lados cada um com um decâmetro de comprimento. Quando o decâmetro quadrado nos indica medida de terreno como aqui, chama-se **are**.

Os meninos viram que o metro quadrado tinha 100 decímetros quadrados, ou seja 100 unidades das imediatamente inferiores, e agora vêem que, com o decâmetro quadrado se passa o mesmo, isto é, que dentro dele há 100 quadrados, cada um igual a um metro quadrado. Por êstes exemplos já podem concluir que todas as unidades pertencentes às medidas de

superfície, têm dentro de si 100 unidades das imediatamente inferiores, e é por isso que dizemos que estas unidades variam na razão de 1 para 100. Se nos fosse possível medir um hectómetro quadrado, ou seja um quadrado com 10 decâmetros de lado, verificaríamos da mesma maneira que teria dentro dele 100 decâmetros quadrados e se nos fosse possível ainda medir um quilómetro quadrado, ou fôsse um quadrado com 10 hectómetros de lado, verificaríamos também que teria dentro dele 100 hectómetros quadrados. Ao hectómetro quadrado, chama-se também hectare, e ao quilómetro quadrado miriare.

Esta lição demorou 3 horas e meia, mais que o tempo consagrado a esta classe e por isso não me foi possível ensinar mais nada.

### 3.<sup>a</sup> Classe

Assistiu à lição da 4.<sup>a</sup> classe

### 2.<sup>a</sup> Classe

Operações e sempre operações. Em português leitura, resumo oral do trecho lido, ditado no quadro de palavras e cópia nos cadernos.

### 1.<sup>a</sup> Classe

As letras aprendidas até hoje são estas: **a e i o u l t f g p j d m n c**

Os alunos leram as seguintes frases escritas no quadro:

**O capote do meu pai é feio e o meu é de pano fino. O papel do meu tio é feito de pano. O dedo do meu pé é delgado. A caneca caiu à água. O macaco é mau. A dama é da tua aldeia. O papagaio caiu ao lago.**

Dia 5 de Novembro

### 4.<sup>a</sup> Classe

Por terem sido transferidas para hoje as horas lectivas do dia 1.<sup>o</sup> repetimos as matérias dadas em português e aritmética

### 3.<sup>a</sup> Classe

Assistiu às lições da 4.<sup>a</sup> classe

Dia 7 de Novembro

4.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética explicação das medidas de volume, capacidade e pêso, conforme o que sôbre êsse assunto escrevi na minha conferência a pag 172 e seguintes. Em português explicação dos pronomes pessoais e possessivos. Para fazer essa explicação falei assim: Meus meninos, há em gramática umas palavras que se chamam pronomes, por serem palavras que servem para tornar os nomes conhecidos simplesmente indicando-os. Os pronomes podem se pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos e indefinidos. Os pronomes pessoais são aqueles que servem para indicar as próprias pessoas. As pessoas em gramática são três, a saber: 1.<sup>a</sup> pessoa ou a pessoa que fala; segunda pessoa, ou a pessoa a quem se fala e terceira pessoa, ou a pessoa de quem se fala. Se o menino – disse eu dirigindo-me a um dos alunos – me quiser dizer que pratica a acção de cantar, como me diz? – Eu canto. – Sim, disse muito bem. – Se examinar as palavras dessa frase, encontrará uma que lhe diz qual é a pessoa que pratica a acção, e essa palavra é o **eu**. E sabe porque é que o menino empregou o **eu**? Porque a pessoa que fala é o menino e por isso foi obrigado a empregar o **eu**, porque só essa palavra é a que serve para indicar a pessoa que fala. Mas se a acção de cantar fôsse também praticada por êsse rapaz que está sentado ao seu lado, e o menino também dele me quisesse falar, já seria obrigado a dizer-me: **nós**, cantamos, servindo o **nós** para indicar também a pessoa que fala, mas que era mais que uma. Se o menino quisesse dizer ao seu companheiro que era êle que praticava a acção de cantar, como lhe dizia? – **tu** cantas.- é isso mesmo. – Qual é a palavra que na frase nos indica qual é a pessoa que pratica a acção? - É o **tu**. E sabe porquê? Porque o menino, falou a um seu companheiro. Agora já não é o menino que fala; porque se fôsse, teria de dizer: **eu** canto. Já vê portanto que a palavra **tu** é por nós empregada, quando falamos a alguém. Se o menino se dirigisse aos seus companheiros e lhes quisesse dizer que praticavam a acção de cantar, dir-lhes- ia: **vós** cantais. Já vê que tanto o **tu** como o **vós**, servem para indicar a pessoa a quem falamos, empre\_

gando-se a primeira quando a pessoa a quem se fala é só uma, e a segunda quando a pessoa a quem se fala é mais do que uma. Se eu e o meu menino quiséssemos dizer que aquele menino praticava a acção de cantar, teríamos de dizer: **êle** canta. Nesta frase, a palavra que nos indica quem praticou a acção, é a palavra **êle**. E porque é que neste caso temos de empregar a palavra **êle** para indicar a pessoa que pratica a acção? Porque tanto eu como o meu amigo, falávamos de alguém, e porque êsse alguém é só uma pessoa, fomos obrigados a empregar a palavra **ele**; pois se em vez de falar só daquele menino, falássemos de todos os meninos desta escola, teríamos de dizer: **êles** cantam. Aqui têm a razão porque as palavras **eu, tu, ele ou ela, nós, vós, eles ou elas**, se chamam pronomes pessoais: Porque indicam directamente as pessoas que falam, ou a quem falamos ou de quem falamos. Há ainda outras palavras que também se chamam pronomes pessoais, mas que não servem para indicar a pessoa que fala ou a quem se fala ou de quem se fala, mas sim para indicar quem sofre a acção. Querem ver? Se eu disser: O João roubou-me, qual das palavras desta frase é a que serve para dizer qual é a pessoa que sofreu a acção de ser roubada? É a palavra **me**, não é verdade? E porque é que eu emprego a palavra **me**? Porque sou eu a pessoa que fala. Eu podia substituir o **me** pelo meu nome e então diria: O João roubou o Dionísio. Mas se assim dissesse diria mal, porque iria falar dalguém, quando é certo que êsse alguém sou eu, a pessoa que fala, e por isso vou dizer: **O João roubou-me**, servindo este **me**, para dizer: **me a mim**, Dionísio, pessoa que fala. É por isso que o pronome pessoal **me**, é uma forma de pronome pessoal **eu**. Corresponde ao **eu**. Se eu disser: **O João roubou-te**, a palavra que nesta frase indica a pessoa que sofreu a acção de ser roubada, é o **te**. E porque é que emprego o **te**? Porque estou a falar a alguém e êsse alguém é só uma pessoa; pois se fôsse mais que uma, teria de dizer: o **João roubou-vos**. É por isso que as palavras **te** e **vos**, se chamam pronomes pessoais e são formas respectivamente do pronome **tu** e **vós**. Há bocado, no primeiro exemplo, esqueci-me de apresentar o plural, ao qual corresponde o pronome pessoal **nos**. Sim, se eu quisesse dizer que não tinha sido só eu a pessoa roubada, mas também aquele menino, seria obrigado a dizer: **O João roubou-nos**.

Este **nos** é a forma correspondente ao pronome pessoal **nós**.

Se eu disser: **o João roubou-se**, a palavra que na frase indica a pessoa que sofreu a acção, é o **se**. E porque emprego o **se**? Porque falo dalguém. É preciso notar, desde já, que este pronome tanto se emprega quer a pessoa de quem se fala seja só uma, como mais de uma, e de que só se emprega quando a pessoa ou pessoas de quem se fala praticarem e sofram a acção indicada pelo verbo. Se a pessoa ou pessoas de quem se fala sofreram apenas a acção, então emprega-se o **lhe** ou **lhes**. Exemplo: **Roubaram-lhe as peras**. Nesta frase, a palavra que indica a pessoa que sofreu indirectamente a acção indicada pelo verbo é o **lhe**, que neste caso quer dizer: a ele ou a ela. Se a pessoa que sofresse indirectamente a acção fôsse mais que uma, diríamos: **Roubaram-lhes** as peras, isto é, **lhes** a **eles** ou a **elas**. Donde concluímos que o **se** e o **lhe**, são formas do pronome pessoal **êle**, servindo o **se** também para o plural. E o **lhes**, é a forma do pronome pessoal **êles**.

Para melhor compreensão apresentei no quadro o seguinte esquema:

- 1.<sup>a</sup> pessoa ----- do singular ----- = **eu** – forma correspondente = **me**  
do plural ----- = **nós** - forma correspondente = **nos**
- 2.<sup>a</sup> pessoa ----- do singular ----- = **tu** - forma correspondente = **te**  
do plural ----- = **vós** - forma correspondente = **vos**
- 3.<sup>a</sup> pessoa ----- do singular ----- = **êle** – **ela** - forma correspondente = **se** e **lhe**  
do plural ----- = **êles** - **elas** - forma correspondente = **se** e **lhes**

Há agora outras palavras que também se chamam pronomes e cujo emprego vamos estudar. Dito isto, peguei num livro, dirigi-me a um dos alunos e disse-lhe: **Êste livro é meu**. Em seguida perguntei-lhe: Qual é a palavra nesta frase que indica a pessoa a quem o livro pertence? – É a palavra **meu**. – Sabe porque é que empreguei a palavra meu para designar a pessoa a quem o livro pertence? Não sabe? Pois digo-lho eu: Porque o livro pertence à pessoa que fala. Se o livro pertencesse também ao meu amigo e continuasse a ser eu a pessoa que o dissesse, deveria dizer nesse caso: **O livro é nosso**. Daqui concluímos que as palavras **meu** e **nosso**, servem para indicar que os objectos pertencem à primeira pessoa, isto é, à pessoa que fala. Se o livro pertencesse ao meu amigo, eu teria de dizer: **O livro é teu**. Se êle pertencesse ao meu menino e a êsse seu companheiro, e continuasse a ser eu a pessoa que o dissesse, deveria dizer: **Êste livro é vosso**. Como vê, as palavras **teu** e **vosso**, são as que nestas frases indicam, respectivamente, as pessoas a quem o livro pertence, servindo em ambos os casos para indicar que a pessoa possuidora dos livros, é a segunda ou seja, a pessoa a quem se fala. Há agora outro pronome que se emprega para designar que o objecto é possuído pela 3.<sup>a</sup> pessoa, mas que também se emprega para a segunda, quando entre as pessoas que falam não há a intimidade do tratamento por tu. Sim, se eu não tratar o meu menino por tu, e quiser dizer que êste livro lhe pertence, terei de dizer: Este livro é **seu**. Neste caso o **seu** serve para indicar a pessoa a quem se fala, e isto porque entre a pessoa que fala e aquela a quem se fala, não há uma amizade tal, que autorize entre elas o tratamento de tu. Êste exemplo chega para saber compreender em que casos o **seu** é empregado para designar que o objecto pertence à segunda pessoa. Agora se eu e o menino falássemos dum rapaz chamado António e eu lhe quisesse dizer que êsse rapaz se comportava exemplarmente, diria: **O António é bom rapaz. O seu comportamento é exemplar**. Aqui tem na última frase a palavra **seu** a designar que o comportamento exemplar é possuído pela terceira pessoa, pois o **seu** quer dizer neste caso: **seu, dele**, António, pessoa de quem falamos. Já viram portanto os meus meninos que as palavras: **meu, teu, seu, nosso e vosso**, servem para indicar a quem as coisas pertencem, e que por isso se chamam pronomes possessivos. Estas palavras são variáveis, isto é, têm uma forma para o singular outra para o plural, uma para o femi\_

nino e outra para o masculino. Para melhor compreensão de todas essas formas tracei no quadro o seguinte esquema:

1.<sup>a</sup> pessoa do singular -----O livro é **meu**

A pena é **minha**

Os livros são **meus**

As penas são **minhas**

do plural -----O livro é **nosso**

A pena é **nossa**

Os livros são **nossos**

As penas são **nossas**

2.<sup>a</sup> pessoa do singular ----O livro é **teu**

A pena é **tua**

Os livros são **nossos ??**

As penas são **nossas ??**

do plural ----- O livro é **vosso**

A pena é **vossa**

Os livros são **vossos**

As penas são **vossas**

3.<sup>a</sup> pessoa do singular ---- O livro é **seu**

A pena é **sua**

Os livros são **seus ??**

As penas são **suas ??**

do plural ----- O livro a é **seu ??**

A pena é **sua ??**

Os livros são **seus**

As penas são **suas**

### 3.<sup>a</sup> Classe

Assisti às lições da 4.<sup>a</sup> classe.

### 2.<sup>a</sup> Classe

Operações e seu emprego na vida prática, seguindo sempre a orientação seguida na minha conferência sobre aritmética. Em português leitura, resumo do trecho lido, ditado de palavras no quadro e cópia nos cadernos.

### 1.<sup>a</sup> Classe

Os alunos leram e escreveram a lição do meu diário do ano lectivo de 935 / 936, escrita a pag. 20 e 21.

Dia 8 de Dezembro

### 4.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética expliquei as equivalências conforme o que escrevi na minha conferência a pag. 186 e seguintes. Também expliquei superfícies, conforme o que escrevi na minha conferência a pag. 194 e seguintes.

Dei hoje a primeira lição de história e expliquei assim: Meus meninos, antigamente, em tempos que já lá vão há muito tempo, o território que hoje pertence, ou por outra, que hoje constitue os países chamados Portugal e Espanha, era chamado península ibérica, porque os habitantes que então estavam de posse dessas regiões se chamavam iberos. Êsses iberos viviam em contacto directo com a natureza. Não possuíam casas, viviam em cavernas cujas entradas tapavam com grandes penedos para não serem atacados pelas feras durante a noite. Viviam da caça, e da pesca, e vestiam-se com as peles dos animais que caçavam. A península ibérica ficava separada do resto da Europa, como ainda hoje fica, por umas montanhas chamadas os montes Pirinéus. Para lá desses montes e logo a seguir, estendia-se uma região que se chamava a Céltica, por ser habitada por uns homens chamados Celtas. Essa região pertence hoje à França. Os Celtas eram altos, fortes, destemidos e viviam à imagem e semelhança dos iberos. Em dias de tempestade jogavam setas ao mar para o matar, e às nuvens para matar o trovão. Um dia atravessaram os Pirinéus e entraram na península ibérica, travando lutas com os iberos. Guerrearam-se durante alguns anos e acabaram por se tornar amigos, fundindo-se num só po\_

vo que se ficou chamando o povo **Celtibero**. Espalhou-se depois êsse povo por toda a península e tomou vários nomes conforme as regiões que ficou habitando. Assim os que se estabeleceram numa região chamada Cantábria ficaram-se chamando cântabros; os que se estabeleceram nas Astúrias, ficaram-se chamando asturianos; os que se estabeleceram na região das Vascongadas, ficaram se chamando vascongos; os que se estabeleceram na região chamada a Lusitânia ficaram-se chamando os lusitanos, etc., etc., etc. Devo dizer-lhes que a Lusitânia fazia parte do território que hoje pertence a Portugal e que os lusitanos foram os homens mais guerreiros e valentes de tôda a península.

Como o território da península era muito fértil e abundante em metais, tornou-se cobiçado pelos povos das outras nações. Os homens que vieram depois dos celtas a explorar as riquezas da península, foram os fenícios, habitantes da Fenícia, região que ficava nas margens orientais do mar Mediterrâneo. Os fenícios eram navegadores e comerciantes e a sua acção estendeu-se para além da Inglaterra onde eles iam procurar o estanho e outros minerais. Também exploraram a África não se sabendo ainda hoje até que ponto porque não restam documentos comprovativos de tais explorações. Aqui na península estabeleceram-se à beira mar. Depois deles vieram os gregos. Tanto uns como outros, trataram apenas da exploração das riquezas do solo para voltarem com elas para as suas pátrias. Apareceram depois os cartaginezes e tentam a conquista da península. Chamavam-se cartaginezes porque a capital da sua pátria era a cidade de Cartago, no norte de África. Os cartaginezes eram ambiciosos e senhores da maior parte do comércio do mundo então conhecido. Havia então outro povo que odiava profundamente os cartaginezes e disputava a sua supremacia. Era o povo romano, assim chamado, porque a capital da sua pátria era a cidade de Roma. Como êsse ódio fôsse crescendo dia a dia, as duas nações envolveram-se em lutas, lutas essas que ficaram conhecidas na história por guerras púnicas, terminando pela vitória de Roma e pela destruição de Cartago. Como os cartaginezes estavam quase senhores da península ibérica, foram dela expulsos pelos romanos, ficando estes senhores das regiões ocupadas pelos cartaginezes, e mais tarde empreenderam a conquista definitiva de toda a península, o que conseguiram depois de vários anos de luta. Vem agora a talhe de foice falar-vos dos luzitanos, desses valentes que viviam junto aos montes Hermínios, chamados

hoje Serra da Estrêla, uma das serras do nosso querido Portugal. Os luzitanos eram pastores e eram poucos porque a Luzitânia era uma pequena região. Submeteram-se ao domínio dos romanos, porque êstes, depois da destruição de Cartago, ficaram senhores de quase todo o mundo então conhecido. No entanto os luzitanos revoltavam-se a toda a hora, contra estes dominadores, e por isso os romanos eram obrigados a reforçar as suas legiões para os manter em respeito. Um dia, o governador romano chamado Sulpício Galba, para se vingar dos luzitanos, mandou fazer neles uma grande matança. Um grito de revolta ecoa em toda a Luzitânia. Aparece um homem a chamar os seus compatriotas para a guerra contra êsses romanos invasores, pedindo vingança para os seus irmãos barbaramente assassinados. Êsse homem chamava-se Viriato. Forma um exército pequeno em número mas muitíssimo grande em coragem, e, ó maravilha do heroísmo, consegue infligir aos romanos derrotas formidáveis, durante 10 anos de luta. Nunca os romanos haviam encontrado general mais valente nem exército mais aguerrido. Não podendo os romanos vencer o Viriato pela força, tratam de vencê-lo pela traição. Compraram dois soldados do seu exército, para o assassinar prometendo-lhes grande recompensa. É executado o assassinio pelos dois traidores e os luzitanos ficam sem chefe que os dirija. Não desanimam. Convidam para os capitanear a Sertório, general romano que fugira de Roma para a África, para se livrar da morte a que fora condenado por questões políticas. Aceite o convite por Sertório, continua a luta até que os romanos conseguem também mandar assassinar o Sertório, sendo obrigados então os luzitanos a entregar-se ao domínio romano. Os romanos estiveram senhores da península até às grandes invasões dos povos bárbaros. Os romanos chamavam bárbaros a todos os povos que não pertenciam ao seu império. Um desses povos, que vivia na Ásia, chamava-se o povo visigodo. Êsse povo depois de uma série de lutas consegue vencer os romanos e tomar conta de quase todo o território que hoje pertence à França. Passou depois à Espanha e tomou conta da península. Os visigodos fundaram uma monarquia que durou alguns séculos. No tempo em que os visigodos eram governados pelo rei Rodrigo, foi a península invadida pelos árabes que venceram o Rodrigo na batalha de Guadabeca.

Depois desta explicação de história, fiz ditado aos alunos.

### 3.<sup>a</sup> Classe

Assistiu às aulas da 4.<sup>a</sup> classe

### 2.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética emprêgo das operações por meio de muitos e variados problemas. Em português leitura, resumo oral do trecho lidos e cópia nos cadernos.

### 1.<sup>a</sup> Classe

Leram e escreveram a lição escrita no meu diário de 935 / 936, a pag 23 e 24

Dia 9 de Novembro

### 4.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética explicação de volumes, conforme o que escrevi na minha conferência a pag 201 e seguintes. Continuei a explicar história e falei assim: Depois da derrota sofrida pelos visigodos em Guadabeca segundo uns e Guadalete segundo outros, os árabes continuaram a conquista da península indo os restos do exército de Rodrigo refugiar-se nas montanhas das Astúrias, capitaneados por Pelágio. Os árabes vendo arvorado o pendão visigodo no meio daquelas montanhas, tentam conquistá-las. Os visigodos defendem-se desses ataques, fazendo rolar enormíssimos penedos pelas encostas, que abriam enormes brechas nas fileiras inimigas. É assim que Pelágio vai infligindo perdas consideráveis aos mouros. Um dia, quando reconheceu que podia oferecer batalha aos mouros em campo descoberto, desce das montanhas, encontra-se com os mouros em Covadonga e inflige-lhes uma tremenda derrota. Depois desta batalha, Pelágio principia a reconquista da península, reconquista esta que levou séculos a completar. Depois da morte de Pelágio, os seus filhos dividiram entre si o território conquistado por seu pai, e assim se formaram vários reinos, sendo dentre eles o mais importante o reino de Leão. Quando este reino era governado por Afonso VI, apareceram dois fidalgos franceses que prestaram grandes serviços a êste rei nas lutas contra os mouros. Êsses fidalgos eram Raimundo e Henrique e pertenciam à família dos Borgonhas de França. D. Afonso VI recompensa-os dos serviços prestados, dando ao Raimundo

a sua filha legítima D. Urraca em casamento e o governo do condado da Galiza; e ao D. Henrique, deu em casamento a sua filha ilegítima D. Teresa e o governo do condado portugalense. No tempo em que o rei de Leão entregara ao D. Henrique o governo do condado portugalense, havia conquistado aos mouros Lisboa e Cintra. O território entre os rios Minho e Tejo, pertencente ao rei de Leão, dividia-se então em três partes: o condado portugalense: entre o rio Minho e o rio Douro; o de Coimbra, entre o Douro e o Mondego e o que ficava entre o Mondego e o Tejo, que fora entregue a Sueiro Mendes cuja sede era a cidade de Santarem. Este território foi porém retomado pelos mouros e por isso o rei de Leão libertou D. Henrique da suzerania de Raimundo. D. Henrique fez algumas conquistas aos mouros, mas poucas, porque êstes haviam concentrado as suas tropas no oriente da península, onde andavam empenhados em lutas com o rei de Leão e Castela. D. Henrique aproveita êstes anos de paz e alista-se nas cruzadas e vai defender os lugares santos. Depois do seu regresso ao condado, faz guerra aos mouros, vence-os em várias batalhas e alarga assim os seus domínios. Como a sua ambição suprema era alcançar a independência, entra na intriga da corte do rei de Leão. Como o rei de Leão não tinha filho varão, legítimo, por sua morte a coroa pertencia à D. Urraca. Como tinha porém um filho natural chamado Sancho a quem dedicava muita afeição, a D. Urraca receava que seu pai lhe fizesse testamento deixando-o herdeiro da coroa. Por isso pede aliança ao D. Henrique para guerrear o rei de Leão, caso êste, deixasse o poder a esse filho legítimo ?? , recebendo D. Henrique em recompensa desta aliança, o distrito da Galiza ou de Toledo, e a terça parte do tesouro. Afinal êsse filho ilegítimo morre, pouco depois morre também o rei de Afonso VI, e o governo do reino vai parar às mãos de D. Urraca. Os castelhanos obrigaram a D. Urraca a um segundo casamento com D. Afonso rei de Navarra e Aragão, casamento que foi anulado pelo papa, por causa do parentesco entre os noivos. D. Afonso não fez caso da proibição do papa, mas a D. Urraca que casara de má vontade, aceita a deliberação do papa. Estabelece-se a guerra civil e D. Henrique toma o partido da cunhada. Veio porém a morte que inutilizou todos os seus planos de independência. Morreu em Astorga e os seus restos foram trasladados para uma capela da Sé de Braga onde ainda hoje se encontram. D. Henrique pelas suas belas qualidades de carácter, seu génio guerreiro e sua ilustração, alcançou o respeito e amor do povo do condado que por tantos anos governara, é conhe\_

cido na história pelo cognome de Bom. Deixou apenas um filho chamado Afonso e que contava apenas três anos de idade. Por morte do conde D. Henrique, tomou conta do poder sua mulher D. Teresa. Como a D. Urraca se não dava bem com o seu segundo marido, D. Teresa aproveitou estas discórdias, ora tomando o partido de D. Afonso ora de sua irmã D. Urraca e houve-se sempre com tal mestria em tais intrigas que consegue ver aumentados os territórios do seu condado, seguindo assim, fiel e varonilmente, o partido do seu falecido marido. Acontece porém o que não devia ter acontecido. Fernando Peres de Trava, fidalgo galego, tendo-se revoltado contra D. Urraca, foi obrigado a fugir do reino de Leão e procurou refúgio na côrte de D. Teresa. Esta apaixonou-se escandalosamente por ele e entrega-lhe o governo de quasi todo o território então pertencente ao condado. Estes amores caem no desagrado dos cavaleiros portugueses e também do filho D. Afonso. Este, que já havia sido armado cavaleiro, entra numa conspiração para tirar o governo à mãe. Nesta altura toma conta do reino de Leão o rei D. Afonso, por ter morrido sua mãe, a D. Urraca. Depois de ter tomado conta do poder, vem com um exército intimar D. Teresa a prestar-lhe vassalagem. Esta recusa-se a tal, bem como seu filho D. Afonso. Perante a exigência do rei de Leão, a D. Teresa e o filho resolvem fazer as pazes. O rei de Leão cerca D. Afonso Henriques na cidade de Guimarães, e este, para se ver livre do rei de Leão promete-lhe vassalagem, responsabilizando-se por este prometimento, o seu aio Egas Moniz. O rei de Leão levanta o cerco e retira-se para os seus estados, ciente da vassalagem de D. Afonso Henriques. Estes acontecimentos passaram-se no ano de 1127. Um ano mais tarde, em 1128, rebenta a guerra civil entre D. Afonso Henriques e sua mãe, e os exércitos que defendiam o partido de D. Teresa e do amante, foram derrotados na batalha de S. Mamede sendo D. Teresa obrigada a fugir de Portugal. Dois anos depois faleceu e foi trasladada para Portugal, sendo sepultada junto de seu marido.

Só hoje é que chegaram os livros. Os pequenos ficaram radiantes. O resto do tempo lectivo passou-se na distribuição dos mesmos, na liquidação de contas e marcação das respectivas lições.

### 3.<sup>a</sup> Classe

Assistiu às lições da 4.<sup>a</sup> classe

2.<sup>a</sup> Classe

Operações, leitura, resumo oral do trecho lido e cópia nos cadernos.

1.<sup>a</sup> classe

Leitura e escrita da lição escrita no meu diário do ano lectivo de 935 / 936 a pag 24 e 25

Dia 10 de Novembro

4.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética, repetição das matérias dadas por meio de problemas. Vamos agora insistir muito e muito sobre problemas, abrangendo neles os conhecimentos adquiridos. Copiarei alguns deles neste diário. Em história falei sobre o reinado de D. Afonso Henriques e expliquei assim: Depois da vitória alcançada em S. Mamede, ficou D. Afonso Henriques senhor do condado portugalense. Esqueceu-se porém do prometimento que havia feito a seu primo Afonso VII, rei de Leão, quando êste em 1127 o havia cercado em Guimarães. Como havia ficado responsável dessa promessa o seu aio Egas Moniz, êste, não querendo passar pelo ultraje do não cumprimento da palavra dada, e porque assim lho pedia a sua lealdade e amor à Pátria, “ vestindo-se do mais ordinário burel, descalço e com cordas de esparto ao pescoço “, vai apresentar-se ao rei de Leão, dizendo-lhe que vai entregar a sua vida a de sua mulher e filhos, em penhor da palavra dada em Guimarães, palavra essa que D. Afonso, seu discípulo, se recusava a cumprir. O rei de Leão fica admirado deste gesto revelador de uma alma muitíssimo grande e dum coração muitíssimo generoso, e manda-o em paz para a sua pátria, tendo para ele palavras repassadas de carinho e admiração. Seguiram-se lutas entre D. Afonso Henriques e seu primo rei de Leão, porque D. Afonso Henriques ambicionava única e exclusivamente a sua independência. Nessas lutas coube quasi sempre a vitória aos portugueses, sendo as principais batalhas as de Cerneja e Arcos-de-Valdevez. Os mouros, aproveitaram estas lutas para atacarem no sul do condado e conseguiram chegar quasi até às portas da cidade de Coimbra. Afonso Henriques para tirar vingança destes invasores dos seus estados, assina um tratado de paz com seu primo, fortifica o sul do condado e parte depois para o Alentejo onde derrota os mouros na célebre ba\_

talha de Ourique, batalha esta que se não teve importância pelo território conquistado, teve-a pelo medo que os mouros ficaram tendo daí em diante ao D. Afonso Henriques. E o caso não era para menos, pois há historiadores que dizem que o exército dos mouros era constituído por 600.000 homens, outros dizem que por 900.000 e outros ainda dizem que por 120.000. O que se conclui é que o exército dos mouros era muitíssimo maior que o de D. Afonso Henriques que contava apenas com 7 a 8.000 homens. Eram 5 reis mouros os que comandavam os exércitos que se bateram em Ourique, sendo morto por D. Afonso Henriques o rei que comandava as primeiras tropas que atacaram os portugueses. Travada a batalha, esteve esta indecisa durante muitas horas do dia, tal era o número de mouros que de todos os lados apareciam para combater. Os mortos atingiram tal número que por último já os cavalos mal podiam andar. O campo era um perfeito lago de sangue. A valentia de Afonso Henriques chegou a tal ponto, que transformou cada português num gigante invencível. Por fim os mouros fogem horrorizados, cabendo a vitória aos portugueses. Diz-se que antes da batalha os portugueses aclamaram rei a D. Afonso Henriques, o que se admite devido ao entusiasmo por eles sentido, reconhecendo nele as qualidades necessárias a um bom rei. A história porém não confirma tal aclamação, porque tendo-se dado a batalha de Ourique em Julho ou Outubro desse ano, ainda aparecem documentos históricos, dando a D. Afonso Henriques o simples título de conde.

Também se conta que na véspera da batalha, estando D. Afonso Henriques em oração, lhe apareceu Jesus, prometendo-lhe a vitória. No fim da batalha veio uma chuva torrencial que lavou o sangue do campo, tingindo com ele as águas do Cobre e Terges dois afluentes do Guadiana. Depois desta vitória formidável, volta D. Afonso Henriques aos seus estados e recomeça as lutas com o rei de Leão para conseguir a independência. Para a alcançar, tornou-se vassalo da Santa Sé prometendo-lhe 4 onças de ouro todos os anos. Auxiliado pelo papa, consegue o título de rei no tratado de Zamora em 1143 a que assistiu um delegado da Santa Sé. Desde então o nosso primeiro rei nada mais ambicionou que dilatar as terras do seu reino e passa em lutas contra os mouros todos os anos da sua vida. Conquista aos mouros Santarém, Lisboa, Palmela, Almada, Sintra, Évora, Moura, Serpa e Sezimbra. De maneira que, a vida do nosso primeiro rei, podemos bem dizer que foi passada nos campos de batalha: primeiro

para conseguir o governo do condado, segundo para alcançar a independência e por último para alargar tanto quanto lhe foi possível, os territórios do seu reino. Morreu com 74 anos de idade e foi sepultado no convento de Santa Cruz de Coimbra, fundado por ele. Fundou ainda os conventos de Santa Maria de Alcobaça, S. João Baptista de Tarouca e S. Vicente de Fora em Lisboa, e começou a ponte de Coimbra.

Em português leitura, resumo oral do trecho lido e mais nada porque não houve tempo. Passei apenas êste teste sobre a lição. O livro de leitura é de António dos Santos, José Nunes Baptista e José B. R. dos Mártires. O trecho dado é o primeiro, intitulado “Novo Ano Escolar “. Segue o teste:

\_u\_r\_ e\_t\_d\_\_ \_u\_t\_ d\_r\_n\_e \_s\_e \_n\_ p\_r\_u\_ \_  
e\_h\_ \_e\_ \_a\_e\_ e\_a\_e \_m M\_g\_d\_u\_o e \_ã\_ \_u\_r\_  
f\_c\_r \_a\_ .

### 3.ª Classe

Assisti às lições da 4.ª classe sobre aritmética e história. Como tenho quatro classes, nem sempre é possível ensinar cada classe de per si. Como o programa da 4.ª classe é quasi o da 3.ª, irei dando lições em comum enquanto vir que não há inconveniente para o aproveitamento da 3.ª.

Os alunos desta classe deram lição de português. O livro de leitura é de José Bartolomeu R. dos Mártires etc., O trecho lido hoje é o primeiro e intitula-se: “ Frases afirmativas “. Como fala do sol, planetas e cometas, etc., etc., aproveitei a ocasião e fiz uma explicação sobre os astros.

### 2.ª Classe

Em aritmética operações e mais operações para desenvolvimento dos alunos e para os levar à perfeição de saber o que é somar e multiplicar, subtrair e dividir. Em português leitura, resumo oral do trecho lido e cópia nos cadernos.

### 1.ª Classe

Os alunos leram e escreveram a lição escrita no meu diário já mencionado a pag. 26.

Dia 11 de Novembro

### 4.ª Classe

Em aritmética e história repetição dos assuntos dados. Em português expliquei os pronomes demonstrativos e falei assim: Há também em gramática, meus meninos, umas palavras que se chamam pronomes e cujo emprego vamos hoje aprender praticamente. Como um dos alunos tinha junto dêle um livro, dirigi-me a êle e perguntei-lhe: Se o menino quiser dizer-me que é seu o livro que está junto de si, como diz?

-Êste livro é meu.

Obtida a resposta escrevi-a no quadro e perguntei-lhe depois: - Qual é a palavra que nesta frase nos indica, nos prova, nos demonstra, que é êsse o seu livro e não outro qualquer dos que se encontram nas carteiras desta escola?

- É a palavra **êste**.

- Porque?

Como o aluno não soubesse responder convenientemente acrescentei: Porque esse livro, que é o objecto a que agora se refere, está mais perto do menino que é a pessoa que fala, do que de mim que sou a pessoa a quem fala.

Depois disto, peguei no livro, afastei-me um pouco e perguntei-lhe: - Se agora me quiser dizer que o livro que tenho nas mãos, é o seu, como diz?

- Êsse livro é meu.

- Porque?

Como a resposta fôsse dúbia, respondi: Porque o objecto a que se refere está mais perto de mim que sou a pessoa a quem fala, do que do menino que é a pessoa que fala. Depois de ter escrito esta frase no quadro, coloquei o livro sobre a secretária, aproximei-me do aluno, e perguntei-lhe: - E se agora me quiser dizer que é seu o livro que coloquei agora na secretária, empregando o menor número de palavras possível, como diz?

- Aquele livro é meu. - Porque?

A resposta dada não me satisfez ainda e por isso disse: Porque o objecto a que se refere está longe do menino que é a pessoa que fala e de mim que sou a pessoa a quem fala. Escrevi também aquela frase no quadro e sublinhei nas três frases respectivamente, as palavras **êste**, **êsse** e **aquele** e depois disse, voltando-me para os alunos: -Já vêm, os meus meninos, que as palavras **êste**, **êsse** e **aquele**, servem única e exclusivamente para indicar, mostrar, provar, encontrar, qual é o lugar ocupado pelos

objectos em relação às pessoas que falam. E assim, o pronome **êste**, emprega-se quando o objecto referido está mais perto da pessoa que fala, do que da pessoa a quem se fala. O pronome **êsse**, emprega-se quando o objecto indicado está mais perto da pessoa a quem se fala do que da pessoa que fala, e o pronome **aquele** emprega-se quando o objecto apontado estiver longe das duas pessoas, da que fala e daquela a quem se fala. Por **êsse** motivo, as palavras **êste**, **êsse** e **aquele**, chamam-se **pronomes demonstrativos**.

Há ainda outras palavras que também se chamam pronomes demonstrativos mas que só empregamos quando não sabemos o nome do objecto ou objectos a que nos referimos ou não os queremos indicar. E como a explicação deles é em tudo igual à que fiz limito-me a dizer-lhes que **êsses** pronomes são as palavras: **isto**, **isso** e **aquilo** e que o **isto** corresponde ao **êste**, o **isso** corresponde ao **êsse**, e o **aquilo** ao **aquele**. Os primeiros têm uma forma para o masculino, outra para o feminino, outra para o singular e outra para o plural, por isso se chamam variáveis. Os outros, porque têm sempre a mesma forma para os dois números e géneros, chamam-se invariáveis.

E para melhor compreensão, tracei no quadro o seguinte esquema:

<b>Pronomes demonstrativos variáveis</b>	<b>Pronomes demonstrativos invariáveis</b>
<b>êste</b> = forma masculina do singular	
<b>esta</b> = forma feminina do singular	
<b>êste</b> <b>estes</b> = forma masculina do plural	<b>isto</b>
<b>estas</b> = forma feminina do plural	
<b>êsse</b> = forma masculina do singular	
<b>essa</b> = forma feminina do singular	
<b>êsse</b> <b>êsses</b> = forma masculina do plural	<b>isso</b>
<b>essas</b> = forma feminina do plural	
<b>aquele</b> = forma masculina do singular	
<b>aquela</b> = forma feminina do singular	
<b>aquele</b> <b>aqueles</b> = forma masculina do plural	<b>aquilo</b>
<b>aquelas</b> = forma feminina do plural	

Já agora vamos aprender outros pronomes que a gramática classifica de pronomes relativos, por se referirem a uma palavra anteriormente empregada na frase. Vá lá um exemplo: **O homem que matou o coelho, era meu irmão.** Se olharmos esta frase com atenção veremos que há nela uma palavra que se refere a uma outra empregada antes dela. Qual é ela? É a palavra **que**, que se refere à palavra homem. Se eu disser: **tenho livros cujo nome me não recorda agora**, a palavra **cujo** é na frase um pronome relativo, porque se refere à palavra livros, palavra esta que foi empregada antes dela.

Se eu disser por exemplo: **Tudo quanto disse está bem dito**, digo o mesmo que diria se dissesse: **Tôdas as coisas que disse, estão bem ditas**, ou: **tudo aquilo que disse está bem dito**. Por êstes exemplo vêem os meninos que a palavra **quanto** se pode substituir pela palavra **que**. E como a palavra **que** se chama um pronome relativo, aquela, porque desempenha iguais funções, também se chama pronome relativo. Julgo desnecessário empregar mais exemplos para ficarem a conhecer o emprego destes pronomes. Os pronomes relativos dividem-se em variáveis e invariáveis. Para melhor compreensão escrevi no quadro o seguinte esquema:

#### **Pronomes relativos invariáveis**

	forma masculina do singular = que
	forma feminina do singular = que
<b>que</b>	forma masculina do plural = que
	forma feminina do plural = que
	forma masculina do singular = quem
	forma feminina do singular = quem
<b>quem</b>	forma masculina do plural = quem
	forma feminina do plural = quem

#### **Pronomes relativos variáveis**

	forma masculina do singular = qual
	forma feminina do singular = qual
<b>qual</b>	forma masculina do plural = quais
	forma feminina do plural = quais

forma masculina do singular = cujo  
forma feminina do singular = cuja  
**cujo** forma masculina do plural = cujos  
forma feminina do plural = cujas

forma masculina do singular = quanto  
forma feminina do singular = quanta  
**quanto** forma masculina do plural = quantos  
forma feminina do plural = quantas

Ora, como todos êstes pronomes servem também em português para principiarem as frases interrogativas, isto é, as frases por meio das quais perguntamos alguma coisa a alguém, já os meninos ficam a sabendo que também lhes podemos chamar pronomes interrogativos. E como estes pronomes não carecem de explicação, limitei-me a escrever no quadro as frases seguintes:

--Que queres?

--Quem matou o galo?

--Qual é a chave da porta?

--De cujo és filho?

--Quanto trigo colheste?

Os alunos desta classe leram o trecho intitulado “ O valor das mãos “do qual deram o resumo oral.

### 3.ª Classe

Os alunos desta classe assistiram a todas as explicações feitas à 4.ª classe.

Leram o trecho intitulado: “ Frases interrogativas e exclamativas “ e dei-lhes o seguinte teste acerca da lição:

\_ a \_ s \_ ` \_ t \_ u \_ a \_ a \_ ?

\_ ã \_ \_ o \_ q \_ e \_ \_ ã \_ g \_ s \_ o \_ \_ e \_ v \_ r \_ b \_ r \_ a \_ i \_ a \_ e \_ s

J \_ ` \_ v \_ i \_ \_ o \_ p \_ i \_ ?

\_ o \_ q \_ e \_ ?

P \_ r \_ u \_ \_ u \_ r \_ a \_ o \_ \_ i \_ r \_ \_ a \_ t \_ r \_ e \_ r \_ \_ e \_ a \_ s \_ \_ .

Também fizeram cópia nos cadernos.

2.<sup>a</sup> Classe

Operações, leitura, resumo oral do trecho lido e cópia nos cadernos

1.<sup>a</sup> Classe

Leitura e escrita da lição do meu diário já citado a pag 29

Dia 12 de Novembro

Lição de canto e de ginástica a todas as classes.

Dia 14 de Novembro

4.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética repetição da matéria dada por meio de problemas. Em história explicação do reinado de D. Sancho I. Para isso, falei assim: Depois da morte de D. Afonso Henriques, subiu ao poder seu filho D. Sancho, que já em vida de seu pai tomara parte em muitos combates contra os mouros, tendo-se distinguido em todos como grande guerreiro. Depois de tomar conta do governo, continuou com ardor as lutas contra os mouros e, com auxílio de uma cruzada, fez uma expedição ao Al Faghar, nome que nesse tempo era dado à província do Algarve, e conquistou aos árabes a cidade de Silves, a Cehabb, que era a mais importante do domínio sarraceno nessa região. D. Sancho, para conseguir o auxílio dos cruzados, prometeu-lhes o saque da cidade de Silves. Foi tal a voracidade dos soldados estrangeiros, e praticaram tais atrocidades que D. Sancho se viu obrigado a expulsá-los da cidade. Os mouros não perdoaram a derrota sofrida e mais tarde invadiram com forças consideráveis todo o Alentejo e levaram tudo de vencida quasi até Coimbra. Só Évora e Santarém ficaram por conquistar, sendo esta última cidade defendida por D. Sancho. Tendo então entrado no Tejo uma esquadra inglesa, o comandante dessa esquadra mandou 800 homens em socorro de D. Sancho, e os mouros foram obrigados a levantar o cerco e a retirar-se para a outra margem do Tejo, ficando novamente este rio a servir de fronteira entre as terras do reino e as dos mouros. Com os ingleses na cidade de Lisboa, sucedeu o mesmo que em Silves com os cruzados. Como o rei estava em Santarem, os ingleses praticaram toda a classe de roubos e por isso D. Sancho, logo que chegou a esta cidade, mandou fechar todas as portas

mandou prender os ingleses e só os restituiu à liberdade depois de terem entregado o que haviam roubado. Vendo-se D. Sancho impotente por falta de soldados para continuar as lutas contra os mouros e para conservar em seu poder as terras conquistadas, resolveu fortalecer o país e por isso, mandou fundar castelos junto das fronteiras, entregando-os às ordens militares, fundou vilas, aldeias, dando-lhes forais, mandou vir colonos estrangeiros para cultivar as terras abandonadas e para deste modo aumentar a densidade da população. E porque conseguiu deste modo o desenvolvimento da população em todo o seu reino, a história chama-lhe o povoador. Foi no seu reinado que foi fundada a cidade da Guarda no lugar onde hoje se encontra. As lutas que D. Sancho teve de sustentar durante o seu reinado não foram só contra os mouros. Como o censo anual que D. Afonso Henriques prometera ao papa nunca tivesse sido pago por êle, foi obrigado D. Sancho a fazê-lo. Era então papa o Inocêncio III, “ um dos vultos mais notáveis da idade média “. Com o pagamento do censo cessaram as lutas contra a Santa Sé, lutas que D. Sancho sustentou porque se esquivou, a princípio, a fazer o pagamento dos censos atrasados. Nessas lutas o seu braço direito era o conde Julião, pois dizem as crónicas que D. Sancho era um óptimo manejador de espada mas quasi um ignorante em leitura e escrita. Passados anos, teve de sustentar lutas com o bispo do Pôrto, porque tendo-se êste recusado a prestar as honras devidas ao príncipe D. Afonso e sua mulher D. Urraca quando foram visitar o Pôrto, declarando o bispo que eram parentes em grau proibitivo pelo que devia ser considerado nulo um tal casamento, D. Sancho, não esquecendo a afronta, tomou o partido dos burgueses na primeira contenda que êstes tiveram com o bispo. E foi tão apertada a perseguição que o rei fez ao bispo, que o obrigou a fugir para Roma. Perante tal perseguição, o bispo de Coimbra lança excomunhão ao rei. Este consegue que tal excomunhão seja levantada pelo bispo de Braga seu amigo pessoal, e persegue ferozmente o bispo de Coimbra, que se viu obrigado a fugir também para Roma. O pontífice em vista a tão pouco respeito pelas autoridades eclesiásticas do reino, manda uma carta severíssima ao rei, mas o Julião responde energicamente, obrigando o papa a recorrer à brandura.

À hora da morte, porém, D. Sancho arrependeu-se de tudo, faz as pazes com a igreja, e faz-lhe grandes doações no seu testamento. Esta luta de resistência

sustentada por D. Sancho contra o clero, teve grande importância porque indicou aos seus descendentes a política a seguir para o fortalecimento do poder real.

Em português os alunos deram lição de leitura, resumo oral dos trechos lidos e fizeram ditado nos cadernos.

### 3.<sup>a</sup> Classe

Assistiu à lição de aritmética da 4.<sup>a</sup> classe e deu lição de português, que constou de leitura, resumo oral do trecho lido e cópia nos cadernos.

### 2.<sup>a</sup> Classe

Operações e cálculo mental, leitura, resumo oral do trecho lido e cópia nos cadernos.

### 1.<sup>a</sup> Classe

Leitura e escrita da lição a pag. 30 e 31 do meu diário já citado.

Dia 15 de Novembro

### 4.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética repetição da matéria dada por meio de problemas. Em história expliquei assim os reinados de D. Afonso II e Sancho II.

Depois da morte de D. Sancho I, tomou conta do poder seu filho D. Afonso que durante o seu governo conservou a energia de seu pai no fortalecimento do poder real. Foi grande a sua obra neste sentido, porque se não tivesse mantido em respeito a nobreza sempre ávida de honras e domínios, Portugal teria sido dividido em pequenos reinos, e estes aniquilados com a maior das facilidades pelo rei de Leão. D. Sancho, à hora da morte, arrependeu-se da luta que travara contra o clero e nobreza e por isso, fez um testamento no qual deixava muito dinheiro e terras às igrejas e aos nobres. D. Afonso II, como necessitava de estar nas boas graças do clero, cumpriu logo as disposições testamentárias de seu pai nesse sentido, mas recusou-se ?? a entregar os bens e até o dinheiro deixado a seus irmãos. Principia a guerra entre D. Afonso e eles, guerra que não descrevo por não ter importância para os conhecimentos históricos que o programa nos exige, e que terminou pela intervenção do papa que declarou que ficassem pertencendo as terras ao rei e o usufruto aos irmãos. D. Afonso aceitou as determinações do papa e acabaram as lutas. D. Afonso

não herdou o génio guerreiro de seu pai nem de seu avô mas em compensação saiu um hábil político o que não admira, visto ter sido seu mestre o conde Julião. No seu reinado, tendo sido o rei convidado por D. Afonso VIII de Castela a auxiliar a guerra contra os mouros, mandou tropas em auxílio dos cristãos que se portaram heroicamente na batalha de Navas de Tolosa, em que foi infligida aos mouros tremenda derrota. Foi também no reinado de D. Afonso II que conquistamos Alcácer do Sal onde se praticaram façanhas do mais alto patriotismo durante os dois meses que durou o cerco. Dizem que o rei em nada se importara com tal feito de armas. Seria por covardia? Não, embora saibamos que D. Afonso II nunca se colocou à frente de um exército para combater. É que andava empenhado com outras lutas mais gigantescas, as lutas políticas. E enquanto os seus soldados combatiam em Alcácer do Sal, andava êle pelo norte do reino a fazer as confirmações, isto é, a tornar válidas as doações feitas aos nobres e ao clero pelos seus antepassados, pois sem a sua confirmação julgava-as inteiramente nulas. Foi o golpe mais formidável que a nobreza recebeu. Daí os descontentamentos contra o rei, e como êste proibisse a igreja e conventos de adquirir mais terras, o Arcebispo de Braga fulminou-o com a excomunhão. D. Afonso responde a tal excomunhão, ordenando aos seus súbditos que tratem as terras do arcebispo como terra conquistada. O arcebispo é obrigado a retirar-se comunicando no entanto o caso ao papa. O papa excomunga também o rei e ameaça-o de o depor do poder. A ameaça era formidável, pois que tudo isso era próprio da Santa Sé nesse tempo. Um irmão de D. Afonso chamado Sancho, aproveitando a excomunhão do irmão e o descontentamento dos nobres e do clero, entra em Portugal com um exército e toma a província do Minho. O rei de Leão apossou-se de Chaves. As irmãs, aproveitando também a ocasião, voltam a exigir todos os bens deixados pelo pai. D. Afonso, porém, conserva-se firme nas suas resoluções e tanto, que aparecendo em Portugal nessa altura as ordens dos dominicanos e franciscanos, recentemente criadas, e que vinham prègar a reforma dos costumes bastante corrompidos entre as ordens religiosas então existentes, D. Afonso, longe de fazer a vontade ao clero que pouco lhe sorriam tais reformas, ordenou aos novos frades que fizessem a pregação por todo o país. Nos últimos anos da sua vida entrou em negociações com a Santa Sé para solucionar

o conflito com o arcebispo de Braga. Quasi já na hora da morte permite que o arcebispo volte para o país, vergando ao peso do remorso ocasionado por uma carta do papa. Morreu em Março de 1223, depois de se ter reconciliado com a Santa Sé. Depois da morte de D. Afonso II, como seu filho D. Sancho não tivesse ainda idade para poder governar, ficaram a governar o país os ministros de D. Afonso II. Como a estes faltasse o apoio moral do rei falecido, não tiveram a coragem precisa para continuar a obra da fortificação do poder real, sustentada com tanto brio pelo D. Afonso II. Além disso, como não tinham a certeza do caminho que seguiria o futuro rei em tal questão, cederam às pretensões do clero e da nobreza e por isso pagaram grandes indemnizações ao arcebispo de Braga, e a muitos mosteiros e conventos e entregaram todos os bens deixados por D. Sancho I aos irmãos de D. Afonso II. Quando D. Sancho atingiu a maioridade e tomou conta do governo, dedica-se apenas à guerra e despreza a questão política, para a qual mostrou não ter tendência. A anarquia, continuava, o clero cada vez se tornava mais exigente e como nem sempre fôsse atendido fazia queixas ao papa. Mas como D. Sancho era um grande guerreiro e conquistara aos mouros todo o Alentejo, o papa desculpava-lhe todas as faltas. Mais tarde D. Sancho casa com D. Mécia Lopes de Horo e a paixão por esta mulher foi tão grande que o fez esquecer por completo as lutas contra os mouros. Depois do seu casamento não voltou aos campos de batalha. Seu irmão, o infante de Serpa, fez nomear à força um bispo para a Sé de Lisboa, depondo o que fora eleito pelas vias competentes. Feita a acusação ao papa, D. Sancho e o irmão cedem às ordens da Santa Sé humilhando-se. Perante tais desvarios e humilhações o descontentamento dos nobres e do clero aumenta e tratam da deposição do rei. A única qualidade que o havia salvado do desagrado da Santa Sé, era a de ser um grande guerreiro e essa perdera-a com o casamento. Por isso o papa consente na sua deposição e é convidado o irmão D. Afonso a vir substituí-lo, que então se encontrava em Paris casado com D. Matilde, condessa de Bolonha. São encarregados dessa negociação D. João Egas, arcebispo de Braga e D. Tibúrcio, bispo de Coimbra. D. Afonso aceita o contrato, embora humilhante porque teve de jurar que cumpriria todas as vontades do clero, e entra em Lisboa à frente de um exército que se dizia vinha combater os mouros da

península. D. Sancho que nada suspeitara, organiza a sua defesa à pressa, mas as tropas de D. Afonso, depois de algumas batalhas apossam-se de Portugal. Para cúmulo da desgraça, Raimundo Viegas Porto Carrero rouba a própria esposa a D. Sancho. Este, vendo-se abandonado de todos e até da própria esposa, retira-se para a cidade de Toledo, onde morre aos 37 anos devorado pelos maiores desgostos. D. Sancho teve ainda dedicações dignas de nota o que prova que nem toda a gente viu com bons olhos a sua deposição. De entre elas conta-se a do alcaide do castelo Coimbra, Martim de Freitas. As tropas de D. Afonso haviam atacado aquele castelo várias vezes e sempre com grande ímpeto, mas sempre em vão. A resistência era verdadeiramente heróica. Perante tal resistência, D. Afonso, mandou dizer ao alcaide que era inútil continuar a resistir, pois o rei pelo qual se batia com os seus soldados havia já falecido em Toledo. Martim de Freitas recebida a notícia, pede autorização ao D. Afonso para se ir certificar de tal morte e um salvo conduto para poder atravessar o país então em luta. Satisfeito tal pedido, Martim parte para Toledo, manda abrir o túmulo em que fora enterrado D. Sancho, depõe nas suas mãos as chaves do castelo e volta a Portugal entregando-as depois a D. Afonso. Este, admirado de tal lealdade, recusa-as dizendo-lhe que deseja que continue a ser o alcaide do castelo de Coimbra. Martim de Freitas recusa e diz: Não aceito a alcaidaria e amaldiçoarei qualquer dos meus descendente que a aceite.

Em português, os alunos deram lição de português, que constou de leitura do trecho marcado para lição, resumo oral do mesmo e ditado nos cadernos.

### 3.<sup>a</sup> Classe

Assistiu à lição de aritmética dada à 4.<sup>a</sup> classe, deram lição de leitura, resumo oral do trecho lido e cópia nos cadernos.

### 2.<sup>a</sup> Classe

Cálculo mental, leitura, resumo oral do trecho lido e cópia nos cadernos

### 1.<sup>a</sup> Classe

Repetição da lição dada, por não a terem estudado convenientemente.

Dia 16 de Novembro

#### 4.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética explicação das matérias dadas por meio de problemas.

Em história expliquei assim o reinado de D. Afonso III:

D. Afonso III era 2.º filho de D. Afonso II. Assistira nos seus primeiros anos às lutas entre os nobres e o poder real, então nas mãos dos ministros de seu irmão, criança como êle. Já não existia D. Afonso II e por isso os nobres se desforravam dos prejuízos causados pelas confirmações. Ou porque D. Afonso tivesse espírito aventureiro ou porque os ministros de D. Sancho vissem nele um perigo para a coroa, pois podiam os nobres lembrar-se dele para aclamarem rei em substituição de D. Sancho, o que é certo é que partiu para a França onde foi bem recebido por sua tia a rainha D. Branca, e onde casou com D. Matilde, condessa de Bolonha, viúva de Filipe, o Crespo. Tendo por este motivo ficado senhor daquele condado e súbdito do rei de França, acompanhou este soberano nas lutas contra a Inglaterra, tornando-se notável na batalha de Saintes. Enquanto governava o seu condado e auxiliava o rei de França na guerra, em Portugal os nobres e o clero guerreavam politicamente seu irmão D. Sancho que a todos se humilhava embora fôsse um valente guerreiro. Mais tarde é convidado pelo arcebispo de Braga, e bispos do Porto e Coimbra, para substituir seu irmão no poder. Como era muito ambicioso, não teve relutância em aceitar. Para não levantar desconfianças em Portugal, ficou combinado que desembarcaria em Lisboa com um exército de cruzados para combater os mouros na península. É assim que D. Afonso consegue entrar na cidade de Lisboa sem as desconfianças de D. Sancho. Tendo tomado conta desta cidade apodera-se dos dinheiros públicos, compra com ele muitos alcaides e governadores e lança-se na guerra contra seu irmão. Como D. Sancho não tivera ainda filhos, diz-se que o rapto de D. Mécia fôra ordenado por D. Afonso para obstar que houvesse descendência e para dêste modo ficar a coroa assegurada para si e seus descendentes. Vencido o partido de D. Sancho, e tendo tomado conta do reino com o título de visitador e curador do reino, pois só usou o título de rei depois da morte de seu irmão em Toledo, lançou-se na luta contra os árabes e conquista-lhes o Algarve, única terra que então se encontrava nas mãos dos sarracenos. Feita a conquista aparece o rei de Castela a contestá-la e a dizer que lhe fôra feito tês\_

tamento daquela província pelo último Vali. Trava-se luta entre D. Afonso e o rei de Castela, luta que só terminou anos depois, com a condição de D. Afonso casar com D. Beatriz de Guillem de Guzman, filha ilegítima do rei de Castela, e de mandar 50 homens armados a todas as guerras que o rei de Castela tizesse com os mouros. Mais tarde, graças à política de D. Afonso III e à intervenção de D. Diniz seu filho, o rei de Castela cedeu todos os direitos que dizia ter sobre tal província e ficou desde então a pertencer a Portugal. Como D. Afonso se recusasse a cumprir as promessas feitas ao clero em Paris, aquando do contrato de usurpação levantaram-se questões entre êle, o clero e os nobres, questões essas que foram tratadas nas côrtes de Coimbra onde o povo teve entrada pela primeira vez. D. Afonso não casou com D. Beatriz logo depois de ajustado o casamento não só porque esta senhora era ainda muito nova, mas porque ainda era viva a sua primeira mulher, D. Matilde de quem não estava divorciado embora o parecesse, por ela o não ter acompanhado a Portugal. Só casou com D. Beatriz um ano depois do falecimento de D. Matilde. Além da conquista do Algarve, D. Afonso transformou o castelo de Gaia em vila, substituiu os géneros por dinheiro, isto é, o pagamento de compras em vez de ser pago por géneros, passou a ser por dinheiro, incorporou nos bens da coroa muitas terras que haviam sido usurpadas, elevou a cidade de Lisboa a capital do reino, que até ali fôra em Coimbra, e refundiu a moeda, para o que teve de reunir segunda vez côrtes em Coimbra.

As lutas com o clero valeram-lhe a interdição do papa Alexandre IV, mas em 1262, o mesmo clero pediu ao papa Urbano IV, fosse levantada, sendo nessa altura revalidado o casamento com D. Beatriz. D. Afonso, por ter conquistado o Algarve, passou a usar o título de rei de Portugal e dos Algarves. Pouco dias antes de morrer, reconciliou-se com o clero e com a nobreza.

Em português leitura, resumo oral do trecho lido e ditado nos cadernos.

### 3.<sup>a</sup> Classe

Assistiu à lição de aritmética da 4.<sup>a</sup> classe, deu lição de leitura, resumo oral do trecho lido, fez cópia nos cadernos e resolveu os seguintes testes:

				-	2	8	-	5	-	4	-					-	7	-	3	-	4	-	8	
				-	3	-	3	-	2	-	6					-	-	3	-	-	3	-	-	
				+	3	-	6	-	3	-	7	-				+	5	-	3	-	4	-	-	
				1	5	6	1	4	3	5	5	4				2	3	2	-	-	5	1	-	1

### 2.ª Classe

Operações, cálculo mental, leitura, resumo oral do trecho lido, cópia nos cadernos e ditado de palavras no quadro

### 1.ª Classe

Os alunos leram e escreveram a lição do meu diário já citado escrita a pag. 33.

Dia 17 de Novembro

### 4.ª Classe

Em aritmética repetição da matéria dada por meio de problemas.

Em história expliquei assim os reinados de D. Diniz e D. Afonso IV: Depois de morrer D. Afonso III, tomou conta do poder seu filho D. Diniz, que contava então 18 anos de idade. Se não fosse o conhecimento profundo que possuía sobre política, graças à educação que recebeu de seus mestres Arjmeric d'Ebrard e Domingos Jardo, teria por certo sucumbido às grandes dificuldades que teve de resolver logo no princípio do seu reinado. Como tinha nascido antes de ter falecido a condessa de Bolonha, primeira mulher de seu pai D. Afonso III, apareceu seu irmão D. Afonso disputando-lhe o poder acusando-o de ser filho uterino. Essas questões terminam, porque tendo sido o casamento legitimado, ficaram por êsse motivo legitimados todos os filhos havidos dêsse casamento. Sua mãe, considerando-se com direito à coroa, aparece também a contestar-lhe o poder. D. Diniz respondeu-lhe respeitosamente mas com energia fazendo-lhe ver que só ele é que tinha o direito de governar. O clero e a nobreza, junto do papa, trataram das questões havidas no tempo de Afonso III e conseguiram que o papa lançasse o interdito ao país, o que era uma grande desgraça, pois ficavam os fiéis privados de sacramentos e de todos os socorros da religião. D. Diniz tudo vence, discutindo, tanto quanto lhe foi possível, as bases do novo acordo com a igreja, e assinando uma concordata que veio fazer a paz, libertando o país

do interdito. Como D. Diniz não cumpriu tudo o que prometera, o clero revolta-se mas o rei respondeu-lhe com energia mantendo-o em respeito. Em recompensa, mostra-se inteiramente justo, não consentindo que os nobres vexem o clero, como muitas vezes acontecia, usurpando-lhe direitos e terras. Aos nobres obriga-os a entregar à coroa muitas terras que lhe haviam usurpado, e por isso percorreu muitas vezes o país, para tudo inquirir directamente e para ter conhecimento das queixas do povo para com os nobres. Enfim, governa o país com tal acção e apurmo, que robusteceu o poder real e fez compreender a todos os súbditos que o rei ocupava o primeiro lugar do reino e que, como tal devia ser respeitado e obedecido. Casou com D. Leonor, filha de D. Pedro, rei de Aragão, senhora de grandes virtudes e que foi canonisada pela igreja em 25 de Maio de 1625. Tendo-se declarado a guerra civil em Castela pela morte do rei D. Afonso X, o novo rei, D. Sancho IV, queixou-se ao D. Diniz, porque o irmão deste lhe declarara guerra. D. Diniz foi sitiar seu irmão que se encontrava em Arronches e a luta terminou com a intervenção de D. Isabel. Como o país esteve empobrecido e abandonado por causa das sucessivas guerras contínuas com os mouros, D. Diniz tratou de desenvolver a agricultura, mandando vir colonos do estrangeiro para a povoação do reino, entregando terras aos municípios com o encargo de melhorá-las, mandando cultivar com esmero as terras que a coroa possuía no Alentejo e trocando algumas que o arcebispo de Braga possuía naquela província pelas que o rei possuía em Braga. Por êste motivo, a história chama ao D. Diniz o rei lavrador. Também não esqueceu a povoação e fortificação do reino. Reconstruiu, ou para melhor dizer, construiu 44 vilas, mandou fortificar muitas, mandou construir vários castelos e reconstruiu muitos. Deu forais a várias vilas aumentando-lhes as regalias, procedeu à exploração de minas obrigando os operários a darem para a coroa a quarta parte do minério. Desenvolveu o comércio fazendo vários tratados com o estrangeiro e rectificou outros; funda a marinha, mandando vir marinheiros de Génova para ensinar os portugueses, e manda semear o pinhal de Leiria para dêle tirar mais tarde madeira para a construção de navios. Como os meninos vêem é espantosa a actividade de D. Diniz. Não esquece também a instrução do povo, e por isso funda em Lisboa a Escola de Estudos Gerais, que é hoje a Universidade de Coimbra. Quando o papa extinguiu a

ordem dos Templários, D. Diniz prova então quanto era justo para com todos: Pede ao papa autorização para criar em Portugal a ordem de Cristo, e deixa ficar os Templários na posse de todos os seus bens, mudando-lhes apenas o nome. Os últimos anos do seu reinado são amargurados pela revolta de seu filho. Tinha D. Diniz vários filhos ilegítimos e entre eles havia um a quem muito se afeiçoara que se chamava Afonso Sanches e que era filho de D. Aldonça Rodrigues Techa. Seu filho legítimo D. Afonso, não podendo suportar tais atenções, pois convenceu-se de que seu pai seria capaz de o legitimar para lhe deixar o poder, declara-lhe guerra. O país foi assolado pelas tropas do pai e do filho. Aparece por fim D. Isabel a fazer as pazes, conseguindo que pai e filho fiquem amigos. Foi grande a consternação quando D. Diniz faleceu, sendo então considerado pai da Pátria. Embora D. Diniz tivesse feito grandes despesas com o auxílio que prestou aos reis de Castela e com a administração do país, nunca o povo sofreu necessidades, vivendo sempre em grande abundância, o que confirma as grandes qualidades governativas de D. Diniz. Depois da sua morte, foi aclamado rei, seu filho D. Afonso IV. Logo que subiu ao poder reuniu côrtes em Évora, onde foram tratados vários assuntos referentes aos padroados dos conventos, principalmente no que dizia respeito à isenção de tributos reais e governo dos mesmos por juizes privativos. Outro assunto tratado nas mesmas côrtes foi o dos judeus e dos mouros a quem D. Diniz tinha ódio mortal. Em todas as cidades havia bairros próprios para mouros e judeus, chamando-se respectivamente: mourarias e judiarias. Como o D. Diniz tivesse sido bastante indulgente para com todos, D. Afonso, proibiu-os de saírem dos seus bairros sem o distintivo a que as leis dêsse tempo os obrigavam: os mouros deviam usar uma rodela de pano vermelho, pregada no ombro e os judeus uma carapuça ou chapéu amarelo. Tem graça as proibições desse tempo. Os mouros foram sempre mais beneficiados que os judeus, havia para com eles mais tolerância, basta dizer que mouro que se baptizasse era considerado português para todos os efeitos o que não acontecia com os judeus. Mulher que fosse ao bairro dos mouros sem ser acompanhada, era açoitada, ao passo que se fôsse encontrada no bairro dos judeus era condenada à morte. Nenhuma mulher cristã podia ir às judiarias senão a comprar o que lhe fizesse falta e mesmo assim tinha de ir acompanhada por dois homens

se fôsse casada e por um se fôsse solteira ou viúva. Se desobedecesse era condenada à morte. Os judeus não podiam sair dos seus bairros depois “ **de correr o sino da oração** “, isto é, depois do toque de Ave-Marias. Etc., etc., etc.

Um dos motivos que levou D. Afonso IV ?? a reunir côrtes em Évora, foi o de conseguir autorização para confiscar os bens ao seu irmão D. Afonso Sanches. Como as côrtes não recebessem de bom ânimo tal proposta, D. Afonso cumprindo o seu desejo, faz a confirmação de todos os bens pertencentes àquele fidalgo. Resultou daí a guerra entre os dois irmãos, guerra que terminou pela intervenção de D. Isabel. Uma filha de Afonso IV casara com o rei de Castela; e como este tinha por amante D. Leonor de Guzman, maltratava sua legítima mulher. D. Afonso IV ressentido pelos maus tratos sofridos por sua filha, pede em casamento para seu filho D. Pedro, a D. Constança, filha de D. João Manuel, um dos mais poderosos fidalgos de Castela e inimigo do rei. Quando D. Constança se dirigia para Portugal, o rei de Castela retém-na como presa nos seus estados, e dá tão mau viver a sua mulher que esta se vê obrigada a retirar-se para Burgos. D. Afonso IV entra em negociações com o genro, mas vendo que nada consegue, declara-lhe guerra. Ainda desta vez a rainha Santa Isabel, vai a caminho dos campos de batalha para apasiguar os dois contendores, mas morre a meio da viagem. Os mouros resolvem atacar o reino de Castela e entram no seu território com um formidável exército. O rei de Castela vendo-se entre dois inimigos, faz as pazes com o genro ??, prometendo-lhe deixar seguir D. Constança, trazer para junto de si sua mulher e expulsar a amante do seu palácio. Como porém necessitasse de auxílio para vencer os mouros, pede auxílio para poder vencer ao D. Afonso IV. Este, a-pesar-de todas as queixas, e atendendo a que o pedido era também feito pela rainha de Castela, sua filha, prepara um exército, toma o seu comando, vai em auxílio do seu genro e derrota os mouros na batalha do Salado, onde adquiriu o título de Bravo. Os últimos anos do seu reinado são manchados com o sangue de D. Inez de Castro. Esta senhora era uma das damas que acompanhou D. Constança e por quem D. Pedro se apaixonou, por ser extremamente bela. Depois da morte de D. Constança passou a viver com ela em Coimbra e teve dela 3 filhos. Como D. Inez de Castro pertencia à principal família de Hes\_

panha ??, foram êsses amores considerados um grande perigo para a independência de Portugal. Pedro Coelho, Álvaro Gonçalves e Diogo Lopes Pacheco, que eram então os principais conselheiros de Afonso IV e os que mais ódio tinham a D. Inez, conseguem alcançar licença do rei para matar aquela senhora. Aproveitando a saída de D. Pedro para uma caçada, entram no palácio onde vivia a D. Inez e matam-na a golpes de punhal. D. Pedro ao saber da morte da Inez fica quasi louco e declara guerra a seu pai, assolando com os seus exércitos a província de Trás - os Montes. Esta guerra termina com a intervenção de D. Beatriz, mãe de D. Pedro. D. Pedro foi obrigado a jurar que jamais perseguiria os assassinos.

Durante o reinado de D. Afonso IV, foram promulgadas leis proibindo o jogo, e impondo novas penas aos moedeiros falsos e regulando o comércio de importação e exportação.

Em português, leitura, resumo oral do trecho lido e ditado nos cadernos.

### 3.ª Classe

Assisti à lição de aritmética da 4.ª classe, e em português leitura, resumo oral do trecho lido, ditado nos cadernos e fez várias operações de dividir.

### 2.ª Classe

Operações e suas aplicações por meio de vários problemas, leitura, resumo oral do trecho lido e cópia nos cadernos. Como a leitura de números nesta classe não vai além das centenas, e como alguns alunos não sabem ainda ler sem dificuldade números compostos de centenas, dezenas e unidades, apresentei-lhes hoje os seguintes esquemas:

<b>Centenas</b> 100	<b>Dezenas</b> 10	<b>Unidades</b> simples		<b>Centenas</b>	<b>dezenas</b>	<b>Unidades</b> simples
1	1	1		100	10	1
2	2	2		200	20	2
3	3	3		300	30	3
4	4	4		400	40	4
5	5	5		500	50	5
6	6	6		600	60	6
7	7	7		700	70	7
8	8	8		800	80	8
9	9	9		900	90	9

1.ª Classe

Repetição das lições dadas

Dia 18 de Novembro

4.ª Classe

Em aritmética fiz hoje uma lição prática no campo sobre superfícies e volumes mas não faço a descrição minuciosa dela, porque a pag. 194 e seguintes da minha conferência está tudo isso suficientemente explicado para bem se saber o método que sigo nestas explicações. Esta lição, como outras que hei-de dar sobre os mesmos assuntos, só tem a vantagem de ser prática, verdadeiramente prática, porque na escola não é possível ter campos, pedras, paredes ou casas, para lhe avaliar respectivamente a superfície, volume ou capacidade. Limito-me portanto a apresentar 3 problemas que foram resolvidos pelos alunos da 4.ª e nos quais os alunos da terceira já quasi se equilibraram. Tendo encontrado no largo onde fizemos as nossas medições uma pilha de estrume cuja forma era quasi de um paralelepípedo rectângulo, disse para os alunos da 4.ª: Façam o favor de me dizer quantos carros de estrume há nesta estrumeira, sabendo que cada carro leva 750 dm<sup>3</sup> de estrume?

Procederam às respectivas medições que foram:  $C = 2,^m 7$  ;  $l = 2^m$   $al = 0^m ,80$

Disposição do cálculo:

$$2,^m 70 \times 2 \times 0,80 \div 750^{dm^3} = 5,7^{carros} \quad \text{OU}$$

$$2700^{dm^3} \times 2 \times 8 \div 750^{dm^3} = 5,7^{carros} \quad ??$$

Ao lado deste largo há uma parede que foi reconstruída há pouco, estando portanto em boas condições para um exemplo prático de aritmética.

Chamei os alunos para junto dela e disse a um deles:

O menino deu agora em pedreiro. Diga-me quanto levaria pela construção desta parede, se levasse 15\$00 por cada metro cúbico?

Dimensões achadas:  $C = 3,^m 80$  ;  $alt = 1,^m 90$  ;  $espessura = 0,^m 75$

Cálculo parcial:  $3,^m 80 \times 1,90 \times 0,75$

Cálculo total como eu exijo logo:  $15\$00 \times (3,^m 80 \times 1,90 \times 0,75) = 81\$22$

Tendo encontrado uma pedra com o feitio de um paralelepípedo rectângulo, peguei nela, entreguei-a a um aluno da 4ª, e disse-lhe, ou por outra: perguntei-lhe: Se o menino lançar esta pedra num balde que esteja completamente cheio de água, quantos mililitros de água transbordam (se arramam)?

Quando apresentei este exemplo, encontrávamo-nos junto de uma parede à beira da estrada. Como a parede fôsse relativamente baixa, o rapazito a quem fizera a pergunta, colocou a pedra sobre a parede, pegou na fita métrica e ficou muito intrigado a olhar ora para a fita, ora para a pedra, ora para mim, como quem diz com os seus botões: Ora uma destas? E como é que isto se resolve? Ao ver a sua atrapalhação, bem como a de todos os mais rapazitos, perguntei-lhe: Olha lá, menino, o que é um mililitro?

- É uma capacidade?

- E o que é uma capacidade?

- É um volume oco.

- Está bem, é isso mesmo. Portanto, se o mililitro é um volume oco, achas o volume da pedra em centímetros cúbicos, e como já sabes que o centímetro oco se chama mililitro, tantos centímetros cúbicos tenha a pedra de volume, tantos são os mililitros de água que ela obrigará a sair do balde, visto que o lugar ocupado pela pedra, não pode ser ao mesmo tempo ocupado pela água ou por outro corpo qualquer.

Dito isto, o rapaz fica satisfeito e procede às medições que foram:

$$C = 11^{cm}; l = 9,5^{cm}; a = 3,5^{cm}$$

Cálculo feito pelo aluno:  $11^{cm^3} \times 9,5 \times 3,5 = 365,75^{ml}$

Cálculo exigido por mim:  $11^{ml} \times 9,5 \times 3,5 = 365,75^{ml}$

Depois de mais alguns exemplos que julgo não merece a pena registar aqui, regressamos à escola e expliquei assim os reinados de D. Pedro e D. Fernando:

Logo que tomou conta do poder, D. Pedro tratou imediatamente de vingar a morte de D. Inez de Castro, esquecendo assim o prometimento que havia feito a seu pai, isto é, de perseguir os autores do crime. D. Afonso IV, que conhecia bem o carácter do filho, teve o cuidado de avisar os seus conselheiros

Diogo Lopes Pacheco, Pedro Coelho, Álvaro Gonçalves, assassinos da pobre Inez, dizendo-lhes que se retirassem de Portugal, pois que sabia que seu filho se vingaria deles logo que fôsse aclamado rei. Aproveitaram o conselho e foram residir para Castela. Como neste reino fora aclamado rei o filho de Afonso XI chamado Pedro, o cruel, e como este monarca queria vingar-se duns fidalgos castelhanos que se haviam revoltado contra êle e que se haviam refugiado em Portugal, nem aí escaparam à ira de D. Pedro de Portugal, pois entre os dois reis foi feito um tratado de extradição, pelo qual D. Pedro de Portugal exigia simplesmente os assassinos de Inez de Castro, em troca de todos os criminosos castelhanos que se encontrassem no seu reino. Pedro Coelho e Álvaro Gonçalves foram presos e enviados a Portugal sendo mandados supliciar por D. Pedro que mandou que lhes arrancassem os corações: a Pedro Coelho pelo peito e a Álvaro Gonçalves pelas costas. D. Pedro assistiu alegremente ao suplício numa das varandas do seu palácio e diz-se que, tendo ordenado que lhe trouxessem os corações num prato, os tomou em suas mãos e os mordeu. Por aqui vêm os meninos como foi grande a crueldade de D. Pedro para com os assassinos da linda Inez. É por isso que a história lhe chamou o cruel. Diogo Lopes Pacheco, como costumava dar esmolas a um pobre, conseguiu escapar por ter sido avisado pelo seu protegido. Os três fugitivos portugueses viviam na mesma cidade; e no dia em que foi ordenada a sua prisão, Diogo Lopes Pacheco, saíra para uma caçada. O pobre que Pacheco costumava socorrer, tendo visto prender o Pedro Coelho e o Álvaro Gonçalves e tendo conhecimento da sorte que esperava também o seu benfeitor, sai da cidade, o que consegue por ir andrajosamente vestido e os guardas, que já então fechavam as portas para que ninguém saísse, não haverem feito caso do pobre mendigo. Logo que se viu fora da cidade, corre aos arredores até que consegue encontrar o fidalgo português a quem participa a triste novidade. Diogo Lopes Pacheco trocou os seus vestidos pelos do pobre, e consegue, assim disfarçado em mendigo, atravessar o reino de Castela no meio duma caravana de mercadores.

Depois da morte de D. Pedro foram-lhe entregues todos os bens confiscados desempenhou ainda alguns cargos de destaque e morreu aos 80 anos.

Depois da vingança da morte de Inez de Castro, D. Pedro manda construir dois túmulos sumptuosos no mosteiro de Alcobaça, e manda trasladar para um deles os restos mortais da Inez. Declarou também

que casara com ela em segredo.

O desgosto sofrido pela morte de D. Inez de Castro, abalou o espírito de D. Pedro e modificou-o profundamente. Uma vez era excessivamente alegre, outras excessivamente sombrio e cruel. Ora percorria as ruas da cidade de Lisboa dançando no meio do povo, ora de azorrague em punho e algoz ao lado exercendo a justiça. Percorria o país escutando as queixas do povo contra o clero e a nobreza e, julgando-se Salomão, prescindia de juizes dando ele próprio a sentença e, na maior parte dos casos, executando-a por suas mãos, como algumas vezes fez ao bispo do Pôrto. É por isso que se algumas vezes os seus castigos eram justos, na maior parte dos casos eram injustos.

Durante o seu reinado mereceu-lhe especial atenção a Universidade de Coimbra, sendo muitas as provisões publicadas no seu reinado relativamente aquele estabelecimento de ensino. Nos primeiros anos do seu reinado esbanjava somas consideráveis de dinheiro. Nos últimos anos, porém, tornou-se económico até a avareza, abarrotando os cofres do estado de ouro, ouro que depois foi esbanjado por seu filho D. Fernando. Ordenou que o enterrassem no túmulo que mandara construir ao lado do da Inez de Castro. Afinal esses túmulos foram profanados pelos franceses aquando das invasões, e os ossos foram espalhados pelo chão, e por isso é possível que em cada túmulo haja ossos de D. Pedro e de D. Inez.

Depois da morte de D. Pedro I, subiu ao poder o seu filho D. Fernando. Este rei conhecido na história pelo cognome de Formoso. Tinha, na verdade, todas as qualidades para agradar ao seu povo, os escândalos que provocou, a sua vida imoral e a pouca atenção que consagrou aos negócios de estado, tornaram-no um rei fraco e de pouco valor. Logo que subiu ao poder foi assassinado o rei D. Pedro I de Castela, por seu irmão bastardo Henrique de Trastâmara, para se apoderar do poder. Os partidários de D. Pedro foram obrigados a fugir daquele reino e vieram refugiar-se na corte de D. Fernando. Este deixou-se convencer por eles de que tinha direito à coroa de Castela por sua mãe D. Constança, e conseguiram que ele declarasse guerra ao Henrique de Trastâmara. Para melhor se sair da empresa, não duvidou aliar-se com o rei mouro de Granada e ao mesmo tempo aliar-se também com o rei de Aragão o qual aceita o convite com a condição de D. Fernando lhe casar com a filha. Aceite a proposta, D. Fernando invade a Galiza, mas mostra desde

logo a sua incapacidade guerreira, abandonando as tropas e fugindo para o Porto. O rei de Castela invadiu Portugal entrando pelo Minho e como lhe fosse impossível conquistar a cidade de Guimarães, passa a Trás-os-Montes, tomando Bragança, Vinhais e Mirandela. D. Fernando assiste a esta devastação quasi impávido na cidade de Coimbra para onde se retirara. Vendo que a guerra lhe era desfavorável, trata de fazer as pazes em segredo com o rei de Castela, o que conseguiu depois de lhe ter prometido casar com a filha. Faltou assim ao compromisso com o rei de Aragão. Como as despesas desta guerra tinham sido enormes, D. Fernando, vendo-se em necessidade de dinheiro, fez alteração da moeda, o que ocasionou a carestia da vida. Para coroar tôda esta obra de incapacidade governativa, tendo-se encontrado com D. Leonor Teles, mulher de João Lourenço da Cunha, em casa de sua meia irmã D. Beatriz, apaixonou-se por ela, esquece as promessas últimamente feitas ao rei de Castela, e casa com D. Leonor Teles. Esta mulher era detestada pelo povo, pois embora fôsse formosa de corpo, era feia de alma e coração. O povo revolta-se quando sabe da paixão do rei, dirige-se ao palácio onde vivia D. Fernando. O rei assustado com o tumulto manda perguntar ao povo o que desejava, e é então que um alfaiate chamado Fernão Vasques, falando em nome da multidão, diz que o povo português não consente que D. Fernando case com D. Leonor Teles por ser má mulher e feiticeira. D. Fernando manda despedir o povo dizendo-lhe que nunca tencionara casar com tal mulher e que no dia seguinte iria pessoalmente a S. Domingos dar uma explicação ao povo. Nessa mesma noite fugia com D. Leonor para Santarém e casou-se com ela depois em Leça do Bailio, junto ao Pôrto.

Pouco depois envolveu-se D. Fernando em nova guerra com Castela sendo cercada a cidade de Lisboa pelas tropas castelhanas. Feita a paz em condições bem humilhantes, seguiram-se cinco anos de bom governo. Durante êsse tempo D. Fernando mandou reconstruir as muralhas da cidade de Lisboa, desenvolveu o comércio e a marinha, protegeu a agricultura publicando a lei das sesmarias, lei que obrigava todos os proprietários a cultivarem as suas terras, tirando-lhes aquelas que êles, por desleixo ou impossibilidade, deixassem por cultivar, e entregando-as a outros que se responsabilizassem pela sua cultura. Transferiu a Universidade de Coimbra para Lisboa, porque vários professores estrangeiros con\_

vidados por D. Fernando para virem reger várias cadeiras naquele estabelecimento de ensino, não haviam aceitado o convite por a Universidade não estar em Lisboa, e pediu ao papa Gregório IX uma bula para que se desse o grau de bacharel em qualquer das faculdades ali cursadas. A sensualidade e ambição de D. Fernando em breve o levaram a esquecer o bem do país. O conde Andeiro leva D. Fernando a aliar-se ao duque de Lencastre e a declarar nova guerra ao rei de Castela. Esta guerra foi desastrosa para Portugal, tendo a nossa esquadra sofrido tremenda derrota e sendo as províncias devastadas pelas tropas inglesas nossas aliadas. É feita a paz, com a condição de a D. Beatriz, única filha de D. Fernando casar com o rei de Castela. D. Fernando adoece e pede os sacramentos mostrando-se arrependido de todas as suas loucuras.

Em português deram lição de leitura, resumo oral do trecho lido e resolvemos o seguinte teste:

**Muitos apanha êste ratos gato**

**Metais chumbo cinzento é mais o do o ??**

**Alimentos é vegetais melhor o pão o dos**

**Olhos tem lágrimas cheios esta de criança os**

**Odiosos orgulho e soberba são vícios a o**

3.<sup>a</sup> Classe

Assisti à lição prática de aritmética dada à 4.<sup>a</sup> classe, deu lição de leitura, resumo do trecho lido, e dei-lhe o seguinte teste:

		--	7	--	3	--	8	--	2
							x	7	--
	4	6	--	4	--	8	--	9	--
--	--	5	--	4	--	0	--	4	
4	5	--	8	--	1	--	2	3	6

Não o resolveram na escola; levaram-no para casa. Vamos ver na segunda feira se o trazem resolvido. Os da 4.<sup>a</sup> também quiseram levá-lo.

2.<sup>a</sup> Classe

Operações por meio de problemas. Escrita de números até 300, com a respectiva explicação prática feita por alguns alunos. Em português

leitura, resumo oral do trecho lido, ditado de palavras no quadro e cópia nos cadernos.

1.<sup>a</sup> Classe

Os alunos leram e escreveram nas lousas a lição do meu diário já citado, escrita a pag 34 e 35

Dia 19 de Novembro

Lição de ginástica, moral e canto a todas as classes

Dia 21 de Novembro

4.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética repetição dos assuntos dados por meio de problemas. Em história expliquei assim o reinado de D. João I:

D. Fernando, à hora da morte, fizera testamento, deixando o governo a sua filha D. Beatriz casada com o rei de Castela e a regência entregue a sua mulher D. Leonor Teles. Como esta, depois da morte do marido, passou a viver escandalosamente com o Conde Andeiro e como o povo não queria ser governado pelos Castelhanos, principiaram as revoltas em vários pontos do país. Havia então em Lisboa um filho de D. Pedro I e de D. Teresa Lourenço chamado D. João, que era Mestre da ordem de Aviz e que desde há muito se tornara popular e muito querido dos portugueses. D. Leonor, já em vida de D. Fernando, temendo a popularidade de D. João, forjara uma ordem assinada pelo rei para o matar quando tinha sido preso em Évora. O alvará que continha essa ordem, foi entregue a Vasco Martim de Melo para que executasse a matança, mas êste muito admirado de que o rei tivesse coragem para mandar matar seu irmão, não cumpriu a ordem sem primeiro conferenciar com D. Fernando. Este ao saber o que se passava, fica admirado e declara que esse documento não passara pelas suas mãos. D. Leonor, ao saber que os seus planos haviam sido frustrados, muda de tática e torna-se amiga de D. João, e intercede por êle. Sendo solto o Mestre de Aviz, a rainha convida-o para um jantar, convite que o Mestre aceita ainda que contrariado temendo ser envenenado. Depois da morte de D. Fernando, o ódio do povo contra Leonor Teles, aumenta dia a dia, e pedia-se a morte do Conde Andeiro, e em vários castelos, o povo não consentiu

que fosse arvorada a bandeira castelhana. Todo o país esperava com ânsia alguém que o libertasse do Conde Andeiro e da futura sujeição a Castela. Os amigos íntimos do Mestre de Aviz, entre os quais se contavam o Nuno Álvares Pereira e Álvaro Pais, aconselham-no a que tome a chefia da revolução e que assassine o Conde Andeiro. D. João pede moderação porque não deseja arriscar-se a tal empresa sem ter possibilidade de êxito. D. Leonor que tudo pressentia, ordena ao Mestre de Aviz que parta para o Alentejo, pois o havia nomeado fronteiro daquela província. O momento era decisivo para a causa da independência. D. João dissimula partir para o Alentejo, e a certa distância de Lisboa, volta ao palácio. A rainha, ao vê-lo, treme assustada, mas serena quando êle lhe diz que voltara para levar mais tropas. São dadas ordens para que essas tropas se preparem, e o Mestre diz ao Conde Andeiro que deseja falar-lhe. O Conde, nada suspeitando, acompanha-o ao vão de uma janela, e, depois de algumas palavras trocadas, o Mestre puxa da espada e dá-lhe um golpe que não teria sido de gravidade, se Ruy Pereira, que estava perto, não tivesse vibrado no Conde uma punhalada que o prostrou. Foram fechadas imediatamente todas as portas do palácio, como se havia combinado, e fez-se correr por toda a cidade de Lisboa que o Mestre de Aviz estava preso no palácio da Rainha e que o queriam matar. O povo, ao saber de tal notícia, corre imediatamente ao palácio e pede em altos gritos a liberdade do Mestre, preparando-se para lançar fogo ao edifício. D. João aparece a uma das janelas e acalma o povo dizendo que não corre perigo e que o Conde Andeiro era já morto. É aclamado pela multidão como defensor do reino. D. Leonor retira-se para Alenquer. D. João tratou de chamar para junto de si os homens mais valentes e esclarecidos então conhecidos. Nomeou chanceler do reino a João das Regras. Chamou para junto de si Nuno Álvares Pereira. Preparou-se em seguida para a luta e principiou por tomar o castelo de Lisboa que ainda era pela D. Leonor Teles. Foi depois cercar Alenquer onde estava a rainha e esta pediu auxílio a seu genro, o rei de Castela. O Mestre de Aviz logo que soube da entrada do rei de Castela em Portugal, retirou-se para Lisboa e mandou Nuno Álvares Pereira para o Alentejo. D. Leonor Teles, cega pelo ódio que votava ao Mestre de Aviz, desiste da regência e entrega o poder ao rei de Castela. Este, logo que se viu senhor de todo o poder, e sa\_

bendo que D. Leonor se arrependera do que fizera e que tramava uma conspiração ente os fidalgos para o assassinar, manda-a prender e manda-a para a cidade de Tordezilhas, onde morreu. Depois de se ver desembaraçado da sogra, avança sobre Lisboa. Como esta cidade estava cercada de muralhas novas, não lhe foi possível entrar nela e resolveu cerca-la para a render pela fome. Durou meses o cerco e já pouca esperança havia de salvação, porque tendo uma armada castelhana entrado no Tejo sem resistência, pois os nossos navios haviam sido destruídos no tempo de D. Fernando, a cidade ficava assim proibida de ser socorrida. Veio do Pôrto uma pequena frota mas não conseguiu vencer a armada castelhana. A fome era já grande e o desânimo principiava a entrar nos corações dos sitiados. Afinal, a peste ataca o exército do rei de Castelhana e êste é obrigado a levantar o cêrco, o que enche de alegria o povo da cidade. Ao mesmo tempo, D. Nuno Álvares Pereira, que fora encarregado da defesa do Alentejo, derrota um exército castelhana, que vinha em auxílio das tropas sitiadoras, na batalha dos Atoleiros. O rei de Castela levanta o cêrco, mas declara que voltará com um exército formidável. D. João, não perde tempo. Convoca as côrtes de Coimbra, para que o povo escolha o rei que o há-de governar e para se tratar da defesa do país. Nestas côrtes todos votam contra o poder de Castela e ninguém reconhece D. Beatriz como rainha de Portugal. As opiniões divergem no entanto na escolha do rei português, querendo uns que seja aclamado rei um dos filhos de D. Pedro e D. Inez, e outros que seja aclamado rei o Mestre de Aviz. Foi então que o doutor João das Regras, tomando a palavra, convence todos os assistentes, por meio da sua eloquência, a que seja aclamado rei o Mestre de Aviz. O rei de Castela ao saber o resultado das côrtes de Coimbra, prepara um exército de 30.000 homens e entra em Portugal. D. João, apenas com 6 a 7.000 homens, sai-lhe ao encontro, e derrota-o completamente na grande batalha de Aljubarrota. Como era grande a desproporção das tropas, D. João fez promessa de construir um templo a Nossa Senhora no mesmo local onde se desse a batalha, caso ficasse vitorioso. Cumpriu a promessa, mandando edificar o mosteiro da batalha, também conhecido pela basílica de Nossa Senhora da Vitória, que passa por ser a mais importante de toda a Europa. Na batalha de Aljubarrota, praticaram-se actos de grande valentia, distinguindo-se a ala dos namorados, formada pela mocidade nobre do país, e cujo comando foi confiado ao Nuno Álvares Pereira. Também se distinguiu a ala dos rotos, for\_

mada por jovens filhos do povo. A tradição popular, faz aparecer a Brites de Almeida com a pá do forno combatendo com tal valentia, que não deixou em pé soldado castelhano que lhe ficasse ao alcance da pá. De regresso a sua casa, tendo encontrado o forno cheio de castelhanos que o medo levava a procurar aquele refúgio, ela, metendo a pá pela boca do forno, conseguiu matá-los todos. Esta Brites era corajosa e já contava na sua vida duas mortes, uma feita em África e outra em Portugal. Esta última foi de um soldado alentejano que, desejando desposá-la, aceitou um desafio proposto por ela em que ambos jogariam o pau e, caso êle ficasse vencedor, ela o aceitaria por marido. O desafio deu-se e o pobre do soldado sucumbiu na luta.

A derrota de Aljubarrota foi completa para os castelhanos, deixando nas mãos dos portugueses a própria bandeira. Quando à tarde D. João I, cansado de combater, descansava sentado sobre uma pedra, Vasques de Almada, veio lançar-lhe aos pés o pendão castelhano.

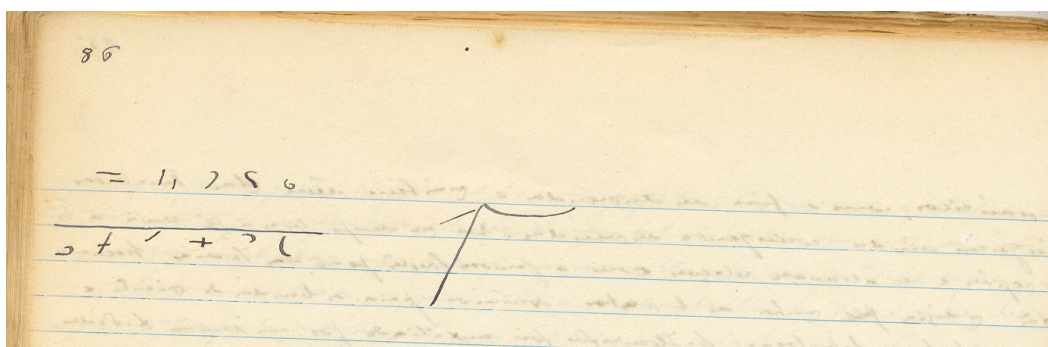
Depois da batalha de Aljubarrota, Nuno Álvares Pereira, perseguiu os castelhanos e conseguiu ainda a vitória de Valverde. As lutas terminaram em Outubro de 1431. D. João I casou com D. Filipa de Lencastre, da qual teve 8 filhos, os quais se distinguiram como veremos nas futuras lições, D. Duarte que foi rei, D. Henrique, o fundador da escola náutica de Sagres; D. Fernando, o infante santo que morreu em Fez prisioneiro dos mouros, e D. Pedro, homem de vastíssimos conhecimentos, que regeu o país durante a menoridade de seu sobrinho D. Afonso V e que por fim foi morto na batalha de Alfarrobeira. D. João I, foi um bom rei, porque manteve a nobreza em respeito, reuniu côrtes muitas vezes, deu começo à centralização do poder, protegeu muito as artes, para o que muito contribuiu a construção do mosteiro da Batalha, concedeu grandes privilégios à Universidade de Coimbra, então em Lisboa e acabou com a era de César, adoptando a de Cristo. Foi no reinado de D. João I que principiou a nossa aliança com a Inglaterra. Como seus filhos quisessem ser armados cavaleiros nos campos de batalha, D. João organizou uma expedição contra os mouros do norte de África e conquistou-lhes a cidade de Ceuta, onde êle e seus filhos se cobriram de glória. Depois da vinda de Ceuta, seu filho, D. Henrique, desprezando a vida de príncipe que levava em casa de seus pais, retira-se às solidões de Sagres, funda a escola náutica, chama para junto dele os homens mais sábios da sua época, e dedica-se com ardor aos es\_

tudos náuticos, com o fim de desvendar o mistério desse mar tenebroso, que ninguém ainda conseguira desvendar. Era seu desejo levar a fé cristã a todas as regiões e de alcançar relações com o famoso Prestes João das Índias, homem que se dizia então senhor de vastos domínios para as bandas do oriente e detentor de fortunas fabulosas. D. Henrique foi auxiliado por seu irmão D. Pedro, a quem confiara seus planos depois da vinda de Ceuta, e que tendo saído em 1416 em viagem pela Europa regressou em 1428, trazendo-lhe o manuscrito da viagem de Marco Polo, que lhe fora oferecido pela Senhoria de Veneza. Chamou do estrangeiro o sábio cosmógrafo Jayme Mayorga e entrega-se ardentemente ao estudo. Funda a escola de cosmografia que é frequentada pelos seus cavaleiros e mais homens que desejam entregar-se às aventuras do mar, e manda também estabelecer oficinas e estaleiros para a construção de navios. Em 1418 Bartolomeu de Peresterelo descobriu a ilha de Pôrto Santo e João Gonçalves Zarco acompanhado de Tristão Vaz Teixeira, encontraram a Madeira. Em 1432 Gonçalo Velho Cabral encontrou as ilhas dos Açores. Estas ilhas bem como as da Madeira e Pôrto Santo, está hoje provado que já eram conhecidas pelos portugueses desde o tempo de D. Afonso IV.

Foram estes os descobrimentos feitos durante o reinado de D. João I. Foi também no reinado de D. João, que tendo sido umas damas inglesas insultadas por cavaleiros ingleses que lhes haviam chamado feias declarando-lhes também que não havia cavaleiros que os desmentissem, e não tendo aparecido na Inglaterra ninguém que se atrevesse a tomar a defesa das damas ofendidas, o duque de Lencastre, genro de D. João, contando-lhe o caso, pede-lhe para que consiga que 12 cavaleiros portugueses tomem a defesa daquelas damas. Foram então enviados por D. João 12 cavaleiros que ficaram conhecidos pelos 12 de Inglaterra, e que ficaram vitoriosos no combate travado com os ingleses. D. João morre em 14 de Agosto de 1433, dia do aniversário de Aljubarrota, e os seus restos mortais foram depositados no mosteiro da Batalha. É conhecido pelo cognome de “ O de boa memória “, pelo acerto com que governou e pelos feitos de armas que cobriram os portugueses de glória. Foi o primeiro rei da 2.<sup>a</sup> dinastia. A 1.<sup>a</sup> acabou com D. Fernando.

Em português, leitura, resumo oral do trecho lido e ditado de palavras no quadro.

Também lhes mandei completar a seguinte figura e efectuar a seguinte multiplicação, completando os algarismos e colocando os respectivos multiplicadores:



??

3.<sup>a</sup> Classe

Assisti à lição de aritmética da 4.<sup>a</sup> classe, deu lição de leitura, resumo oral do trecho lido e fez ditado nos cadernos.

2.<sup>a</sup> Classe

Operações e sempre operações por meio de problemas. Como há muitos alunos que vacilam ainda na tabuada de multiplicar, desenhei no quadro o esquema da multiplicação que foi preenchido com o auxílio dos alunos. Fiz depois a distribuição pelos alunos de quadros iguais que eu havia feito em casa. Segue a cópia de um deles:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2	4	6	8	10	12	14	16	18	20
3	6	9	12	15	18	21	24	27	30
4	8	12	16	20	24	28	32	36	40
5	10	15	20	25	30	35	40	45	50
6	12	18	24	30	36	42	48	54	60
7	14	21	28	35	42	49	56	63	70
8	16	24	32	40	48	56	64	72	80
9	18	27	36	45	54	63	72	81	90
10	20	30	40	50	60	70	80	90	100

Em português leitura, resumo oral do trecho lido e cópia nos cadernos.

1.<sup>a</sup> Classe

Os alunos desta classe leram e deram a lição escrita a pag 39 e 40, do meu diário já citado.

Dia 22 de Novembro

#### 4.<sup>a</sup> Classe

Repetição das matérias dadas em aritmética e história. Em português, leitura, resumo oral do trecho lido e fizeram nos cadernos o seguinte problema:

Não aparece exemplo de nenhum problema. ([consultar manuscrito](#))

#### 3.<sup>a</sup> Classe

Assistiu às repetições da 4.<sup>a</sup>, deu lição de leitura, resumo oral do trecho lido e fez ditado nos cadernos.

#### 2.<sup>a</sup> Classe

Operações por meio de problemas. Em português, leitura, resumo oral do trecho lido, ditado de palavras no quadro e cópia nos cadernos

#### 1.<sup>a</sup> Classe

Os alunos desta classe não passaram de lição porque não a souberam convenientemente.

Dia 23 de Novembro

#### 4.<sup>a</sup> Classe

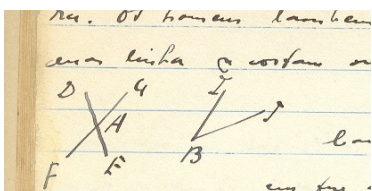
Em aritmética, repetição das matérias dadas por meio de problemas.

Em geometria expliquei assim linhas e ângulos.

Os meninos já sabem que o espaço sem dimensões se chama ponto e que linha é uma série de pontos, ou o caminho seguido por um ponto se este se deslocar no espaço. Sabem também que se a linha girasse no espaço gerava a superfície e que esta nas mesmas condições gerava o volume. Daqui concluímos que o espaço sem dimensões se chama ponto; espaço com uma só dimensão se chama linha; espaço com duas dimensões se chama superfície e que espaço com três dimensões se chama volume. Ora se o ponto girando no espaço gera a linha, o limite da linha é o ponto. Se a linha girando no espaço gera a superfície, a linha fica sendo portanto o limite da superfície, e, como esta girando no espaço gera o volume, é ela o limite dêste.

Dito isto, tomei o giz, tracei com êle um ponto no quadro, e disse

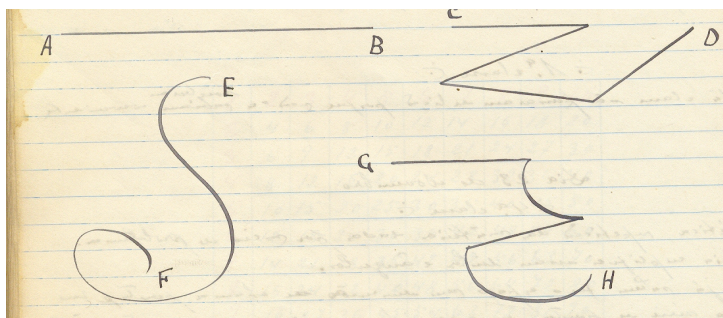
voltando-me para os alunos: Os homens convencionaram que a isto que agora tracei no quadro se chamasse ponto, embora seja mentira, perante a definição, porque êle encerra as três dimensões do volume: comprimento, largura e altura. Os homens também convencionaram que se chamasse ponto ao lugar onde duas linhas se cortam ou encontram. Dito isto, tracei no quadro as seguintes figuras:



Como vêem, os pontos **A** e **B**, são, respectivamente os lugares em que as linhas **DE** e **FG** se encontram, e onde **IB** e **BJ** se encontram.

As linhas, podem considerar-se quanto à sua forma, quanto ao seu feitio e quanto à posição ocupada por elas no espaço. Se as considerarmos quanto à forma, as linhas chamam-se rectas, quebradas, curvas e mistas.

Dito isto, tracei no quadro as seguintes linhas:

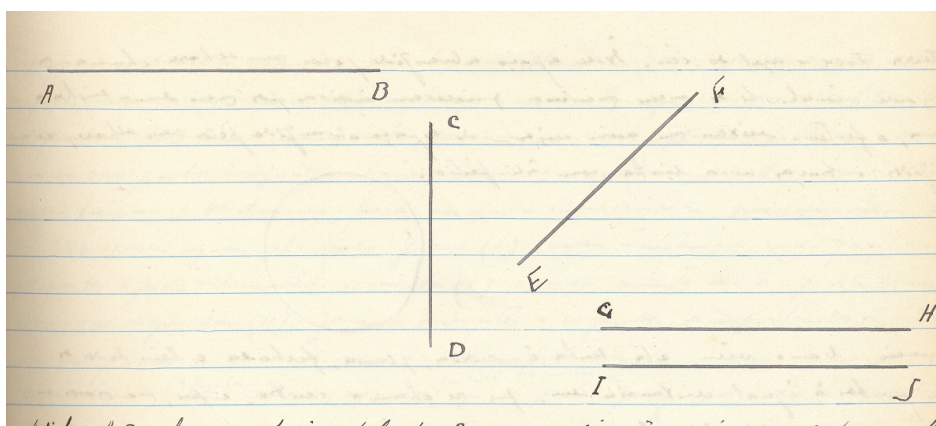


A linha **AB**, porque tem todos os seus pontos na minha ?? direcção, ou porque marca a mais curta distância entre dois pontos, chama-se recta.

A linha **CD**, porque é formada de partes rectas em diferentes direcções, chama-se quebrada. A linha **EF**, porque está constantemente a mudar de direcção, chama-se curva e a linha **GH**, porque é formada de partes rectas e partes curvas, chama-se mista.

Se considerarmos as linhas quanto à sua posição no espaço, então chamar-lhe-emos verticais, horizontais, oblíquas e paralelas.

Dito isto apaguei no quadro as linhas explicadas e tracei estas:



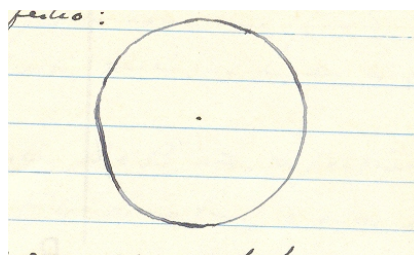
A linha **AB**, chama-se horizontal, porque segue a direcção das águas em repouso. A linha **CD**, chama-se vertical, porque segue a direcção dos corpos quando caem para a terra. Há uma força, chamada a força da gravidade, que atrai todos os corpos, quando abandonados no espaço, para o centro da Terra. Se os corpos ao caírem na Terra não vão parar ao centro dela, é porque a isto se opõe a resistência oferecida pela camada sólida da crosta terrestre.

Há um instrumento que serve para indicar o direcção vertical e que é usado pelos carpinteiros e pedreiros. Esse instrumento é formado por um fio, no extremo do qual está preso um pedaço de ferro ou de chumbo, de forma cilíndrica. Os pedreiros, para verificarem se a parede que vão construindo segue a direcção vertical, fazem passar o fio através de um orifício aberto num pequeno paralelepípedo rectângulo de madeira, encostando à parede, ou à última pedra assente, uma das faces desse paralelepípedo. Se a distância entre o fio e a parede é sempre a mesma, quer junto do paralelepípedo, quer junto do peso de chumbo, é porque a parede está vertical, e portanto bem construída. Aqui tem a razão porque também se diz que linha vertical é aquela que segue a direcção do fio de prumo.

A linha **EF**, chama-se oblíqua, porque a direcção seguida por ela nem é horizontal nem é vertical. As linhas **CH**, e **IJ**, chamam-se paralelas porque estão situadas no mesmo plano e sempre à mesma distância uma da outra; portanto por mais que se prolonguem nunca se encontram.

Há agora umas figuras em geometria chamada ângulos. Para falar delas e para as explicar, necessito primeiro de falar na circunferência. Se os meus meninos saírem da escola e forem colocar-se no lugar mais alto da sua aldeia e se então olharem à sua volta, parecer-lhes-á que lá ao longe,

a terra toca o azul do céu. Esse espaço abrangido pelos seus olhares, chama-se horizonte visual. Se os meus meninos quisessem indicar por meio de uma linha a forma, o feitio – deixem-me assim dizer – do espaço abrangido pelos seus olhares, seriam obrigados a traçar uma linha com este feitio:



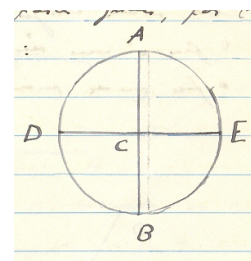
Como vêm, esta linha é curva, plana, fechada e tem todos os seus pontos à igual distância dum, que se chama centro, e que, no nosso caso, pode ser considerado o lugar onde os meninos se encontram fazendo as suas observações, pois quando o horizonte é vasto e o contemplamos, parece que o céu fica sempre a igual distância de nós em todas as direcções.

Se os meninos olharem o céu, verão também que êle é redondo, como se fôsse uma bola ôca, muitíssimo grande, dentro da qual e ao centro, ao meio, andasse a terra a girar. Se os meninos quisessem traçar sobre uma superfície, isto é sobre um plano, o feitio do céu, teriam de dar-lhe a forma daquela linha que tracei há bocado no quadro. Empreguei agora a palavra plano, e pode ser que os meninos tenham vontade de perguntar-me: - O que é um plano - senhor professor? Como é justa a pergunta, aí vai a resposta. Plano é toda a superfície onde se pode assentar uma linha recta em tôdas as posições. Já vêm portanto, que num plano, não há altos nem baixos: é tudo liso. Quando contemplamos o horizonte dum lugar elevado, o que vemos? Vemos casas, árvores, montes, colinas, outeiros, vales e serras. Pois bem, se fizermos desaparecer as casas, as árvores, os montes, as colinas, os outeiros, os vales e as serras, e considerarmos tudo liso, teremos o nosso horizonte visual transformado num plano, plano êsse que é limitado, isto é, que acaba, por uma linha curva, plana como ele, é claro, e fechada, que tem todos os seus pontos a igual distância dum - que é aquele em que nos encontramos - e que se chama centro.

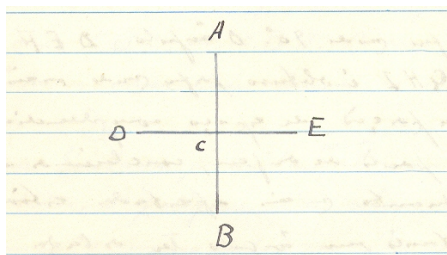
Em suma, quando quisermos limitar uma porção de espaço no plano, por uma só linha, teremos de lhe dar a forma daquela que está traçada no quadro. Sabem porque é que o nosso horizonte tem sempre a forma duma roda quando nos encontramos num lugar suficientemente elevado donde avistamos terras até parecerem unir-se com o azul do céu? Porque a Terra é redonda.

Portanto se os meninos quiserem desenhar num plano, isto é, no quadro ou numa folha de papel, a forma da Terra, terão de traçar uma linha igual à que está traçada no quadro. Pois bem, uma linha quando for curva, plana, fechada e tiver todos os seus pontos à igual distância dum que se chama centro, chama-se circunferência. Os homens, para medir a circunferência, dividiram-na em 360 partes iguais chamadas graus ( ° ), dividiram cada grau em 60 partes iguais chamadas minutos ( ' ) e cada minuto em 60 partes iguais chamadas segundos ( " ). Graus, minutos e segundos, são portanto as unidades que pertencem a medidas da circunferência.

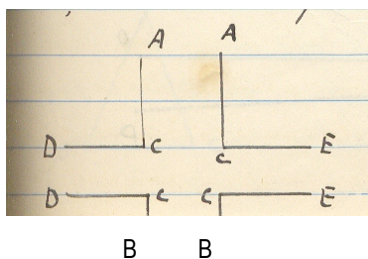
Se dividíssemos aquela circunferência que está no quadro em 4 partes iguais, por meio de duas linhas que se cortem perpendicularmente, teremos:



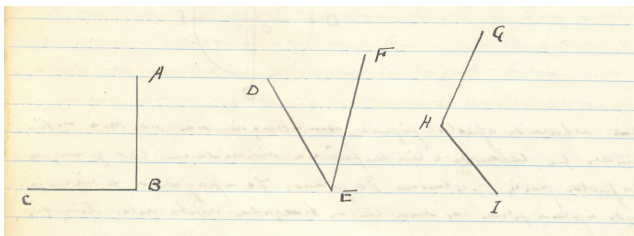
Se agora olharmos aquela figura com atenção, não nos será difícil de compreender que, estando a circunferência dividida em 360 graus, a cada uma daquelas partes, pertencem 90 graus. Se apagarmos a circunferência deixando apenas ficar as duas linhas traçadas dentro dela, teremos:



Se representarmos as figuras que constituem cada uma daquelas quatro partes, em que a circunferência estava dividida, temos

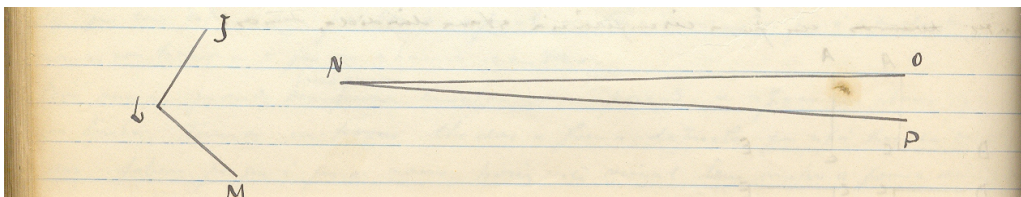


Olhando para estas quatro figuras vemos que cada uma delas é formada por duas linhas que se encontram num ponto e é por isso que a cada uma delas chamamos ângulo. E como cada um deles corresponde à quarta parte do arco de uma circunferência isto é, como cada um deles mede  $90^\circ$ , chamam-se por isso rectos. Recapitulando portanto: O que é um ângulo? É a porção do plano que fica entre duas semi-rectas que têm o mesmo ponto de origem, isto é, que são traçadas a partir do mesmo ponto, ponto êsse que se chama vértice. E o que é um ângulo recto? É aquele que mede  $90^\circ$ , ou por outra, é aquele cujo plano compreendido entre os seus lados corresponde à 4.<sup>a</sup> parte do plano duma circunferência. Há mais ângulos? Há. Há uns que se chamam agudos e outros obtusos. O que é um ângulo agudo? É o que mede menos de  $90^\circ$ . E obtuso? O que mede mais de  $90^\circ$ .



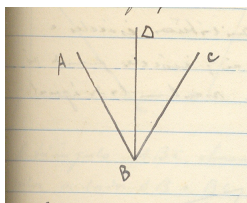
O ângulo **CBA** é recto, porque mede  $90^\circ$ . O ângulo **DEF** é agudo, porque mede menos de  $90^\circ$  e o ângulo **GHI** é obtuso porque mede mais de  $90^\circ$ .

Uma vez que ângulo é a porção do espaço compreendido entre duas linhas que têm o mesmo ponto de origem, concluímos daí que um ângulo é tanto maior quanto mais afastados estiverem os seus lados e vice-versa. Pode portanto um ângulo ter os lados muito pequenos e ser muito maior que outro que tenha os lados muito longos. E assim:

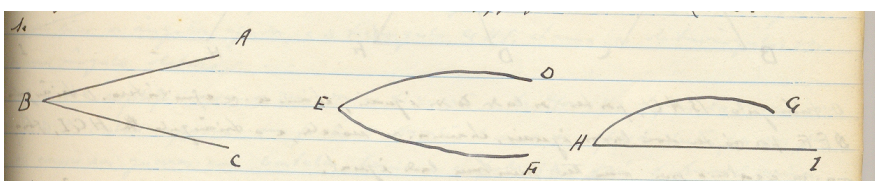


O ângulo **JLM** é maior que o ângulo **ONP**, porque, embora tenha os

lados mais pequenos, os tem mais afastados. Chama-se bissectriz de um ângulo a semi-recta que parte do vértice e o divide em duas partes iguais.



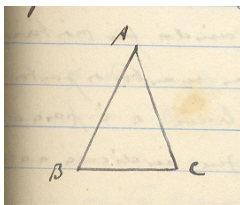
No ângulo **ABC**, a semi-recta **BD**, é a bissectriz, porque o divide a meio.



Se olharmos para o ângulo **ABC**, vemos que os seus lados são rectas e por isso se chama rectilíneo; que o ângulo **DEF** tem os seus lados formados por curvas, por isso lhe chamamos curvilíneo e que o ângulo **GHI** tem um lado formado por uma semi-recta e outro por uma linha curva, e por isso lhe chamamos mistilíneo.

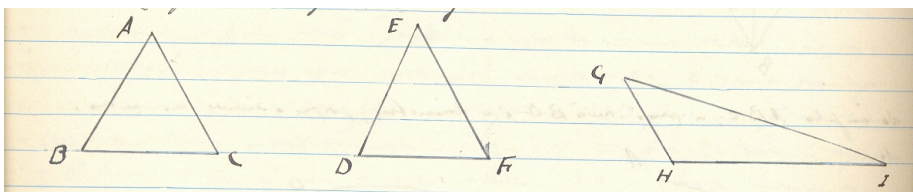
Para lermos as letras dum ângulo, devemos ler sempre a letra do vértice no meio. Assim, querendo ler as letras do primeiro ângulo, eu não posso ler **BAC** nem **CAB**, mas sim **ABC** ou **CBA**. Podemos também designar um ângulo só por uma letra e nesse caso teremos de colocá-la no vértice desse ângulo.

A toda a superfície limitada por linhas rectas chamamos-lhe polígono. A essas linhas damos o nome de lados. Os polígonos têm vários nomes, conforme o número de lados que os formam. Por isso, o polígono formado por três lados e três ângulos chama-se triângulo.



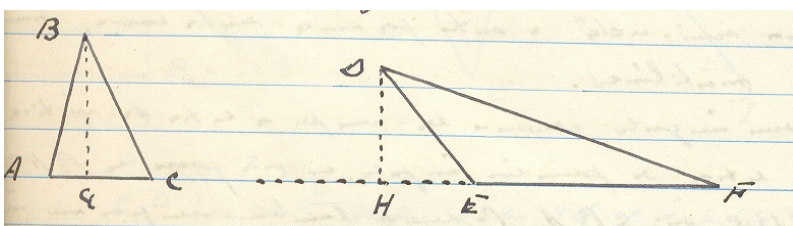
O polígono **ABC**, por ser formado por três lados e três ângulos, chama-se triângulo. Os pontos **A**, **B** e **C**, por serem os vértices dos respectivos ângulos, cha\_

mam-se vértices do triângulo. Os triângulos podem classificar-se quanto à grandeza dos lados e quanto à grandeza dos ângulos. Se os considerarmos quanto à grandeza dos lados, podemos chamar-lhes equiláteros, isósceles e escalenos. Equiláteros, quando têm todos os lados iguais; isósceles quando só têm dois lados iguais e escalenos quando não têm nenhum lado igual. Dito isto tracei no quadro os seguintes triângulos:



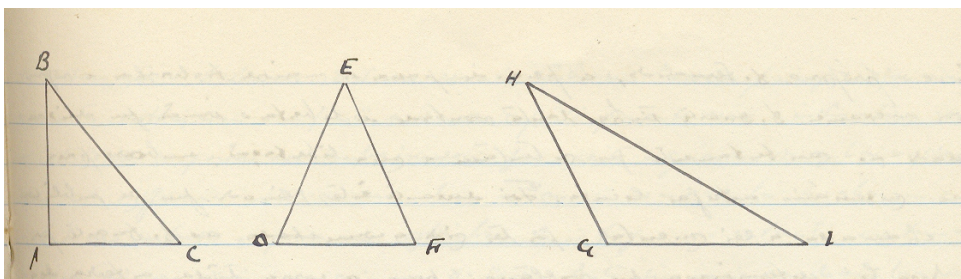
O triângulo **BAC**, por ter os lados todos iguais, chama-se equilátero. O triângulo **DEF**, por só ter dois lados iguais, chama-se isósceles, e o triângulo **HGI**, chama-se escaleno por não ter nenhum lado igual.

Chama-se altura de um triângulo a perpendicular baixada do vértice sôbre a base ou sôbre o seu prolongamento. Chama-se base dum triângulo aquele lado em que parece o triângulo assentar.



A altura do triângulo **ABC**, é a perpendicular **BG** baixada sôbre o lado **AC**, que é a base do triângulo. No triângulo **EDF**, a altura é a perpendicular **DH**, baixada não sôbre a base **EF**, mas sim sôbre o seu prolongamento. E porque é que neste triângulo a perpendicular que indica a sua altura teve de ser tirada a partir do vértice para o prolongamento da base e não para ela? Porque uma linha só é perpendicular a outra, quando com ela forma ângulos iguais e isso era impossível no triângulo **EDF** ainda que nós tirássemos a partir do vértice **D** para a base **EF**, tantas linhas quantos os pontos de **EF**. É por isso que em casos idênticos, se prolonga a base e é para o prolongamento desta que se tira a perpendicular que indicará a altura do respectivo triângulo.

Quanto à grandeza dos ângulos, os triângulos podem chamar-se: rectângulos, acutângulos e obtusângulos.



O triângulo **ABC**, chama-se rectângulo porque tem um ângulo recto. Neste triângulo, os lados **AB** e **AC** ??, que formam o ângulo recto, chamam-se catetos; e o lado **BC** chama-se hipotenusa. O triângulo **DEF**, chama-se acutângulo porque tem os ângulos agudos, e o triângulo **GHI**, chama-se obtusângulo, por ter um ângulo obtuso.

Em história expliquei os reinados de D. Duarte e D. Afonso V: Depois da morte de D. João I, subiu ao poder seu filho D. Duarte. Como as despesas feitas por seu pai por causa das guerras com Castela, haviam empobrecido o país, D. Duarte principiou o seu reinado impondo a mais rigorosa economia, principiando êle a dar o exemplo gastando uma insignificância com o seu vestuário. D. Duarte dedicou-se, desde os mais tenros anos, ao estudo das ciências do seu tempo, e adquiriu tais conhecimentos que é considerado o rei mais sábio do seu tempo e é por isso que a história lhe chamou O Eloquentes. Foi escritor exímio e deixou várias obras escritas. Reuniu côrtes em Santarém onde se tratou de compilar as leis num código único, obra principiada pelo doutor João das Regras e que só se completou no reinado de D. Afonso V, daí o nome de Ordenações Afonsinas dado a êsse código. Seus irmãos, D. Henrique e D. Fernando, manifestaram grande desejo de ir conquistar a cidade de Tânger. D. Duarte mandou preparar um exército de 14 a 15.000 homens, mas só partem apenas 7 a 8.000, pois os infantes resolveram partir antes de terminada a mobilização ordenada por D. Duarte. Nessa expedição os infantes são derrotados em Tânger e o D. Fernando é feito prisioneiro. D. Duarte sentiu muito a derrota e mais ainda o cativo de seu irmão, visto os mouros se recusarem a entregar D. Fernando sem lhes ser restituída a cidade de Ceuta conquistada no tempo de D. João I. D. Duarte, para poder custear as despesas dessa armada que fôsse libertar o irmão, reprimiu o luxo, conseguindo muitas economias na sua própria casa. Tudo em vão, porque nunca lhe foi possível libertar o irmão do cativo. A cidade de Ceuta era impossível entregá-la, porque a isso se opunha o D. Henrique, o povo

português e o próprio D. Fernando, apesar de passar os maiores trabalhos e sofrer os maiores vexames. D. Duarte tinha tanta vontade de libertar o irmão que deixou recomendado no seu testamento que se tentasse a sua libertação, embora para isso fôsse necessário entregar Ceuta. Foi durante este reinado que se publicou uma lei chamada a lei mental, por ter sido aconselhada ao D. Duarte por seu pai. Essa lei determinava que voltassem para a coroa tôdas as terras doadas por recompensa de serviços prestados, quando não houvesse filho varão. Depois do desastre de Tanger veio a peste que fez milhares de vítimas e a fome. D. Duarte foi também vítima da peste, morrendo em Tomar para onde partira. O seu reinado durou apenas 5 anos. Por morte de D. Duarte foi aclamado rei D. Afonso V, que contava apenas 6 anos de idade. Depois da aclamação abriu-se o testamento de D. Duarte e foi grande o descontentamento ao saber-se que D. Duarte nomeara sua mulher para regente durante a menoridade de seu filho, atribuição que pertencia apenas às côrtes. A rainha D. Leonor, para resolver a questão, reuniu côrtes em Torres Novas que foram renhidas porque a nobreza queria que se cumprisse a vontade de D. Duarte e o povo queria que fosse nomeado regente o infante D. Pedro. Depois de discussões acaloradas e de ter sido rejeitada a proposta do infante D. Henrique, que queria que a regência fosse entregue à rainha, ao infante D. Pedro e ao conde de Arraiolos, que as côrtes se reunissem todos os anos e nelas entrassem os infantes, todos os conselheiros do rei, o arcebispo, o prior dos Hospitais, 4 prelados e 32 burgueses de Lisboa, Évora e Porto, venceu o partido popular que nomeou D. Pedro como regente. A rainha ficou melindrada. Mais tarde é-lhe retirada a educação do filho. O conde de Barcelos um dos vencidos de Torres Novas, e que desejava para sua neta o Afonso V – o que era impossível, pois já fora ajustado o casamento com D. Isabel filha de D. Pedro – votava um ódio de morte ao infante regente e por isso trata de intrigá-lo com a rainha. D. Pedro conhecedor de todas estas intrigas, aconselha D. Leonor a desprezar os seus adutores. Foi tudo em vão. D. Leonor por conselho do conde de Barcelos e outros tais, retira-se para o Crato e reclama a regência. D. Pedro tenta apasiguar os ânimos, mas sendo-lhe impossível, marcha sobre o Crato mas já não encontra a rainha que fugia para Castela. Sufocada a luta, celebra-se o casamento do rei que então contava 16 anos. D. Leonor em Castela continua a exigir a regência e é mandada para Castela uma embaixada que trata insolentemente D. Pedro e promete a guerra, caso não sejam atendidas

as reclamações de D. Leonor. D. Pedro reuniu côrtes em Évora para que elas decidissem e as côrtes autorizam o infante a dar a resposta que entendesse a intimativa ?? castelhana. D. Pedro respondeu aos embaixadores que aceita a guerra. Os embaixadores partiram mas a guerra não se deu. Com a morte da rainha acabaram-se as lutas e D. Pedro entrega o poder ao sobrinho. As intrigas no entanto continuam com o único fim de indispor o rei com D. Pedro. Êste, que vivia em Coimbra depois de ter deixado a regência, vai a Lisboa para apresentar a justificação da sua inocência. D. Afonso V avisado de que seu tio se dirigia a Lisboa com o fim de tirar-lhe o poder, sai-lhe ao encontro e, em Alfarrobeira dá-se uma batalha, na qual foi morto o D. Pedro. D. Afonso V sabendo que tudo acontecera por causa do ódio que muitos nobres tinham ao D. Pedro e que êste estava completamente inocente, arrependeu-se e prestou ao tio honras reais. Com a morte de D. Pedro veio a paz. D. Afonso V querendo alargar os seus domínios em terras de África, fez várias expedições contra os mouros e conseguiu conquistar-lhes Alcácer Céguer, Arzila e Tanger. Por êste motivo D. Afonso V tomou a divisa: **D. Afonso, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, daquém e dalém mar em África**. Tendo morrido em Hespanha Henrique IV que casara com uma irmã de Afonso V, chamada D. Joana, levantaram-se grandes questões em Castela, porque aquele monarca deixara a coroa a sua filha D. Joana a quem o povo chamava a Beltrajana e a história chama a Excelente Senhora, e que as más línguas dizem ser filha de Beltran de La Cueva. No testamento o Henrique IV pede a seu cunhado D. Afonso V para casar com a sobrinha. Os partidários de D. Joana, pedem ao Afonso V para aproveitar aquela cláusula do testamento. D. Afonso V ambicionando ser rei de Portugal e de Castela, declara guerra a D. Fernando, irmão de D. Joana que tomara conta do poder. Parte com um exército e deixa a regência do país entregue a seu filho D. João. Durante os primeiros meses é feliz na campanha; mas mais tarde sofre vários revezes e pede ao filho que vá auxiliá-lo. D. João sai em seu socorro e consegue, na batalha de Toro, derrotar as tropas castelhanas comandadas pelo rei de Castela, enquanto que as tropas portuguesas comandadas por D. Afonso V eram derrotadas. Esta batalha ficou indecisa e por isso D. Afonso V perdeu todas as esperanças. Continuou ainda assim a luta. Mais tarde, vendo-se abandonado pelo rei de França, com quem se aliara e de quem nunca recebera auxílios, envergonhado do papel que desempenhara, resolve ir morrer à Terra Santa, deixando o poder a seu filho D. João. Os amigos porém de D. Afonso V conseguem demo\_

vê-lo de tal intento e regressa a Portugal. D. João faz entrega do poder a seu pai, são feitas as pazes com Castela, mediante a condição de D. Joana entrar para o convento de Santa Clara de Santarém. D Afonso V faleceu em Coimbra a 28 de Agosto de 1481. Foi durante êste reinado que Diogo Gomes descobriu o arquipélago de Cabo Verde.

### 3.<sup>a</sup> Classe

Assistiu às explicações de aritmética e geometria da 4.<sup>a</sup> classe, deu lição de leitura, resumo oral do trecho lido e fez ditado nos cadernos.

### 2.<sup>a</sup> Classe

Tabuada da multiplicação e da divisão por meio de concretização. Em português leitura, resumo oral do trecho lido e cópia nos cadernos.

### 1.<sup>a</sup> Classe

Os alunos desta classe deram a lição escrita a pag 42 do meu diário já citado

Dia 24 de Novembro

### 4.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética expliquei o que é número misto, sua conversão em fracção, a soma de um inteiro com uma fracção, a subtracção duma fracção de um inteiro e a extracção de inteiros, conforme o que a êsse respeito escrevi a pag 147 e seguintes da minha conferência.

Em história, expliquei assim o reinado de D. João II: Por morte de D. Afonso V foi aclamado rei de Portugal seu filho D. João. Desde muito novo mostrou uma grande energia e uma profunda visão dos negócios de Estado. Em vida de seu pai acompanhou-o à tomada de Arzila, onde se cobriu de glória e onde foi armado cavaleiro numa mesquita que fora purificada para tal fim. Encontrava-se nessa mesquita o cadáver de D. João Coutinho, 3.<sup>o</sup> conde de Marialva, que sucumbira na luta e foi junto dele que D. Afonso V o armou cavaleiro. Nas lutas que D. Afonso V teve com Castela, foi auxiliá-lo e derrotou o rei de Castela em Toro. Tendo D. Afonso V partido para França para conseguir auxílio do rei Luiz XI, vendo-se abandonado por este, abdicou da coroa nomeando seu filho rei de Portugal, pois resolvera, no auge do desespero, não voltar a Portugal e ir morrer à Palestina. Amigos íntimos porém convencem D. Afonso V a voltar a Portugal,

o que êle fez em 1477, não querendo porém aceitar a coroa das mãos de seu filho. Mas D. João insiste e obriga seu pai a continuar a governar o país. Em 1481 morre D. Afonso V e D. João volta então a ser aclamado rei. Por aqui já vêem os meus meninos que D. João era homem de talento e que prometia ser um bom rei. Os seus actos não desmentiram a esperança do povo. Logo a seguir à sua aclamação, reuniu côrtes em Évora. Determinou que os alcaides lhe prestassem menagem duma maneira diferente da que se usara até então, o que tornava os alcaides simples delegados do poder central. Foi este o princípio da revolta da nobreza contra o rei. D. João, firme na intenção de abater o orgulho da nobreza, revogou por êste decreto os alvarás que concediam remunerações e mais regalias à nobreza, e que obrigavam o país a grandes despesas esbanjando os bens da coroa. Nas corte de Évora a nobreza apareceu ameaçadora, mas D. João despreza-a e aceita apenas e de bom aspecto, as queixas formuladas pelos representantes do povo contra os nobres. O povo ficou satisfeitíssimo com as determinações de D. João II porque ficava livre da tutela dos nobres. D. João II, longe de temer a nobreza, faz cumprir as suas determinações e adopta a divisa: **Pola Ley e Pola Grey** divisa que defendeu até à morte. Os nobres vendo as suas regalias cortadas e as suas rendas diminuídas, ficaram furiosos e por isso decidiram-se a matar o rei. O primeiro que protestou energicamente foi D. Fernando, 3.º duque de Bragança, declarando que não prestaria menagem alguma não lhe dando a liberdade de as prestar como êle entendesse. D. João II, reconhece a necessidade de dar o primeiro golpe sôbre o orgulho dos nobres e por isso, depois de ter conhecimento que o duque de Bragança tinha entendimentos com Castela, mandou-o prender e decapitar em Évora. Nesse mesmo dia foi decapitado em estátua o Marquez de Montemor, porque tendo sido acusado de ser cúmplice do duque de Bragança, conseguiu fugir. Depois destas execuções, a nobreza ficou odiando de morte o rei e resolve matá-lo para ficar em paz. Toma a chefia da conspiração o duque de Viseu. Houve várias tentativas de assassínio, mas D. João consegue livrar-se delas, já porque andava sempre bem armado, já porque era avisado. Tendo-se retirado em 1484 para Setubal, resolve acabar com tais perigos. Manda chamar ao seu palácio o seu primo e cunhado o duque de Vizeu e, depois de lhe lançar em rosto a sua traição, puxa por um punhal e mata-o. Todos os mais conspiradores foram castigados severamente: D. Garcia Menezes, bispo de Évora, foi encerrado numa

cisterna, em Palmela, onde morreu; D. Guterres Coutinho, levado para o castelo de Aviz, foi esquartejado; Pêro de Albuquerque decapitado; Fernão da Silveira, conseguiu fugir, mas achando-se em Avinhão, ali foi morto por um emigrado, comprado por D. João II. Outros fidalgos tiveram igual destino. Escusado será dizer que depois desta conspiração os nobres jamais tiveram o atrevimento de desobedecer ao rei e começou então uma época de paz que D. João II aproveitou para continuar os descobrimentos que haviam afrouxado bastante depois da morte do infante D. Henrique. Diogo de Azambuja é mandado construir o castelo de S. Jorge na costa da Mina. Diogo Cão caminha ao longo da costa da África e descobre o rio Zaire. D. João ambicionava ardentemente descobrir o caminho do oriente, para travar relações com o famoso Preste João. Manda preparar uma esquadra para tal fim e entrega o seu comando a Bartolomeu Dias, que consegue enfim chegar ao fim da África e encontrar passagem para o oriente. Como as tempestades do mar lá no sul da África fizeram passar muitos perigos ao Bartolomeu Dias e seus marinheiros, êste ao dar conta da sua viagem ao rei, chamou ao cabo que penetra no mar e marca o fim do continente Africano, Cabo das Tormentas. D. João II, respondeu: Longe vá o agouro. De Boa Esperança lhe chamo eu porque tenho esperança de que por aí hei-de chegar à Índia. Mandou em seguida por terra os eruditos Pero da Covilhã e Afonso de Paiva à procura dessa região encantada. Êsses homens chegaram à Pérsia e dali mandaram cartas aconselhando D. João a procurar o caminho da Índia pelo oriente e dando-lhe notícias circunstanciadas das riquezas daquelas regiões. Tendo aparecido um marinheiro genovêz chamado Cristóvão Colombo, a oferecer os seus serviços prontificando-se a descobrir a Índia pelo ocidente, D. João II recusa-os. O rei de Castela aceita na sua corte o Cristóvão Colombo e dá-lhe navios e homens para executar o seu plano. Cristóvão Colombo descobre a América depois de uma viagem que só por si chega para imortalizar tal navegador. Por causa dêsse descobrimento, levantam-se questões entre Castela e Portugal, porque os Castelhanos proibiram os Portugueses de se dirigirem para o ocidente pois estavam convencidos que a almejada Índia estava para êsse lado. Essas questões terminaram com a intervenção do papa, que em Tordezilhas resolveu que se traçasse uma linha de pólo a pólo e que as terras que ficassem para o ocidente seriam o campo de acção dos descobri\_

mentos castelhanos, e as que ficassem para oriente as dos descobrimentos de Portugal. D. João II mandou preparar uma grande armada para ir à procura da Índia, mas morreu antes de se realizar o seu desejo.

D. João II teve duas aspirações, e nenhuma viu realizada. A primeira era a de reunir as coroas de Castela e Portugal e a segunda de conseguir que os seus marinheiros chegassem à Índia. A primeira falhou, porque seu filho único D. Afonso, que casara com a filha única dos reis de Castela, meses depois do casamento morria em Almeirim numa queda de cavalo e a segunda, porque morreu em Alvor em 1495 ???. D. João II, depois da morte de seu filho tentou ainda legitimar D. Jorge para lhe deixar o poder e não a seu primo D. Manuel, como lho havia prometido na sala do palácio em Azeitão apontando-lhe o cadáver do irmão. A rainha opôs-se a essa legitimação e por isso sucedeu-lhe no trono D. Manuel.

Não houve tempo para mais nada, porque as fracções consumiram muito tempo.

### 3.<sup>a</sup> Classe

Assistiu às explicações de aritmética da 4.<sup>a</sup> classe, e fez ditado nos cadernos.

### 2.<sup>a</sup> Classe

Multiplicação e divisão por meio de concretização. Em Português, leitura, resumo oral do trecho lido e cópia nos cadernos.

### 1.<sup>a</sup> Classe

Deu a lição escrita a pag 44 e 45 do meu diário já citado. Em Português, leitura, resumo oral do trecho lido e cópia nos cadernos.

Dia 25 de Novembro

### 4.<sup>a</sup> Classe

Repetição das matérias dadas em aritmética e história. Em Português, leitura, resumo oral do trecho lido e cópia nos cadernos.

### 3.<sup>a</sup> Classe

Assistiu às repetições da 4.<sup>a</sup>, deu lição de português que constou de leitura, resumo oral do trecho lido e ditado nos cadernos.

2.<sup>a</sup> Classe

Repetiu a tabuada de multiplicar até à tábua do 5 por meio de concretização. Em Português, leitura, resumo oral do trecho lido e cópia nos cadernos.

1.<sup>a</sup> Classe

Repetiu a lição anterior.

Dia 26 de Novembro

Lição de moral, canto e ginástica a todas as classes.

Dia 28 de Novembro

4.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética e geometria, repetição da matéria dada. Em história, expliquei assim o reinado de D. Manuel e D. João III: Depois da morte de D. João II, foi aclamado rei, seu primo D. Manuel. O primeiro acto do seu reinado, foi chamar para Portugal os filhos do duque de Bragança decapitado em Évora e entregar-lhes todos os bens confiscados. O povo não achou justa esta determinação, pois em pouco menos de um ano, a coroa perdeu a posse de 50 vilas. Como se tinha apaixonado por D. Isabel, viúva de D. Afonso, e como esta, para consentir no casamento, impoz a condição de expulsar os judeus de Portugal, D. Manuel não hesita em decretar a expulsão para realizar um casamento tão ambicionado. Foram grandes os prejuízos causados por tal expulsão. Muitos judeus, porque lhes era impossível liquidar os seus negócios dentro do praso indicado pelo decreto da expulsão, converteram-se ao cristianismo para assim poderem permanecer em Portugal. Esta ordem de expulsão, veio lançar no povo o germen das lutas religiosas, pois dali em diante, mouros e judeus, que viviam descansadamente nos seus bairros, passaram a ser olhados como elementos perigosos na sociedade. Daí, mais tarde, o aparecimento da inquisição no tempo de D. João III. Tendo casado D. Manuel com D. Isabel, viúva do filho de D. João II, e tendo nesse mesmo ano morrido o primogénito de Castela, foram os dois monarcas a caminho de Castela para serem jurados herdeiros dos tronos de Castela e Aragão. As cortes aragonesas ofereceram

dificuldades, dificuldades que acabaram quando D. Isabel teve um filho que foi chamado Miguel, o qual foi jurado herdeiro do trono. Pouco depois morria a D. Isabel de um parto, morria o Miguel e com estas duas mortes acabaram as esperanças que D. Manuel tinha de ver reunidas as côrtes ?? de Portugal, Castela e Aragão. D. Manuel, querendo chegar às almeçadas terras do oriente, mandou seguir a caminho da Índia a armada já preparada pelo seu antecessor cujo comando entregou a Vasco da Gama que partiu de Lisboa a 8 de Julho de 1497. Demorou dois anos a viagem. Ultimamente, D. Manuel deseioso de saber qual o resultado de tão aventureira viagem, subia todos os dias à serra de Cintra, donde ficava a olhar o mar para ver aparecer os navios. Foi então que fez a promessa de edificar um templo caso fôsse bem sucedida a armada de Vasco da Gama. Em 29 de Julho de 1499, apareceu Nicolau Coelho a dar a notícia do descobrimento do caminho marítimo para a Índia, dizendo terem chegado à cidade de Calicut.

Um mês depois chegou Vasco da Gama que foi recebido com toda a solenidade e a quem foram dadas todas as honras. No ano imediato, em 1500, mandou Pedro Álvares Cabral, com uma nova armada, visitar a Índia para assinar os tratados de comércio com os rajás daquela terra. Pedro Álvares Cabral, tendo-se desviado um pouco para ocidente, descobre o Brasil, onde chega a 25 de Abril. Manda dali notícia do novo descobrimento e continua a sua viagem para a Índia. Um dos navios da esquadra capitaneada por Pedro Álvares Cabral era comandado pelo Bartolomeu Dias. Ao chegar ao Cabo das Tormentas, o navio de Bartolomeu Dias foi submergido pelas ondas, ficando assim sepultado para sempre naquele lugar que êle classificara de Tormentoso. Pedro Álvares Cabral fez sentir nos índios o peso das espadas portuguesas, e consegue entrar em negociações com os habitantes daquelas regiões, e regressa a Portugal trazendo ricas mercadorias. Devo acrescentar, que se D. Manuel foi um rei feliz e que se Portugal atingiu neste reinado o mais alto grau de glória, não foi pelas qualidades governativas do rei, mas sim pelos homens importantes que neste reinado apareceram. D. Manuel era altivo e ambicioso. Vasco da Gama é posto de parte. Pedro Álvares Cabral é também desprezado, mas aparecem logo Francisco e Afonso de Albuquerque comandando as esquadras que em 1503 partiram para a Índia e nas quais ia Duarte Pacheco que assombrou o oriente com o seu patriotismo e valentia mas que apesar de tudo isso, foi também posto de parte. D. Manuel resolve entregar o go\_

vêrno dos portugueses que nesse tempo comerciavam e guerreavam na Índia a um homem e escolhe para êsse cargo Tristão da Cunha a quem foi dado o título de vice-rei. Tendo chegado pouco depois foi substituído por Francisco de Almeida, que dilata os domínios portugueses derrotando índios e mouros e os turcos que então eram o terror da Europa cristã. Três anos depois é substituído por Afonso de Albuquerque, o grande conquistador e verdadeiro fundador do império português no oriente, pela conquista de Ormuz, Goa e Malaca. No fim de seis anos de govêrno, D. Manuel manda-o substituir por Lopo Soares de Albergaria. A substituição de Afonso de Albuquerque no Govêrno da Índia foi motivada pelas intrigas levantadas contra êle na côrte, pois dizia-se que Albuquerque pensava tornar-se independente. Afonso de Albuquerque vencido pelo desgosto de se ver tão mal julgado pelo seu rei depois de tantos serviços prestados à pátria, morreu em Goa exclamando: Mal com o rei por amor dos homens e mal com os homens por amor do rei, o melhor é morrer. Era tal o respeito dos índios por êste herói, que fizeram romarias durante um ano ao seu túmulo, onde ajoelhavam e pediam aos deuses que lhes mandassem à Índia governador como Albuquerque. Foi um grande erro sem dúvida esta substituição. D. Manuel foi um incompetente no governo da Índia, porque nem seguiu o plano de Francisco de Almeida, fortalecendo cada vez mais a nossa marinha para deste modo conseguir o domínio dos mares, nem o de Afonso de Albuquerque que desejava reunir num só povo, portugueses e índios. Era vastíssimo o império, pois comerciávamos até à China e Molucas. João da Nova descobriu as ilhas de Ascensão e Santa Helena, e os Corte Real ??, vão até à Terra Nova. Para fazermos ideia da vastidão do império português nesse tempo e da glória atingida pelos portugueses, basta apontar os títulos que D. Manuel usava e que eram: **D. Manuel, rei de Portugal e dos Algarves, daquém e dalém mar em África, senhor da conquista, navegação e comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia.**

D. Manuel enviou uma embaixada ao papa que encheu o mundo de assombro pela magnificência e riquezas enviadas. Os grandes homens tornaram feliz e venturoso o reinado dêste monarca. Pena foi que D. Manuel não soubesse aproveitar convenientemente as riquezas de então. Também é do tempo de D. Manuel o Fernão de Magalhães que depois de desprezado pelo rei português, foi oferecer os seus serviços ao rei de Castela, fazendo a primeira

viagem de circumnavegação. D. Manuel durante o seu reinado publicou algumas leis tirando regalias ao povo e concedendo-as aos nobres. Cumpriu a promessa que fizera aquando da viagem de Vasco da Gama e mandou construir o convento dos Jerónimos. Também mandou construir a Torre de Belém, a igreja de Santa Cruz de Coimbra, o convento de Cristo em Tomar, os paços da Ribeira em Lisboa e a Sé do Funchal. D. Manuel é conhecido pelo nome de Venturoso.

Depois da sua morte foi aclamado rei de Portugal seu filho D. João III. No dia em que nasceu D. João III sobreveio uma horrorosa tempestade e no dia do seu batismo, houve incêndio no paço, coincidências estas que fizeram acreditar o povo no mau governo deste monarca. D. João III dizem ser tacanho de inteligência e que nunca se dedicara com amor aos estudos sendo muito distraído e votando mais afeição aos seus divertimentos de criança.

Quando subiu ao poder, Portugal dominava na Ásia, na África e na América. Governava na Índia Duarte de Meneses, que D. João mandou substituir por causa da sua má administração. Foi chamado então Vasco da Gama para restituir à Índia o seu valor e conseguir novo prestígio para Portugal. Afinal morreu pouco depois de tomar conta do cargo de vice-rei, sucedendo-lhe Henrique de Menezes que continua a administração seguida por Vasco da Gama. É nomeado depois vice-rei da Índia D. João de Castro que se cobriu de glória nos três cercos da cidade de Diu e que governa a Índia com absoluta integridade. É sem dúvida uma das mais importantes figuras do nosso governo da Índia. Num dos cercos de Diu, não tendo dinheiro para custear as despesas da guerra, manda desenterrar o filho que havia perecido num dos combates para mandar alguns dos seus ossos como penhor da quantia pedida à cidade de Goa. Como porém o cadáver não estivesse ainda completamente apodrecido e a carne separada dos ossos, corta alguns cabelos da sua barba e manda-os dentro da carta onde fazia o pedido da quantia necessária para salvar Diu do cerco. Morreu pobre e tanto, que quando caiu na cama, nem dinheiro tinha em casa para comprar uma galinha. E era Governador da Índia! Declarou à hora da morte, que não devia um único ceutil ao Estado. Mas, se D. João de Castro é um exemplo vivo, talvez o último que a Índia contemplou, das conhecidas qualidades dos portugueses de antanho, muitos outros entregaram-se ao roubo e o nosso domínio principiou a fracassar no oriente. Durante o reinado de D. João III iniciou-se a colonização do Brasil. Para

isso dividiu-se em capitánias sendo entregues a homens ricos que ficavam obrigados a tratar da sua cultura e população. Os Jesuítas, admitidos em Portugal por D. João III, estabelecem missões em toda a parte do nosso império e prestam relevantes serviços a Portugal, destacando-se entre êles S. Francisco Xavier e o P. Anchieta. É introduzido também em Portugal o tribunal da inquisição que veio prejudicar bastante o nosso país. D. Manuel casara em terceiras núpcias com D. Leonor, noiva de D. João III. Diz-se que sofreu muito por causa de seu pai lhe roubar a noiva e que por isso havia ficado sempre taciturno e inclinado à crueldade que motivou talvez os castigos infligidos pelo Tribunal da Inquisição. Transferiu a Universidade para a cidade de Coimbra. D. João III teve muitos filhos mas morreram todos e por isso sucedeu-lhe no trono, seu neto D. Sebastião.

### 3.<sup>a</sup> Classe

Assistiu às repetições da 4.<sup>a</sup> classe, deu lição de leitura, resumo oral do trecho lido e fez ditado nos cadernos.

### 2.<sup>a</sup> Classe

Multiplicação e divisão por meio de problemas. Em português leitura, resumo oral do trecho lido e cópia nos cadernos.

### 1.<sup>a</sup> Classe

Deu a lição escrita a pag 48 e 49 do meu diário já citado

Dia 29 de Novembro

### 4.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética expliquei assim a divisão dum inteiro por uma fracção e vice-versa. Tomei o giz e propuz aos alunos o seguinte problema: Para quantos meninos me chegarão 3 queijos se eu quiser dar  $\frac{2}{7}$  do queijo a cada um? Depois de ter escrito os respectivos dados do problema no quadro, disse-lhes assim: Pelo enunciado do problema os meninos já sabem que temos de fazer uma divisão para resolver o caso: indicando temos portanto:

3

-----3 :  $\frac{2}{7}$  = Para dividir um inteiro por uma fracção dizem os

$\frac{2}{7}$

livros que se invertem os termos à fracção e que se pratica a regra da multiplicação. Fazendo

portanto como ensinam os livros temos:  $3 : \frac{2}{7} = 3 \times \frac{7}{2}$  Como vêm, temos

agora um inteiro a multiplicar por uma fracção, e os meninos já sabem que para efectuar tal operação, se multiplica o inteiro pelo numerador, dando-lhe o mesmo denominador. Efectuando

temos:  $3 \times \frac{7}{2} = \frac{21}{2}$  Olhando com atenção para a fracção  $\frac{21}{2}$ , reconhecemos que nela deve

haver unidades, pois que cada unidade é dividida em 2 e nós ficamos com 21. Portanto

extraíndo-lhe os inteiros, temos:  $21 : 2 = 10 \frac{1}{2}$  donde concluímos que os queijos chegam

para 10 meninos e que sobra  $\frac{1}{2}$ . No meu fraco entender, resolver assim o problema é tratar a

questão abstractamente e tanto, que os meus meninos, embora aprendam a fazer assim que é

como ensinam as aritméticas que por aí andam, não ficam a saber nada nem a explicarem o

caso convenientemente, isto é, práticamente. Ora como o meu maior desejo é que os meninos

entendam tudo quanto façam e saibam explicar porque é que assim se faz, vou explicar-lhes

este caso práticamente e verão depois que o livro ensina mal e conduz-nos a um resultado

errado. Dito isto, tomei três pedaços iguais de papel que estavam sobre a secretária, voltei-me

para os alunos e disse-lhes: Êstes três pedaços de papel que tenho nas mãos, para nós, neste

caso, deixam de ser pedaços de papel, para serem queijos. Se eu quiser distribuí-los pelos

meninos meus amigos com a condição de dar a cada um  $\frac{2}{7}$ , tenho forçosamente de dividir cada

um em 7 partes iguais, não é verdade? Pois então façamos isso. Tomei uma tesoura que

propositadamente tinha trazido de casa para tal fim e, à vista de todos, dividi cada um dos três

pedaços de papel em 7 partes iguais. Como vêm, os três queijos deram 21 sétimos. Ora agora

vamos lá saber uma coisa: Quantos sétimos quero dar a cada menino? Dois sétimos não é

verdade? Já não é difícil agora saber que os sétimos dos três queijos, chegam para tantos

meninos, quantas passam a ser as vezes que dos 21 sétimos dos três queijos se possam tirar 2

sétimos que é quanto quero dar a cada um. E como tirar um número doutro tantas

vezes quantas se possa, é fazer uma divisão, nós não temos mais nada a fazer do que dividir  $\frac{21}{7}$  por  $\frac{2}{7}$ , isto é, saber quantas vezes de  $\frac{21}{7}$  que são os sétimos dos três queijos, podem ser tirados os  $\frac{2}{7}$  que são os sétimos que quero dar a cada menino. Tantas vezes se tirem, tantos são os meninos que recebem queijo. Dito isto, tomei os vinte e um bocados em que dividira os três pedaços de papel e, para tornar a lição mais atraente, fui entregando dois a cada aluno, dizendo-lhe: Aí tens o queijo que te pertence. As crianças acharam graça ao dito e iam seguindo a lição com interesse. Depois de ter dado a cada um dois pedaços, fiquei com um na mão. Ao ver-me só com um pedaço na mão, disse: Este agora é para mim. Não era justo que eu ficasse sem comer também um bocado de queijo. **Gargalhada geral.** Deixei rir os petizes, ri também, e no fim da gargalhada disse-lhes: Vamos lá a ver quantos foram os meninos que receberam queijo. – Fui eu, senhor professor – e eu, e eu também, responderam quasi gritando os rapazes. Acalmei os ânimos e procedi à contagem, verificando serem 10 os contemplados. Depois perguntei aos alunos: Porque é que foram 10 os meninos que receberam queijo? Porque os queijos foram divididos em sétimos e, como eram três deram 21; e de 21 sétimos podemos tirar dois sétimos 10 vezes, sobrando um sétimo. Isto, como vêm, é claro como a água das fontes.

Portanto fazendo como eu quero que se faça daqui em diante, temos:  $3 \div \frac{2}{7} = \frac{21}{7} : \frac{2}{7} = 10 \frac{1}{7}$

Vá lá outro exemplo. – Tomei 4 pedaços de papel que tinha sobre a secretária e disse aos pequenos: Estes pedaços de papel agora não são pedaços de papel mas sim pastas de chocolate. Grande alegria na petizada. Vamos lá a ver portanto para quantos meninos chegarão estas 4 pastas de chocolate, se eu der a cada menino  $\frac{3}{5}$  da pasta. Fazendo como manda o livro

temos:

4

$$\frac{4}{\frac{3}{5}} = 4 \times \frac{5}{3} = \frac{20}{3} = 6 \frac{2}{3}$$

$\frac{3}{5}$

Donde concluímos que as 4 pastas chegam para 6 meninos e que

sobram  $\frac{2}{3}$ . Ora isto, feito assim, é

abstracto e leva a uma conclusão errada como vimos no exemplo anterior e vão ver neste também. Que tenho eu a fazer para poder distribuir pelos meninos estas 4 pastas de chocolate, dando a cada um  $\frac{3}{5}$ ? Tenho de partir cada uma delas em 5 partes iguais. Vou fazer isso. Peguei na tesoura e parti cada bocado de papel em 5 partes. Depois disse aos alunos: Como vêm, as quatro partes, partidas em quintos, dão 20 quintos. Para quantos meninos chegarão portanto? Chegam para tantos, quantas possam ser as vezes que destes 20 bocados, quintos neste caso, se tirem três bocados, quintos também, que são os que quero dar a cada menino. Dito isto, fiz a distribuição como há bocado, e os alunos verificaram que chegaram para 6, sobrando  $\frac{2}{5}$ , e não dois terços como os livros ensinam. Dirigi-me depois ao quadro e disse aos alunos: Indicando e efectuando como eu quero, temos:

$$4 : \frac{3}{5} = \frac{20}{5} : \frac{3}{5} = 6\frac{2}{5}$$

Daqui concluímos que quando tivermos um inteiro a dividir por uma

fracção, devemos considerar cada uma das unidades dêsse inteiro dividida em tantas partes quantas as que indica a fracção, e depois efectuar a divisão entre as duas fracções, como se fossem números inteiros, isto é, dividir simplesmente os respectivos numeradores, dando ao resto, se o houver, o denominador comum.

Vá lá mais outro exemplo para isto ficar bem sabido e bem compreendido. Eu tenho três peras e quero dar  $\frac{2}{9}$  da pêra a cada menino. Para quantos meninos me chegam as três peras? Fazendo como eu ensinei temos: Três peras partidas em nonos dão 27 nonos. Como cada menino tem de receber dois nonos, para quantos chegarão os 27 nonos das três peras? Hão-de chegar para tantos, quantas possam ser as vezes que o número 2 se possa tirar de 27. E o número 2 quantas vezes se pode tirar de 27? 13 vezes, não é verdade? E quanto sobra? Sobra um, que neste caso é um nono. Logo, tendo nós  $\frac{27}{9}$  e querendo dar a cada menino  $\frac{2}{9}$ , chegar-nos-ão para 13 meninos e sobrá  $\frac{1}{9}$ . Indicando no quadro mais êste exemplo temos:

$$\frac{27}{9} \text{ ----- } 3 : \frac{2}{9} = \frac{27}{9} : \frac{2}{9} = 13\frac{1}{9}$$

Vamos agora à divisão de uma fracção por um inteiro. Antes de propor um problema para êste caso, tomei um pedaço de papel que tinha sobre a secretária, passei-o para a mão esquerda, peguei com a direita na tesoura, voltei-me para os alunos e disse-lhes: Isto que tenho na mão não é papel, é laranja e vou parti-lo em sétimos. Dito isto, levantei um pouco mais os braços, e bem à vista de todos os alunos parti o pedaço de papel em sete partes, que foram caindo sobre a secretária. Depois, tomei quatro dessas partes e, mostrando-as aos alunos, perguntei-lhes:

Querendo eu distribuir êstes  $\frac{4}{7}$  por 5 dos meus meninos, que porção pertenceria a cada um?

Como vêem é necessário fazer uma divisão. Fazendo como manda o livro, temos de multiplicar o inteiro pelo denominador da fracção e dar-lhe o mesmo numerador. Eu vou ao quadro efectuar como o livro diz

$$\frac{4}{7} \div 5 = \frac{4}{35}$$

Estará bem como o livro diz? Está sim, meus meninos, está bem: Mas saber fazer como o livro diz e não saber nada, é tudo a mesma coisa. Por isso, vamos ver se compreendemos porque é que cada menino há-de receber quatro trinta e cinco avos da unidade. Dito isto, voltei à

secretária, peguei novamente nos  $\frac{4}{7}$  e na tesoura e disse aos alunos: Meninos, querendo eu

distribuir estes 4 pedaços por 5 de vocês, tenho de partir infalivelmente cada um deles em 5 partes iguais, para não deixar ninguém descontente. Dito isto, aproximei-me das carteiras, escolhi 5 alunos, tomei um dos sétimos e parti-o em 5 partes, deixando cada parte diante do respectivo aluno. Peguei depois no segundo sétimo, e procedi de igual forma, bem como com os outros dois sétimos, conseguindo assim deixar 4 pedacitos em frente de cada um dos 5 alunos.

Depois disse-lhes: Cada um dos meus meninos, tem diante de si, quatro bocados dos 5 em que parti cada um dos  $\frac{4}{7}$ , não é verdade? Mas cada um dêsses quatro bocados, comparado com a

unidade, isto é, com o papel que eu há pouco parti e ao qual chamei laranja para mais os entusiasmar, quantas vezes é mais pequeno? Trinta e cinco vezes. E porque? Porque partindo uma unidade em sétimos, dá sete sétimos;

e partindo cada um dos sétimos em cinco partes iguais, a unidade, dá trinta e cinco partes. Ora quando nós partimos a unidade em trinta e cinco partes iguais, a cada uma dessas partes damos o nome de um, trinta e cinco avos. Já vêm portanto os meus meninos que esses quatro bocados que têm diante de si, são os  $\frac{4}{35}$  da unidade. O livro portanto ensina bem, mas é pena que não ensine assim como eu ensinei

agora. Ora agora digam-me: Porque é que a cada menino pertenceram  $\frac{4}{35}$  da unidade? Não sabem,

pois não? Eu explico: A unidade tinha sido dividida em sete partes iguais e só quatro dessas partes é que foram escolhidas para serem divididas por cinco meninos. Portanto, para a distribuição ser bem feita, foi necessário partir cada uma dessas quatro partes – quatro sétimos no nosso caso – em 5 partes iguais, para deste modo pertencer  $\frac{1}{5}$  de cada sétimo a cada menino. E um quinto do sétimo, que parte é da

unidade? É um trinta e cinco avos dessa unidade. Aqui têm a razão porque a cada menino pertenceram  $\frac{4}{5}$  dos  $\frac{4}{7}$ , ou sejam  $\frac{4}{35}$  da unidade. Portanto quando temos uma fracção a dividir por um inteiro, basta

multiplicar o inteiro pelo denominador e dar-lhe o mesmo numerador, porque multiplicar neste caso, como viram, equivale a dividir cada parte da unidade em tantas partes quantas são as unidades indicadas por êsse inteiro. Vamos rectificar êste exemplo, isto é, vamos tirar a prova à operação que fizemos para ver se está ou não bem feita. Para isso vá lá o problema: Tendo eu  $\frac{4}{7}$  de uma laranja para distribuir por

meninos meus amigos, para quantos meninos me chegarão se eu der a cada menino  $\frac{4}{35}$  da laranja? Se

eu tenho  $\frac{4}{7}$  duma laranja, é porque parti a laranja em 7 partes iguais; e se quero dar  $\frac{4}{35}$  a cada menino,

tenho de partir cada um daqueles sétimos em 5 partes iguais. Porque só fazendo assim é que consigo dividir a unidade em 35 partes. Ora  $\frac{4}{7}$  partidos em 5 partes iguais cada um, dão  $\frac{20}{35}$  da unidade. E eu quantos quero dar a cada menino? 4. Logo, para quantos meninos me chegam? Chegam para tantos, quantas possam ser as vezes que  $\frac{4}{35}$  sejam tirados de  $\frac{20}{35}$ . **E como tirar um número doutro tantas vezes quantas se possa é dividir, eu não tenho**

**mais nada a fazer que dividir à laia de inteiro a fracção  $\frac{20}{35}$  por  $\frac{4}{35}$ .** Efectuando como fica dito,

temos:  $\frac{20}{35} : \frac{4}{35} = 5$ . Cá estão os cinco meninos.

Apresentei mais exemplos sobre êste caso seguindo em todos explicação idêntica à anterior e que julgo desnecessário expor aqui.

Em história expliquei os reinados de D. Sebastião e Cardeal D. Henrique. Como sabem, meus meninos, os filhos de D. João III faleceram todos em vida do pai. Um deles, chamado D. João, chegou à idade de 16 anos e, com receio de que tivesse a mesma sorte que os outros haviam tido, D. João III casou-o. Pouco tempo depois morreu, deixando a mulher grávida. O povo faz preces para que a mulher do príncipe morto, dê à luz um filho. A vontade do povo foi feita, e como essa criança nasceu no dia de S. Sebastião, foi escolhido para ela o nome deste santo. A história chama-lhe o desejado porque o povo desejava ardentemente que D. João III não falecesse sem deixar um herdeiro para a coroa, pois doutro modo, iríamos cair nas mãos do rei de Castela, por causa das escrituras feitas aquando do casamento da infanta D. Maria de Portugal com o príncipe Filipe de Castela, nas quais se declara que a coroa portuguesa pertenceria aos filhos dêste matrimónio, caso não houvesse herdeiros directos. D. João III morreu quando D. Sebastião tinha apenas três anos de idade. O período que decorreu entre os 3 e os 14 anos de D. Sebastião, foi de lutas políticas entre o Cardeal D. Henrique e a D. Catarina, mulher de D. João III, por causa da regência. Não passo portanto a descrevê-las porque vós não necessitais de sabê-las. Dir-vos -ei apenas que a mãe de D. Sebastião se retirou melindrada para Castela ao ver que não era admitida na educação de seu filho. A educação de D. Sebastião foi entregue a dois homens: um jesuíta, chamado P. Luiz Gonçalves da Câmara, e o outro era D. Aleixo de Menezes, homem de vasta erudição. É por isso que os historiadores dizem que o P. Câmara fez de D. Sebastião um monge, e que o Aleixo de Menezes fez dele um guerreiro. Na verdade D. Sebastião passava o tempo em caçadas, desafiando o perigo, rezando e lendo livros de aventuras. Quando o Tejo estava agitadoíssimo, D. Sebastião entrava num barco e ia contemplar o mar, desprezando o perigo e sentindo grande prazer com isso. Mas êste desprezo que mostrava pelo perigo, não era filho de uma valentia criada por aquela força moral que impele os homens para os grandes heroísmos. E tanto assim, que quando Lisboa foi atacada pela peste, D. Sebastião fugiu cobardemente da capital deixando o seu povo ao

abandono. Enquanto andou pelas províncias fugido à peste, praticou toda a espécie de extravagâncias. Mandava abrir os túmulos dos reis seus antepassados e ficava extasiado a olhar para os que haviam sido grandes guerreiros e desprezava os que não haviam combatido. Perante estas excentricidades o povo ficava assombrado e com receio de ser um dia levado à perdição. Por causa da educação jesuítica, D. Sebastião fugia do casamento e ambicionava a vida contemplativa. O desejo ardente de se tornar grande nos campos de batalha, enlouqueceu-o. Foram muitas as vezes que se preparou para ir em auxílio de reis estrangeiros que andavam em lutas.

Chegou a embarcar em segredo para a África donde regressou, por não ter encontrado mouros para combater. Um dia, apareceu em Portugal Muley- Hamed, pedindo auxílio ao D. Sebastião para que o ajudasse a tirar vingança de seu tio Muley-Moluk, que o havia destronado e prometendo-lhe terras no norte de África além doutras recompensas. D. Sebastião aceita com entusiasmo a proposta de Muley-Hamed, tanto mais que desde há muito concebera o plano de fundar um império em Marrocos. Manda logo preparar um exército para partir para a África. Todos os homens de Estado e oficiais do exército aconselham D. Sebastião para desistir de tal empresa. Tudo em vão. Convidou o rei de Castela para uma aliança contra Marrocos, mas o Filipe riu-se de tal empresa e soube afoitar o Sebastião prevendo com certeza a derrocada e os bens que dela havia de tirar. D. Sebastião preparou um exército composto de portugueses, espanhóis, irlandeses e alemães. Este exército não oferecia garantias, porque os portugueses eram apenas uns 9 mil soldados recrutados nas províncias e que desconheciam por completo o manejo das armas; os outros, estrangeiros, eram mercenários, que prestavam serviço em troca de bom ordenado e com a mira nos saques das cidades conquistadas e que, na hora de perigo, fugiam como carneiros. D. Sebastião apesar de tudo isto lhe ser dito, embarcou-se para África com um exército de 18.000 homens, conduzido em 800 velas. Desembarcou em África e dirigiu-se para Alcácer-Quibir. Os mouros preparam a defesa e quando as tropas portuguesas chegam aos Campos de Alcácer Quibir, estão completamente extenuadas. D. Sebastião mesmo assim dá ordem para o ataque e assume o comando de todas as tropas. Os portugueses atacam os mouros que levam

de vencida. D. Sebastião que combatia com valentia, esqueceu-se dar ordens aos seus soldados que passaram a combater sem ordem. Tendo os mouros sido reforçados por novas tropas, envolvem as tropas portuguesas de tal maneira, que o nosso exército é quasi todo aniquilado. O rei vendo a batalha perdida, despreza os conselhos dos que queriam salvá-lo e quando D. João de Portugal lhe diz: Só nos resta morrer, D. Sebastião respondeu-lhe “com voz abafada”: “Morrer sim, morrer sim, mas devagar”. E dito isto, meteu esporas ao cavalo e desapareceu por entre os exércitos inimigos, descarregando golpes tremendos para a direita e para a esquerda. Em vão os seus amigos o quiseram acompanhar. Perderam-no de vista e desapareceu para sempre. Esta batalha deu-se a 4 de Agosto de 1578. Em 1582 veio para Portugal o cadáver verdadeiro ou suposto de D. Sebastião, e na sepultura foi gravado um epitáfio que principia assim: **Aqui jaz, si vera est fama...**A derrota de Alcácer-Quibir foi chorada pelos sinos de Lisboa e por todo o povo português, porque foi ela sem dúvida a causa da perda da nossa independência. Como D. Sebastião não tinha filhos, foi aclamado rei seu tio avô o cardeal D. Henrique, homem velho e doente. A saúde deste velho era tão débil que não podia tomar outro alimento que não fosse leite, mas êste leite tinha de ser mamado dos peitos duma mulher, servindo-lhe de ama Maria Mota. Foi discípulo do grande matemático Pedro Nunes e era muito versado não só na ciência eclesiástica como também na profana. Entre D. Henrique e D. Catarina travaram-se lutas durante a menoridade de D. Sebastião por causa da regência, lutas que terminaram depois de D. Sebastião assumir o govêrno do reino. Quando D. Sebastião tomou conta do poder, havia seis anos que a regência fora confiada a D. Henrique, retirando-se êste para o mosteiro de Alcobaça, após o acto da entrega da regência, donde não saiu mais até ao terrível desastre de Alcácer – Quibir. Sabido o desastre de África foi convidado o cardeal para assumir o governo do reino, como curador, enquanto não chegasse a verdadeira notícia da morte de D. Sebastião. Tendo Belchior do Amaral mandado dizer que vira e reconhecera o cadáver de D. Sebastião, D. Henrique foi coroado rei a 29 de Agosto de 1578. Logo que tomou conta do poder, aboliu alguns impostos lançados por D. Sebastião e ordenou que fossem confiscados os bens aos judeus condenados pelo santo officio. O povo

olhava com tristeza para este velho que nenhuma esperança oferecia. Por causa do seu estado eclesiástico não podia casar. Ainda se pensou em casá-lo, sendo-lhe indicadas duas mulheres: uma D. Isabel, viúva de Carlos IX e filha do imperador Maximiliano II, e outra a D. Maria filha do duque de Bragança. D. Henrique aceitou esta e pediu autorização a Roma. O rei de Castela ao saber desta resolução escreveu para a cúria romana para jamais fôsse concedida tal autorização. Ainda que fôsse, que se poderia esperar dum velho e dum doente? D. Henrique ficou irritado com o procedimento do rei de Castela o que não impediu que mais tarde advogasse a sua causa. O Cristovam de Moura com as mão cheias de duros castelhanos, compra a nobreza de Portugal que esquecera os seus mais elementares deveres perante a Pátria. As riquezas da Índia e do Brasil haviam pervertido os chefes do reino a tal ponto, que nada mais desejavam que ter os bolsos recheados de ouro e os estômagos contentes. Amor da Pátria, liberdade independência, glória enfim, tudo eram utopias, quimeras loucas. O povo, o bom povo português, via tudo isto e mostrava-se descontente, tanto mais que sabia que D. Henrique estava ao lado do Filipe de Castela. Como a saúde do cardeal perigasse, reuniram-se as côrtes em Almeirim. D. Henrique que julgava que Febo Moniz era pelo rei de Castela, nomeou-o para nessas indicar qual devia ser o seu sucessor no governo de Portugal. Febo Moniz fala eloquentemente e consegue que os nobres tomem a resolução de escolher um rei português. Participa o resultado ao D. Henrique e este responde que o governo do país deve ser entregue a Filipe de Hespanha por causa dos direitos adquiridos por uma das clausulas da escritura do casamento da infanta D. Maria de Portugal. Recebida a resposta do cardeal, Febo Moniz volta-se para um crucifixo que estava numa das paredes da sala das côrtes e pede-lhe chorando e arrancando as barbas, para que não consinta que tal crime seja praticado. Benditas sejam as lágrimas dêste homem! Foram talvez as primeiras choradas pela alma agonizante da Pátria. Acontecia isto no ano de 1580. Para cúmulo da desgraça aparece a peste atirando com milhares de pessoas para a sepultura. D. Henrique estava agonizante e os exércitos de Castela aproximam-se da fronteira portuguesa. A duquesa de Bragança, junto do leito do cardeal, lança-lhe em rosto a sua traição à Pátria. D. Henrique sem ter a coragem duma decisão, entrega o govêrno do país a 5 homens já comprados por Cristóvão de Moura, o demónio do meio-dia, e morre cheio de remorsos. Foi o último representante da

dinastia de Aviz, tão brilhantemente começada por D. João I. A história dá ao D. Henrique o cognome de casto.

Por causa das explicações de aritmética não houve tempo para mais nada.

### 3.<sup>a</sup> Classe

Assisti às explicações de aritmética da 4.<sup>a</sup> e fez ditado nos cadernos.

### 2.<sup>a</sup> Classe

Multiplicação e divisão por meio de problemas. Em português leitura, resumo oral do trecho lido, cópia nos cadernos e ditado de palavras no quadro.

### 1.<sup>a</sup> Classe

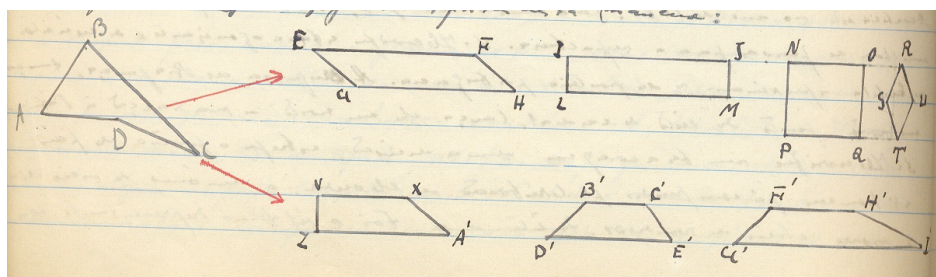
Deu a lição escrita a pag 50 e 51 do meu diário já citado

Dia 30 de Novembro

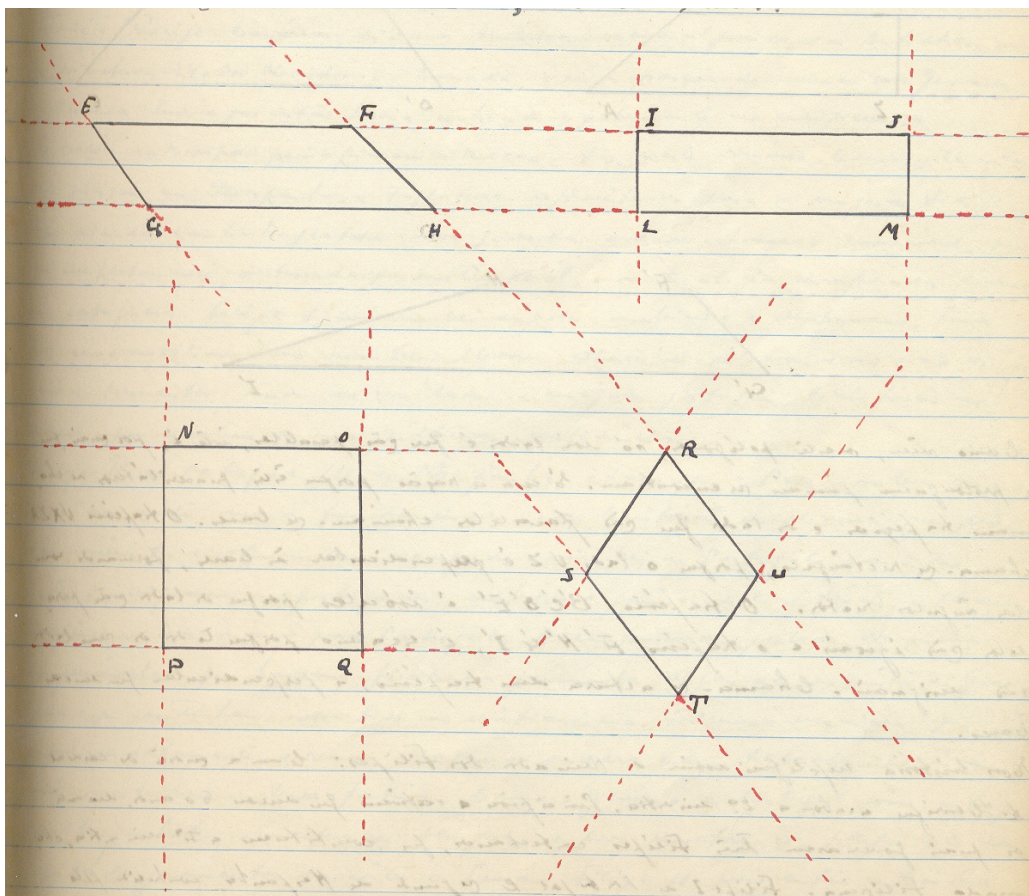
### 4.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética, repetição da matéria dada na lição anterior. Em geometria, expliquei assim os quadriláteros:

Os meninos já sabem que toda a superfície limitada por linhas se chama polígono. Na última lição de geometria tratámos dos polígonos chamados triângulos. Em geometria designam-se todos os polígonos pelo número de ângulos e não pelo número de lados. Há porém uma excepção, e essa excepção pertence aos polígonos que hoje vamos estudar, que a geometria classifica quanto ao número de lados e não de ângulos. Estão neste caso os polígonos de quatro lados chamados quadriláteros. Os quadriláteros dividem-se em dois grupos: o dos paralelogramos e o dos trapézios. Dito isto tracei no quadro as seguintes figuras dispostas desta maneira:



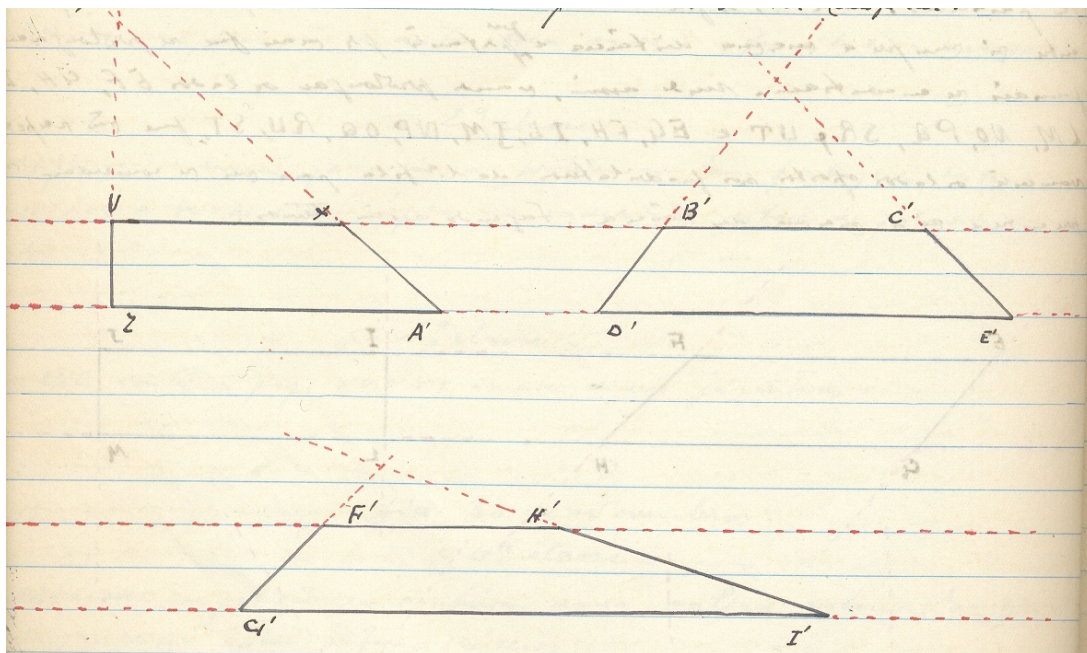
O polígono **ABCD**, é o quadrilátero propriamente dito: os da 1.<sup>a</sup> fila chamam-se paralelogramos e os da 2.<sup>a</sup> chamam-se trapézios. Porque é que aos primeiros damos o nome de paralelogramos? Porque têm os lados opostos paralelos. O que são lados opostos? São os que ficam em frente um do outro. E que quer dizer paralelos? Quer dizer que estão situados no mesmo plano e que guardam entre si sempre a mesma distância e que, portanto por mais que se prolonguem jamais se encontram. Sendo assim vamos prolongar os lados **EF, GH, IJ, LM, NO, PQ, SR, UT**, e **EG, FH, IL, JM, NP, OQ; RU, ST**, que são respectivamente os lados opostos nos quadriláteros da 1.<sup>o</sup> fila para ver se conservam sempre entre si a mesma distância. Fazendo assim temos:



Como vêm, êstes quadriláteros têm os lados opostos paralelos e por isso chamam-se paralelogramos. O paralelogramo **EFGH**, é o paralelogramo propriamente dito, o paralelogramo tipo. O paralelogramo **IJLM** chama-se rectângu\_

lo porque tem todos os ângulos iguais. O paralelogramo **NOPQ**, chama-se quadrado porque tem os lados e os ângulos iguais e o paralelogramo **RUTS**, chama-se losango ou rombo porque tem os lados iguais.

Eu disse que os quadriláteros da segunda fila se chamam trapézios porque? Porque só dois dos seus lados são paralelos. Vamos verificar:



Como vêm, nestes polígonos, só dois dos lados são paralelos, isto é, por mais que se prolonguem jamais se encontram. É esta a razão pela qual estes quadriláteros se chamam trapézios e os lados paralelos chamam-se bases. O trapézio **VXZA'**, chama-se rectângulo, porque o lado **VZ** é perpendicular às bases, formando com elas ângulos rectos. O trapézio **B'C'D'E'**, é isósceles porque os lados não paralelos são iguais e o trapézio **F'H'G'I'** ??, é escaleno porque todos os seus lados são desiguais. Chama-se altura de um trapézio, a perpendicular que une as bases.

Em história expliquei assim os reinados dos Filipes: Com a morte do cardeal D. Henrique acabou a 2.<sup>a</sup> dinastia. Principiou o cativoiro que durou 60 anos, durante os quais governaram três Filipes castelhanos, que constituem a 3.<sup>a</sup> dinastia, chamada Filipina. Filipe I de Portugal e segundo de Hespanha, conhecido pelo Prudente, mandou invadir Portugal por um exército comandado pelo duque de Alba que tomou todo o Alentejo e derrotou em Alcântara o único punhado de portugueses que haviam oferecido a sua vida em defesa da independência da

Pátria e que eram comandados pelo Prior do Crato. Depois desta vitória entrou em Lisboa e tomou conta de Portugal em nome de Filipe II de Castela. Este rei veio depois a Portugal, reuniu câortes em Tomar onde jurou conservar todas as regalias e não nomear para altos cargos senão portugueses. Retirou-se para Castela só depois de ter submetido a ilha Terceira a única que não havia reconhecido o domínio castelhano. O reino de Castela, depois do domínio de Portugal, ficou senhor de vastíssimos territórios: **«abrangia na Europa toda a península ibérica; Nápoles, Sicília, Milão, Sardenha e Bélgica actual; na Ásia as feitorias portuguesas da Índia, da Pérsia, da China, da Indo-China e da Arábia; na África: Angola, Moçambique, Madeira, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Canárias; Toda a América menos algumas das Antilhas, parte dos actuais Estados Unidos e o Canadá, e uma porção de terras na Guiana; na Oceânia tudo o que então havia conhecido e pertencente aos europeus.»**

As nações da Europa principiaram a recear tão vasto domínio. Como se levantassem questões em Hespanha ??, a Inglaterra aproveitou-as para se vingar de Filipe. Êste manda contra Inglaterra uma poderosa armada, chamada Invencível, que foi completamente destroçada por um temporal, e na qual ia encorporada a armada portuguesa. Filipe I foi um rei déspota, ambicioso e desumano, tendo tido como auxiliares bons ministros. Morreu coberto de úlceras e no meio dos maiores tormentos, tendo ao seu lado o renegado português Cristóvão de Moura, que recebeu as suas últimas confidências.

Filipe II de Portugal e III de Hespanha, chamado o Pio, subiu ao poder aos vinte anos e foi dominado pelo Cristóvão de Moura, seu primeiro ministro, e a quem deu o cargo de vice-rei de Portugal, com o que muito se indignaram os portugueses, embora o govêrno de Cristóvão de Moura não fôsse de todo mau para Portugal. Decretou a expulsão dos mouros que haviam ficado na península depois da conquista de Granada e que se tinham convertido ao cristianismo. Foi uma medida que prejudicou altamente o reino, porque os mouros eram trabalhadores incansáveis e detentores de boas fortunas. Como o govêrno de Portugal fôsse entregue a um hespanhol, o Marquês de Alenquer, o povo revoltou-se, porque não eram cumpridos os juramentos das câortes de Tomar. Filipe II veio então a Lisboa e foram enormíssimas as despesas feitas com a recepção de sua real majestade o Filipe olhou tudo isto com indiferença;

não atendeu nenhuma das reclamações feitas contra o mau govêrno do país. Tratou toda a gente com grosseria e meses depois retirou-se para Espanha, lançando Portugal ao mais completo abandono. O nosso poder na Índia era ainda mantido, e os holandeses foram repelidos nas Molucas, Malaca e Moçambique. Com a morte de Filipe II, subiu ao poder Filipe III de Portugal e IV de Hespanha conhecido pelo cognome de grande. Este rei entregou todos os negócios de Estado ao seu primeiro ministro conde duque de Olivares, homem trabalhador, mas que arrastou Castela à perdição por causa da sua má orientação política. A França, a Alemanha, a Dinamarca e a Holanda, ambicionando o enfraquecimento de Castela, atacaram-lhe as colónias. As nossas sofreram a mesma sorte e embora algumas fôssem defendidas com heroísmo, outras perderam-se. O descontentamento dos portugueses é cada vez maior. O duque de Olivares julgando fortalecer o poder empobrecendo os povos que lhe estavam sujeitos, principia por lançar novos tributos com o fim de os empobrecer e enfraquecer para que jamais se pudessem libertar do jugo castelhano. O govêrno de Portugal é entregue à duquesa de Mântua e ao renegado Miguel de Vasconcelos. Os impostos sobem de ano para ano e o povo revolta-se. Tendo sido lançado um imposto a cada maçaroca que as mulheres fiavam, as regateiras do Porto apedrejaram o Francisco de Lucena que se refugiou num convento de frades. Tendo-se negado o povo a pagar os impostos, o Duque de Olivares resolve impor às Câmaras a contribuição total de 500.000 cruzados. Aparecem os tumultos de Évora, custando a vida ao Morais Sarmento e a revolta estende-se por todo o Alentejo, Algarve, Porto e parte do Minho. Faltava um chefe que tomasse conta do povo. O Duque de Olivares tinha tanto empenho em aniquilar Portugal que chegou a dizer ao Miguel de Vasconcelos que promovesse a desonra das famílias fidalgas, mandando-lhe seduzir as filhas. As tropas portuguesas foram obrigadas a ir combater a Catalunha, província que se havia revoltado contra o govêrno Castelhana. Como a guerra com a Catalunha obrigava Castela a empregar nela tôdas as suas tropas, 40 fidalgos portugueses, resolveram restaurar a independência de Portugal, escolhendo para rei D. João duque de Bragança.

Dentre êsses fidalgos, os mais importantes são: João Pinto Ribeiro, Antão de Almada, Miguel de Almeida, Pedro de Mendonça, Gastão Coutinho, Sanches de Baena etc., etc.. O mais velho de todos era o Miguel de Almeida que contava então com 80 anos. Era consultado sempre pelos fidalgos e as suas ordens cumpridas e escutadas com respeito os seus conselhos. João Pinto Ribeiro foi encarregado de convencer o Duque de Bragança a aderir à revolução, aceitando a coroa de Portugal, ao que ele se mostrou a princípio indeciso, não por cobardia, mas para conter os ânimos exaltados dos conjurados, não fôssem fazer a revolução antes de tempo e tudo ficasse perdido. O fidalgo a quem êle deu a certeza de aceitar o poder foi ao Pedro de Mendonça que ficou cheio de alegria e que escreveu a seguinte carta enigmática ao Miguel de Almeida: « **Fomos à tapada. Deram-se alguns tiros. Acertaram-se uns erraram-se outros. Grande é a prudência de João Pinto Ribeiro.** » Esta carta foi escrita de Vila Viçosa que era a residência do duque de Bragança. Perante a anuência do duque de Bragança, os fidalgos combinaram fazer a revolução no 1.º de Dezembro de 1640. O Miguel de Vasconcelos tinha sido várias vezes avisado da revolução que se planeava; mas o renegado acreditava tão pouco nesse milagre, atendendo à miséria do povo e fraqueza do nosso exército, que continuava a embebedar-se e a rir-se de quem lhe mandava tais avisos. No dia 1.º de Dezembro foi encontrada uma carta a dizer-lhe o dia e até a hora em que a revolução rebentava, carta essa que nem fora aberta pelo traidor.

No dia primeiro de Dezembro, os 40 fidalgos dirigem-se ao palácio da Ribeira, desarmam os guardas, dirigem-se aos aposentos da duquesa e intimam-na a retirar-se. Como ela respondesse com altivez à intimativa dos fidalgos, um dêstes respondeu-lhe: “ Não nos obrigue vossa alteza a fazê-la sair pela janela.” A duquesa, cheia de mêdo abandona o palácio. Dirigem-se depois aos aposentos do Miguel de Vasconcelos. Êste quando a revolução principiou, dormia a sono solto. Acordou-o Manuel Mansos Da Fonseca. O Miguel ao ouvir os ruídos no palácio, empalidece, levanta-se, pega num bacamarte e mesmo assim em trajes menores, mete-se dentro dum armário e fecha as portas. Os fidalgos tentam arrombar a porta do quarto mas esta não cedeu. Cortam-na a golpes de machado

que encheu o Miguel de terror. Arrombada a porta os fidalgos precipitam-se para os aposentos do renegado ébrios de cólera, mas não o encontram. Ficam furiosos. Os dias de Miguel porém estavam contados, porque os papeis do armário onde se havia refugiado, ou por coincidência fatal ou por movimento que ele fizera, mexeram-se e assim denunciaram o traidor. Os fidalgos abrem o armário e atravessam-lhe a garganta com duas balas. Saem, e ébrios de alegria correm às janelas e gritam: Liberdade, liberdade. Entretanto um dos criados de Gastão Coutinho, pega no corpo do Miguel e joga com êle no meio da multidão que aclama a liberdade. E o pobre Miguel foi arrastado pelas ruas de Lisboa. À tarde, o João Pinto Ribeiro encontrando-o esquecido junto ao passeio da rua por onde passava, manda-o meter num caixão de madeira e ordenou que o enterrassem. O primeiro fidalgo que entrou no palácio e que na sala dos Tudescos deu um tiro de pistola que era o sinal que marcava o princípio da revolução, foi o Miguel de Almeida, êsse velho de 80 anos. Que coincidência: Um velho em 1580, entregou Portugal aos Castelhanos; e um velho em 1640 é o primeiro que inicia a revolução que há-de expulsar para sempre os castelhanos do solo português. Outra ainda: No dia 1.º de Dezembro, no palácio da Ribeira, quando a revolução principia, há dois Migueis: Um, inimigo formidável de Portugal que não tem pejo de baixar às maiores ignomínias para perder a sua Pátria; outro, o patriota por excelência, o maior amigo de Portugal que grita ébrio de alegria dum das janelas do palácio:

**Liberdade! Liberdade! Liberdade!**

E aqui tendes meus rapazes como acabou o domínio dos Filipes. Foi aclamado rei de Portugal D. João, duque de Bragança que foi o primeiro rei da 4.ª dinastia, conhecida pelo nome de Brigantina.

Em português, leitura e resumo oral do trecho lido.

### 3.ª Classe

Assistiu às lições de aritmética e geometria dadas à 4.ª classe, deu lição de leitura. Resumo oral do trecho lido e fez ditado nos cadernos.

### 2.ª Classe

Multiplicação e divisão por meio de problemas. Em português leitura, resumo oral do trecho lido, cópia nos cadernos e ditado de palavras no quadro.

### 1.ª Classe

Faltaram todos os alunos desta classe, por causa da azeitona. E, já agora, vá lá um desabafo. Tenho dentro numa das gavetas da minha escola uma circular transmitindo ordens apertadíssimas para aplicação de multas àqueles pais cujos filhos faltem à escola. Muito bem, é justo, acho certa essa determinação. Mas como há duas espécies de faltas eu não tenho coragem para castigar nenhuma delas. Eu explico: Para mim, como já disse, há duas espécies de faltas: as acidentais e as viciosas. As primeiras estão sempre justificadas sem ser preciso atestado médico, porque são filhas dum imposição que é preciso satisfazer, dum serviço do qual os pais não podem dispensar os filhos. As segundas são filhas do desleixo dos pais ou dos filhos, desleixo que geralmente não existe quando o professor cumpre rigorosamente a sua obrigação. É raro faltarem crianças numa escola onde o professor trabalhe com entusiasmo. Mas, mesmo neste caso, se há faltas, devemos ir procurar a causa delas à psicologia do aluno e da sua família e talvez tenhamos então ocasião de saber quanto falta à escola portuguesa para atingir o ideal da perfeição. Quando uma criança falta à escola, não deverá o professor fazer um exame de consciência rigoroso à sua maneira de ser e ensinar na escola? Não deverá perguntar a si mesmo: porque é que falta aquela criança? Não será por culpa minha? Não terei eu cometido faltas no ensino que criassem o desânimo nessa criança? Não será ela dotada de uma sensibilidade demasiado impressionável que necessite de uma orientação que eu não tenho dado até hoje ao ensino na minha escola? Será um anormal? Será um retardado que reconheceu a impossibilidade de acompanhar os seus companheiros? Etc., etc., etc.

Felizmente, as faltas que se dão na minha escola não são viciosas, são acidentais e portanto passageiras. É o tempo da azeitona. Seria uma crueldade, uma desumanidade, multar os pais das crianças que faltam agora durante alguns dias, porque é neste tempo que conseguem recolher para casa azeitona que lhes fornecerá algum alívio à fome a que estão condenados durante um ano. A miséria é tanta!!! Quando a

azeitona acabar, voltarão e recuperarão o perdido. Eles assim o queiram e o professor também.

Dia 2 de Dezembro

4.<sup>a</sup> Classe

Repetição das matérias dadas em aritmética e geometria. Em português leitura, escrita, resumo oral do trecho lido e ditado de palavras no quadro

3.<sup>a</sup> Classe

Assistiu às lições da 4.<sup>a</sup> e fez ditado nos cadernos.

2.<sup>a</sup> Classe

Operações e cálculo mental. Em português leitura, resumo oral do trecho lido e cópia para os cadernos.

1.<sup>a</sup> Classe

Faltou tudo.

Dia 3 de Dezembro

Lição de moral e canto a tôdas as classes.

Dia 5 de Dezembro

4.<sup>a</sup> Classe

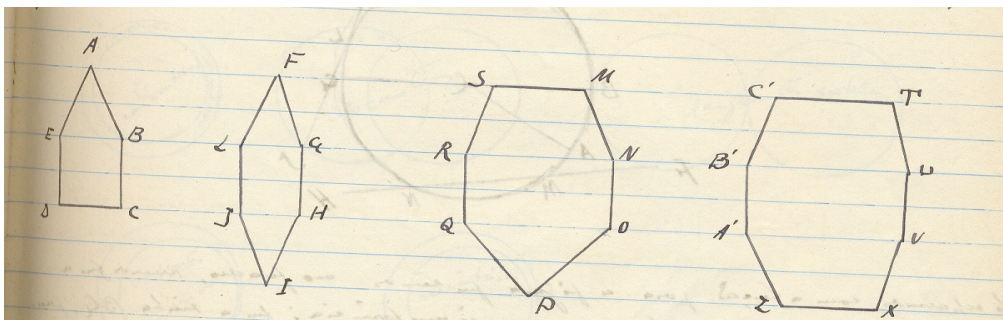
Por causa da azeitona, não posso nesta classe, como nas outras, explicar matéria nova; porque faltam quasi todos os alunos. De maneira que, ficam trancadas novas explicações até que a frequência volte ao seu estado normal, pois não merece a pena gastar papel só para dizer: repetição das matérias dadas. É impossível aplicar multas, porque a falta de frequência é motivada por uma necessidade imperiosa da ocasião. Voltarei a escrever lições quando tenha de fazer novas explicações.

Dia 12 de Dezembro

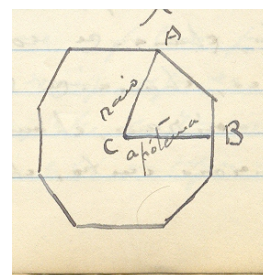
4.<sup>a</sup> Classe

Como apareceram hoje todos os alunos desta classe, continuo as minhas ex\_

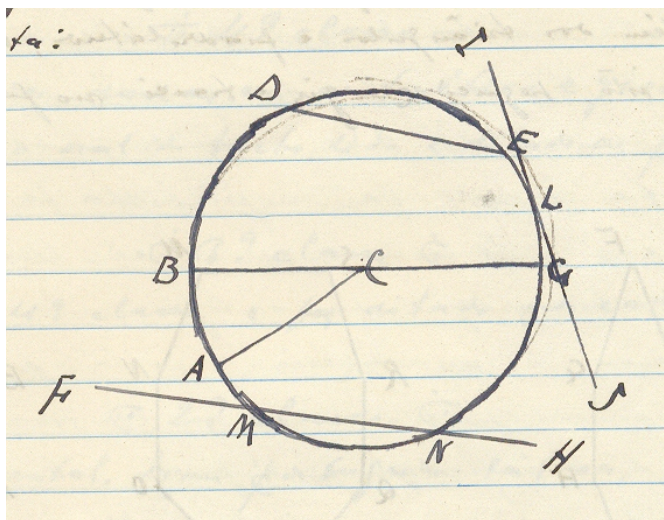
plicações. Falei sobre polígonos e circunferências e expliquei assim: Os meninos já sabem o que são polígonos e já conhecem os triângulos e os quadriláteros. Os polígonos podem ser regulares e irregulares. Chamam-se polígonos regulares aqueles que têm todos os lados e ângulos iguais, e irregulares aos que não têm todos os lados e ângulos iguais. Além dos triângulos e quadriláteros, temos mais polígonos como vão ver. Dito isto, peguei no giz e tracei no quadro os seguintes polígonos:



Como vêm, o primeiro polígono é formado por 5 lados, o segundo por 6, o terceiro por 7 e o quarto por oito. Acho desnecessário traçar mais, porque êstes chegam para compreenderem a explicação. O primeiro polígono, porque tem cinco lados, chama-se pentágono; o segundo, por ter seis lados, chama-se hexágono; o terceiro, por ter sete lados, chama-se heptágono e o quarto, por ter oito lados chama-se octógono. Se tivéssemos um com nove lados, chamavamos-lhe eneágono; se tivesse dez, chamavamos-lhe decágono; com onze hendecágono, com doze dodecágono; com quinze, pentadecágono, e com vinte icoságono. Os polígonos que têm outro número de lados, não têm nomes especiais e por isso designam-se pelo número de lados, dizendo: um polígono de **13, 14, 16, ...25, ...30, ...**lados. Num polígono regular, há centro, ponto que fica dentro do polígono à igual distância dos vértices dos ângulos que formam o polígono. Qualquer segmento de recta que una êsse centro a qualquer vértice, chama-se raio, e todo o segmento de perpendicular baixado do centro para qualquer lado do polígono, chama-se apótema. Exemplo:

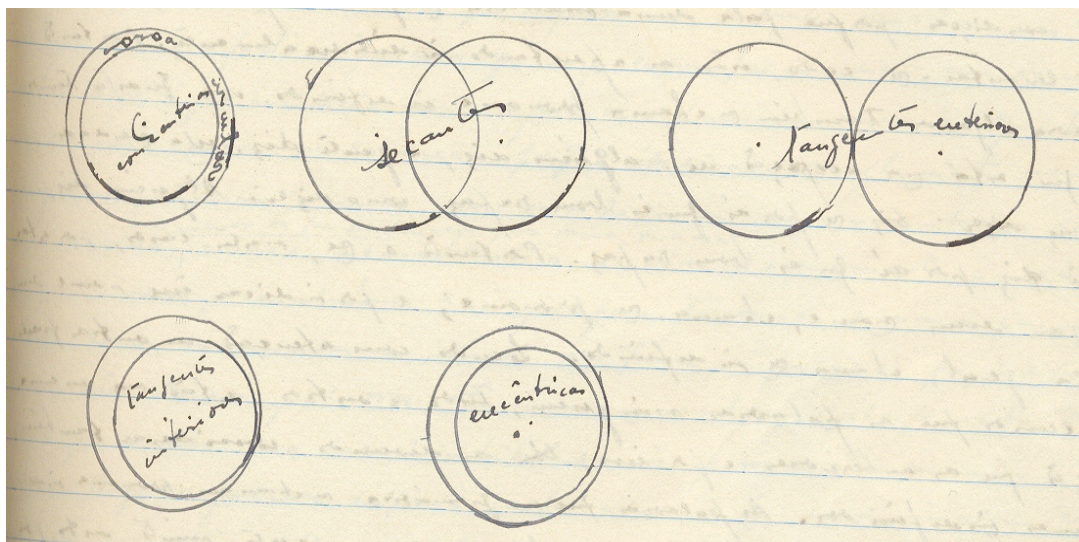


Como já sabem, uma linha, quando é curva, plana, fechada e tendo todos os seus pontos a igual distância dum, chamado centro, chama-se circunferência. O espaço que fica dentro da circunferência, chama-se círculo. Dito isto apaguei no quadro as figuras traçadas e tracei a seguinte circunferência com os seguintes segmentos de recta:



Se olharmos com atenção para a figura que temos no quadro, vemos que a linha **CA**, parte do centro para a circunferência; que a linha **BG**, passa pelo centro, toca a circunferência em dois pontos, dividindo-a em duas partes iguais; que a linha **FH**, corta a circunferência em dois pontos; que a linha **IJ**, toca a circunferência num só ponto - **L** - e que a finalmente a linha **DE**, toca a circunferência em dois pontos, não passando pelo centro. Cada um destes segmentos de recta, tem um nome especial. O segmento de recta **CA**, por partir do centro para qualquer ponto da circunferência, chama-se raio. O segmento de recta **BG**, por tocar a circunferência em dois pontos e passar pelo centro dividindo-a em duas partes iguais, chama-se diâmetro. O segmento de recta **FH**, por cortar a circunferência em dois pontos, chama-se secante. Os pontos **M** e **N**, que são aqueles em que ela corta a circunferência, chamam-se pontos de secância. O segmento **IJ**, por tocar a circunferência num só ponto, chama-se tangente, e o ponto **L**, que é onde ela toca a circunferência chama-se ponto de tangência ou contacto. Finalmente, o segmento de recta **DE**, por tocar a circunferência em dois pontos e não passar pelo centro, chama-se corda, e a porção do círculo compreendido entre ela e o arco, chama-se segmento circular. A porção do círculo compreendida entre dois raios chama-se sector circular. Circunferências traçadas com o mesmo centro, chamam-se concêntricas, e traçadas com centros di\_

ferentes chamam-se excêntricas. As circunferências que se cortam em dois pontos chamam-se secantes e as que se tocam num só ponto chamam-se tangentes. As tangentes podem ser interiores e exteriores, conforme o ponto de tangencia é interior ou exterior. O espaço compreendido entre duas circunferências concêntricas chama-se coroa circular. Para exemplificar. Desenhei no quadro as seguintes circunferências:



Em português falei de pronomes indefinidos, verbos e seus tempos e pessoas, e exemplifiquei assim: Os meninos já sabem que as palavras que se colocam no lugar dum nome, se chamam pronomes. Já estudámos os pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos e interrogativos, faltando-nos os indefinidos. Os pronomes indefinidos indicam-nos os nomes de uma maneira indefinida, vaga e incerta. Dito isto, escrevi no quadro as seguintes frases:

**Qualquer dia vou a tua casa. Se alguém me falar no azeite, dir-lhe-ei que já o vendi. Algumas pessoas costumam levantar-se cedo. Diz-se por aí que és bom rapaz. Não encontrei ninguém da tua aldeia. Tudo correu bem. Não faças aos outros o que não queres que te façam.**

Olhando com atenção para estas frases, os meninos vêem que em todas elas há umas palavras que estão ocupando o lugar que outras deviam ocupar mas que não dizem, não mostram, não indicam claramente, quais deviam ser. E assim, na primeira frase, a palavra qualquer, está no lugar em que devia estar por exemplo domingo, segunda, terça feira, etc., etc., ou dia 1, 2, 3, 4, ... 16, ..., 25, etc., etc., de Janeiro, Fevereiro, Março, etc., etc. Como a palavra qualquer está no lugar dum

nome, chama-se pronome; e porque não indica directamente que nome é, chama-se indefinido. Na segunda frase aparece o alguém que está no lugar em que devia estar por exemplo: o Francisco, o Manuel, o João, a Maria, a Laura, a Ana, etc., etc., etc., e por êsse motivo, chama-se pronome. Mas, como não diz claramente, duma maneira certa, qual dêles é, chama-se indefinido. Na terceira frase a palavra algumas, está nas mesmas condições porque fala duma maneira vaga nas pessoas que têm o hábito de levantar-se cedo não as apontando indúvidavelmente ???. Portanto a palavra algumas também se chama pronome indefinido. Na quarta temos o se que está na acepção de: alguém diz, a gente diz. Na verdade tanto faz dizer: Diz-se por aí que és bom rapaz, como dizer: Alguém diz, a gente diz por aí que é bom rapaz. Portanto o se, nestes casos, por estar no lugar de um nome, chama-se pronome; e por indicar êsse nome de uma maneira geral, chama-se indefinido. Lendo com atenção as outras frases reconhecemos que as palavras ninguém, tudo e outros, estão na mesma acepção que as anteriores e por isso, as devemos considerar também pronomes indefinidos. As palavras que em gramática se chamam pronomes indefinidos são: **algun, nenhun, todo, ambos, cada um, certo, muito, outro, pouco, alguém, ninguém, tudo, outrem, qualquer**, etc., etc., etc. Com a prática iremos aprendendo tôdas as palavras que na língua portuguesa desempenham a função de pronomes indefinidos. Há também frases que têm o sabor de pronomes indefinidos. E por isso chamam-se: locuções pronominais indefinidas. As principais são: **seja quão for ???, fôsse quem fôsse, quem quer que seja, o que quer que é, o que quer que fôsse, e qualquer que seja**. Passemos agora ao verbo. Dito isto, apaguei no quadro as frases que havia escrito para a explicação dos pronomes indefinidos bem como as palavras que escrevera indicando os vários pronomes, e escrevi as seguintes frases:

**A Maria dinheiro**

**O galo na horta**

**O João as lições**

**O Manuel bom rapaz**

Se os meninos lerem estas frases, reconhecerão que elas nada dizem, porque estão mortas, isto é, não têm vida, não têm alma. Falta em cada uma delas uma palavra que lhes dê vida, que as faça falar.

Colocando em fiada numa delas a palavra que falta, temos:

**A Maria empresta dinheiro**

**O galo canta na horta**

**O João estuda as lições**

**O Manuel é bom rapaz**

Como vêm agora, as frases estão completas porque já exprimem claramente as acções praticadas. Sim, meus meninos, a vida é caracterizado pelo movimento, por uma série de actos que se praticam. Portanto numa frase não há vida, quando nela falte a palavra ou palavras que indiquem essas acções, êsses actos. Era o que acontecia com as primeiras frases que escrevi no quadro: cada uma delas nada dizia, porque indicava simplesmente nomes de pessoas, animais e coisas. Ora, como todos os seres da natureza são dotados de vida, menos os que pertencem ao reino mineral, e como a característica da vida é o movimento, a acção, como há pouco disse, concluímos daí que para tornarmos os nossos pensamentos claros temos necessidade de colocar nas frases as palavras que indicam essas acções. Essas palavras chamam-se verbos. Portanto verbo é a palavra que indica uma acção, atribuída às pessoas aos animais e às coisas. Logo as palavras, **empresta, canta, estuda e é**, porque indicam respectivamente as acções praticadas pela Maria, pelo galo, pelo João e pelo Manuel, são verbos.

Os verbos variam em tempos, pessoas, modos e vozes. Os tempos dos verbos são três: Pretérito, presente e futuro. Diz-se que um verbo está no tempo pretérito, quando a acção por êle indicada foi principiada e acabada. Diz-se que está no presente quando a acção por êle indicada foi principiada mas não acabada, e diz-se que está no futuro quando a acção por êle indicada ainda se há-de realizar. Se olharmos para a frase: **A Maria empresta dinheiro**, ficamos a saber que a Maria pratica a acção de emprestar dinheiro e que essa acção está principiada e não acabada. Se eu disser porém: **A Maria emprestou dinheiro**, já ficamos sabendo que a Maria praticou essa acção, isto é, que já principiou e acabou; e se disser: **A Maria emprestará dinheiro**, ficamos sabendo que ela ainda há-de praticar a acção de emprestar. No primeiro caso, porque a acção se realiza, temos o tempo presente; no segundo, porque já está realizada, temos o tempo pretérito, e no terceiro, porque a acção ainda se há-de realizar, temos o tempo futuro. Procedi da mesma forma com cada uma das outras frases e para melhor compreensão dos alunos, escrevi cada uma

delas da seguinte forma:

		emprestou		
A Maria		empresta		dinheiro
		emprestará		
		cantou		
O galo		canta		na horta
		cantará		
		estudou		
O João		estuda		as lições
		estudará		
		foi		
O Manuel		é		Bom rapaz
		será		

Os verbos variam em pessoas. As pessoas gramaticais, como já sabem, são três e são indicadas pelos pronomes pessoais propriamente ditos. A primeira serve para indicar a pessoa que fala, a segunda para indicar a quem se fala e a terceira para indicar a pessoa de quem se fala. Quando a pessoa que fala é só uma, empregamos o **eu**; quando a pessoa que fala é mais que uma, empregamos o **nós**. Quando a pessoa a quem se fala é só uma, empregamos o **tu**; quando é mais que uma, empregamos o **vós**. Quando finalmente a pessoa de quem se fala é só uma, empregamos o **êle** para o masculino e o **ela** para o feminino; o **eles** ou **elas** quando a pessoa de quem falamos é mais que uma. Os verbos da nossa língua, têm uma forma para cada uma destas pessoas em cada tempo e em cada modo. E para os meninos melhor compreenderem, vou traçar no quadro o seguinte esquema:

Pessoas	Tempos		
	Presente	Pretérito	Futuro
*Eu	empresto	emprestei	emprestarei
**Tu	emprestas	emprestaste	emprestarás
***Ele ou ela	empresta	emprestou	emprestará
*Nós	emprestamos	emprestámos	emprestaremos
**Vós	emprestais	emprestastes	emprestareis
***Eles ou elas	emprestam	emprestaram	emprestarão

Os alunos desta classe fizeram um problema nos cadernos.

### 3.<sup>a</sup> Classe

Os alunos que compareceram assistiram às explicações dadas à 4.<sup>a</sup> classe, e em português deram lição de leitura, resumo oral do trecho lido e fizeram ditado de palavras no quadro.

### 2.<sup>a</sup> e 1.<sup>a</sup> Classes

Continuam a faltar quasi por completo os alunos destas classes. Vou repetindo a matéria dada.

Dia 13 de Dezembro

### 4.<sup>a</sup> Classe

Falei hoje sobre os modos pretéritos dos verbos e expliquei assim: Vimos na lição de ontem que os verbos variam em tempos e pessoas. Vamos hoje ver que também variam nos modos. Modos dum verbo, como a própria palavra indica, são as várias maneiras de enunciar a acção indicada pelo verbo. Os modos são 5: Infinito, indicativo, condicional, imperativo e conjuntivo. Dizemos que um verbo está no modo infinito, quando a acção é indicada duma maneira vaga e indeterminada. Exemplo: amar, cantar, estudar, comer, beber, fugir, partir, etc., etc. Em qualquer destes casos não sabemos nem quem pratica a acção, nem quando é praticada, isto é, se já o foi, se o é ou se ainda o há-de ser. Dizemos que um verbo está no

modo indicativo, quando a acção por ele indicada está principiada e não acabada. Dito isto, peguei no giz e escrevi no quadro a seguinte frase:

**O João estuda a lição.**

Depois voltei-me para os alunos e disse-lhes: Se lerem aquela frase com atenção, notarão que a acção de estudar está principiada e não acabada. Dizendo o João estuda a lição, dizemos o mesmo que diríamos se disséssemos: O João principiou a estudar a lição e ainda não acabou. Se eu disser por exemplo: os rapazes comem os figos, digo que eles principiam a acção de comer e que ainda a não acabaram de praticar. Se eu quiser dizer que principiei a explicar uma lição e que ainda não acabei a explicação dela direi: eu explico a lição.

Vamos agora ao modo condicional. Fui ao quadro e escrevi a seguinte frase: Se eu tivesse dinheiro compraria maçãs. Depois voltei-me para os alunos e disse-lhes: Se os meus meninos lerem aquela frase com atenção, reconhecerão que a acção de comprar maçãs só se realizará, se se der a condição de ter dinheiro. Quando eu digo: se tivesse dinheiro compraria maçãs, digo o mesmo que diria, se dissesse: Dada a condição de ter dinheiro, compraria maçãs. Se eu disser: O João praticaria boas acções se fôsse bom rapaz digo o mesmo que diria se dissesse: Dada a condição do João ser bom rapaz, praticaria boas acções. Se um dos meninos me disser: estudaria as minhas lições se tivesse vagar, diz-me que praticaria a acção de estudar as lições caso se desse a condição de ter vagar. Por êstes exemplos já os meus meninos ficam a saber que um verbo está no modo condicional quando a acção por êle indicada se realiza mediante uma condição.

Vamos estudar agora o imperativo. Dito isto, fui ao quadro e escrevi as seguintes frases.

**O António estuda a lição**

**Ó António, estuda a lição**

**Vós estudais a lição**

**Rapazes, estudai a lição**

Depois voltei-me para os alunos e disse-lhes: Se olharmos com atenção para as duas primeiras frases, reconhecemos que o verbo estudar, embora esteja em ambas com a mesma forma, não desempenha nelas a mesma função. Na primeira frase, a palavra estuda, indica simplesmente que o António principiou a acção de estudar e que ainda a não acabou de realizar.

Na segunda frase, a palavra estuda, indica que o António não principiou a praticar a acção de estudar, mas que há alguém que lhe ordena a prática dessa acção. No primeiro caso o António principiou a praticar a acção de estudar e continua a praticá-la voluntariamente, sem ninguém o mandar, sem ninguém lho ordenar; ao passo que no segundo caso, o António ainda não principiou a praticar a acção de estudar, e para o fazer, é necessário que haja alguém que o mande, que o obrigue a praticar essa acção. É por isso que no primeiro caso, a palavra estuda porque indica que a acção é voluntariamente praticada e que está principiada e não acabada, se diz que está no indicativo; e no segundo caso, a palavra estuda, porque indica que a acção de estudar não é voluntária mas sim ordenada, mandada, imposta por alguém a quem é necessário obedecer, se diz que está no modo imperativo.

Se passarmos às outras duas frases, não é preciso grande esforço para reconhecer que na primeira, a acção de estudar é praticada voluntariamente; e que no segundo é praticada, ou por outra, vai ser praticada por meio duma ordem, duma exigência, que é necessário satisfazer, que é necessário cumprir. No primeiro caso está no indicativo e no segundo no imperativo. Por êstes exemplos, já os meninos ficam a saber que um verbo está no imperativo, quando a acção por ele indicada é ordenada, é mandada executar por alguém, restando a obrigação de obedecer a essa ordem, a êsse mandato.

Passemos agora ao modo conjuntivo. Fui ao quadro e escrevi nele as seguintes frases:

**Ó António, coma essas peras**

**Oxalá que fiques bem no teu exame**

**Deus permitirá que faças boa viagem**

Voltei-me depois para os alunos e disse-lhes: Se lermos com atenção a primeira frase, reconhecemos que a acção de comer, não é ordenada, não é mandada com obrigação de ser cumprida pela pessoa que recebe essa ordem, êsse mandato. Embora à primeira vista pareça um imperativo, não o é, porque a acção de comer ali não é filha duma imposição que exija cumprimento imediato e sem réplica, mas sim filha dum desejo, duma vontade que não impõe, que não manda, que não exige, mas que pede, que solicita, que implora. Sim, quando eu digo: **Ó António, coma essas peras**, digo o mesmo que diria se dissesse: **Ó António, olhe que o meu maior desejo, é vê-lo comer essas peras.**

**Se você, ó António, comer essas peras, dar-me-á com isso grande prazer.**

Já vêm os meus meninos que neste caso, a acção de comer não é ordenada, mas sim pedida, implorada.

O mesmo acontece nas nossas casas quando somos visitados por alguma pessoa amiga e lhe oferecemos um copo de vinho e lhe dizemos: beba. Este beba quer dizer: Ó meu amigo, olhe que o meu desejo, a minha vontade é vê-lo beber. Se beber o vinho dêsse copo, deixar-me-á muito satisfeito. Se lermos agora a segunda frase escrita no quadro, vemos que aquele fiques é também filho dum desejo. Quando eu digo: oxalá que fiques bem no teu exame, digo o mesmo que diria se dissesse: O meu desejo, a minha vontade, é que fiques bem no teu exame. Finalmente, se lermos com atenção a terceira frase reconhecemos que as acções de permitir e fazer, são também filhas dum desejo, duma vontade que pedem, imploram a sua execução.

Pois bem; todas as vezes que a acção indicada por um verbo seja filha dum desejo, duma vontade, o verbo que indica a acção, está no modo conjuntivo.

E para melhor compreensão dos alunos, tracei no quadro o seguinte esquema:

Pessoas	Infinito	Modos			Conjuntivo
		Indicativo	Condicional	Imperativo	
eu		canto	cantaria		cante
tu		cantas	cantarias	canta (tu)	cantes
êle	<i>cantar</i>	canta	cantaria		cante
nós		cantamos	cantaríamos		cantemos
vós		cantais	cantaríeis	cantai (vós)	canteis
eles		cantam	cantariam		cantem

Passemos agora ao pretérito. O pretérito pode ser perfeito, imperfeito e mais que perfeito. Dito isto, fui ao quadro, apaguei o esquema feito, e escrevi as seguintes frases:

**O António comeu as peras**

**O António comia as peras**

### **Quando eu cheguei já o António almoçara**

Depois voltei-me para os alunos e disse-lhes: Se lermos a primeira frase, vemos que a acção de comer já foi principiada e acabada, isto é, já foi praticada. Aquela frase está completa, pois ela nos diz que a acção indicada pelo verbo já foi realizada, não havendo necessidade de mais esclarecimentos à cerca da prática dessa acção. É por isso que dizemos que, em tais casos, o verbo está no pretérito perfeito.

Se lermos a segunda frase com atenção, notamos também que a acção de comer está realizada, que pertence ao domínio do passado, mas não ficamos satisfeitos só com aquela afirmação. Sim, dizendo: **O António comia as peras**, damos a entender que ele praticava a acção de comer, quando outra acção se realizava na mesma altura, na mesma hora, na mesma ocasião. Se eu disser aos meus meninos: **A Maria cantava**, os meninos certamente não ficam satisfeitos com esta afirmação, pois aquele cantava está a pedir que se lhe adicione outra frase que, como ela indique também uma acção, e que esta se passe na mesma altura, ao mesmo tempo. Portanto, tanto a frase do quadro como a que eu agora pronunciei, só ficarão completas, quando lhe adicionarmos outra acção que seja praticada ao mesmo tempo em que é praticada a acção nelas indicada. Dito isto, fui ao quadro e escrevi:

### **O António comia as peras quando eu cheguei**

### **A Maria cantava quando eu passei à porta dela**

Depois vim para junto dos alunos e disse-lhes: ora agora já o sentido está completo nas duas frases porque em ambas aparece uma nova acção que é realizada ao mesmo tempo em que foi realizada a primeira acção indicada por elas. Se disséssemos simplesmente: O António comia as peras, a Maria cantava, diríamos o suficiente para tornarmos o nosso pensamento conhecido da pessoa ou pessoas a quem falássemos; mas essa pessoa ou pessoas não ficariam satisfeitas, porque tanto o comia como o cantava, embora indiquem que a acção já foi realizada, necessitam que outra acção seja indicada e que seja realizada na mesma altura, para dêste modo provar que as acções por elas indicadas são sempre contemporâneas doutras. Quando um verbo nos diz que a acção por ele indicada foi praticada ao mesmo tempo que outra também já praticada, êsse verbo, por êsse motivo, está no pretérito imperfeito. Se lermos

com atenção a frase :**Quando eu cheguei já o António almoçara**, vemos que nela há duas acções; a de chegar e a de almoçar, e que ambas já foram praticadas, isto é, que ambas estão no pretérito. Que diferença há entre elas? Simplesmente esta: A acção de almoçar foi praticada antes da acção de chegar. E como a acção de chegar está já no pretérito perfeito indicando a acção completamente realizada e a acção de almoçar foi praticada ainda antes desta, somos obrigados a confessar que se aquela é perfeita, esta é mais que perfeita. Donde concluímos que, quando a acção indicada por um verbo for realizada antes doutra que também já tenha sido praticada, esse verbo está no pretérito mais que perfeito.

Apresentei no quadro o seguinte esquema:

Pessoas	Pretérito		
	Imperfeito	Perfeito	Mais que perfeito
<b>eu</b>	cantava	cantei	cantara
<b>tu</b>	cantavas	cantaste	cantaras
<b>êle</b>	cantava	cantou	cantara
<b>nós</b>	cantávamos	cantámos	cantáramos
<b>vós</b>	cantáveis	cantastes	cantáreis
<b>eles</b>	cantavam	cantaram	cantaram

Os alunos deram leitura, resumo oral do trecho lido. Fizeram desenho nos cadernos.

### 3.ª Classe

Os alunos que compareceram assistiram às lições da 4.ª classe. Em português leitura, resumo oral do trecho lido e ditado de palavras no quadro.

### 2.ª e 1.ª Classes

Continua a faltar quasi tudo, por isso nada explico e continuo repetindo.

Dia 14 de Dezembro

4.ª Classe

Em aritmética problemas. Em português escrevi no quadro o verbo cantar, para repetir as explicações dadas sôbre tempos e modos. Segue a conjugação do verbo cantar conforme a escrevi no quadro.

<b>Infinito</b>	<b>Pretérito Perfeito</b>	<b>Condicional</b>	<b>Modo conjuntivo</b>
Cantar	Eu cantei	Eu cantaria	<b>Tempo presente</b>
<b>Modo Indicativo</b>	Tu cantaste	Tu cantarias	Eu cante
<b>Tempo presente</b>	Ele ou ela cantou	Ele/ela cantaria	Tu cantes
Eu canto	Nós cantámos	Nós cantaríamos	Ele/ela cante
Tu cantas	Vós cantastes	Vós cantaríeis	Nós cantemos
êle canta	êles/elas cantaram	Eles/elas cantariam	Vós canteis
Nós cantamos			eles/elas cantem
Vós cantais			
êles/elas cantam			
<b>Pretérito Imperfeito</b>	<b>Futuro</b>	<b>Mais que perfeito</b>	<b>Pretérito imperfeito</b>
Eu cantava	Eu cantarei	Eu cantara	Eu cantasse
Tu cantavas	Tu cantarás	Tu cantaras	Tu cantasses
êle cantava	Ele/ela cantará	Ele cantara	Ele/ela cantasse
Nós cantávamos	Nós cantaremos	Nós cantáramos	Nós cantássemos
Vós cantáveis	Vós cantareis	Vós cantáreis	Vós cantásseis
Eles/elas cantavam	Eles/elas cantarão	Eles cantaram	Eles/elas cantassem

**Imperativo**

Canta tu

Cantai vós

Deram também lição de leitura, resumo oral do trecho lido e resolveram o seguinte teste nos cadernos:

**Deixaram-nos antigos os exemplos grandes**

**Cidade é antiga muito Lisboa uma**

**Amar pais, seus respeitá-los filhos os devem obedecer-lhes e**

**Fazer possa ninguém hoje deve para deixar amanhã que o**

**Mesmos produzem causas mesmas as os efeitos**

3.<sup>a</sup> Classe

Assistiu à lição da 4.<sup>a</sup>, deu lição de leitura, resumo oral do trecho lido e ditado nos cadernos.

2.<sup>a</sup> e 1.<sup>a</sup> Classes

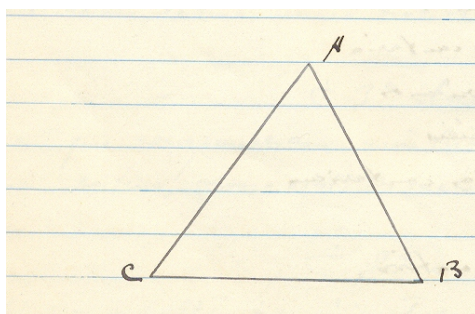
Continuamos na mesma para não variar.

Dia 15 de Dezembro

4.<sup>a</sup> Classe

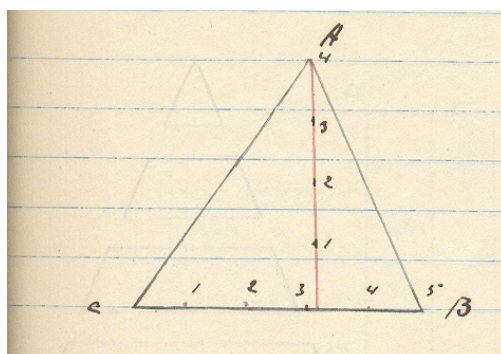
Falei hoje sobre as áreas dos vários polígonos. E expliquei assim:

Vamos hoje aprender a achar a área de alguns polígonos. Área ou superfície, é o espaço que abrange duas dimensões: comprimento e largura. Portanto achar a superfície ou área dum polígono, é saber quantas vezes uma unidade das medidas de superfície cabe no espaço limitado pelas linhas que formam êsse polígono. Os meninos já sabem achar a área dum paralelogramo rectângulo. Vamos hoje aprender a achar a área dum triângulo. Tomei o giz e tracei no quadro o seguinte triângulo:

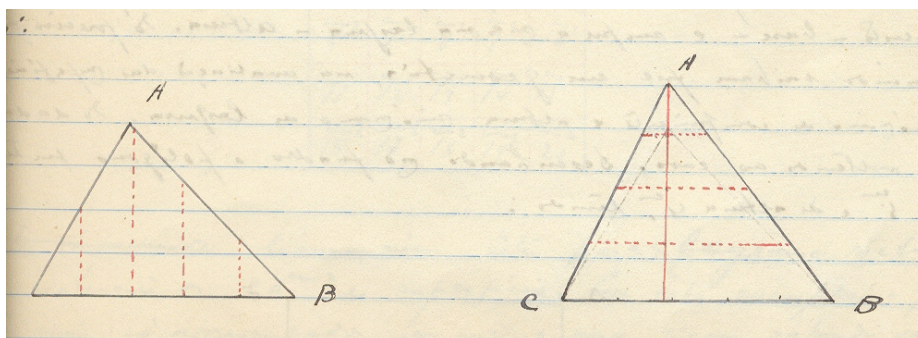


Depois voltei-me para os alunos e disse-lhes: Para achar a área dum triângulo, temos de medir a base e a altura e depois multiplicar os res\_

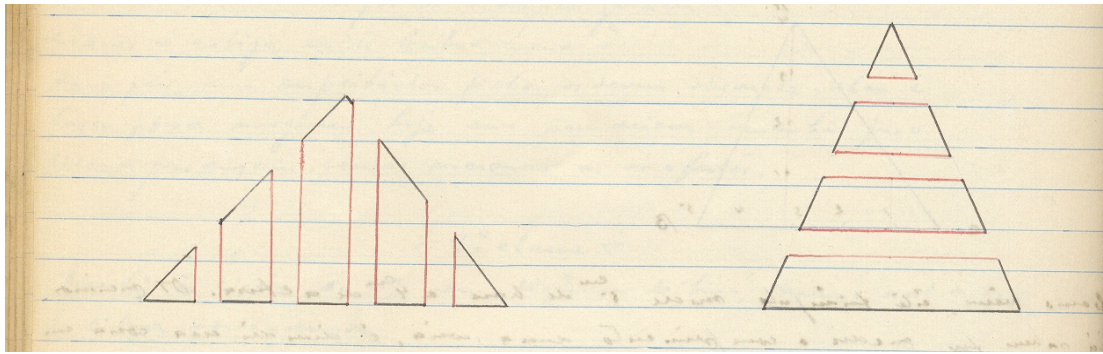
pectivos números. Fazendo isso, temos:



Como vemos, este triângulo mede  $5^{cm}$  de base e  $4^{cm}$  de altura. Os meninos já sabem que medir o comprimento duma coisa, é dividir essa coisa em tiras, tendo cada uma um comprimento igual ao da unidade que tomou para medida; e que medir a largura, é dividir a coisa que se mede em tiras, tendo cada uma largura igual à unidade que se tomou para ponto de partida na medição. Como cada linha que indica uma unidade de largura encontra no seu caminho tantas linhas indicando unidades de comprimento, quantas foram as vezes que essa unidade coube no comprimento total, segue-se daí que cada unidade de largura, forma uma tira com tantas unidades de superfície, quantas as unidades de comprimento. E assim, aquele triângulo, porque mede  $5^{cm}$  de base, fica dividido em 5 tiras, cada uma com 1 de comprimento; e porque mede  $4^{cm}$  de altura, fica dividido em 4 tiras tendo cada uma  $1^{cm}$  de largura. Exemplificando temos:



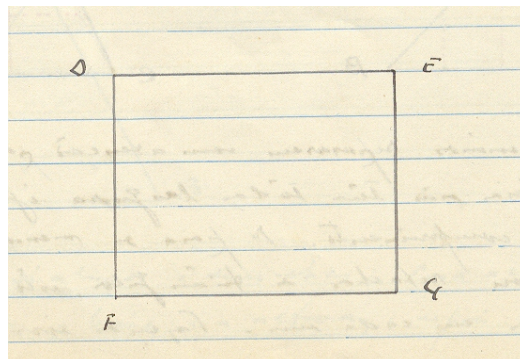
Se os meus meninos repararem com atenção para estes dois triângulos verão que as tiras não têm tôdas largura igual nem tão pouco igual comprimento. E para os meninos compreenderem que assim é, eu vou retalhar os triângulos, isto é, separar as tiras umas das outras em cada um. Fazendo isso temos:



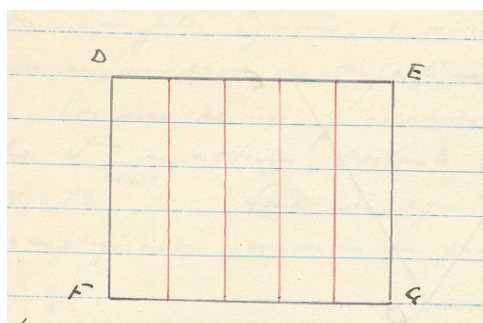
Ora agora entendo eu que já não devem ter dificuldades em compreender que num triângulo, quer as tiras do comprimento – base – quer as tiras da largura – altura – não são iguais, isto é, as que indicam o comprimento não têm sempre o comprimento indicado pela base, e as que indicam a largura, não têm sempre a largura indicada pela altura. Portanto pergunto agora: Para achar a área dum triângulo poderei transformar o comprimento da base em superfície e repeti-lo tantas vezes quantas sejam as unidades da altura? Não posso. E sabem porquê? Porque se eu assim fizesse teríamos:

$$5^{cm^2} \times 4 = 20^{cm^2}$$

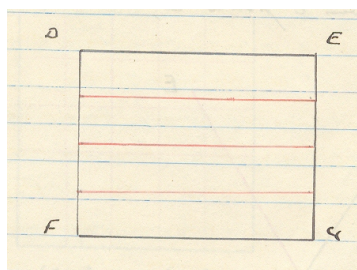
Ora  $20^{cm^2}$  é a medida dum polígono que tenha sempre o mesmo comprimento – base – e sempre a mesma largura – altura. É preciso que os meus meninos saibam que em geometria, na avaliação das superfícies, base é sinónimo de comprimento e altura sinónimo de largura. E dada esta explicação voltemos ao caso. Desenhando no quadro o polígono que tenha de base  $5^{cm}$  e de altura  $4^{cm}$ , temos:



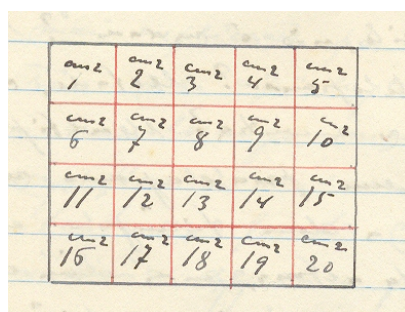
Já sabem os meus meninos que o polígono **DEGF** se chama um paralelogramo rectângulo. Se medirmos a base deste paralelogramo rectângulo temos:



Se lhe medirmos a altura, temos:

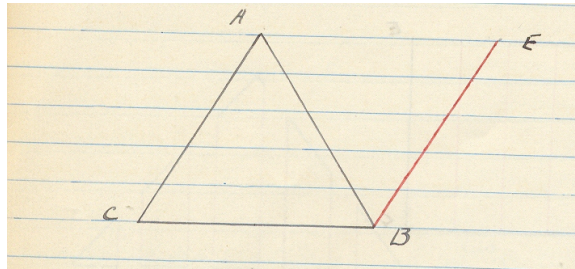


Assentando as duas figuras uma sobre a outra, temos:

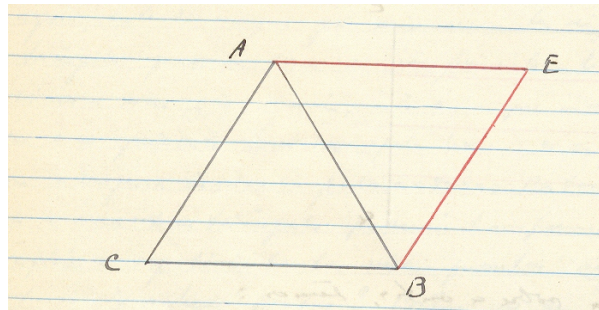


Como vêem, este paralelogramo rectângulo mede realmente os  $20^{cm^2}$  de superfície. Por êste exemplo e pelos muitos mais já apresentados durante o ano, ficam sabendo duma vez para sempre que para achar a superfície de um paralelogramo rectângulo ou de qualquer coisa que tenha a forma rectangular, transforma-se o comprimento em superfície e repete-se tantas vezes quantas sejam as unidades de largura. Mas então, mestre, como devemos proceder para achar a superfície do triângulo, perguntarão

daí os meus meninos. Vamos ver isso. Estejam com muita atenção. Se eu tirar pelo ponto **B** do triângulo **CAB** uma paralela a **CA**, temos:



Se unirmos o ponto **A** com o ponto **E**, temos:



Ora agora digam-me: Como se chama o polígono **ACBE** ? Um paralelogramo propriamente dito, não é verdade? E o triângulo **CAB**, que parte é desse paralelogramo? Metade, não é isso? E a área dum paralelogramo como se encontra? Multiplicando a base pela altura. Portanto se a área dum paralelogramo se encontra multiplicando a base pela altura, a dum triângulo encontra-se multiplicando também a base pela altura, mas dividindo em seguida o produto por dois, porque a superfície dum triângulo é sempre metade da superfície dum paralelogramo que tenha base e altura iguais às do triângulo.

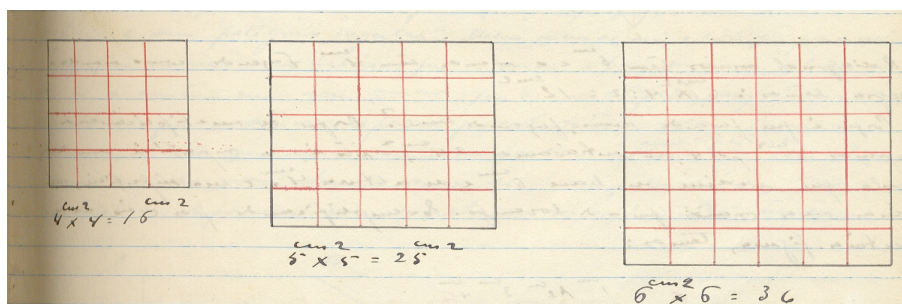
Portanto a área do triângulo **ACB**, encontra-se dispondo o cálculo desta maneira:

$$b = 5 \text{ cm}$$

$$5 \text{ cm}^2 \times 4 \div 2 = 10 \text{ cm}^2$$

$$A = 4 \text{ cm}$$

Para achar a superfície dum quadrado, basta multiplicar o lado por si mesmo, o que não custa a compreender visto o quadrado ser um paralelogramo de lados e ângulos iguais, e visto que cada unidade de altura transforma em unidades de superfície todas as unidades de comprimento da base. Por isso se um quadrado tem  $4^{cm}$  de base, já sabemos que tem outros  $4^{cm}$  de altura. Portanto seguindo a regra já conhecida temos:  $4^{cm^2} \times 4 = 16^{cm^2}$ . Fazer isto, equivale a multiplicar o lado por si mesmo. Exemplificando por meio de quadrados com várias dimensões, temos:



$$4^{cm^2} \times 4 = 16^{cm^2}$$

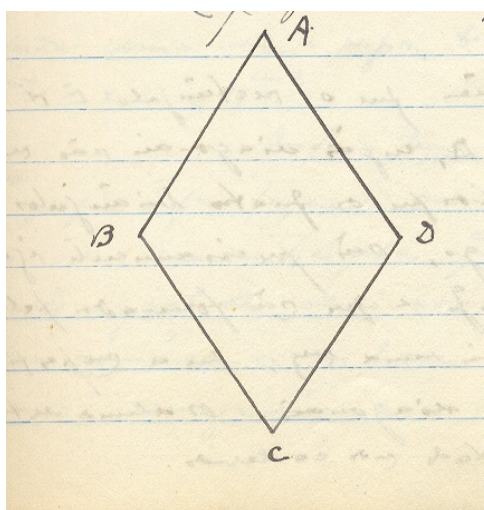
$$5^{cm^2} \times 5 = 25^{cm^2}$$

$$6^{cm^2} \times 6 = 36 \text{ ??}$$

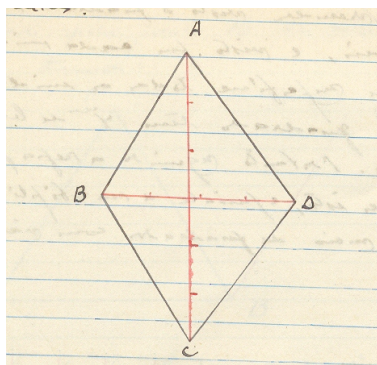
É escusado apresentar mais explicações para êste caso, pois as superfícies de paralelogramos têm sido aqui explicadas dezenas de vezes.

Para achar a superfície dum losango, medem-se as diagonais, transformamos em unidades de superfície as unidades de comprimento duma delas, repetimos essas unidades tantas vezes quantas são as unidades de comprimento da outra diagonal, e dividimos depois o produto total por dois.

Vamos achar a superfície do seguinte losango:



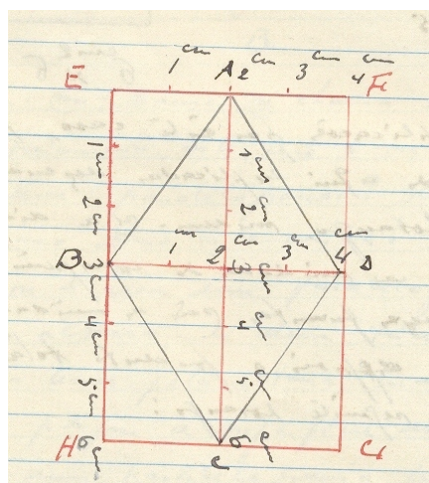
Fazendo conforme manda a regra, tiremos-lhe as diagonais e vejamos as dimensões delas.



A diagonal maior tem  $6^{cm}$  e a menor tem  $4^{cm}$ . Fazendo como manda a regra temos:

$$6^{cm} \times 4 \div 2 = 12^{cm^2}$$

Porque é que fazendo assim fazemos bem? Porque se multiplicássemos apenas  $6^{cm^2}$  por 4, encontrávamos  $24^{cm^2}$ , isto é, a superfície de um rectângulo que medisse de base  $6^{cm}$  e de altura  $4^{cm}$ , e essa superfície, seria duas vezes maior que a do losango. Exemplificando por meio da respectiva figura temos:



Sem grande dificuldade os meninos vêem que o rectângulo **EFGH**, é duas vezes maior que o losango ABCD, cujas diagonais são respectivamente a base e a altura do rectângulo, porque os quatro triângulos que ficam fora da superfície ocupada pelo losango, são precisamente iguais aos 4 triângulos que ficam dentro do losango e que são formados pelas respectivas diagonais. Donde concluímos, mais uma vez, que a superfície dum losango é igual ao semi-produto das diagonais.

Os alunos destas classe deram lição de português e fizeram ditado nos cadernos.

3.<sup>a</sup> Classe

Os alunos que vieram assistiram às explicações da 4.<sup>a</sup> classe, deram leitura, resumo oral do trecho lido e fizeram ditado nos cadernos.

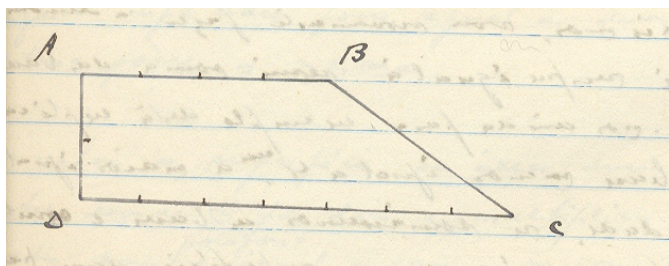
2.<sup>a</sup> e 1.<sup>a</sup> Classes

Continuam na azeitona.

Dia 16 de Dezembro

4.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética, problemas. Em geometria expliquei assim a área do trapézio e dum polígono regular: Meus meninos, diz o livro que para achar a superfície ou área dum trapézio, que se mede a base maior, e a base menor que se somam esses dois números, que se multiplica depois essa soma pela altura e que se divide depois o produto total por dois. Resumindo: Somam-se as bases, divide-se essa soma por dois e multiplica-se pela altura. Resumindo ainda mais: Semi-soma das bases pela altura. Vamos exemplificar, e por isso vamos achar a superfície deste trapézio:



base maior  $7^{cm}$

base menor  $4^{cm}$

altura  $2^{cm}$

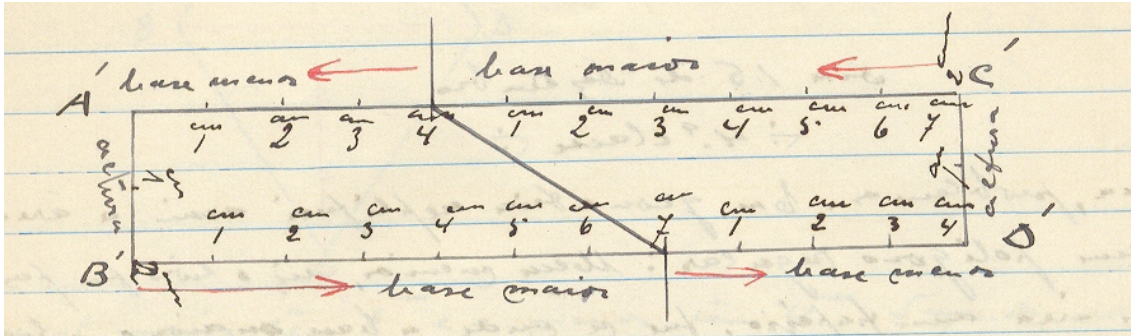
Efectuando como diz a regra, temos

$$(7^{cm} + 4^{cm}) \div 2 \times 2 = 11^{cm}$$

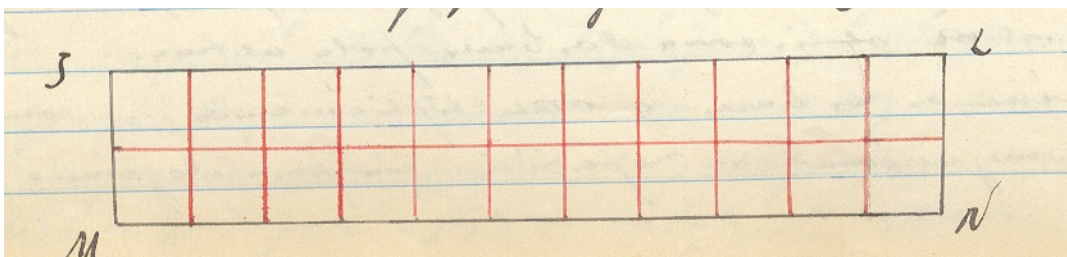
Estará bem assim? O livro não ensinará mal? Os meninos sabem porque é que fazendo assim fazemos bem? Não sabem, não, e por isso vou demonstrar-lhes que a superfície de qualquer trapézio é de facto igual à semi-soma das bases pela altura.

Se somássemos as bases e multiplicássemos a soma pela altura, conseguiríamos a superfície dum paralelogramo que te\_

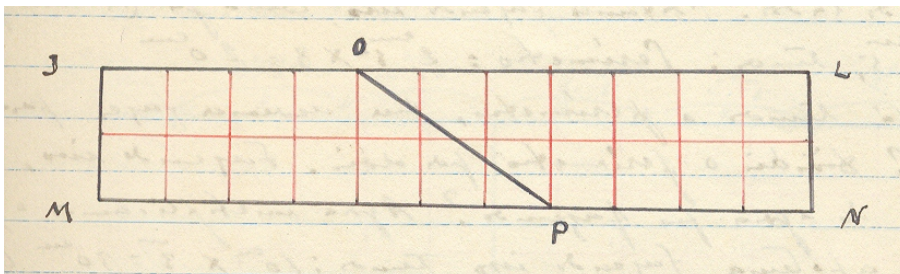
ria a mesma altura do trapézio e uma base tão grande como as duas do trapézio. E sendo assim, não é difícil de compreender que esse rectângulo teria uma superfície que, comparada com a do trapézio, seria duas vezes maior. Mas, para os meus meninos ficarem cientes de que é como eu digo, vou exemplificar por meio da respectiva figura.



Como vêem, o rectângulo **A'B'C'D'**, que tem de base  $11^{cm}$  ( $7^{cm} + 4^{cm}$ ) e de altura dois, sendo dividido ao meio, dá dois trapézios tendo cada um dimensões precisamente iguais às do trapézio **ABCD**. Mas, como esta explicação ficou mal compreendida, pois assim o leio nas caras dos meninos, e foi concerteza por escrever naquela figura tantas palavras e tantos algarismos, vou novamente fazer a demonstração de que a área dum trapézio é sempre igual à semi-soma das bases multiplicada pela altura. Sirva-nos ainda para exemplo desta explicação o trapézio **ABCD** que tem a base menor igual a  $4^{cm}$ , a maior igual a  $7^{cm}$  e a altura igual a  $2^{cm}$ . Na verdade, se somássemos as bases e multiplicássemos essa soma pela altura, teríamos a superfície dum paralelogramo rectângulo cuja base seria igual às duas bases do trapézio e cuja altura seria também a mesma do trapézio. E digo isto, porque para achar a superfície de qualquer coisa de forma rectangular, multiplica-se simplesmente a base pela altura. Donde concluímos que as áreas rectangulares se encontram por meio duma simples multiplicação. Ora bem, se somássemos as bases e multiplicássemos por dois, teríamos:  $(7^{cm} + 4^{cm}) \times 2 = 22^{cm^2}$ . Vamos ver, se realmente um rectângulo com  $6^{cm}$  e mais  $4^{cm}$  ( $10^{cm}$ ) em cada base e com  $2^{cm}$  de altura, dá realmente uma superfície igual a  $22^{cm^2}$ .



Como vêem o rectângulo **JLNM**, tem  $22^{cm^2}$  de superfície. Não é preciso ser muito inteligente para compreender que este rectângulo é duas vezes maior que o trapézio, pois que tem a base tão grande como as duas do trapézio. E para os meus meninos verem que digo bem, vou dividir o rectângulo **JLNM** em dois trapézios. Fazendo isto temos:

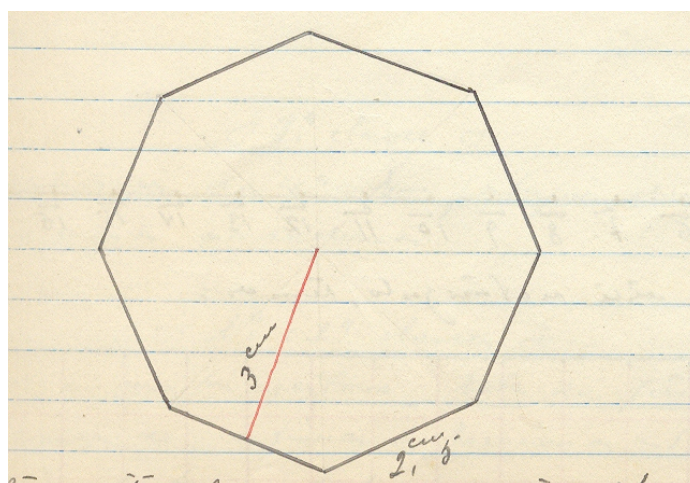


Como vêem, o rectângulo dividido ao meio em trapézios, dá dois trapézios iguais, que são os trapézios **JOPM** e **OLNP**. Se medirmos as respectivas bases e alturas, encontramos para cada um as seguintes dimensões:  $B = 7^{cm}$ ;  $b = 4^{cm}$  e  $a = 2^{cm}$ , dimensões estas precisamente iguais às do trapézio ABCD. Fica portanto demonstrado que a área dum trapézio é sempre igual à metade da superfície dum rectângulo cuja base fôsse igual às duas bases do trapézio e cuja altura fôsse a mesma.

Para achar a superfície ou área dum polígono regular, acha-se o perímetro, divide-se por dois e multiplica-se pelo apótema.

Perímetro dum polígono é igual à soma do comprimento dos seus lados.

Vamos portanto achar a superfície do polígono seguinte:



Como vêem tem oito lados e por isso chama-se octógono.

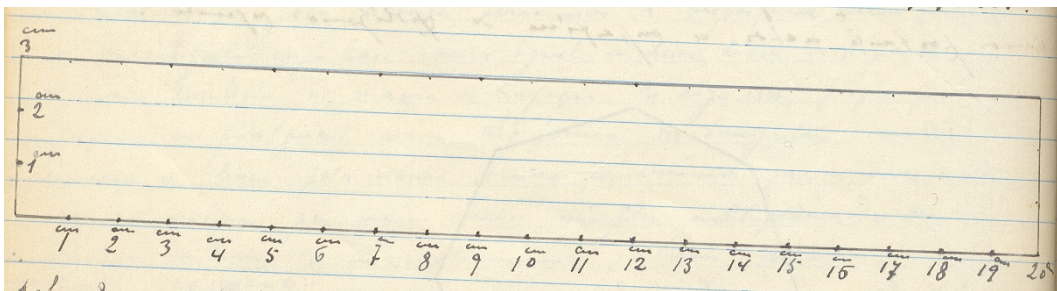
Para achar a superfície é preciso em primeiro lugar encontrar o perímetro. Para encontrar o perímetro dum polígono, medem-se todos os seus lados e somam-se os resultados das medições. Mas como êste polígono é regular, isto é, como tem todos os lados e ângulos iguais, para achar o perímetro dêle, basta medir um dos lados e repetir êsse número tantas vezes quantas forem os lados. Portanto fazendo isso, como já sabemos que cada lado mede  $2,5^{cm}$ , temos:  $\text{Perímetro} = 2,5^{cm} \times 8 = 20^{cm}$ .

Ora agora que já temos o perímetro, que devemos fazer para seguir a regra do livro? Dividir o perímetro por dois. Fazendo isto temos:  $20^{cm} \div 2 = 10^{cm}$ . E agora que fazemos? Agora multiplicamos o quociente da divisão pelo apótema, fazendo isso temos:  $10^{cm} \times 3^{cm} = 30^{cm}$ . O livro diz que êstes 30 centímetros são quadrados mas eu discordo e os meninos já sabem porque. Deixemos isso para logo, e vamos verificar se de facto a superfície de qualquer polígono regular se encontra multiplicando o semi-perímetro pelo apótema.

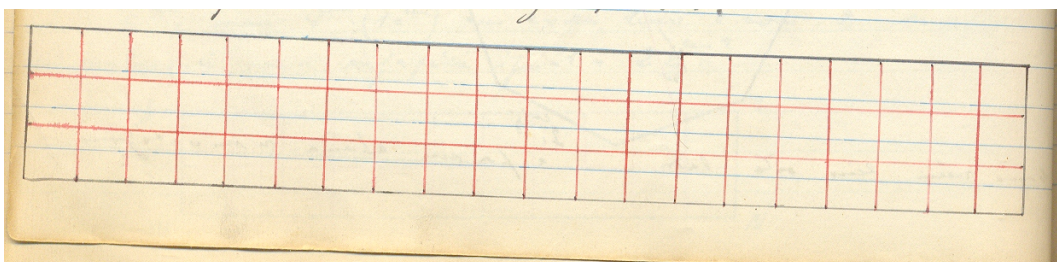
Se achássemos o perímetro e o multiplicássemos pelo apótema, encontraríamos a superfície dum rectângulo cuja base seria igual ao comprimento de todos os lados dêsse polígono e cuja altura seria igual ao respectivo apótema.

Sim, se multiplicarmos  $20^{cm^2}$  por 3 teremos:  $20^{cm^2} \times 3 = 60^{cm^2}$ . Ora estes  $60^{cm^2}$ , como vêem, representam uma superfície duas vezes maior que a superfície do polígono, donde concluímos que êsse rectângulo é duas vezes maior.

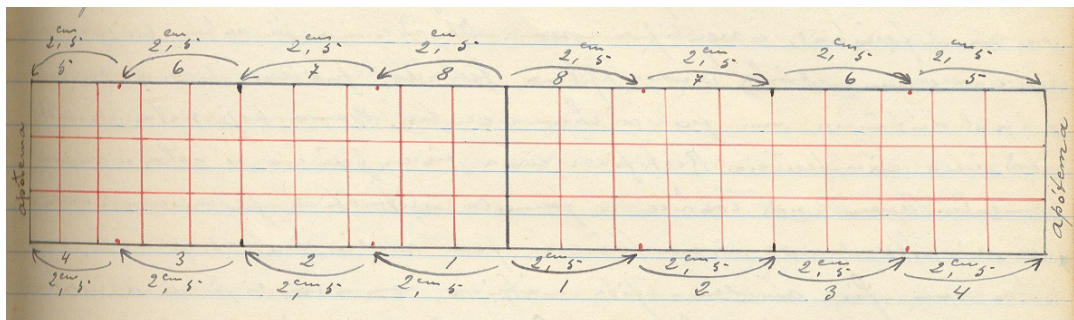
Traçando um rectângulo com  $20^{cm}$  de lado e  $3^{cm}$  de altura, temos:



Achando a superfície dêsse rectângulo temos:



Não devemos ter dúvidas acêrca da superfície dêste rectângulo, pois vêem perfeitamente que tem 60 centímetros quadrados de superfície, ou seja o dobro da superfície do polígono indicado. Ora se este rectângulo tem o dobro da superfície do polígono proposto, se o dividirmos ao meio, há-de dar para cada parte, ou por outra, há-de ter para cada parte, uma superfície igual à do octógono. Fazendo isso, temos:



Como vêem, cada metade do rectângulo fica com  $30^{cm^2}$  de superfície, superfície igual à do octógono e os lados que servem de bases com dimensões iguais às do perímetro do polígono, e portanto iguais aos 8 lados do octógono. Por outras palavras: Dividindo as bases de cada rectângulo em partes iguais de  $2,5^{cm}$  cada uma, as bases dão 8, ou seja tantas como os lados do polígono e a altura é de  $3^{cm}$ , portanto igual ao apótema do polígono. Daqui concluímos que para achar a área dum polígono regular, devemos encontrar o perímetro, dar-lhe a designação de superfície, multiplicá-lo pelo apótema e dividir o produto por 2; pois que fazendo simplesmente a multiplicação do perímetro pelo apótema, encontraríamos uma superfície duas vezes maior que a do polígono regular.

### 3.ª Classe

Assistiu às explicações da 4.ª. Em português deu leitura, resumo oral do trecho lido e ditado nos cadernos.

### 1.ª e 2.ª Classes

Azeitona e sempre azeitona. Antes das férias do Natal, já perdi a esperança de continuar a leccionar esta classe na verdadeira acepção do termo. Trabalharemos depois com mais afinco.

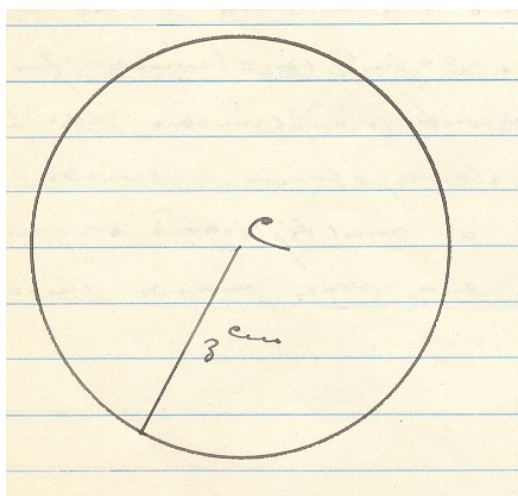
Dia 17 de Dezembro

Lição de canto coral e de moral a todas as classes.

Dia 19 de Dezembro

4.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética, operações e problemas. Em geometria falei da rectificação da circunferência e expliquei assim: Os meninos já sabem que uma circunferência é uma linha curva, plana, fechada, que tem todos os seus pontos à igual distância dum que se chama centro. Vamos hoje tratar da rectificação duma circunferência. Rectificar uma circunferência, é achar o seu comprimento. Quem não conhece a fórmula aritmética que ensina a achar o comprimento duma circunferência, pode medir êsse comprimento, servindo-se dum fio, ou duma fita métrica, com a condição de ir encostando o fio ou a fita métrica à circunferência fazendo-os coincidir com ela em todos os seus pontos. Querendo porém encontrar o comprimento duma circunferência sem estar com este trabalho, lança mão duma regra aritmética que diz assim: Para rectificar uma circunferência, isto é, para achar o comprimento duma circunferência, mede-se o raio, multiplica-se por dois e em seguida por 3, 1416. Vamos pois rectificar a seguinte circunferência:



Fazendo como manda a regra, temos:  $3^{cm} \times 2 \times 3,1416 = 18,8496$

Esta circunferência, mede portanto 18 centímetros e 8 496 microns. Porque é que se multiplica o raio por dois? Para encontrar o valor do diâmetro, pois o diâmetro é sempre igual a dois raios, visto ser uma linha que passa pelo centro e divide a circunferência em duas partes iguais. E porque é que depois de achado o valor do diâmetro, se multiplica êsse valor por

3,1416? Porque 3,1416, é o valor de pi. E o que é o valor de pi? É o número de vezes que o comprimento do diâmetro cabe na circunferência. Há vários valores de pi, mas o mais aproximado é o acima indicado. Portanto, sabido o comprimento dum diâmetro, para achar o comprimento da respectiva circunferência, basta multiplicar o valor do diâmetro por 3, 1416.

Em suma, para não haver mais dúvidas e ficar isto sabido de uma vez para sempre, o comprimento duma circunferência, comparado com o comprimento do respectivo diâmetro, é três vezes maior, e mais ainda 1 416 décimos milésimos do seu comprimento.

Vá lá outro exemplo para melhor compreensão. Qual será o comprimento duma circunferência que tem de raio  $15^{cm}$ ? Se a circunferência tem  $15^{cm}$  de raio, tem  $30^{cm}$  de diâmetro, ou sejam  $15^{cm}$  duas vezes. E como o comprimento dum diâmetro é três vezes menor que o comprimento da respectiva circunferência, e ainda mais 1 416 décimos milésimos do seu comprimento, nós, depois de sabermos o valor do diâmetro, para sabermos o valor da circunferência, temos de multiplicá-lo por 3,1416. Efectuando as operações acima explicadas, temos:

$$15^{cm} \times 2 \times 3,1416 = 93^{cm},2480 \quad ?? (94,2480)$$

Uma circunferência que tenha  $15^{cm}$  de raio, tem  $94,^{cm}2480$  ?? de comprimento. Apresentei vários exemplos sôbre a rectificação da circunferência, conseguindo deixar o assunto compreendido por todos os alunos.

Os alunos desta classe fizeram ditado nos cadernos e em português deram lição de leitura e resumo oral do trecho lido.

### 3.ª Classe

Os alunos desta classe assistiram às explicações da 4.ª. Em português leitura, resumo oral do trecho lido e ditado nos cadernos.

### 1.ª e 2.ª Classes

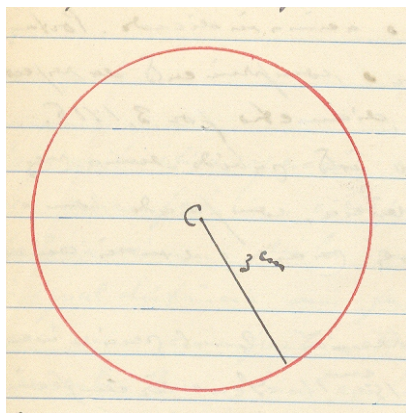
Continuam na azeitona

Dia 20 de Dezembro

### 4.ª Classe

Em aritmética problemas. Em geometria expliquei a superfície do círculo e falei assim: Para achar a superfície dum círculo, eleva-se o raio ao qua\_

drado e multiplica-se em seguida por 3, 1416. Vamos portanto achar a superfície do seguinte círculo:

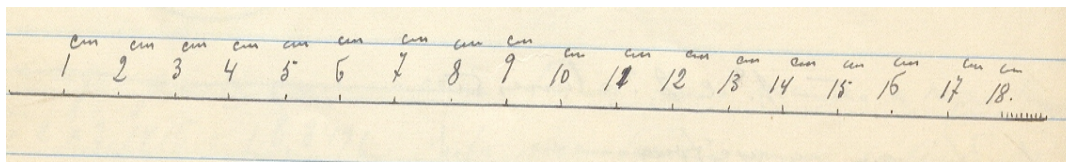


Elevando o raio ao quadrado temos:  $3^{cm^2} \times 3 = 9^{cm^2}$

Multiplicando agora  $9^{cm^2}$  por 3, 1416, temos:  $9^{cm^2} \times 3,1416 = 28,^{cm^2} 2744$

Portanto a superfície daquele círculo, é de  $28,^{cm^2} 2744$ .

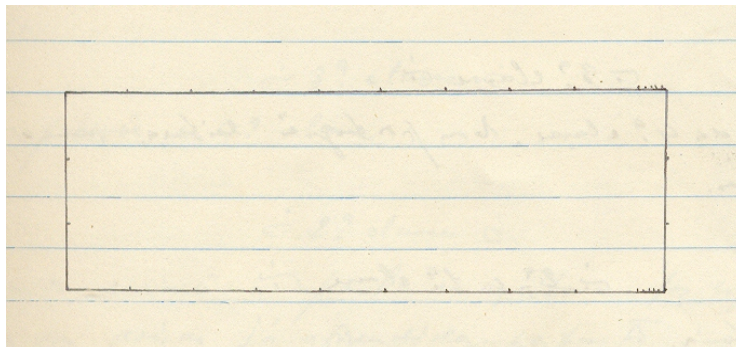
Para os meus meninos compreenderem bem porque é que assim se faz, e porque fazendo assim se faz bem, eu vou explicar praticamente a superfície dum círculo. Sei vários processos para provar praticamente a superfície dum círculo, mas vou apresentar o mais simples, que é o seguinte: Vamos transformar o círculo num rectângulo. Para isso temos de achar em primeiro lugar o comprimento da circunferência. Fazendo isso, temos:  $3^{cm} \times 2 \times 3,1416 = 18,^{cm} 8496$ . A circunferência, estendida, esticada, depois de a ter cortado num ponto, seria igual a uma linha que tivesse de comprimento  $18,^{cm} 8496$ . Como vêem, não nos é possível traçar uma linha com o comprimento exacto da circunferência, porque com o material de que dispomos não podemos ir até aos microns, mas aproximando-nos tanto quanto possível da verdade, aquela circunferência estendida, esticada, ficaria igual à seguinte linha:



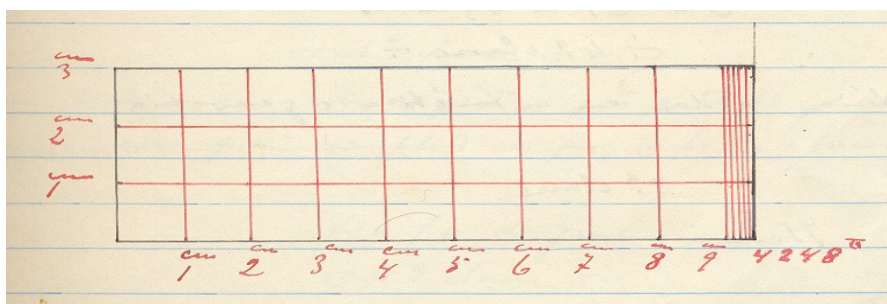
Se quisermos com esta linha formar um rectângulo cuja superfície seja igual à do respectivo círculo que ela encerra quando é circunferência, isto é, quando ela seja curva, plana, fechada e que tenha todos os seus pontos à igual distância dum que se chama centro, tenho de a partir em duas partes iguais, isto é, ao meio, ficando cada uma das partes a

servir de base. Como para acabar de formar o rectângulo falta a altura, pois a circunferência só dá para as bases, essa altura é dada pelo comprimento do raio.

Construindo êsse rectângulo temos:



Achando a superfície deste rectângulo, temos:



Efectuando operações conforme as explicações dadas sôbre a superfície de paralelogramos rectângulos, temos:

$$9,^{cm^2}4248 \times 3 = 28,^{cm^2}2744$$

Como vêm, está demonstrado que a superfície dum círculo é igual à superfície dum paralelogramo rectângulo que tenha de base metade do comprimento da respectiva circunferência e que tenha de altura, o comprimento do respectivo raio.

Mas como este processo é mais moroso, seguimos o mais fácil, e esse, como já viram, consiste em elevar o raio ao quadrado e multiplicá-lo por 3,1416.

Elevar o raio ao quadrado, é formar um quadrado que tenha em cada lado  $3^{cm}$ . Um quadrado assim formado, tem  $9^{cm^2}$  de superfície e essa superfície cabe dentro da superfície do respectivo círculo, 3 vezes e mais 1 416 décimas milésimas da sua superfície. Isto não custa a compreender agora perante o rectângulo construído no quadro, pois tendo superfície igual à do círculo, se vê perfeitamente que o quadrado formado pelo raio, pode ser tirado dêle 3 vezes e mais ainda as 1 416 décimas milésimas da sua superfície. Poderia ainda explicar isto doutro modo, mas julgo desnecessário para melhor com\_

preensão do assunto. Apresentei ainda mais exemplos, para que os alunos ficassem a saber bem o caso. Em português leitura, resumo oral do trecho lido e ditado nos cadernos.

3.<sup>a</sup> Classe

Assistiu às explicações da 4.<sup>a</sup> classe. Em português leitura, resumo oral do trecho lido e ditado nos cadernos.

2.<sup>a</sup> e 1.<sup>a</sup> Classes

Continuam na azeitona.

Dia 21 de Dezembro

4.<sup>a</sup> Classe

Repetição das matérias dadas em aritmética e geometria

3.<sup>a</sup> Classe

Idem

2.<sup>a</sup> e 1.<sup>a</sup> Classes

Azeitona

Dia 22 de Dezembro

4.<sup>a</sup> Classe

Repetição das matérias dadas em português

3.<sup>a</sup> Classe

Idem

2.<sup>a</sup> e 1.<sup>a</sup> Classes

Azeitona

Dia 7 de Janeiro

Lição de canto coral, e moral a todas as classes

Dia 9 de Janeiro

4.<sup>a</sup> Classe

Repetição geral das matérias dadas antes das férias sobre português aritmética e geometria.

3.<sup>a</sup> Classe

Assisti às repetições da 4.<sup>a</sup> classe.

2.<sup>a</sup> Classe

O tempo perdido durante a apanha da azeitona, fez esquecer aos alunos desta classe muitas das coisas já aprendidas; portanto, é necessário voltar ao princípio insistindo na aplicação das operações.

1.<sup>a</sup> Classe

Repetição das lições dadas antes de férias pois o tempo perdido na azeitona, provocou um esquecimento quase completo do que se havia aprendido.

Dia 10 de Janeiro

4.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética, explicação da divisibilidade, conforme o que escrevi na minha conferência a pag 117 e seguintes. Em português repetição do que havia sido ensinado antes das férias.

3.<sup>a</sup> Classe

Assisti às lições de aritmética da 4.<sup>a</sup> classe e em português leitura, resumo oral do trecho lido e ditado nos cadernos. Também fizeram várias operações nas lousas, embora a pedagogia condene a feitura de operações sem aplicação prática.

2.<sup>a</sup> Classe

Operações e suas aplicações práticas. Em português leitura, resumo oral do trecho lido e cópia nos cadernos.

1.<sup>a</sup> Classe

Leitura e escrita da lição nas lousas.

Dia 11 de Janeiro

4.<sup>a</sup> Classe

Tenho explicado fracções conforme o que escrevi sobre tal assunto na minha conferência. Tenho insistido sobre soma e subtracção das mesmas. Vou hoje apresentar uma lição sobre a soma de mais de duas fracções, embora ela já esteja explicada na minha conferência quando apresento a soma de duas fracções. Como porém as explicações sobre êste assunto nunca são demais, segue a lição:

Tomando o giz, fui ao quadro e apresentei este problema aos alunos: O João quer que eu lhe dê  $\frac{1}{9}$  dum queijo; o José quer  $\frac{2}{7}$  do mesmo queijo e o Manuel quer  $\frac{3}{8}$ . Que porção do queijo

hei-de dar aos três rapazes para lhes satisfazer a vontade?

Não é preciso ser inteligente para saber que é necessário somar as fracções para encontrar o número de partes dadas aos rapazes.

Aparece no entanto uma dificuldade que é necessário resolver: O João quer que o queijo seja partido em 9 partes iguais; O José já não quer o queijo partido em 9, mas sim em 7, e o Manuel nem o quer partido em 9 nem em 7, mas sim em 8. De maneira que para fazer a vontade ao João, tenho de partir o queijo em 9, e dar-lhe uma; para fazer a vontade ao José, tenho de o partir em 7 e dar-lhe 2, e finalmente para fazer a vontade ao Manuel, tenho de partir o queijo em 8 e dar-lhe 3. Poderá ser? Não. Então como hei-de fazer para contentar os três dando a cada um a porção desejada?

Faço assim: Principio por partir o queijo em 9 partes iguais e assim faço a vontade ao João; parto depois cada uma daquelas 9 partes em 7 partes iguais, e assim faço a vontade ao José, e por fim parto cada uma destas últimas partes em 8 partes iguais e satisfaço os desejos do Manuel. Já vêem que por este processo consegui sair deste beco que parecia a principio não ter saída. Bom, vamos lá a ver as partes que devo dar a cada um, bem como aquelas em que tenho de partir o queijo para não deixar ninguém descontente. Se o queijo fôsse partido em 9 partes, o João queria uma; mas agora que o queijo tem de ser partido em 7 vezes mais partes por causa do José, o João já não pode ficar só com uma, mas sim, com 7 vezes mais, e finalmente, porque o queijo, por causa do Manuel, tem de ser partido em 8 vezes mais partes que as que já tinha sido partido, o João já não pode ficar só com 7 vezes mais, mas sim com 8 vezes mais que as sete. Mas

como a explicação feita desta maneira complica o assunto, vamos primeiro saber em quantas partes deve ser partido o queijo para satisfazer a vontade dos três rapazes.

Principio por partir o queijo em 9 partes iguais para fazer a vontade ao João. Depois parto cada uma daquelas 9 partes em 7 partes iguais para fazer a vontade ao José, ficando assim o queijo dividido em 63 partes iguais; e por fim parto cada uma daquelas 63 partes em 8 partes iguais fazendo deste modo a vontade ao Manuel e deixando o queijo partido em 504 partes iguais. Portanto para contentar os três pretendentes ao queijo, tenho de parti-lo em 504 partes iguais. Vamos agora saber quantas partes devo dar a cada um. O João, se o queijo fôsse partido em 9, queria uma. Mas se o queijo tem de ser partido em 7 vezes mais partes por causa do José, quantas há-de querer? Quantas lhe hei-de dar para o deixar com porção igual à que pediu a principio? Hei-de dar-lhe 7 vezes mais, visto que cada uma das nove, ficou sete vezes mais pequena que a principio. Ora como êle queria só uma das nove, agora hei-de dar-lhe 7, visto sete, ser sete vezes mais que uma. Mas agora, que sou obrigado a partir o queijo ainda em oito vezes mais partes por causa do Manuel, quantas lhe hei-de dar? Hei-de dar-lhe oito vezes mais que as sete, visto que cada uma daquelas sete que agora lhe pertenciam, ou seja cada uma das 63 em que o queijo ficou partido, ser 8 vezes mais pequena. Portanto hei-de dar-lhe 56. Daqui concluímos que o João recebe uma parte se o queijo for partido em 9; recebe 7, se o queijo for partido em 63 partes, e recebe 56 partes se o queijo for partido em 504.

Quantas partes hei-de dar ao José?

Se partisse o queijo em 7, tinha de lhe dar 2. Mas como sou obrigado a partir cada uma daquelas 7 partes em 9 partes iguais, por causa do João, já lhe não posso dar só duas, mas sim 9 vezes mais que duas, ou sejam 18, visto cada uma das duas, ter ficado 9 vezes mais pequena. E como ainda sou obrigado, por causa do Manuel a partir em 8 partes iguais cada uma daquelas 18 que agora lhe pertenciam, o que equivale a partir em 8 partes iguais cada uma das 63 em que o queijo fora partido por causa do José e do João, já lhe não posso dar as 18 mas sim 144, ou seja 8 vezes mais.

Daqui concluímos que o José recebe 2 partes, se o queijo for dividido em 7, recebe

18, se o queijo for partido em 63 e recebe finalmente 144, se o queijo for partido em 504.

Quantas partes recebeu o Manuel?

Se o queijo fôsse só partido em 8 partes iguais, recebia 3. Mas como tenho de partir cada uma daquelas 8 em 9, por causa do João, já lhe não posso dar só 3, mas sim 9 vezes mais que as 3 ou sejam 27, visto cada uma delas ter ficado 9 vezes mais pequena. E como ainda sou obrigado a partir o queijo em 7 vezes mais partes por causa do José, portanto a tornar cada uma daquelas 27 partes 7 vezes mais pequenas, já lhe não posso dar as 27, mas sim 7 vezes mais, ou sejam 189. Daqui concluímos que o Manuel recebe 3 partes, se o queijo for partido em 8; recebe 27, se o queijo for partido em 72 e recebe 189, se o queijo for partido em 504.

Indicando e efectuando praticamente as operações que até aqui foram efectuadas mentalmente, temos:

$$\frac{1}{9}$$

$$\frac{2}{7} \quad \text{---} \quad \frac{1}{9} + \frac{2}{7} + \frac{3}{8} = \frac{1 \times 7 \times 8}{9 \times 7 \times 8} + \frac{2 \times 9 \times 8}{7 \times 9 \times 8} + \frac{3 \times 9 \times 7}{9 \times 8 \times 7} = \frac{56}{504} + \frac{144}{504} + \frac{189}{504} = \frac{389}{504}$$

$$\frac{3}{8}$$

Os três rapazes, comeram portanto 398 partes das 504 em que o queijo foi partido.

Vamos agora ver se cada rapaz ficou com a porção que desejava. Para isso, vamos ver se a fracção  $\frac{56}{504}$ , é igual a  $\frac{1}{9}$ . Para isso, temos de simplificá-la, isto é, reduzi-la à sua expressão mais simples, ou seja reduzi-la a uma fracção cujos termos sejam menores tanto quanto possível, e cujo valor seja o mesmo. Para isso lançamos mão daquela regra que diz: Uma fracção não muda de valor quando os seus termos forem divididos pela mesma quantidade.

Como os dois termos da fracção  $\frac{56}{504}$  são divisíveis por dois, fazendo a divisão por êsse factor

comum, temos:  $\frac{56 \div 2}{504 \div 2} = \frac{28}{252}$ . Como os termos da fracção  $\frac{28}{252}$  continuam ainda a ser

divisíveis por dois, temos:  $\frac{28 \div 2}{252 \div 2} = \frac{14}{126}$

Como os termos da fracção

$\frac{14}{126}$  são ainda divisíveis por dois, fica:  $\frac{14 \div 2}{126 \div 2} = \frac{7}{63}$ . Como agora os termos da fracção  $\frac{7}{63}$  são divisíveis por 7, fica:  $\frac{7 \div 7}{63 \div 7} = \frac{1}{9}$ . Fica demonstrado portanto que a fracção  $\frac{56}{504}$  é igual à fracção  $\frac{1}{9}$ .

Procedendo de igual modo para a fracção  $\frac{144}{504}$  temos:  $\frac{144 \div 2}{504 \div 2} = \frac{72}{252}$ . Como os termos da fracção  $\frac{72}{252}$  são ainda divisíveis por dois temos:  $\frac{72 \div 2}{252 \div 2} = \frac{36}{126}$ . Como ainda continuam divisíveis por dois os termos da fracção  $\frac{36}{126}$  temos:  $\frac{36 \div 2}{126 \div 2} = \frac{18}{63}$ . Como agora os termos da fracção  $\frac{18}{63}$  são divisíveis por 3, temos:  $\frac{18 \div 3}{63 \div 3} = \frac{6}{21}$ . Como os termos da fracção  $\frac{6}{21}$  são ainda divisíveis por três, temos:  $\frac{6 \div 3}{21 \div 3} = \frac{2}{7}$ . Daqui concluímos que a fracção  $\frac{144}{504}$  é igual à fracção  $\frac{2}{7}$ .

Finalmente, procedendo de igual forma com a fracção  $\frac{189}{504}$  temos:  $\frac{189 \div 3}{504 \div 3} = \frac{63}{168}$ . Como os termos da fracção  $\frac{63}{168}$  são ainda divisíveis por três, fica:  $\frac{63 \div 3}{168 \div 3} = \frac{21}{56}$ . Como os termos da fracção  $\frac{21}{56}$  são divisíveis por 7, temos:  $\frac{21 \div 7}{56 \div 7} = \frac{3}{8}$ . Donde concluímos que a fracção  $\frac{189}{504}$  é igual à fracção  $\frac{3}{8}$ .

Indicando simplesmente as simplificações das fracções temos:  $\frac{56}{504} = \frac{28}{52} = \frac{14}{126} = \frac{7}{63} = \frac{1}{9}$

$$\frac{144}{504} = \frac{72}{252} = \frac{36}{126} = \frac{18}{63} = \frac{6}{21} = \frac{2}{7}$$

$$\frac{189}{504} = \frac{63}{168} = \frac{21}{56} = \frac{3}{8}.$$

Apresentei mais exemplos e depois disse aos alunos: Pelo que acabam de observar, ficam sabendo que para somar várias fracções é necessário que tenham o mesmo denominador e para as reduzir ao mesmo denominador, basta multiplicar ambos os termos de cada fracção pelos denominadores das outras.

Em português leitura, resumo oral do trecho lido e ditado nos cadernos.

### 3.<sup>a</sup> Classe

Assisti às explicações da 4.<sup>a</sup> e em português deu leitura, resumo oral do trecho lido e fez cópia nos cadernos. Também foram feitas várias operações nas lousas.

### 2.<sup>a</sup> Classe

Operações e suas aplicações práticas. Em português leitura, resumo oral do trecho lido e cópia nos cadernos.

### 1.<sup>a</sup> Classe

Leitura das lições conforme as indicações no meu diário já citado e escrita nas lousas.

## Dia 12 de Janeiro ??

### 4.<sup>a</sup> Classe

Expliquei hoje complexos e sua redução a incomplexos de ínfima espécie e vice-versa e falei assim: Chama-se número complexo aquele que vem referido a várias espécies de unidade. Exemplo:  $5^{dam} 6^m 8^{dm}$ . Como vêem, aquele número indica decâmetros, metros e decímetros e por isso, chama-se complexo. O número  $6^d 8^h 15^m$  também é complexo porque indica várias unidades: dias, horas e minutos.

Um número chama-se não complexo quando vem referido a uma só espécie de unidades. Exemplo:  $478^m$   $728^h$ , etc., etc., etc. Estes dois números chamam-se não complexos porque só indicam uma espécie de unidades, respectivamente, metros e horas.

Quando os números complexos indicam unidades do sistema

métrico, não é necessário operações para transformar êsses complexos em não complexos referidos a qualquer unidade das respectivas medidas, porque a relação que existe entre elas é fundada no princípio fundamental da numeração escrita: um algarismo escrito à esquerda doutro, vale dez vezes mais que êle. Portanto as unidades de várias medidas ou são 10, 100, 1000, 10000, etc., vezes maiores umas que as outra e vice-versa e por isso basta, no número que as indicar, andar para a direita e para a esquerda o número de casas necessárias para encontrar a unidade a que queremos que êsse número fique reduzido. Nas medidas de tempo e dos arcos, já assim não acontece, porque a razão ou relação que existe entre as unidades que as formam já não é de 10, nem de 1000 nem de 1000. As principais unidades de tempo são o século, lustro, mês, dia, hora, minuto e segundo. A razão entre o século e o lustro, é de vinte; a razão entre o lustro e o ano é de 5; a razão entre o século e o ano, é de 100; entre o mês e o dia é de 30: entre o dia e a hora é de 24; entre a hora e o minuto e entre êste e o segundo é de 60.

Por isso, para reduzir um complexo a não complexo, quer nas medidas de tempo, quer nas medidas dos arcos, é necessário fazer uma série de multiplicações e adições. Transformar um complexo em não complexo de ínfima espécie, é encontrar um número que venha referido a uma só espécie de unidades e que essas unidades sejam das mais pequenas que haja nas medidas a que diga respeito êsse complexo. Para exemplificar vá lá o seguinte número: Dito isto, peguei no giz e escrevi no quadro o seguinte complexo:

$$7^d \ 8^h \ 15^m \ 28^s$$

Como vêm, disse eu voltando-me para os alunos, este número chama-se complexo porque vem referido a várias espécies de unidades, indica várias unidades: dias, horas, minutos e segundos. Se eu o quiser transformar em não complexo de ínfima espécie, tenho de o transformar num número que fique indicando uma só espécie de unidade, isto para que se chame não complexo, e essas unidades devem ser as mais pequenas que haja na medida de tempo, para que se chamem de ínfima espécie.

Se eu quiser reduzir aqueles complexos a não complexos de ínfima espécie, principio por reduzir as unidades maiores que nele existem ou que êle indica às unidades de ordem imediatamente inferior e para isso multiplico as unidades maiores que existirem no complexo pela razão que existir entre elas e as unidades de ordem imediatamente inferior. Como as unidades maiores indicadas por aquele complexo são os dias, e como a unidade imediatamente inferior ao dia é a hora, e como a razão entre o dia e a hora é  $24^h$ , pois cada dia tem vinte e quatro horas, para reduzir dias a horas faço uma multiplicação por  $24^h$ . E porque assim, neste caso devo dizer assim: Se um dia tem  $24^h$ , sete dias têm  $24^h$  sete vezes.

Fazendo isso temos:

$$\begin{array}{r} 24^h \\ 7 \quad h \\ \hline 168 \end{array}$$

As horas de 7 dias, são 168. Mas como no complexo há mais 8 unidades da mesma espécie,

junto-as às 168. Fazendo isso, temos:

$$\begin{array}{r} 168^h \\ 8 \quad h \\ \hline 176 \end{array}$$

As horas do complexo são ao todo  $176^h$ . Que devo fazer agora? Reduzir as  $176^h$  a minutos. Para isso tenho de multiplicar as  $176^h$  por  $60^m$ , pois é a relação que existe entre a hora e o minuto. Por isso, devo dizer assim: Se uma hora tem  $60^m$ ,  $176^h$  hão-de ter  $60^m$  cento e

setenta e seis vezes: Fazendo, temos:

$$\begin{array}{r} 60^m \\ 176 \quad m \\ \hline 10.560 \end{array}$$

Como no complexo há mais  $15^m$ , que são unidades da mesma espécie, junto-as. Fazendo isso, fica:

$$\begin{array}{r} 10.560^m \\ 15 \quad m \\ \hline 10.575 \end{array}$$

Que devo fazer agora? Reduzir aqueles minutos a segundos, e para isso multiplico por  $60^s$  que é a relação que existe entre o minuto e o segundo. Portanto devo dizer assim: Se um minuto tem  $60^s$ ,  $10.575^m$ , hão-de ter  $60^s$  dez mil quinhentas e setenta e cinco vezes.

Fazendo conforme fica dito temos:

$$\begin{array}{r} 60^s \\ 10.575 \quad s \\ \hline 634.500 \end{array}$$

Como no complexo há mais  $28^s$ , que são unidades da mesma espécie, junto-as. Fazendo isso

temos:

$$\begin{array}{r} 634.500^s \\ 28 \quad s \\ \hline 634.528 \end{array}$$

E como os segundos são as unidades de ínfima espécie nas medidas de tempo, nada mais tenho a fazer, estando portanto o complexo reduzido a não complexo de ínfima espécie. Logo o complexo:  $7^d \quad 8^h \quad 15^m \quad 28^s$ , reduzido a não complexo de ínfima espécie, é igual a  $634.528^s$ .

Daqui concluímos que para reduzir um complexo a um não complexo de ínfima espécie, principiámos por reduzir as unidades maiores que existem no complexo às unidades de ordem imediatamente inferiores e para isso multiplicamos as unidades maiores pela relação que existe entre elas e as unidades de ordem imediatamente inferior, tendo o cuidado de juntar ao produto total dessa multiplicação as unidades que haja no complexo da mesma espécie.

Procedemos da mesma forma com as unidades novamente encontradas, até chegarmos às unidades de ínfima espécie.

Dispondo as operações conforme a minha explicação, temos:

$$7^d \ 8^h \ 15^m \ 28^s = 634.528^s$$

$$\begin{array}{r} 24^h \\ 7 \ h \\ \hline 168 \end{array} \qquad \begin{array}{r} 60^m \\ 176 \ m \\ \hline 10.560 \end{array} \qquad \begin{array}{r} 60^s \\ 10.575 \ s \\ \hline 634.500 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} + 8 \ h \\ \hline 176 \end{array} \qquad \begin{array}{r} + 15 \ m \\ \hline 10.575 \end{array} \qquad \begin{array}{r} + 28 \ s \\ \hline 634.528 \end{array}$$

Se eu agora quiser reduzir aquele não complexo a complexo, isto é, se eu quiser saber quantos segundo, minutos, horas e dias há naquele não complexo, principio por saber quantas unidades há nele de ordem imediatamente superior àquela a que êle está referido e para isso tenho de fazer uma divisão pela relação que existe entre as unidades a que o não complexo estiver reduzido e as unidades de ordem imediatamente superior. E porque assim é, neste caso devo dizer assim: Em  $634.528^s$ , há-de haver minutos; e tantos, quantas possam ser as vezes que dos  $634.528^s$  tire  $60^s$ , que são os segundos de cada minuto. Fazendo isso, temos:

$$\begin{array}{r} 6 \ 3 \ 4 \ 5 \ 2 \ 8^s \ | \ \underline{60^s} \ \underline{\hspace{1cm}} \\ 0 \ 3 \ 4 \ 5 \qquad 10 \ 5 \ 7 \ 5^m \\ \quad 4 \ 5 \ 2 \\ \quad \quad 3 \ 2 \ 8 \\ \quad \quad \quad 2 \ 8^s \end{array}$$

Que tenho a fazer agora? Reduzir a horas os minutos encontrados. Para isso devo dizer assim: Em  $10.575^m$ , há-de haver horas; e tantas quantas possam ser as vezes que dos  $10.575^m$ , se tirem  $60^m$ , que são os minutos de cada hora. Fazendo isso, temos:

$$\begin{array}{r} 10 \ 5 \ 7 \ 5^m \ | \ \underline{60^m} \ \underline{\hspace{1cm}} \\ 4 \ 5 \ 7 \qquad 17 \ 6^h \\ \quad 3 \ 7 \ 5 \\ \quad \quad 1 \ 5^m \end{array}$$

Que devo fazer agora? Reduzir a dias, as horas encontradas. Para isso, devo dizer assim: Em  $176^h$ , há-de haver dias; e tantos, quantas possam ser as vezes que das  $176^h$  se tirem  $24^h$ , que são as horas de cada dia. Fazendo isso, temos:

$$\begin{array}{r} 176^h \mid \_ 24^h \text{ ---} \\ 08^h \quad 7^d \end{array}$$

Que devo fazer agora? Como o número de dias encontrados já não chega para formar meses, isto é, como nas unidades inteiramente encontradas já não há unidades de ordem imediatamente superior, nada mais há a fazer, a não ser, formar o complexo.

Para isso, tomamos para 1º lugar as unidades indicadas pelo último cociente e colocamos em seguida na respectiva ordem os restos das diferentes divisões. Fazendo isso, temos:

$$7^d \quad 8^h \quad 15^m \quad 28^s$$

Como vêem, encontramos novamente o complexo por mim apresentado no princípio das minhas explicações, donde concluímos que foi bem feita a sua redução a não complexo, e vice-versa.

Desta minha última explicação concluímos que, para reduzir um número não complexo a complexo, dividimos as unidades a que êle estiver referido, pela relação que existir entre elas e as unidades de ordem imediatamente superior, procedendo da mesma forma para com as unidades indicadas pelo cociente, até encontrar um cociente cujas unidades por êle indicadas, não sejam em número suficiente para formarem uma unidade de ordem imediatamente superior.

Efectuando as operações conforme a minha explicação, temos:

$$634.528^s = 7^d \quad 8^h \quad 15^m \quad 28^s$$

$$\begin{array}{r} 634.528^s \mid \_ 60^s \text{ ---} \\ 0345 \quad 10575 \mid \_ 60^m \text{ ---} \\ 452 \quad 457 \quad 176 \mid \_ 24^h \text{ ---} \\ 328 \quad 375 \quad 08^h \quad 7^d \\ 28^s \quad 15^m \end{array}$$

Apresentei vários exemplos, efectuei tôdas as operações, seguidas das explicações por mim apresentadas neste diário, até que os alunos me disseram que já eram capazes de fazer bem. Em português, leitura, resumo oral do trecho lido e ditado no quadro.

3.<sup>a</sup> Classe

Assisti às explicações da 4.<sup>a</sup> classe. Em português, deu leitura, resumo oral do trecho lido e cópia nos cadernos. Os alunos desta classe também fizeram várias operações nas lousas.

2.<sup>a</sup> Classe

Operações e suas aplicações práticas. Em português, leitura, resumo oral do trecho lido e cópia nos cadernos.

1.<sup>a</sup> Classe

Leitura e escrita da lição nas lousas.

Dia 13 de Janeiro

4.<sup>a</sup> Classe

Expliquei hoje soma e subtração de complexos, multiplicação e divisão de um complexo por um inteiro, e para isso falei assim:

Há tempos fiz uma viagem e demorei três dias a fazê-la, o que não quer dizer que passasse todo êsse tempo a andar. No primeiro dia andei durante  $7^h 48^m 54^s$ . No segundo dia andei durante  $12^h 45^m 47^s$  e no terceiro dia andei durante  $8^h 27^m 35^s$ . Quanto tempo demoraria a fazer a viagem se não tivesse descansado tempo algum?

Para resolver este problema, tenho de fazer uma soma ou adição.

Para somar complexos, escrevem-se uns debaixo dos outros, de maneira que as unidades da mesma espécie, fiquem umas debaixo das outras.

Fazendo isso, temos:

$$\begin{array}{r} 7^h 48^m 54^s \\ 12^h 45^m 47^s \\ \underline{8^h 27^m 35^s} \end{array}$$

Depois de ter escrito os complexos de maneira que as unidades da mesma espécie fiquem umas debaixo das outras, principiamos a somar pela direita as unidades indicadas na respectiva coluna.

Fazendo isso temos:



$$\begin{array}{r} 122^m \mid \_ 60^m \_ \\ 02^m \quad 2^h \end{array}$$

é décupla. Fazendo conforme expliquei, temos:

Em  $122^m$  há  $2^h$  e sobram  $2^m$ . Deixando esses dois minutos no seu lugar e passando a hora

$$\begin{array}{r} 2^h \quad 2^m \\ 7^h \quad 48^m \quad 54^s \\ \text{para a frente temos:} \\ 12^h \quad 45^m \quad 47^s \\ \_ 8 \_ \quad 27^m \quad \_ 35^s \\ 29^h \quad 2^m \quad 16^s \end{array}$$

Como a soma das horas é igual a  $29^h$  e como em  $29^h$  há dias, e tantas quantas possam ser as vezes que das  $29^h$  se tirem  $24^h$  que são as horas de cada dia, temos de dividir as  $29^h$  por  $24^h$  para passarmos os dias para o seu respectivo lugar. Fazendo isso, temos:

Passando o dia para o lugar que lhe compete, fica:

$$\begin{array}{r} 29 \mid \_ 24 \_ \\ 05^h \quad 1^d \end{array} \quad \begin{array}{r} 2^h \quad 2^m \\ 1^d \quad 7^h \quad 48^m \quad 54^s \\ 12^h \quad 45^m \quad 47^s \\ \_ 8^h \_ \quad 27^m \quad \_ 35^s \\ 1^d \quad 5^h \quad 2^m \quad 16^s \end{array}$$

Portanto, se nunca tivesse parado, demoraria  $1^d \ 5^h \ 2^m \ 16^s$  a fazer a minha viagem.

Efectuando doutra maneira para melhor compreensão, temos

$$\begin{array}{r} 1^d \quad 2^h \quad 2^m \\ 7^h \quad 48^m \quad 54^s \\ 12^h \quad 45^m \quad 47^s \\ \_ 8^h \_ \quad \_ 27^m \_ \quad \_ 35^s \_ \\ 29^h \mid \_ 24^h \_ \quad 122^m \mid \_ 60^m \_ \quad 136^s \mid \_ 60 \_ \\ 05^h \quad 1^d \quad 02^m \quad 2^h \quad 16^s \quad 2^m \end{array}$$

Depois de ter apresentado mais exemplos seguindo em cada um deles as explicações indicadas, passei à subtracção, apresentando o seguinte

exemplo: O nosso amigo Barreira, para apanhar um saco de azeitona demora  $3^h 15^m 28^s$ ; e o nosso amigo Andrade demora apenas  $1^h 52^m 46^s$ . Quanto tempo demora mais o Barreira a apanhar um saco de azeitona?

Para resolver o problema já os meninos sabem que é necessário fazer uma subtracção. Indicando temos:

$$\begin{array}{r} 3^h 15^m 28^s \\ \text{-----} 3^h 15^m 28^s - 1^h 52^m 46^s \\ 1^h 52^m 46^s \end{array}$$

Para efectuar uma subtracção de complexos, escreve-se em primeiro lugar o número maior e por baixo o menor, de maneira que as unidades da mesma espécie, fiquem umas por debaixo das outras. Fazendo isso, temos:

$$\begin{array}{r} 3^h 15^m 28^s \\ \underline{1^h 52^m 46^s} \end{array}$$

Principiamos depois a efectuar as operações pela direita. Se olharmos com atenção para os complexos, vemos que de  $28^s$  não podemos tirar  $46^s$ . Se estivéssemos a trabalhar com números inteiros ou decimais, resolveríamos a dificuldade juntando 10 aos 28, pois é 10 a relação que existe entre uma unidade qualquer e a que lhe fica imediatamente à esquerda, isto é, a que lhe é imediatamente superior. Mas como não estamos a trabalhar com inteiros nem com decimais, mas sim com complexos, temos de juntar  $60^s$  aos  $28^s$  e não 10, porque é de  $60^s$  a relação que existe entre o segundo e o minuto. Em suma: Como dos  $28^s$  não podemos tirar  $46^s$ , vamos buscar uma unidade de ordem imediatamente superior, que, neste caso, é o minuto. Como um minuto transformado em segundos dá  $60^s$ , êstes  $60^s$  somados com  $28^s$ , dão  $88^s$ , donde já podemos tirar os  $46^s$ .

Fazendo a subtracção entre  $46^s$  e  $88^s$ , temos:

$$\begin{array}{r} 3^h \quad 15^m \quad 28^s \\ \underline{1^h \quad 52^m \quad 46^s} \\ 42^s \end{array}$$

Como dos  $15^m$  saíu um minuto, só já ficamos com  $14^m$ . Como dos  $14^m$  não podemos tirar  $52^m$ , vamos buscar  $1^h$  às  $3^h$  que são as unidades imediatamente superiores aos minutos. Como uma hora transformada em minutos dá  $60^m$ , juntando êsses  $60^m$  aos  $14^m$ , fica o número  $74^m$ , donde já podemos tirar os  $52^m$ . Fazendo isso, temos:

$$\begin{array}{r} 3^h \quad 15^m \quad 28^s \\ \underline{1^h \quad 52^m \quad 46^s} \\ 22^m \quad 42^s \end{array}$$

Como das  $3^h$  saíu uma hora, só já ficaram  $2^h$ . Fazendo a subtracção, temos:

$$\begin{array}{r} 3^h \quad 15^m \quad 28^s \\ \underline{1^h \quad 52^m \quad 46^s} \\ 1^h \quad 22^m \quad 42^s \end{array}$$

Para melhor compreensão dos alunos efectuei assim:

( Consultar o manuscrito )

$$\begin{array}{r} 60^m \quad 60^s \\ + \underline{14^m} \quad + \underline{28^s} \\ 2^h \quad 74^m \quad 88^s \\ 1^h \quad \underline{52^m} \quad \underline{46^s} \\ 1^h \quad 22^m \quad 42^s \end{array}$$

Apresentei vários exemplos seguidos das explicações acima indicadas e passei depois à multiplicação dum complexo por um inteiro

apresentando o seguinte exemplo : O nosso amigo Barreira demora  $3^h 15^m 28^s$  a apanhar um saco de azeitona; e o nosso amigo Andrade demora **sete** vezes mais tempo. Quanto tempo gasta o Andrade para apanhar um saco de azeitona?

Para resolver este problema é necessário fazer uma multiplicação.

Indicando temos:  $3^h 15^m 28^s \times 7 =$

Efectuando, temos:  $28^s \times 7 = 196^s$

Em  $196^s$  há-de haver minutos, e tantos, quantas possam ser as vezes que dos  $196^s$  se tirem  $60^s$  que são os segundos de cada minuto.

Fazendo portanto a respectiva divisão, temos:

$$\begin{array}{r} 196^s \mid \underline{\quad} 60^s \quad \\ 16^s \quad 3^m \end{array}$$

Passando os  $3^m$  para a frente e deixando os  $16^s$  no lugar que lhe compete e fazendo a multiplicação por  $15^m$ , temos:

$$\begin{array}{r} 3^h \quad 15^m \quad 28^s \\ \hline \quad \quad \quad 7 \quad \quad \\ \hline \quad \quad 108^m \quad 16^s \end{array}$$

Em  $108^m$  há-de haver horas. E tantas, quantas possam ser as vezes que dos  $108^m$  se tirem  $60^m$ , que são os minutos de cada hora.

Fazendo a respectiva divisão, temos:

$$\begin{array}{r} 108^m \mid \underline{\quad} 60^m \quad \\ 48^m \quad 1^h \end{array}$$

Passando  $1^h$  para a frente e deixando os  $48^m$  no lugar que lhe compete e multiplicando sete pelas horas, temos:

$$\begin{array}{r} 3^h \quad 15^m \quad 28^s \\ \hline \quad \quad \quad 7 \quad \quad \\ \hline 22^h \quad 48^m \quad 16^s \end{array}$$

Como em  $22^h$  não há dias, acabou a multiplicação, não há mais nada a fazer. Portanto o Andrade demorava a apanhar um saco de azeitona,  $22^h 48^m 16^s$ .

Efectuando doutra maneira para melhor compreensão, temos:

$$\begin{array}{r}
 3^h \qquad 15^m \qquad 28^s \\
 \underline{+ 1^h} \quad \underline{\qquad} + 3^m \quad \underline{\qquad} \quad \underline{\qquad} \quad \underline{7 \quad} \\
 22^h \qquad 108^m \mid \underline{60^m} \quad \qquad 196^s \mid \underline{60^s} \quad \qquad \\
 \qquad \qquad 48^m \quad 1^h \qquad \qquad 16^s \quad 3^m
 \end{array}$$

Depois de ter apresentado vários exemplos seguidos das respectivas explicações em tudo iguais às que deixo indicadas, passei à divisão e apresentei o seguinte exemplo:

Se o nosso amigo Andrade levasse  $22^h 48^m 16^s$  a apanhar um saco de azeitona, quanto demoraria o nosso amigo Barreira, se o apanhasse em **sete** vezes menos tempo?

Para resolver êste problema é necessário fazer uma divisão. Indicando, temos:

$$\begin{array}{r}
 22^h 48^m 16^s \\
 \hline
 \text{-----} 22^h 48^m 16^s \div 7 = \qquad \text{Efectuando, temos:} \\
 7
 \end{array}$$

$$\begin{array}{r}
 22^h \qquad 48^m \qquad 16^s \mid \underline{7 \quad} \\
 1^h \qquad \qquad \qquad \qquad \qquad 3^h
 \end{array}$$

Como vêem, das  $22^h$ , podemos tirar 7, 3 vezes e portanto êsse **três**, representa horas. Como tirando  $3^h$  sete vezes tiramos  $21^h$ , tirando essas  $21^h$  das  $22^h$ , só fica, só sobra  $1^h$ . Como dessa hora que sobra não podemos tirar sete, reduzimo-la à unidade imediatamente inferior que é o minuto e juntamos-lhe em seguida os minutos que haja no complexo. Fazendo isso, temos:

$$\begin{array}{r}
 60^m \\
 \underline{1 \quad} \quad \underline{\quad} \\
 60^m \\
 \underline{48 \quad} \\
 108^m
 \end{array}$$

Dividindo agora os  $108^m$  por 7, temos:

$$\begin{array}{r} 60^m \times 1 + 48^m = 108^m \mid \_ 7 \_ \\ 38 \quad 15^m \\ 3^m \end{array}$$

Como sobram  $3^m$  que devemos fazer agora? Reduzi-los à unidade imediatamente inferior que é o segundo, juntar-lhes depois os segundos que haja no complexo e dividir em seguida por 7.

$$60^s \times 3 + 16^s = 196^s \mid \_ 7 \_$$

Fazendo isto, temos:

$$\begin{array}{r} 56 \quad 28^s \\ 0 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 22^h \quad 48^m \quad 16^s \mid \_ 7 \_ \\ 3^h \quad 15^m \quad 28^s \end{array}$$

Como nada mais há que dividir, vemos que o nosso amigo Barreira apanhava um saco de azeitona

em  $3^h \ 15^m \ 28^s$ .

Apresentei vários exemplos seguidos das respectivas explicações e os alunos ficaram a saber efectuar as quatro operações sobre complexos.

Dei hoje a minha primeira lição de geografia. Como o tempo não tem estado em condições de poder dar um passeio, para fazer esta explicação, limitei-me a explicar as principais noções de geografia matemática, desenhando figuras no quadro. Falei assim:

Vamos hoje principiar as nossas lições de geografia. A palavra geografia compõe-se de gê, que quer dizer terra; e grefê, descrição. Portanto a palavra geografia quer dizer descrição da terra. Como a descrição da terra, constitue uma ciência, essa ciência chama-se geografia. Terra é o astro em que vivemos. Chama-se astro a todo o corpo que gira no espaço sem estar apoiado em ponto algum. A terra está nessas condições e por isso se chama astro. Dentre os meninos que me escutam não há talvez nenhum que não tenha experimentado fazer bolas de sabão, dissolvendo essa substância em água lançada num

copo ou no fundo duma caixa de pomada, soprando lentamente na extremidade dum canudo de cana depois de ter introduzido a outra extremidade na solução de água e sabão e de a ter retirado de lá para melhor poder soprar. À medida que os meninos sopram, a película finíssima que tapa a extremidade da cana, em virtude da sua extrema elasticidade, vai aumentando e tomando a forma arredondada, até que a certa altura se desprende do tubo e começa a caminhar sozinha pelo espaço, com a superfície cheia de muitas e lindas cores que enchem de admiração os meus meninos. Passado algum tempo ou porque a bola foi de encontro a qualquer objecto ou porque alguma aragem mais forte quebrou a frágil parede da pequena esfera, os meninos ouvem um pequeno estalido e vêem desaparecer a linda bola que tanto os entusiasmara. Pois bem; a terra anda no espaço sozinha à imagem e semelhança dessa bola de sabão. Se durante a noite erguerem os olhos para o céu, quando não houver nuvens, os meninos vêem nele muitos pontos luminosos a que chamamos estrêlas. Êsses pontos luminosos são outros tantos astros que, como a terra, giram no espaço. Ao espaço sem limites onde todos os astros giram e que nós vemos sobre as nossas cabeças em forma arqueada, chama-se Universo. Se os meninos se derem ao cuidado de olharem o céu em noites estreladas e fixarem com atenção os pontos luminosos que nele se vêem, reconhecerão que uns tremem, parecendo que a luz dêles está a apagar-se e a acender-se, enquanto que a de outros é fixa, não treme, não cintila. Os primeiros são astros luminosos, isto é, são astros que têm luz própria; e os outros são opacos, isto é, não têm luz própria e aquela que emitem é recebida de um astro luminoso. Os astros que têm luz, chamam-se estrelas e os que a não têm chamam-se planetas. A terra, que é o astro em que vivemos, não tem luz e por isso se chama planeta. O Sol, porque tem luz, chama-se uma estrêla. Sistema planetário é o conjunto dos astros que recebem luz de uma estrêla e que giram à volta dela. O sistema planetário que mais nos interessa é aquele que é formado pelos astros que giram à volta do Sol que é a estrêla que ilumina e aquece a Terra. Os astros que giram à volta do Sol são: Mercúrio, Vénus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Neptuno. As estrêlas estão separadas da terra por distâncias enormíssimas.

A estrêla mais próxima da terra é o Sol que está à distância de 153. 300. 000 quilómetros, ou seja à bonita quantia de 30. 660. 000 léguas. O seu diâmetro é 112 vezes maior que o da Terra e o volume ou seja o espaço por êle ocupado é 1. 400. 000 vezes mais que o ocupado pela Terra. Os astros que giram à volta do Sol, mas que também giram à volta doutro astro, chamam-se Satélites. Está neste caso a Lua que girando à volta do Sol, também gira à volta da Terra. Cometas são os astros formados por um núcleo acompanhado por uma nebulosidade. Se essa nebulosidade vai atrás, chama-se um cometa de cauda; se vai à frente chama-se cometa de barba e se a nebulosidade cerca o núcleo, chama-se cometa de cabeleira. Aos planetas pequeníssimos que giram no espaço e que são por certo restos dum grande planeta que se desfez, chamam-se asteróides, planetóides ou planetas telescópicos. Telescópicos quer dizer que só podem ser vistos por meio de telescópios; e telescópios são uns aparelhos usados pelos sábios para verem os astros que se encontram no espaço. O espaço percorrido por um planeta, cometa ou asteróide à volta do Sol, chama-se órbita. A Terra tem a forma de um esferóide. Esferóide é um sólido geométrico muito parecido com uma esfera. Esfera é o sólido geométrico que tem todos os pontos da sua superfície à igual distância dum ponto interior chamado centro. A linha que atravessar uma esfera passando pelo centro e dividindo-a em duas partes iguais, chama-se eixo. Eu disse que a terra era um esferóide e sabem porque? Porque os pontos da sua superfície não estão todos à igual distância do centro, pois que o eixo maior mede 12. 756 quilómetros, e o menor 12. 713. Como vêm, a diferença é pequena e é por isso que representamos a Terra com a forma de uma verdadeira esfera. Os pontos da superfície terrestre que estão mais perto do centro chamam-se pólos. A linha imaginária que passa pelos pólos e atravessa a Terra passando pelo centro, chama-se o eixo da Terra. Se considerarmos essa linha prolongada para cima e para baixo até tocar o firmamento, teríamos o eixo do firmamento à volta do qual parece girar. Vertical dum lugar é a linha que segue a direcção do fio de prumo. Prolongando essa linha até encontrar o firmamento o ponto onde o encontrasse chama-se o Zénite dêsse lugar, e o ponto diametralmente oposto, chama-se Nadir. A Terra tem vários movimentos, mas os

principais são o de rotação e translação. O movimento de rotação é o movimento que a terra executa à volta do seu eixo, tal como um pião, de ocidente para oriente. O tempo que a terra demora a dar uma volta completa à volta do seu eixo, é de 24 horas, espaço de tempo a que chamamos dia. Como a terra é redonda não pode ser tôda iluminada ao mesmo tempo pelo Sol. Graças ao seu movimento de rotação, vai apresentando ao Sol os vários pontos da sua superfície e é por isso que temos o dia e a noite: dia para a parte iluminada e noite para a parte que não recebe a luz do Sol, que está na escuridão. Por causa do movimento de rotação da terra ser executado de ocidente para oriente, temos a ilusão de que o Sol caminha de oriente para ocidente, ilusão essa que convenceu os antigos de que o Sol andava e a Terra estava fixa. Ptolomeu, sábio egípcio, defendeu esta teoria. Mais tarde, Nicolau Copérnico, sábio da Prússia, demonstrou que era a Terra que se movia e não o Sol e fundou o verdadeiro sistema planetário. O movimento de translação é o que a Terra executa à volta do Sol e demora  $365^d 5^h e 49^m$  a dar uma volta completa. A êste espaço de tempo chamamos ano. Aquelas  $5^h 49^m$  de 4 em 4 anos formam mais um dia, dia que é acrescentado ao mês de Fevereiro. Os anos em que o mês de Fevereiro aparece com  $29^d$ , tem  $366^d$  e chamam-se bissextos. O caminho percorrido pela Terra à volta do Sol, chama-se eclíptica. A forma da eclíptica é a de uma linha curva, fechada, mas oblonga. Seguem as figuras desenhadas no quadro.

Terminei por aqui hoje a minha lição. Não houve tempo para mais.

### 3.<sup>a</sup> Classe

Assistiu a toda a lição da 4.<sup>a</sup> classe.

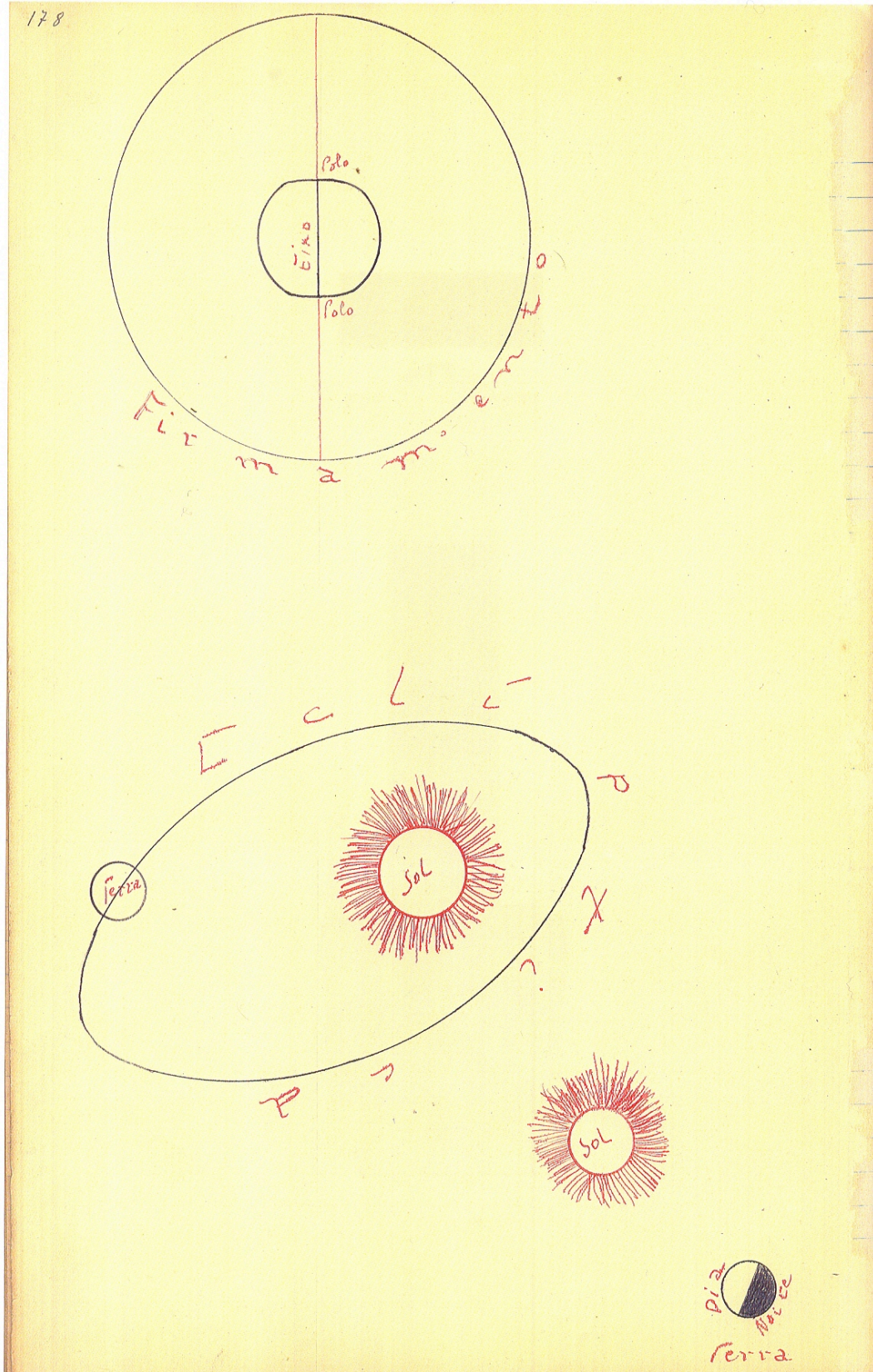
### 2.<sup>a</sup> Classe

Operações e suas aplicações práticas seguindo sempre o método indicado na minha conferência várias vezes indicado neste diário. Em português leitura, resumo oral do trecho lido e cópia nos cadernos.

### 1.<sup>a</sup> Classe

Leitura da lição e escrita dela nas lousas. Assistiu também à lição dada à 2.<sup>a</sup> classe sôbre operações.





Dia 14 de Janeiro

4.<sup>a</sup> Classe

Apesar de ser hoje sábado, portanto dia de dar a tôdas as classes lição de gymnástica, canto e moral e trabalhos manuais, dei uma lição de trabalhos manuais e de moral a tôdas as classes e depois resolvi continuar as minhas explicações sôbre os rudimentos da geografia matemática à 4.<sup>a</sup> classe e à 3.<sup>a</sup> e falei assim: Os homens, para facilitarem a medição da terra, e para localizarem com precisão qualquer ponto, dividiram o equador em 360 partes iguais chamadas graus. Equador é a linha imaginária que divide a terra em duas partes iguais e cujo plano passa pelo centro da terra e é perpendicular ao eixo. O equador divide a terra em duas partes iguais chamadas hemisférios. Um chama-se hemisfério norte ou boreal, e o outro chama-se hemisfério sul ou austral. Por cada um dos pontos que indicam os graus do equador, fizeram passar uma linha que dando a volta à Terra passa pelos pólos e chamaram-lhe meridiano. Dividiram depois o espaço entre cada meridiano, ou seja entre cada grau, em 60 partes iguais e chamaram-lhes minutos, e o espaço de cada minuto em 60 partes iguais e chamaram-lhes segundos. Dividiram depois cada uma das partes compreendidas entre o equador e os pólos em 90 graus e fizeram passar por cada um dêsses pontos uma linha paralela ao equador, e deram-lhes o nome de paralelos. Entre cada paralelo, ou seja, entre cada grau, dividiram o espaço em 60 partes iguais e chamaram-lhes minutos e depois dividiram cada minuto em 60 partes iguais e chamaram-lhes segundos. A distância que vai do Equador a qualquer ponto da Terra, chama-se latitude; e a distância que vai dum meridiano, tomado como ponto de referência, a um lugar qualquer da Terra, chama-se longitude. A latitude, em virtude de ser sempre contada a partir do equador, pode ser norte ou sul; e a longitude, em virtude de ser sempre contada a partir do meridiano pode ser oriental ou ocidental. O meridiano

a partir do qual se procura a longitude de qualquer lugar, marca Zero. A longitude é contada a partir desse meridiano até  $180^0$  para ocidente e até  $180^0$  para oriente. A latitude é sempre contada até  $90^0$  norte ou sul. Cada nação tem seu meridiano, o que obriga os marinheiros a fazerem cálculos quando a escala das longitudes e latitudes que possuem não está construída pelo mesmo meridiano. Assim, Portugal faz passar o seu meridiano por Lisboa; a França por Paris; a Inglaterra, por Greenwich; a Alemanha por Berlim etc., etc. Bom era que fôsse adoptado um só meridiano para o cálculo das longitudes, o que muito auxiliaria os marinheiros. Os meridianos por passarem todos pelos pólos, e portanto terem todos a mesma dimensão, chamam-se círculos máximos, e os paralelos porque vão diminuindo conforme se aproximam dos pólos, chamam-se círculos menores. Os geógrafos deram a certos paralelos nomes especiais a saber: Ao paralelo que está distante do equador para norte  $23^0 27' 30''$ , chamaram-lhe Trópico de Cancer e ao que está a igual distância para sul, chamaram-lhe Trópico de Capricórnio. Ao paralelo que está à distância de  $23^0 27' 30''$  desviado do pólo norte, chamaram-lhe círculo polar ártico, e ao que está a igual distância do pólo sul, chamaram-lhe círculo polar antártico. Às faixas ou porções de Terra compreendidas entre estes círculos, deram os geógrafos o nome de zonas climatéricas. As zonas climatéricas são cinco: A zona da Terra compreendida dentro do círculo polar ártico, chama-se zona frígida do norte, e a que fica compreendida dentro do círculo polar antártico, chama-se zona frígida do sul. A zona que fica compreendida entre o círculo polar ártico e o trópico de Cancer, chama-se zona temperada do norte; e a que fica compreendida entre o círculo polar antártico e o trópico de Capricórnio, chama-se zona temperada do sul. A zona que fica compreendida entre o trópico de Cancer e o trópico de Capricórnio, chama-se zona tórrida. Daqui concluímos que a Terra está dividida entre duas zonas frígidas – uma do norte e outra do sul; em duas zonas temperadas - uma do norte e outra do sul, e numa zona tórrida. Para determinar a posição dum lugar em relação a outro, foram inventados pelos geógrafos 4 pontos no horizonte que se chamam pontos cardiais que são: Norte, Sul, Leste este ou oriente e Oeste, poente ou ocidente. O Leste, este ou oriente, é o

ponto onde o sol aparece todos os dias; Oeste, poente ou ocidente, é o ponto onde o sol se esconde; sul é o ponto cuja direcção é indicada pelo sol ao meio dia, e norte o ponto oposto. Além destes 4 pontos há outros que se chamam intermediários, que são: Entre o norte e o leste, nordeste; entre o leste e o sul, sudeste; entre o sul e o oeste sudoeste; entre o oeste e o norte, noroeste. Há ainda outros entre estes que são: Entre o norte e o nordeste, o nor-nordeste; entre o nordeste e o leste, este - nordeste; Entre o leste e o sudeste, o es- sudeste; entre o sudeste e o sul, o su - sudeste; entre o sul e o sudoeste, o su-sudoeste; entre o sudoeste e o oeste, o oés - sudoeste; entre o oeste e o noroeste, o oés-noroeste, e entre o noroeste e o norte, nor-noroeste. Desde que conheçamos um dos pontos cardiais, facilmente determinamos os outros. Assim, se conhecermos o ponto cardeal Leste, para determinarmos os outros pontos, basta collocarmo-nos de frente para êsse ponto e abriremos os braços. As nossas costas ficarão voltadas para o oeste, o nosso braço esquerdo ficará voltado para norte e o nosso braço direito ficará indicando o sul. Se estivermos voltados com a frente para o sul, teremos as nossas costas voltadas para o norte, o nosso braço esquerdo voltado para o Leste e o direito para o Oeste. Se nos voltarmos de frente para o Oeste, teremos as nossas costas voltadas para o Leste, o nosso braço esquerdo voltado para o sul e o direito para o norte; se nos voltarmos finalmente de frente para o Norte, teremos as nossas costas voltadas para o sul, o nosso braço esquerdo voltado para o Oeste e o nosso braço direito voltado para Leste.

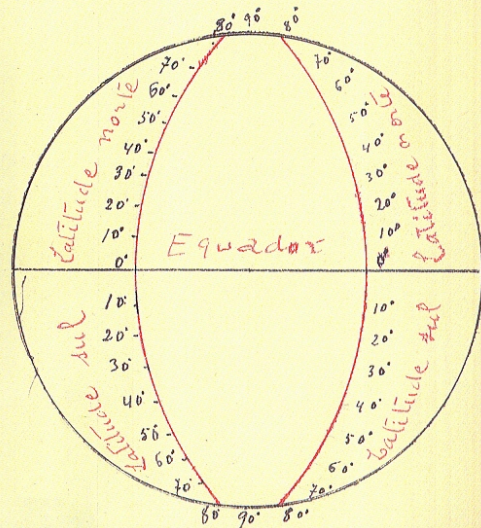
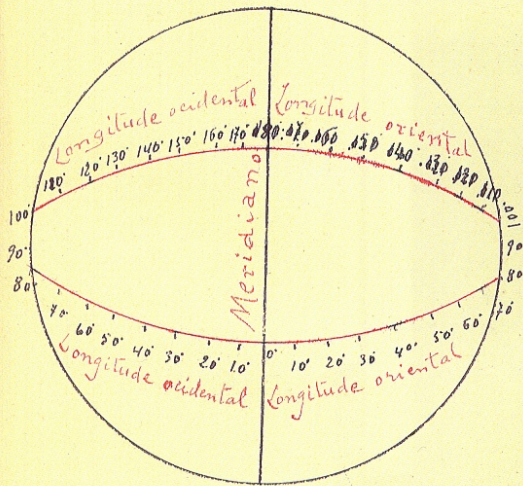
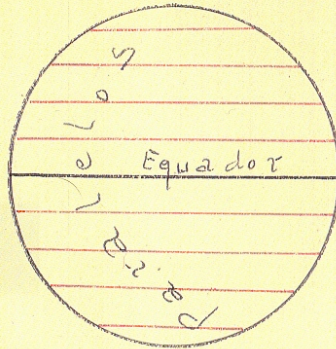
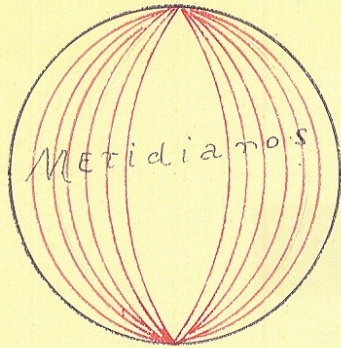
Acontece muitas vezes porém, encontrarmo-nos num lugar desconhecendo por completo todos os pontos cardiais, não sabendo portanto orientar-nos. Se formos em viagem e necessitarmos conhecê-los para não caminhar erradamente, como conseguir encontrá-los. Se houver sol e êste esteja pouco acima do horizonte, basta voltarmo-nos para êle e estaremos voltados para o Leste e conhecendo êste ponto cardinal, a maneira de encontrar os outros, já foi explicada. Se o sol já for alto, então, espetamos uma vara no chão e

traçaremos no chão um traço na extremidade da sombra por êle projectada. Passado tempos, se a sombra diminuir é porque ainda não é meio dia e continuamos portanto a marcar com um traço a extremidade da sombra dada pela vara. Quando ela atinge o menor comprimento, indicar-nos-á o ponto cadeal norte, pois como nos encontramos na zona temperada do norte, todos os objectos projectam a sombra para o Pólo norte à hora do meio-dia, visto ser êsse pólo o que nos fica mais próximo. Sabido o Norte, sabidos estão os outros como há pouco expliquei. Se não houver sol, servimo-nos das árvores, porque a parte do tronco voltada para o norte está sempre mais humedecida e às vezes com mais musgos. Se tivermos relógio podemos orientar-nos desde que haja sol, pois antes das 10 horas o sol está na direcção do nascente. Às 10 horas na direcção do sudoeste. Ao meio dia a nossa sombra está voltada para o norte. Às 3 está o sol na direcção sudoeste e depois dessa hora está pouco mais ou menos na direcção do ocidente. Se não houver sol, nem tivermos relógio, nem houver árvores, procuraremos o lugar mais alto e se conseguirmos avistar um campanário, ficaremos sabendo que para o lugar dele fica o ocidente, pois todas as igrejas têm o altar mor voltado para o nascente e o campanário voltado para o Poente. De noite, não havendo nuvens, também podemos orientar-nos por meio das estrelas, mas essa explicação fica para o bom tempo quando eu possa fazer uma explicação de noite, pois doutro modo, não será possível ensiná-los convenientemente. Seguem as figuras traçadas no quadro para exemplificação da minha explicação:

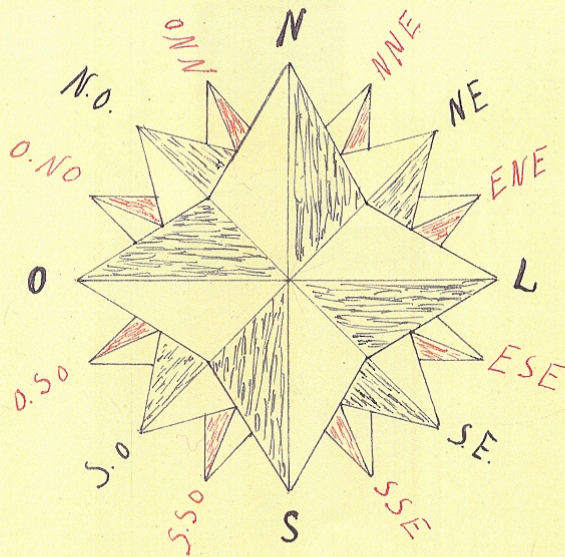
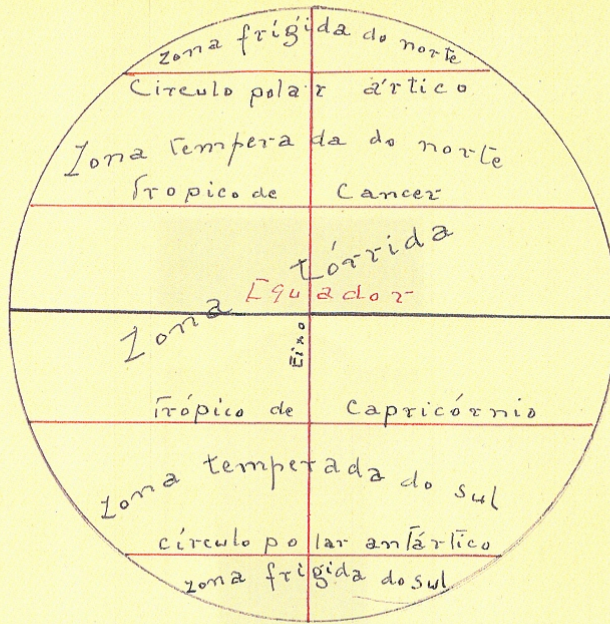
Dia 16 de Janeiro

4.<sup>a</sup> Classe

Em aritmética, problemas. Em geografia, expliquei os oceanos, continentes e os vários acidentes da superfície terrestre e falei assim: A Terra é constituída pela parte líquida e pela parte sólida. À parte líquida, chamamos mar ou oceano e à parte sólida, continentes. Mar ou oceano portanto, é o grande reservatório onde se acumula toda a água da Terra. A água dos mares é salgada e dela se extrai o sal marinho. Continente é uma grandíssima extensão de terra, cercada de mar por todos os lados. A parte líquida da Terra, divide-se em



184



5 partes chamados oceanos e que são: Oceano Glacial Ártico que banha as terras do Pólo Norte; Oceano Atlântico que banha as costas ocidentais da Europa e da África e as orientais das duas Américas; o Oceano Índico ?? que banha a costa sul da Ásia, a oriental da África e a ocidental da Austrália; o Oceano Pacífico banha a costa ocidental das Américas e a oriental da Ásia e Austrália e o Oceano Glacial Antártico banha as terras do Pólo Sul. A divisão da parte sólida da terra é feita em continentes que são 4, a saber: Antigo continente, Negro ou Africano, Novo e Novíssimo. O antigo continente é formado pela Europa e pela Ásia. O negro ou africano é constituído pela África. O novo é constituído pelas duas Américas e o Novíssimo é constituído pela Austrália e ilhas que se espalham pelo Oceano Pacífico ou grande oceano. Antigamente os continentes eram só três, a saber: Antigo, Novo e Novíssimo. O antigo era constituído pela Europa, Ásia e África, porque esta esteve ligada à Ásia pelo istmo de Suez. Depois que êsse istmo foi cortado pelos homem, fazendo-se a ligação do mar Mediterrâneo com o mar Vermelho, a África ficou constituindo um continente à parte que como vimos, se chamou negro ou africano. Negro, porque nele predomina a raça negra. O novo e o novíssimo eram constituídos pelas mesmas terras que hoje os constituem. Há ainda uma outra divisão que hoje é seguida e a qual é também em três continentes, a saber: Euro - africano, compreendendo a Europa e a África; Asiático – australiano, compreendendo a Ásia, a Insulíndia e a Austrália, e o Americano, compreendendo a América do Norte, a América Central e a América do Sul.

Os movimentos do mar são: ondas, marés e correntes. As ondas são ocasionadas pelos ventos que sopram constantemente sobre a superfície das águas. As marés são as subidas e descidas graduais das águas do mar e que são ocasionadas pela atracção do Sol e da Lua. As águas do mar sobem e descem todos os dias. Quando as águas sobem, chama-se a

essa subida, fluxo ou enchente, e quando as águas descem, chama-se o refluxo ou vazante. As correntes são autênticos rios em pleno mar e são ocasionadas pelas diferenças de temperatura em que se encontram as águas do mar e ainda ao movimento de rotação da Terra.

A parte sólida da Terra não é lisa: é formada de altos e baixos. Há nomes para designar cada um dos acidentes da superfície das terras.

A parte da terra que fica à beira mar e que é formada de areia, chama-se praia. Quando a terra que fica à beira mar é formada de rochas de encontro às quais vêm bater as ondas do mar, chamam-se ribas. Cabo é a porção de terra que entra pelo mar. Se essa terra é constituída por rochas chama-se promontório. Baía é uma bacia formada pelas águas do mar em torno dum semi-círculo e que é aproveitada pelos navios para se abrigarem das tempestades. Pôrto de mar é o lugar onde os navios podem carregar e descarregar as mercadorias que transportam e receber passageiros. Os portos são sempre lugares abrigados. Há portos naturais e artificiais. Os naturais são aqueles que foram construídos pela própria natureza, e os artificiais são os que foram construídos pelos homens. Os portos artificiais são construídos naqueles lugares onde haja grande conveniência na passagem dos navios por causa do comércio. Em Portugal temos a cidade do Pôrto perto da qual temos o pôrto artificial de Leixões. Como essa cidade é o centro mais populoso de Portugal depois de Lisboa, e como é grande o seu movimento comercial, tornou-se necessário construir junto dela um pôrto onde os navios vindos do estrangeiro pudessem parar para descarregar a mercadoria importada e carregar os produtos exportados. Como a costa não oferecesse nenhum abrigo natural, foi preciso construir um porto artificial. De que se compõe um pôrto artificial? De dois muros de forma arqueada que partem da costa e penetram no mar até uma certa distância. Êsses muros sobem acima do nível das águas a muitos metros de altura, para isolar as águas que ficam dentro dêles do resto da água do mar, para que de encontro a êles se desfaçam as ondas em dias de tempestades. A estrutura que fica no lugar onde êsses muros acabam e para onde entram os navios, chama-se barra do pôrto.

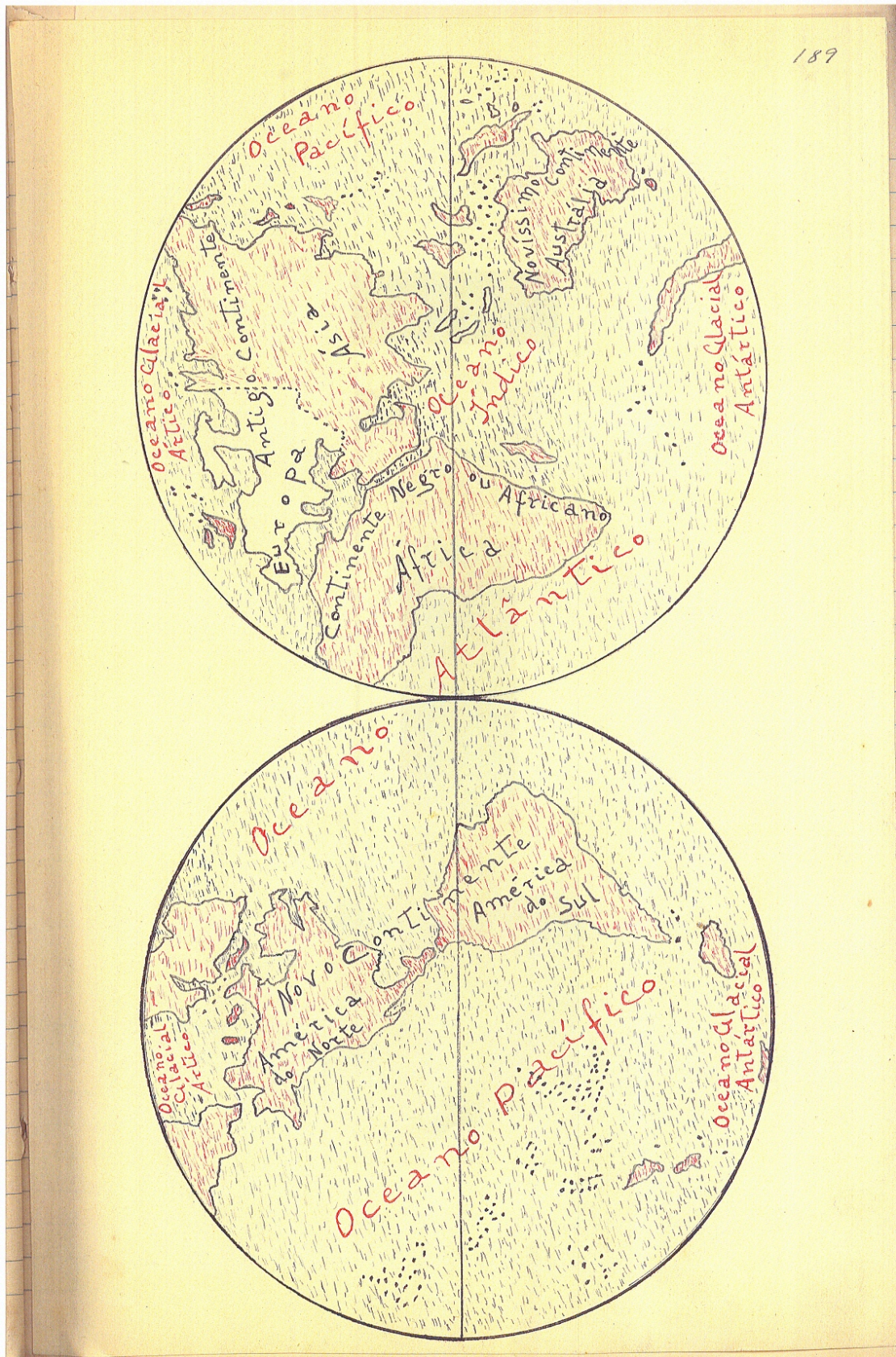
Ilha é uma porção de terra cercada de mar por todos os lados.

Península é uma porção de terra cercada de mar por todos os lados

menos por um que a liga a um continente. Esse lado chama-se istmo. O continente, como a ilha, está cercado de mar por todos os lados. A diferença está em que se dá o nome de continente a uma ilha muitíssimo grande. Quando no mar aparecem várias ilhas perto umas das outras, formam um arquipélago. Quando as ilhas são muito pequenas, chamam-se ilhotas.

Serra, é uma grande elevação de terra e muito extensa. Se os meninos se aproximarem da janela desta escola, verão ao mesmo tempo as serras de Nogueira, Bornes e Mogadouro. Monte é uma elevação grande de terreno, mas já menor que uma serra. Outeiro é uma pequena elevação de terreno e colina é uma elevação ainda menor que o outeiro. Basta olharem pela janela para verem lá adiante essas várias elevações. Olhando para essas elevações de terreno, vemos que aquelas que nos ficam lá muito longe, terminam de tal maneira que temos a impressão que lá no alto, acabam em verdadeira linha, como se fôsem folhas de papel. A essa linha que marca no horizonte o cimo dum monte ou duma serra, chama-se cumeada. Numa serra ou num monte há a distinguir a falda ou sopé; a encosta vertente ou pendor, e o cimo ou cume. Chama-se falda ou sopé o lugar onde o monte ou serra principia. A encosta, vertente ou pendor, as terras que formam o monte ou serra, desde a falda até ao extremo da sua elevação, e cume ou cimo, é o nome dado à parte superior duma serra ou monte. Nos cimos dos montes e das serras, há grandes superfícies de terreno quasi plano. A êsse terreno chama-se planalto. Como a própria palavra indica, planalto quer dizer terreno plano no cimo dum alto. Se no cimo dum dos montes ou serras que os meninos vêm da janela da nossa escola, se abrisse um buraco e por êsse buraco fossem lançadas a grande altura matérias em estado incandescente, isto é, a arder, êsse monte ou essa serra, passava a ter o nome de vulcão. O buraco por onde essas matérias saíssem, chamava-se cratera e o tubo aberto por elas através da profundidade da terra chamava-se chaminé. As matérias que são lançadas no ar chamam-se lavas. Às correntes de água doce que descem dos montes e vão ter ao mar, chamam-se rios. Chamamos água doce aquela que não é salgada. É água doce a água dos rios, das fontes e dal\_

guns lagos. Os rios que vão acabar no mar, chamam-se principais. Os que vão terminar nos principais chamam-se afluentes e os que vão terminar nos afluentes chamam-se sub-afluentes. O ponto onde o rio nasce chama-se nascente e o ponto onde o rio entra no mar chama-se foz e o ponto onde um rio encontra outro, chama-se ponto de confluência. O terreno que fica debaixo das águas dum rio, chama-se leito. Quando o leito dum rio muda rapidamente de direcção, obrigando as águas a caírem verticalmente de maior ou menor altura, temos então as quedas de água ou cataratas. Se o leito é muito inclinado, as águas do rio correm com maior ou menor velocidade, e temos então os rápidos ou correntes. Os campos que ficam de um e outro lado do rio chamam-se margens. Para distinguirmos as margens dum rio, basta voltarmo-nos para onde as águas correm. Chama-se margem direita ao terreno que fica à nossa direita, e margem esquerda ao terreno que fica à nossa esquerda. Em relação a um ponto, chama-se montante ao terreno que fica para onde o rio nasce, e juzante ao terreno que fica na direcção onde o rio acaba. À passagem apertada entre montanhas, chama-se desfiladeiro. Os sulcos abertos nas encostas dos montes e das serras pelas águas chamam-se ravinas. Planície é uma grande superfície de terreno plano. Se esse terreno plano fica entre montanhas, chama-se vale. A parte do vale por onde as águas correm chama-se talvegue. Se um rio antes de entrar no mar se divide em vários ramos formando um triângulo, a essa parte do rio chama-se delta; se êle entra no mar espalhando-se sem se dividir, a êsse lugar chama-se estuário. A uma grande extensão de água cercada de terra por todos os lados chama-se lago. Se a extensão de água é pequena e de pouca profundidade e as águas permanecem lodosas e infectas, chama-se paul ou pântano. A uma porção de terreno cercada de mar por todos os lados menos por um, chama-se península, e a esse lado que a liga a um continente chama-se istmo. Quando os istmos são cortados pelos homens para fazerem a ligação de dois mares, a essa porção de mar apertada entre as terras, chama-se canal. Aos montes de areia formados à beira do mar pelos ventos ou marés chamam-se dunas. Segue o planisfério desenhado no quadro para exemplificação duma parte desta lição. Em português leitura, resumo oral do trecho lido e ditado nos cadernos.



Página em branco, verso do Planisfério ([consultar manuscrito](#))

3.<sup>a</sup> Classe

Assisti às explicações da 4.<sup>a</sup> classe. Em português, leitura, resumo oral do trecho lido e ditado nos cadernos.

2.<sup>a</sup> Classe

Operações e suas aplicações práticas por meio de exemplos. Em português leitura, resumo oral do trecho lido e cópia nos cadernos.

1.<sup>a</sup> Classe

Assisti à lição de aritmética dada à 2.<sup>a</sup> classe. Em português leitura e cópia das lições nas lousas.

\_\_\_\_ **Fim do Vol I do diário escolar de 1938/39** \_\_\_\_

\*\*\*